



**UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DE LONDRINA**

---

**HÉLIO COSTA MOREIRA**

**A TOPONÍMIA PARANAENSE NA ROTA DOS TROPEIROS:  
CAMINHO DAS MISSÕES E ESTRADA DE PALMAS**

---

Londrina  
2006

**HÉLIO COSTA MOREIRA**

**A TOPONÍMIA PARANAENSE NA ROTA DOS TROPEIROS:  
CAMINHO DAS MISSÕES E ESTRADA DE PALMAS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aparecida Negri Isquerdo

Londrina  
2006

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

M838t Moreira, Hélio Costa.

A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das Missões e Estrada de Palmas / Hélio Costa Moreira. – Londrina, 2006.  
268f. : il.

Orientador : Aparecida Negri Isquardo.  
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, 2006.  
Bibliografia : f. 243-254.

1. Língua portuguesa – Topônimos – Paraná – Teses. 2. Língua por-tuguesa – Regionalismos – Teses. 3. Toponímia – Paraná – Teses. 4. Tropeiros – Paraná – Teses. I. Isquardo, Aparecida Negri. II. Universidade Estadual de Londrina. III. Título.

CDU 806.90-311

**HÉLIO COSTA MOREIRA**

**A TOPONÍMIA PARANAENSE NA ROTA DOS TROPEIROS:  
CAMINHO DAS MISSÕES E ESTRADA DE PALMAS**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aparecida Negri Isquerdo  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Vicentina de Paula Amaral Dick  
Universidade de São Paulo - USP

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Antonieta Carbonari de Almeida  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 21 de setembro de 2006.

## **DEDICATÓRIA**

*Pelo carinho, presença, força e estímulo, à minha esposa Elsa, com amor. Aos meus filhos Wellington, Viviane e Carlos Eduardo, pela compreensão e paciência que tiveram comigo durante o período de realização do Mestrado.*

## **AGRADECIMENTOS**

Manifesto aqui os meus mais sinceros agradecimentos às pessoas que direta ou indiretamente me auxiliaram na consecução do meu objetivo. Em especial, agradeço:

A Deus, meu Criador, que sempre está ao meu lado me orientando e me conduzindo pelos caminhos da vida e que, com suas palavras de fé, de amor e de ensinamentos, me fortalece nos momentos de dificuldades surgidos ao longo da minha caminhada acadêmica.

Aos meus familiares pelo carinho, amor, paciência, solidariedade e compreensão, principalmente nos momentos mais difíceis durante essa jornada de estudos.

Às Professoras Doutoras Vanderci de Andrade Aguilera e Maria Antonieta Carbonari de Almeida, pelas sugestões fornecidas por ocasião do nosso Exame de Qualificação.

À minha orientadora, Professora Doutora Aparecida Negri Isquero, pela sua prestimosa dedicação e incansável assistência na orientação sempre objetiva, pelas palavras de incentivo e de coragem e por todo o conhecimento compartilhado.

Aos mestres do Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos amigos Ênio José Toniolo, Márcia Zamariano, Rodrigo Meira Martoni e Ignez de Abreu Francisquini pelas contribuições bibliográficas e pela troca de informações.

Aos profissionais das Secretarias de Educação e Cultura dos municípios de Teixeira Soares, Pinhão, Ivaí, Ponta Grossa, Porto Vitória, União da Vitória e São Mateus do Sul, do Museu do Garimpo de Tibagi e da Associação dos Amigos do Tropeiro de Castro, que gentilmente forneceram informações valiosas para esta pesquisa.

*Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede, recebe; e quem busca, acha; e ao que bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhas pedirem?*

*(Mateus 7:7,11)*

MOREIRA, Hélio Costa. **A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: Caminho das Missões e Estrada de Palmas**. 2006. 268f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2006.

## RESUMO

Este trabalho priorizou a catalogação, a classificação taxionômica, a descrição e a análise dos nomes dos acidentes físico-geográficos dos municípios paranaenses localizados no Caminho das Missões e na Estrada de Palmas, antigos Caminhos das Tropas, delineados no mapa elaborado por Brasil Pinheiro Machado (1963). A pesquisa teve também como objetivo verificar em que proporção o ciclo econômico do Tropeirismo deixou marcas na toponímia pesquisada. Partindo do princípio de que o topônimo é um tipo de signo particularmente marcado por fatores extralingüísticos, na análise da motivação toponímica foram consideradas influências na toponímia paranaense de fatores como ambiente físico do território pesquisado, ciclos econômicos que interferiram de forma marcante na história do Estado, em especial o do Tropeirismo, e movimentos migratórios ocorridos no Estado do Paraná. Os dados analisados foram coletados em mapas oficiais do IBGE, CD-ROM lançado em 2004, e em mapas elaborados pela SEMA, em escalas 1: 100.000 e 1: 50.000. Para a análise dos dados foram utilizados fundamentalmente os princípios teórico-metodológicos propostos por Dick (1990a e 1990b). A pesquisa revelou que: i) 615 topônimos nomeiam acidentes humanos e 1.173, acidentes físicos, dentre os quais, 1.122 nomeiam cursos d'água; ii) as cinco taxionomias mais produtivas – *fitotopônimos*, *zootopônimos*, *hidrotopônimos*, *antropotopônimos* e *animotopônimos* - classificaram 1.012 topônimos, ou seja, 56,60% do *corpus*, confirmando a preferência por essas categorias de nomes na toponímia, fenômeno já evidenciado por estudos voltados para outras regiões brasileiras; iii) as marcas do Tropeirismo – ciclo econômico marcante na história social do Brasil – ficaram evidentes em 198 topônimos que representam 11,07% do total; iv) os nomes de base portuguesa predominaram no *corpus* estudado - 1.371 (76,68%) topônimos -, apesar de ser também representativa a presença de línguas indígenas – 279 (15,60%) topônimos da língua indígena e 138 (7,72%) de outras línguas; v) 1.202 (67,23%) topônimos apresentam formação simples, enquanto 586 (32,77%) são constituídos por mais de um formante. Por fim, o estudo confirmou que a toponímia dos municípios pesquisados reflete o ciclo econômico do Tropeirismo na história social do estado do Paraná.

**Palavras-chave:** Toponímia. Paraná. Caminhos das Tropas. Tropeirismo.

Moreira, Hélio Costa. **Paraná's toponomy on the muleteer's passage: Caminho das Missões (The Missions's Passage) and Estrada de Palmas (Palma's Road)**. 2006. 268f. Dissertation (Master's degree in Language Studies) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

### ABSTRACT

This work prioritized the cataloguing, taxonomic classification, description and analysis of the names of the physical-geographical accidents in Paraná's cities located on the Caminho da Missões (The Missions' Passage) and Estrada de Palmas (Palma's Road), Caminho das Tropas (The Troops' Passage), delineated on the map elaborated by Brasil Pinheiro Machado (1963). The research also had the objective of verifying to what proportion the Tropeirismo's (system based on drivers of pack animals, muleteers) economic cycle left marks on the toponomy researched. From the principle that toponomy is a kind of sign particularly marked by extralinguistic factors, in the toponomic motivation analysis were considered influences of the paranaense toponomy of factors such as from the physical environment of the researched territory, economic cycles which strikingly interfered with the State's history, especially that of the Tropeirismo, as well as the migratory movements occurred in the State of Paraná, in Paraná's toponomy. The analysed data was collected from IBGE's (Brazilian Institute for Geography and Statistics) official maps, a CD-ROM released in 2004, and from maps elaborated by SEMA (Special Environment Secretariat), scales 1:100.000 and 1:50.000. For the data analysis theoretical – methodological principles by Dick (1990a e 1990b) were utilized fundamentally. The research revealed that: i) 615 toponyms appointed human accidents, and 1173 physical accidents, in which 1122 appoint waterflows; ii) the 5 most productive taxonomies – phytotoponyms, zootoponyms, hydrotoponyms, antropotoponyms and animotoponyms – classified 1012 toponyms, or 56,60% of the corpus, confirming the preference for these name categories in the toponomy, a phenomenon already evidenced by studies focused on other Brazilian regions; iii) the Tropeirismo's marks – striking economic cycle in the social history of Brazil – it became evident in 198 toponyms which accounts for 11.07% of the total; iv) the Portuguese-based names predominated in the corpus studied – 1.371 (76,68%) toponyms – in spite of a representative presence of indigenous languages – 279 (15.60%) toponyms in the indigenous language and 138 (7,72%) of other languages; v) 1202 (67,23%) toponyms show simple formation, whereas 586 (32,77%) are constituted by more than one former. Lastly, the study confirmed that the toponomy of the cities researched reflects upon the Tropeirismo's economic cycle in Paraná's social history.

**Keywords:** Toponymy. Paraná. Caminho das Tropas. Tropeirismo

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> –	Viagem de tropa no interior do Brasil, no começo do século XIX .....	42
<b>Figura 2</b> –	Acampamento noturno de Itararé .....	43
<b>Figura 3</b> –	Rancho de tropeiros .....	44
<b>Figura 4</b> –	Carregadores de tropas .....	45
<b>Figura 5</b> –	Tropeiros no caminho do mar.....	49
<b>Figura 6</b> –	Limite das Províncias de São Paulo e de Curitiba.....	52
<b>Figura 7</b> –	Jaguari Catu (1827) .....	53

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	– Topônimos do Município de Palmas .....	109
<b>Quadro 2</b>	– Topônimos do Município de Bituruna .....	114
<b>Quadro 3</b>	– Topônimos do Município de Coronel Domingos Soares .....	119
<b>Quadro 4</b>	– Topônimos do Município de Pinhão .....	123
<b>Quadro 5</b>	– Topônimos do Município de Guarapuava .....	126
<b>Quadro 6</b>	– Topônimos do Município de Prudentópolis .....	131
<b>Quadro 7</b>	– Topônimos do Município de Ivaí .....	135
<b>Quadro 8</b>	– Topônimos do Município de Ipiranga .....	138
<b>Quadro 9</b>	– Topônimos do Município de Tibagi .....	141
<b>Quadro 10</b>	– Topônimos do Município de Castro .....	146
<b>Quadro 11</b>	– Topônimos do Município de Guamiranga .....	152
<b>Quadro 12</b>	– Topônimos do Município de Imbituva .....	154
<b>Quadro 13</b>	– Topônimos do Município de Teixeria Soares .....	157
<b>Quadro 14</b>	– Topônimos do Município de Ponta Grossa .....	159
<b>Quadro 15</b>	– Topônimos do Município de General Carneiro .....	164
<b>Quadro 16</b>	– Topônimos do Município de Porto Vitória .....	167
<b>Quadro 17</b>	– Topônimos do Município de União Vitória .....	169
<b>Quadro 18</b>	– Topônimos do Município de Paula Freitas .....	171
<b>Quadro 19</b>	– Topônimos do Município de Paulo Frontin .....	173
<b>Quadro 20</b>	– Topônimos do Município de São Mateus do Sul .....	175
<b>Quadro 21</b>	– Topônimos do Município de São Joao do Triunfo .....	178
<b>Quadro 22</b>	– Topônimos do Município de Palmeira .....	181
<b>Quadro 23</b>	– Topônimos relativo ao Tropeirimo – Caminho das Missões .....	185
<b>Quadro 24</b>	– Topônimos relativos ao Tropeirimo – Estrada de Palmas .....	189
<b>Quadro 25</b>	– Taxionomias mais produtivas no <i>corpus</i> pesquisado .....	201
<b>Quadro 26</b>	– Linguas de origem dos topônimos do Caminho das Missões .....	239
<b>Quadro 27</b>	– Linguas de origem dos topônimos da Estrada de Palmas .....	240

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Distribuição numérica e percentual dos topônimos, segundo o tipo de Acidente.....	193
<b>Gráfico 2</b> – Distribuição numérica e percentual dos topônimos, segundo a natureza da categoria taxionômica.....	194
<b>Gráfico 3</b> – Distribuição numérica e percentual dos topônimos do Caminho das Missões e da Estrada de Palmas .....	195
<b>Gráfico 4</b> – Distribuição numérica das taxionomias de natureza física.....	196
<b>Gráfico 5</b> – Distribuição percentual das taxionomias de natureza física do Caminho das Missões .....	197
<b>Gráfico 6</b> – Distribuição percentual das taxionomias de natureza física da Estrada de Palmas.....	197
<b>Gráfico 7</b> – Distribuição numérica das taxionomias de natureza antropocultural.....	198
<b>Gráfico 8</b> – Distribuição percentual das taxionomias de natureza antropocultural do Caminho das Missões .....	199
<b>Gráfico 9</b> – Distribuição percentual das taxionomias de natureza antropocultural da Estrada de Palmas .....	199
<b>Gráfico 10</b> – Distribuição percentual das taxionomias sugeridas pelo projeto ATEPAR e o total de topônimos sem classificação .....	200
<b>Gráfico 11</b> – Topônimos relativos ao tropeirismo .....	219
<b>Gráfico 12</b> – Distribuição percentual dos topônimos com destaque para os relativos ao tropeirismo no Caminho das Missões.....	220
<b>Gráfico 13</b> – Distribuição percentual dos topônimos com destaque para os relativos ao tropeirismo na Estrada de Palmas.....	221
<b>Gráfico 14</b> – Distribuição percentual dos topônimos segundo a estrutura morfológica ....	247

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b>	–	Divisão Político-Administrativa do Paraná, 1m 1854.....	24
<b>Mapa 2</b>	–	Bacias Hidrográficas do Paraná.....	26
<b>Mapa 3</b>	–	Vegetação do Paraná (1940).....	31
<b>Mapa 4</b>	–	Mapa Etno-histórico do Paraná .....	33
<b>Mapa 5</b>	–	Caminhos das Tropas – Sé. XVIII e XIX.....	51
<b>Mapa 6</b>	–	Caminho das Missões ou de Guarapuava.....	55
<b>Mapa 7</b>	–	Estrada das Missões ou de Palmas .....	56
<b>Mapa 8</b>	–	Caminho do Viamão.....	58
<b>Mapa 9</b>	–	Os primitivos caminhos da Serra do Mar paranaense .....	61
<b>Mapa 10</b>	–	Caminho da Praia ou Estrada do Inferno.....	62
<b>Mapa 11</b>	–	Caminho dos Ambrósios e o trajeto de Laguna (SC).....	62
<b>Mapa 12</b>	–	Distribuição dos Ambrósios e o trajeto de Laguna (SC).....	67
<b>Mapa 13</b>	–	Municípios do Caminho das Missões e da Estrada de Palmas.....	102

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

### Acidentes Geográficos

AF  
Acidente Físico  
AH  
Acidentes Humanos

### Línguas de Origem

LA	Língua Árabe	LHI	Língua Hindustâni
LAB	Língua Abanhaén	LM	Língua Malaiala
LC	Língua Camé	LQ	Língua Quíchua
LE	Língua Eapanhola	LQB	Língua Quimbundo
LF	Língua Francesa	LP	Língua Portuguesa
LG	Língua Guarani	LT	Língua Tupi
LGR	Língua Grega	LNI	Língua não identificada
LH	Língua Holandesa		

### Municípios

PAL	Palmas	IMB	Imbituva
BIT	Bituruna	TSO	Teixeira Soares
CDS	Coronel Domingos Soares	PGS	Ponta Grossa
PIN	Pinhão	PGS	Genaral Carneiro
GUA	Guarapuava	PVI	Porto Vitória
PRU	Prudentópolis	UVI	União da Vitória
IVA	Ivaí	PFS	Paula Freias
IPI	Ipiranga	PFN	Paulo Frontin
TBG	Tibagi	SMS	São Mateus do Sul
CAS	Castro	SJT	São João do Triunfo
GMG	Guamiranga	PAM	Palmeira

### Taxionomias de Natureza Física

Astro	Astrotopônimo	Hidro	Hidrotopônimo
Cardino	Cardinotopônimo	Lito	Litopônimo
Cromo	Cromotopônimo	Meteoto	Meteorotopônimo
Dimensio	Dimensiotopônimo	Morfo	Morfotopônimo
Fito	Fitotopônimo	Zoo	Zootopônimo
Geomorfo	Geomorfotopônimo		

### **Taxionomias de Natureza Antropocultural**

Animo	Animotopônimo	Hagio	Hagiotopônimo
Antropo	Antropotopônimo	Hiero	Hierotopônimo
Axio	Axiotopônimo	Mito	Mitotopônimo
Coro	Corotopônimo	Historio	Historiotopônimo
Crono	Cronotopônimo	Hodo	Hodotopônimo
Dirremato	Dirrematotopônimo	Polio	Poliotopônimo
Ergo	Ergotopônimo	Socio	sociotopônimo
Etno	Ergotopônimo	Somato	Somatotopônimo

### **Taxionomias – ATEPAR**

Acronimo	Acronimotopônimo	Higie	Higietopônimo
Estemato	Estematotopônimo	Necro	Necrotopônimo

### **Marcas de uso Diatópicas**

AM	Amazonas	MG	Minas Gerais
B	Brasileirismo	MT	mato Grosso
BA	Bahia	MS	Mato Grosso do Sul
B.S.	Sul do Brasil	PR	Paraná
B.CO	Centro-Oeste do Brasil	RJ	Rio de Janeiro
B.NE	Nordeste do Brasil	SC	Rio Grande do Sul
B.SP	Brasileirismo, São Paulo	RS	Santa Catarina
Go	Goiás		

### **Outras Abreviaturas**

Adj.	Adjetivo	R.	rio
Ar.	Arroi	Rb.	Ribeirão
Conec.	Conectivo	Rch.	Riacho
C.	córrego	sa.	Serra

Corr.	Corruptela	sb.	Substantivo
Laj.	Lajeado	SC	Topônimos sem classificação
mf.pl.	morefema de plural	sf.dim	sufixo de diminutivo
TN	Tradução nossa	sf.aum.	Sufixo de aumentativo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	22
<b>2 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO PARANÁ</b> .....	23
2.1 RECURSOS NATURAIS .....	25
2.2 POPULAÇÕES INDÍGENAS DO PARANÁ .....	32
2.3 CICLOS ECONÔMICOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO PARANÁ .....	34
2.3.1 A Mineração .....	34
2.3.2 A Erva-Mate .....	37
2.3.3 O Tropeirismo .....	37
2.3.3.1 Os Tropeiros .....	47
2.3.3.2 Os Caminhos das Tropas .....	50
2.4 A IMIGRAÇÃO .....	63
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	69
<b>3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b> .....	70
3.1 LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE .....	70
3.2 LEXICOLOGIA .....	73
3.3 O SIGNO LINGUÍSTICO .....	74
3.4 A TOPONÍMIA: DEFINIÇÃO E ÁREA DE ESTUDO .....	76
3.4.1 O Topônimo .....	78
3.4.2 Toponímia: Breve Retropectiva Histórica .....	94
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	100
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i></b> <b>DA PESQUISA</b> .....	101
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	101
4.2 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS .....	105
4.3 APRESENTAÇÃO DO CORPUS .....	108

<b>CAPÍTULO 4</b> .....	191
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	192
5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS GRÁFICOS .....	192
5.2 ANÁLISE DAS CATEGORIAS TOPONÍMICAS MAIS PRODUTIVAS .....	201
5.2.1 Fitopônimos .....	202
5.2.2 Zootopônimos .....	206
5.2.3 Hidrotopônimos .....	209
5.2.4 Antropônimos .....	213
5.2.5 Animotopônimos .....	216
5.3 TOPÔNIMOS RELATIVOS AO CICLO TROPEIRISMO .....	218
5.4 ANÁLISE DOS TOPÔNIMOS QUANTO À LÍNGUA DE ORIGEM E À ESTRUTURA MORFOLÓGICA .....	238
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	248
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	253

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da toponímia<sup>1</sup> de uma região reserva surpresas agradáveis ao pesquisador. Trata-se de um caminho que se ramifica em variantes diversas com sentidos distintos que somadas contribuem para o alcance do objetivo maior que é o de buscar a motivação que deu origem ao nome geográfico. Entendemos essas variantes como informações acerca de recursos naturais, de fatores sócio-históricos, econômicos e culturais, além de informações sobre grupos étnicos que habitaram a região, o que contribui para o resgate dos estratos lingüísticos que existiram no tempo-espaço selecionado. A análise de fatores dessa natureza permite, ao estudioso da toponímia, alcançar os possíveis motivos que determinaram o designativo toponímico. Atualmente, o número de pesquisas na área da toponímia tem crescido muito, embora o campo de pesquisa seja amplo e haja muito ainda a ser pesquisado, o que comprova o interesse cada vez maior por essa área de pesquisa. Constata-se, hoje, a evolução dos métodos de pesquisas na área da toponímia, haja vista a sua função interdisciplinar, que se completa com a busca de informações no âmbito da História, da Geografia, da Lingüística, da Antropologia, da Sociologia.

Iniciados, de forma sistemática, na Universidade de São Paulo - USP, enquanto disciplina da área de Lingüística, os estudos da toponímia brasileira tiveram como precursores Teodoro Sampaio com a obra *O Tupi na Geografia Nacional* (1928); Armando Levy Cardoso com a *Toponímia brasílica* (1961) e Carlos Drumond com a obra *Contribuição do Bororo à toponímia brasílica* (1965). A continuidade das pesquisas tem sido de responsabilidade da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, a partir da sua tese de doutorado *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos* (1980). Já em 1975 a pesquisadora propunha modelos de taxionomias toponímicas em sua obra *O problema das taxionomias toponímicas. Uma contribuição metodológica*. Outros trabalhos se sucederam até os dias atuais, como o projeto do Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – ATESP, que serviu de modelo para outros projetos estaduais que se constituem variantes regionais do projeto Atlas Toponímico do Brasil – ATB.

A toponímia é tão importante para a perpetuação da história de uma comunidade, ou de toda uma região, que se torna um verdadeiro repositório da história local

---

<sup>1</sup> - Segundo Dick (1990b, p. 119), a “Toponímia” (do grego topos, ‘lugar’ e onoma, ‘nome’) tem como objeto “o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica, ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.)”.

transmitida de geração a geração. Quanto a isso, Dick (1990a, p. 22) assevera que os topônimos “são verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população e que encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação [...]”.

Após consultar alguns estudos toponímicos realizados no estado do Paraná, sentimos que um trabalho voltado a um período histórico específico seria uma forma de ampliar as pesquisas nessa área e, principalmente, resgatar, por meio do estudo da toponímia, aspectos sócio-econômicos do Paraná e da memória social do seu povo, em alguns de seus contextos: i) *históricos* – resgate de dados acerca dos antigos caminhos das tropas e dos ciclos econômicos, em especial, o do Tropeirismo<sup>2</sup>; ii) *geográficos* – recuperação de informações sobre o ambiente físico-geográfico da região pesquisada, pela análise dos reflexos da flora, da fauna, da hidrografia e da geomorfologia do território abrangido na toponímia; iii) *sociais* – resgate de dados acerca do sistema de povoamento e da colonização do território paranaense, particularmente a partir do século XVIII; iv) *etnolingüísticos* – busca de referências acerca da formação étnica do povo paranaense (população indígena, redutos de escravos africanos e imigrantes europeus) e das características lingüísticas da população, identificando estratos lingüísticos que coexistem na toponímia pesquisada.

Propomos, pois, analisar a relação existente entre língua, cultura e sociedade manifesta na maneira das pessoas nomearem o espaço geográfico onde vivem, já que “a língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É por meio dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação lingüística” (PRETI, 1974, p. 8).

Nesse sentido, quando estudamos a língua de um povo, é necessário também estudar aspectos da sua cultura para uma melhor compreensão da relação do homem com o mundo que o cerca. Ao focalizar a relação do homem com a realidade, Biderman (1998b, p. 89) pondera que

---

<sup>2</sup> - Ciclo econômico surgido no início do século XVIII, com a primeira viagem empreendida pelo tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu, em 1732, saindo dos Campos do Viamão com destino a Sorocaba e a São Paulo.

os critérios de classificação usados para classificar os objetos são muito diferenciados e variados. Às vezes, o critério é o uso que o homem faz de um dado objeto; às vezes, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação; às vezes, é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê, e assim por diante.

Nesse processo de criação, o homem vai elaborando o léxico que se constitui numa forma de registrar o conhecimento do universo e, ao mesmo tempo em que nomeia, também classifica os referentes (BIDERMAN, 1998b, p. 91). O homem executa a atividade de nomear, tão peculiar ao ser humano, desde os tempos mais primitivos, pelo uso de palavras que designam os referentes extralingüísticos. Quando esses referentes são acidentes físicos ou humanos, a sua nomeação torna-se uma forma de garantir o domínio e “tornar o `não-lugar` em `lugar`, como forma de ocupação politizada do espaço” (DICK, 2000, p.300).

O estudo do processo de dar nomes às pessoas e aos lugares é objeto de estudo da Onomástica, disciplina que se ocupa da investigação da etimologia, das transformações, da explicação e da catalogação dos nomes próprios de pessoas e de lugares, segundo (DICK, 1990b, p. 10). Essa mesma autora aponta, ainda, como ramos da Onomástica a *Antroponímia*, que se ocupa do estudo de nomes próprios de pessoas, e a *Toponímia*, que estuda os nomes próprios de lugares. Embora a atividade de nomear venha de tempos remotos, o reconhecimento da Toponímia como disciplina surgiu apenas em 1878, com Auguste Longnon, na França (DICK, 1990b, p. 1).

Assim, pelo estudo dos nomes atribuídos aos acidentes físicos (rios, ribeirões, riachos, arroios, sangas, montes, morros, montanhas, serras, saltos, cachoeiras, etc) e humanos (cidades, distritos, vilas, povoados, lugarejos, bairros rurais, patrimônios, etc) da zona rural de 22 municípios do estado do Paraná, localizados em antigos Caminhos das Tropas, mais especificamente, no *Caminho das Missões na Estrada de Palmas*, esta pesquisa buscou recuperar aspectos sócio-históricos relacionados às regiões pesquisadas, por meio do resgate de informações a respeito da memória coletiva, refletida nos topônimos situados ao longo desses caminhos. Para fins de seleção da área a ser pesquisada foram priorizados os Caminhos das Tropas (ou *Rota dos Tropeiros*), dentro do território paranaense, cujas rotas são menos exploradas e menos freqüentes em mapas antigos, ao contrário de rotas como

---

Essa atividade veio resolver as crises de abastecimento que sofriam as Minas Gerais com total escassez de alimentos e a inauguração de um novo modo de viver – o do tropeiro (TRINDADE, 1992, p.31).

“Caminho do Viamão”, “Estrada da Graciosa”, entre outros, que têm sido objeto de estudos em diferentes áreas de especialidade (História, Geografia, Linguística).

No campo da toponímia, os municípios que se localizam no “Caminho do Viamão”, no “Caminho do Itupava” e na “Estrada do Arraial” foram estudados por Márcia Zamariano, na sua dissertação de mestrado que recebeu o título de *Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853*, defendida em março/2006, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina – UEL.

O embasamento teórico relativo à Toponímia e a orientação metodológica foram buscados nos trabalhos de Dick, em especial na sua Tese de Doutorado, *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990a), e em artigos da autora constantes de *Toponímia e antroponímia no Brasil – Coletânea de Estudos* (1990b), que são referências obrigatórias para os estudos toponímicos realizados no Brasil. Além disso, buscamos, também, fundamentação teórica em outras disciplinas, como a Lexicologia, a Etnolinguística e a Semântica e informações sobre a História do Paraná, obtidas em livros de historiadores e em sites especializados como o do IBGE, o do Governo do Paraná, dentre outros.

A pesquisa teve como objetivos gerais identificar, catalogar e analisar os topônimos dos acidentes físicos e humanos dos 22 municípios localizados no Caminho das Missões e na Estrada de Palmas, antigos caminhos dos tropeiros em território paranaense e, como objetivos específicos, inventariar os topônimos da região delimitada, a partir de mapas oficiais atuais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2004) e da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, do Paraná – SEMA (1998), de escalas 1:50.000 e 1:100.000; analisar os topônimos quanto à estrutura, à etimologia e à motivação; verificar em que proporção o Ciclo do Tropeirismo deixou marcas na toponímia dos municípios investigados; identificar estratos lingüísticos evidenciados na base dos topônimos inventariados; contribuir para o conhecimento e a divulgação da história do português brasileiro e paranaense. Além disso, os dados desta pesquisa poderão contribuir para atualização da base de dados do Projeto ATEPAR – Esboço de um Atlas Toponímico do Estado do Paraná<sup>3</sup>.

Orientaram este estudo as seguintes hipóteses: a) a toponímia dos municípios pesquisados reflete o ciclo econômico do Tropeirismo na sócio-história do estado do Paraná; b) o signo toponímico reflete, na língua, os aspectos físicos e as influências étnicas, históricas, políticas, econômicas e socioculturais da região, como também as

---

<sup>3</sup> - Projeto desenvolvido por professores e alunos do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, no período de 24.10.1996 a 30.09.2003.

expectativas de vida e o conhecimento de mundo dos grupos humanos que se fixaram no decorrer da sua história.

A estrutura deste trabalho reúne quatro capítulos. No primeiro – *Aspectos históricos, geográficos e econômicos do Paraná* – apresentamos informações acerca dos recursos naturais (a *biogeografia*, compreendendo a fitogeografia e a zoogeografia); das tribos indígenas que habitaram e habitam o território; dos ciclos econômicos da mineração, da erva-mate, e do tropeirismo, e dos movimentos migratórios que ocorreram no estado do Paraná. As informações sobre o tropeirismo, quando possível, foram ilustradas com gravuras.

No segundo – *Fundamentos Teóricos* – tratamos das bases teóricas que sustentaram o estudo proposto, sintetizando princípios teóricos sobre a Toponímia, abordando aspectos como motivação, conceituação e sua importância como constituinte do léxico de uma língua e como registro da história de um povo em determinado período.

No terceiro capítulo – *Procedimentos metodológicos e apresentação do corpus da pesquisa* – descrevemos, primeiramente, os procedimentos metodológicos adotados, detalhando as etapas seguidas para execução do projeto, indicando as fontes utilizadas para a recolha dos dados e os critérios utilizados para a apresentação do inventário toponímico – sistematização dos dados por meio de quadros, separados por município, na ordem seqüencial da disposição dos territórios municipais, no mapa político-administrativo paranaense, obedecendo-se, para tanto, à seqüência das localizações dos municípios ao longo dos caminhos das tropas selecionados. Apresentamos, ainda, na mesma ordem, um quadro de todos os municípios estudados contendo tão somente os topônimos cuja motivação evidencia marcas do tropeirismo.

A *análise e discussão dos dados* foram apresentadas no quarto capítulo, dividida em três partes: i) análise quantitativa dos dados com auxílio de gráficos; ii) análise lingüística das taxionomias mais produtivas do *corpus* geral; e iii) análise lingüística dos topônimos relativos ao ciclo do Tropeirismo.

Na seqüência, são apresentadas as *Considerações Finais* que resumem os resultados alcançados ao término da pesquisa.

Ao final da dissertação, seguem as Referências contendo todos os livros, sites e demais documentos citados no trabalho e/ou consultados para subsidiar a pesquisa.

## **CAPÍTULO 1**

## 2 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO PARANÁ

Localizado na região Sul do Brasil, o estado do Paraná representa, hoje, o resultado de muita luta e trabalho de povos de diversas etnias que o escolheram como o lugar onde pudessem fazer riquezas e sonhar com um futuro promissor.

Em meados do século XXI, o que se observa é um Paraná progressista que contrasta com aquele território pouco expressivo que representava a então “Quinta Comarca da Capitania de São Paulo”, do século XVII, cuja população se resumia aos poucos exploradores portugueses e espanhóis e aos indígenas, que habitavam esse território muito antes do descobrimento do Brasil. Esses indígenas foram os pioneiros, os habitantes das Américas há aproximadamente 27.500 anos (BENCINI; ALENCAR, 1999, p. 27). Depois chegaram os exploradores espanhóis, portugueses, holandeses, respectivamente, nos séculos XV, XVI e XVII<sup>4</sup>.

Muitos foram os acontecimentos históricos, sociais e econômicos que impulsionaram o desenvolvimento do estado do Paraná, além dos recursos hídricos e biogeográficos existentes em toda a sua extensão.

Os territórios de alguns dos municípios pesquisados foram desmembrados do então vastíssimo município de Guarapuava, do século XIX, que correspondia a quase a metade de toda a área da então Província do Paraná<sup>5</sup>, atual estado do Paraná. Referimo-nos à época em que o Paraná apresentava uma divisão político-administrativa constituída por 17 unidades territoriais administradas, incluindo vilas, freguesias, cidades e municípios (PARANÁ, 1987, p. 5).

Quando o Caminho das Missões<sup>6</sup> foi aberto, em 1840, o Paraná se resumia a um grande espaço a ser explorado com suas florestas tropicais e demais espécies de vegetação, com escassez de estradas, havendo apenas algumas trilhas quase intransitáveis até mesmo para as tropas de animais. Os poucos aglomerados humanos ficavam em completo

---

<sup>4</sup> - Outras levas migratórias ocorreram nos séculos XIX e XX incentivadas por programas governamentais com o objetivo de ocupar áreas desabitadas e impulsionar a produção de alimentos no País.

<sup>5</sup> - Vide Mapa 1, na próxima página.

<sup>6</sup> - Conforme Quevedo (1993, p. 8-9), receberam o nome de Missões jesuítico-guaranis “os povoados organizados e distribuídos estrategicamente, como as contas de um rosário que visava defender a política expansionista espanhola na área do Rio da Prata e deter o avanço dos portugueses estabelecidos na Colônia do Sacramento”. Segundo o autor, “através das Missões o jesuíta propagava os valores da sociedade europeia, onde o índio, via de regra, deveria ser objeto da europeização”(1993, p.16). Os índios religiosos recebiam dos jesuítas toda a proteção contra os índios infiéis (os bárbaros) e os bandeirantes portugueses (os *encomienderos*) que pretendiam aprisioná-los e, também, toda a educação necessária para a conversão, sair da selvageria e entrar na civilização cristã ocidental (1993, p.18).

isolamento, pois a comunicação entre eles era quase inexistente devido ao difícil acesso, por serem separados, muitas vezes, por florestas intransponíveis que representavam muito perigo para os seus exploradores.



Fonte: Paraná, 1987, p. 5.

**Mapa 1** – Divisão Política - Administrativa do Paraná em 1854

Na maior parte do território paranaense, com exceção do pertencente ao Primeiro Planalto<sup>7</sup> e ao litoral, existia um grande “vazio demográfico” que impedia o desenvolvimento mais rápido do Estado. Nessa faixa de território, mais tarde, o governo implantou alguns programas de colonização, o que gerou a fundação de colônias ao longo do Primeiro Planalto. Vários contingentes de imigrantes europeus se estabeleceram no Sul do Paraná a partir da terceira década do século XIX e, com eles, trouxeram seus costumes, suas culturas, suas línguas. Houve, a partir daí, uma miscigenação de raças que muito contribuiu para a formação da sociedade e construção do Paraná contemporâneo.

Inicialmente neste capítulo recuperamos informações sobre a biodiversidade do território paranaense. Em seguida, focalizamos as fases históricas que marcaram o desenvolvimento do Estado, iniciando com informações pontuais acerca dos povos indígenas,

<sup>7</sup> - Conforme Filipak (2002, p. 16), a região do Primeiro Planalto compreende o Planalto Curitibano (Campos de Curitiba), cuja ocupação demográfica processou-se em meados do século XVII.

seguidas de dados sobre ciclos econômicos da mineração, da erva-mate e do tropeirismo, com destaque para os antigos Caminhos das Tropas que ligaram o Sul do Brasil ao Sudeste e ao Centro-Oeste, marcando o ciclo econômico-social do Tropeirismo, durante os séculos XVIII e XIX. Finalizando o capítulo recuperamos informações sobre os fluxos migratórios ocorridos no Estado.

A seguir, destacamos alguns recursos naturais do estado do Paraná, que foram marcantes na motivação dos topônimos inventariados.

## 2.1 RECURSOS NATURAIS

O estado do Paraná, de clima tropical, reúne uma biodiversidade muito rica e uma hidrografia que banha todas as regiões do seu território, favorecendo a vida de espécies vegetais e animais. As várias correntes de água doce do interior e o mar que banha o litoral fazem do Estado um *habitat* de muitas espécies animais.

A análise do Mapa 2 – Bacias hidrográficas do Paraná –, apresentado na próxima página, aponta para uma riqueza do Estado em recursos hídricos, representados por uma grande quantidade de cursos d'água entrelaçados que formam uma verdadeira “teia hidrográfica”. O território paranaense é banhado por 16 bacias hidrográficas: Rio Cinzas, Rio Iguaçu, Rio Itararé, Rio Ivaí, Bacia Litorânea, Bacia do Rio Paraná (3), Bacia do Rio Paranapanema (4), Rio Piquiri, Rio Pirapó, Rio Ribeira e Rio Tibagi, totalizando 198.230 km<sup>2</sup> de área atingida (PARANÁ, 1998).



Em se tratando da zoogeografia, embora o reino animal existente no território paranaense apresente um grande número de espécies (SILVA, 1969, p. 243-438), vamos nos ater, mais especificamente, às classes dos répteis, das aves e dos mamíferos porque foram as espécies animais que mais serviram de motivo para a nomeação de lugares no recorte estudado.

Os **répteis**, conforme o mesmo autor, fazem parte da classe *reptilia* e assim são chamados pelos movimentos locomotores reptantes. Incluem-se, nessa classe, “o *jacaré do papo amarelo* que existe no Paraná, mas não é regional, pois se estende desde o Amazonas até o Prata”; *as tartarugas* existentes no litoral; *os cágados* que vivem em águas doces; *as cobras* como a cascavel – muito numerosa nos Campos Gerais<sup>8</sup>, a *jararaca* existente em todo o Brasil; a *urutu cruzeiro*, que se caracteriza pelas linhas mais ou menos contínuas, escuras, em forma de cruz, que aparecem na cabeça; *as cobras cipós* muito ágeis, tanto nas árvores como na terra, vivem enroladas nas árvores e muitas espécies imitam o ambiente físico onde vivem e passam despercebidas entre os galhos (SILVA, 1969, p. 410-411).

As **aves**, como afirma Silva (1969, p. 415-417), “pelo fato de adaptação ao vôo, apresentam uma série de caracteres particulares que as separam nitidamente dos outros vertebrados como um dos grupos mais distintos”. Algumas espécies integram a fauna paranaense, como o *biguá* que vive no litoral e é comum em toda a costa brasileira; o *alcatraz* (tesoura), encontrado com frequência em toda a costa brasileira e é chamado de tesoura porque tem o rabo bipartido; a *gaiivota* que sobrevoa sempre a zona beira-mar e não se afasta muito da costa; o *colheireiro*, assim nomeado porque o ápice do seu bico (de 15 cm de comprimento) tem a forma de uma colher, vive na zona litorânea entre vegetação costeira, nos mangues; o *caracará* que apresenta gritos característicos - “pinhé- pinhé”-, o que também lhe serve de alcunha; o *urubu-rei* que é uma espécie não muito comum em outras regiões, mas existe em todo o estado do Paraná; o *urubu-preto*, um pássaro inteiramente negro que vive nos campos, matas e também nas cidades; o *jacu*, espécie que frequenta tanto as matas de todo o Estado como toda a costa leste do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até o Paraná; a *saracura*, pássaro que vive nos brejos e margens de riachos e que pode ser facilmente seguido pelas pegadas no lodo; o *papagaio*, por sua vez, é mais comum no norte e no oeste do Paraná;

---

<sup>8</sup> - Conforme Maack (1948 apud UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA/Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais, 2006), *campos gerais* é a designação da “zona fitogeográfica natural, com campos limpos e matas galerias ou capões isolados de floresta ombrófila mista, onde aparece o pinheiro araucária. A região é ainda limitada à área de ocorrência dessa vegetação que a caracteriza situada sobre o Segundo Planalto Paranaense onde ficam os municípios de Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Balsa Nova, Campo Largo, Palmeira, Ponta Grossa, Teixeira Soares, Carambeí, Castro, Ortigueira,

a arara, pássaro de cabeça, pescoço e peito vermelho-sangue, vive na foz do Iguaçu para o norte e nos rios Paraná, Piquiri e Ivaí; já a codorna é encontrada em todo o Paraná, a exemplo da coruja do campo, da coruja de igreja e do pica-pau grande, que também habitam em todo o território paranaense; o tucano, por sua vez, habita a Serra do Mar, no Paraná, enquanto a gralha-azul é típica da zona de pinheirais, isto é, mais comum no sul do Paraná; já o canário é encontrado desde Santa Catarina até a Venezuela, enquanto o bem-te-vi habita todo o Paraná; por fim o sabiá-verdadeiro vive exclusivamente nas matas, por isso é denominado de sabiá-das-matas.

Bigg-Witther (1974, p. 174), em um de seus relatos de viagens pela hinterlândia paranaense, refere-se à jacutinga como pássaro encontrado em grande número na parte central do Vale do Ivaí – uma espécie de penélope, de tamanho e aparência entre o peru e o faisão – e ao suruquá – ave de um aspecto muito diferente, do tamanho do tordo, cuja plumagem do macho é da mais resplendente púrpura e ouro na cabeça, por baixo do pescoço e nas costas, sendo o peito de linda cor, fortemente avermelhada.

Na classe dos mamíferos, entre os nomes de animais que sempre foram motivos para a nomeação de lugares, além dos animais domésticos como o **boi**, o **cavalo**, o **burro**, o **cachorro**, alguns entre os selvagens aparecem como topônimos no *corpus* desta pesquisa: serra dos *Macacos* (IVA), arroio do *Tigre* (IPI), córrego dos *Veados* (PVI), rio *Capivara* (PIN), rio da *Anta Gorda* (GUA), dentre outros.

Silva (1969, p. 431-438) destaca a presença do *tamanduá-bandeira* que recebe essa denominação porque tem uma longa cauda, provida de longos pêlos, assemelhando-se a uma bandeira. Era encontrado nos campos da região oeste paranaense, na zona do rio Paraná e dificilmente adentrava as matas. No inventário toponímico pesquisado aparece, dentre outras, nas nomeações dos seguintes acidentes: povoado *Tamanduá* (BIT), arroio *Tamanduá* (CAS), córrego do *Tamanduá* (GCN).

O *guará* com 1,20 m de comprimento, de cor pardo-avermelhada, de pernas enegrecidas é outro mamífero cujo nome foi empregado em topônimos paranaenses. Habita geralmente os campos, desde a Argentina até o norte do Brasil, e no Paraná era encontrado no sudoeste. Seu nome serviu de motivo para alguns topônimos do *corpus*: cidade de Guarapuava (GUA), do tupi *guará-poaba*, o rumor ou latido dos guarás (SAMPAIO, 1928); distrito Guará (GUA), do tupi *guará* ou cão do mato (SAMPAIO, 1928).

A *anta* é um animal de grande porte, e mede, na fase adulta, 2 m de comprimento, por 1 m de altura e pesa 200 quilos. Silva (1969, p. 436) registra que alguns exemplares jovens foram capturados na zona do rio Piquiri e do rio Paraná. Trata-se de um dos animais selvagens mais citados pelos viajantes que estiveram no sertão paranaense. Nomeia os seguintes acidentes no *corpus*: povoado *Rio das Antas* (BIT), rio *das Antas* (BIT/IMB), rio *Barra da Anta* (PIN), rio *da Anta Gorda* (GUA), povoado *Anta Gorda* (PRU), rio *da Anta Gorda* (PRU), rio *da Anta Magra* (TSO), povoado *Anta Mouro* (PSG), entre outros.

A seguir, destacamos aspectos da fitogeografia paranaense, também muito importante no contexto da biodiversidade do território.

Houaiss (2001) define *fitogeografia* como “estudo da distribuição geográfica dos vegetais e dos fatores históricos e biológicos que a determinaram”. Nessa perspectiva, os conceitos de Hertel (1969, p. 136) sobre flora e vegetação, são esclarecedores:

**Flora** é o conjunto de todas as espécies vegetais (inferiores e superiores) que ocorrem em determinada área geográfica. [...]

**Vegetação** é o conjunto das espécies que, associadas, ocorrem em certos e determinados ambientes (floresta, mata, campo). [...] Vegetação sempre pressupõe conjunto de espécies; conjunto que sob condições idênticas terá composição semelhante.

As formas de vegetação tradicionalmente mais comuns encontradas no Paraná, segundo o autor, eram as seguir registradas.

*Campina* é definida por Hertel (1969, p. 149) como *um terreno coberto por gramíneas e plantas herbáceas que servem como forragem* (verde e fenada), sem arvoredo. O autor apresenta outras designações para o referente designado de “campina” – *prado, campo limpo*. No Paraná, se não existem campinas típicas, campos muito semelhantes são encontrados acompanhando os grandes rios (Iguaçu, por exemplo) e os campos a leste de Curitiba (HERTEL, 1969, p. 149).

*Estepe*, por sua vez, designa *um terreno coberto por gramíneas e ciperáceas, mas não possui vegetação arbórea ou arbustiva*. Acrescenta o autor que os campos de Vila Velha, no município de Ponta Grossa, de Guarapuava e de Palmas são estepes mais ou menos típicas (HERTEL, 1969, p. 149).

Já a *savana*, segundo o autor, *possui caracteres que, superficialmente, lembram os da estepe*. Trata-se, também, de um terreno coberto por gramíneas rígidas, ervas

perenes, com muitas de árvores e arbustos. Conhecida ainda por *campo cerrado*, *campinarana* (HERTEL, 1969, p. 150).

*Bosque*, por sua vez, é designação de *um arvoredo basto ocupando pequena extensão e sendo nitidamente delimitado, pelo menos num sentido*. São conhecidos, ainda, como bosque ciliar ou pestanas de mata (quando acompanha cursos d'água), bosque de nascentes (o nosso familiar *capão*) e as matas em galeria. O bosque é comumente conhecido por cocal, buritizal, pinhal, erval. Segundo o autor, “no Paraná se conhece em várias localidades (São Mateus, por exemplo) o `erval` típico o qual, como o `pinhal`, sempre são secundários. As denominações regionais de `palmital` e `imbuial` se enquadram perfeitamente nesta figura” (HERTEL, 1969, p. 151).

Quanto aos *campos* em geral, Hertel (1969, p. 156) confessa a dificuldade de distinguir *campo cerrado* de certas formas secundárias de floresta ou de *campo sujo*, *cerrado* e *cerradão*. Assinala as seguintes localidades que apresentam a existência de *campo cerrado*: Jaguariaíva; ao sudoeste de Arapoti; nas redondezas de São Jerônimo da Serra (antiga Araiporanga); em Sabáudia; entre os rios Ligeiro e Tapiracuí e em Campo Mourão.

Ao citar a zona litorânea, o autor distingue “o manguezal (mangrovia), a vegetação halo-psamófito e a floresta litorânea, dentro da qual se desenvolveram as cidades de Paranaguá, Antonina e Morretes”. Mais para o interior, há a presença da *Ilex paraguariensis* (erva-mate) (HERTEL, 1969, p.157).

Já as florestas, segundo o mesmo autor, apresentam-se distintamente, conforme a zona geográfica:

ao norte, acima do trópico de Capricórnio – mata plúvio-tropical latifoliada (sem pinheiros), estendendo-se sobre as zonas das atuais cidades de Santo Antônio da Platina, Bandeirantes, Londrina, Maringá e Paranavaí; a oeste e ao sul daquele trópico – mata de transição – mata plúvio-subtropical (sem pinheiros) abrangendo a zona entre Guaíra, Cascavel e ao norte de Foz do Iguaçu e, atravessando a largura do território, a “região da Araucária”, articulada em quatro porções devido ao desenvolvimento da savana (estepe). A maior destas porções compreende a área entre as localidades de Itararé, Ortigueira, Leste de Campo Mourão, até Pato Branco; a segunda compreende Rio Negro, São João do Triunfo; a terceira, a sueste da Capital e a quarta ao norte-nordeste da Capital, com Cerro Azul como centro mais importante (HERTEL, 1969, p. 156).

A seguir, relacionamos as espécies de florestas encontradas no Paraná, assinaladas por Hertel (1969, p.158-159): *floresta plúvio-tropical* – tipo de floresta que



Com essas informações sobre a biodiversidade do Estado, finalizamos a primeira parte deste Capítulo. Na seqüência, são apresentados dados sobre as populações indígenas que habitavam o Paraná no período colonial e as que sobreviveram ao progresso do século XX.

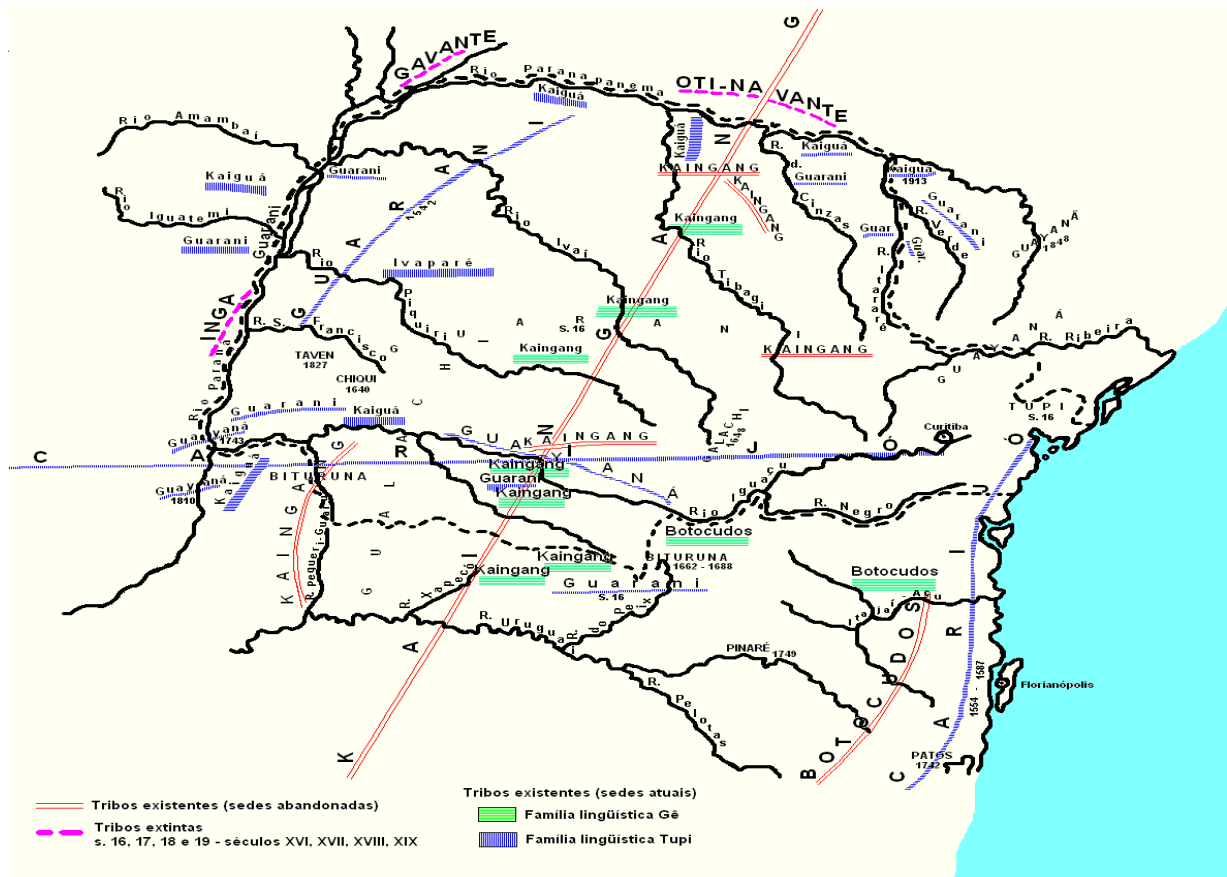
## 2.2 POPULAÇÕES INDÍGENAS DO PARANÁ

Os primeiros habitantes de todo o território das Américas foram os indígenas. Segundo Bencini e Alencar (1999, p. 27), esses povos chegaram às Américas pelo Estreito de Bering, originários de regiões distintas da Ásia. Essa saga, calcula-se hoje, começou há 27.500 anos, 15.500 anos antes do que era aceito pelos historiadores.

Quando os espanhóis e depois os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram alguns povos já habitando as matas, que foram chamados de índios. Especificamente, no território que hoje abriga o estado do Paraná, conforme Romário Martins (1953, p. 27-45), viviam muitas etnias indígenas, divididas em 3 famílias: os tupis, os crêns e os gês.

Segundo o autor, os **Tupis** formavam a grande nação indígena que reunia os Guaranis, Tinguís, Carijós, Caiguás, Guaianás, Guarapiabas, Guapurás, Mimos, Chiquis, Teminimós, Mbiazais, Abapanis, Tabacais, Asboipitans, Jaguaquês, Araxis, Ninguarús, Cuminunguaras, Itacuras, Itaquibas, Hindós, Tarapopês, Ares, Biturunas, Taiobas, Pinarés, Ibiticois, Tupiniquins, Ibiticurús, Itambaracás, Camperos, Guapuans, Chovas, Cheripás, Biopébas, Pés Largos, Chiringuanas, Papagaios, Guapúas, Guanaós e Itatins. Já o tronco dos **Crêns** abrigava os Caingang, Camés, Votorões, Dorins, Cairucrês, Chocrêns, Corutons, Xavantes, Cabeludos, Ibirajaras e Gualachos, enquanto o Grupo **Gês** era formado pelos Botocudos.

Wachowicz (1977, p. 2) apresenta o mapa elaborado por Curt Nimuendajú, que visualiza a distribuição etno-histórica desses povos indígenas, no espaço paranaense, aqui reproduzido no Mapa 4, a seguir:



Fonte: Wachowicz, 1977, p. 2.

**Mapa 4** – Mapa Etno-Histórico do Paraná, de Curt Nimuendajú

Conforme Battistelli e Saraiva (1997, p.6), “no final da década de 1970, instalaram-se grandes conflitos no Paraná pela reconquista de áreas indígenas suprimidas ou invadidas por não-índios. Nessa fase, vivia-se um processo de despovoação entre os índios”. Os autores registram uma população aproximada de 2.500 indígenas no Estado, em 1975, mas confirmam que houve uma reversão desse quadro por três grandes razões: expulsão de invasores das terras indígenas, tratamento sanitário e produção de alimentos em áreas das reservas anteriormente ocupadas por não-índios, o que resultou no crescimento da população alcançando um total de 5.000 indivíduos, em 1985 e de 9.000, em 1997 (BATTISTELLI; SARAIVA, 1997, p.6). Esses indígenas, segundo Cigolini et al (2001, p. 60), estão distribuídos em 17 reservas, no sudeste, sudoeste e noroeste do Estado.

Da grande variedade de tribos indígenas que existiam no território paranaense, registradas por Martins (1953, p. 27-45), perduram na atualidade apenas as etnias Guarani, Kaingang e Xetá (esta última com pouquíssimos representantes).

O elemento indígena sempre existiu no espaço paranaense e, principalmente, no período colonial. Junto com o negro, foi mão de obra utilizada nos diversos tipos de tarefas, durante os ciclos econômicos que impulsionaram o crescimento do Paraná.

A seguir, trataremos dos ciclos<sup>9</sup> econômicos da mineração, da erva-mate e do tropeirismo na história do estado do Paraná.

## **2.3 CICLOS ECONÔMICOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO PARANÁ**

Foram vários os ciclos econômicos que impulsionaram o progresso do Paraná. No entanto, três deles ocorreram quase que simultaneamente – mineração, erva-mate e tropeirismo.

### **2.3.1 A Mineração**

Segundo Martins (1953, p. 180), Paranaguá foi a localidade onde primeiro apareceram notícias de minas de ouro na então Quinta Comarca da Capitania de São Paulo, descobertas, em 1646, por Gabriel de Lara. Quando comunicado em São Paulo o descobrimento das minas de ouro de Purunã, simultaneamente, eram divulgados descobrimentos semelhantes em Iguape, Cananéia e nos sertões do Ribeira (compreendendo o sertão de Apiaí) e do Assungui (compreendendo o sertão das Furnas e os campos de Curitiba).

Conforme o autor, as duas principais zonas de penetração de mineradores e de pesquisadores de minas, ao mesmo tempo ou com pequenos intervalos em termos cronológicos, foram as do vale do Ribeira de Iguape, compreendidos o Ribeirinha e o Assungui, suas principais nascentes; e do Cubatão, atual Nhundiaquara, onde, em 1653, já estavam assinaladas onze jazidas auríferas.

Inicia-se, então, o ciclo da mineração no Paraná e no Brasil Colônia.

---

<sup>9</sup> - Segundo Houaiss (2001), “ciclo” significa “espaço de tempo durante o qual ocorre e se completa, com regularidade, um fenômeno ou um fato, ou uma seqüência de fenômenos ou fatos”. Esclarecemos, no entanto,

Mesmo antes da exploração, o governo da metrópole nomeava o administrador e o provedor para o desenvolvimento das pesquisas de novas jazidas e defesa fiscal dos “quintos reais”<sup>10</sup>. Para entabulador<sup>11</sup> e administrador nos Distritos do Sul foi escolhido Eleodoro Ébano Pereira; para provedor da Fazenda Real, Pedro de Souza Pereira e para delegado em Paranaguá, local da descoberta das primeiras minas, foi indicado Mateus de Leão. A própria presença de autoridades oficiais nas regiões das minas então descobertas contribuiu para despertar o interesse por esse novo gênero de atividade econômica sertanista e, em breve, Iguape e Paranaguá se tornaram “as povoações mais florescentes da costa, enquanto não foram descobertos os ricos aluviões de Minas Gerais” (EUZÉBIO DE OLIVEIRA, apud MARTINS, 1953, p.181).

Martins (1953) postula ainda que a área de exploração aurífera, no interior, concentrou-se na “vasta região do Assungui, de Jaguariaíva e Tibagi e no Planalto de Curitiba”. Segundo o autor, no antigo Arraial Grande (povoado que originou a progressista cidade de São José dos Pinhais), localizavam-se as minas formadoras de um dos núcleos de origem do povoamento efetivo de Curitiba, o do grupo Balthazar Carrasco dos Reis que ali se fixou antes de 1661. Ainda hoje, em São José dos Pinhais, confirma o autor, “encontram-se vestígios de grandes trabalhos de mineração das lavras de Saraiva, nas da serra que forma os vales dos rios Guaratubinha e da Prata, assim como em Campo Largo, no sítio Fazendinha, há indícios de exploração de ouro em veieiro de quartzo” (MARTINS, 1953, p. 181-182). Outras minas foram abertas no Arraial Queimado (atual Bocaiúva do Sul), a de Botiatuva, Purunã, Atuba, Vilinha (atual Prudentópolis), Canguiri, dentre outras.

A região de Antonina, situada nos fundos da baía de Paranaguá, foi habitada primeiramente pelos faiscadores de ouro<sup>12</sup> que se tornaram os desbravadores da região. Em 12 de setembro de 1714 acontece a fundação do povoado, quando foi construída uma capela na fazenda da Graciosa, sob a invocação de Nossa Senhora do Pilar da Graciosa.

---

que os ciclos econômicos mencionados ocorreram, simultaneamente, em períodos específicos, entre os séculos XVIII e XX.

<sup>10</sup> - Conforme Houaiss (2001), “quinto”, em uma de suas acepções, designa “imposto cobrado pelo erário português, no período colonial correspondente à quinta parte do ouro, prata e diamantes extraídos do solo brasileiro”.

<sup>11</sup> - Unidade lexical não registrada nos dicionários pesquisados. Moraes Silva (1945, p. 486) registra o verbete “entabular” com as seguintes acepções: “Pôr em ordem, preparar, ordenar, dispor; empreender // Principiar, encetar, começar, iniciar// Estabelecer, inaugurar // Pôr alguém em termos de conseguir alguma coisa. Assim, entendemos como “entabulador” o preposto da Coroa Portuguesa com a finalidade de iniciar, controlar e administrar, com espírito empreendedor, a exploração das minas auríferas no período colonial.

<sup>12</sup> - Ferreira, A. (1999, p. 867) define “faiscador” como “aquele que procura faíscas”. O lexicógrafo aponta como sendo um brasileiro de Minas Gerais e designa “indivíduo que se ocupa na lavagem das substâncias auríferas nas margens e no álveo dos regatos e das torrentes” e apresenta como sinônimo de *faisqueiro e garimpeiro*.

Outra cidade paranaense que surgiu com o ciclo da mineração foi Morretes, cuja fundação data de 1721, mas a ocupação de seu território por mineradores e aventureiros paulistas teve início no ano de 1646, quando foram descobertas jazidas de ouro na região (FERREIRA, 1996, p. 455).

Os mineradores tinham uma vida bastante difícil e penosa. Enfrentavam os perigos que o sertão bravio apresentava e mantinham-se sempre estimulados pelo desejo de enriquecimento rápido. Moravam em toscas cabanas de pau, cobertas com folhas de palmeira ou capim. Conforme Wachowicz (1977, p. 36), “com freqüência esses rudes mineradores contraíam casamento com índias da região, o que vai causar um elevado índice de miscigenação entre o colonizador e o indígena”.

O mesmo autor postula que como a maioria dos trabalhadores nas regiões das minas estavam voltados para a mineração, poucos se dedicavam à agricultura e à pecuária e, em conseqüência, tinham uma alimentação deficiente. As mercadorias de consumo vinham de longe, onerando o custo de vida, situação que favorecia os proprietários de armazéns de secos e molhados, de ferragens e de tecidos que viam seus negócios prosperarem, principalmente os estabelecidos no Arraial Grande, o maior núcleo de mineração do planalto (WACHOWICZ, 1977, p.36).

Mas com a descoberta de riquíssimos veios auríferos em Minas Gerais, acontece um verdadeiro êxodo populacional dos garimpos paranaenses para aquela região em busca de melhor sorte na extração do metal precioso. Ainda para Wachowicz (1977, p. 37), “a mineração do ouro foi o primeiro ciclo econômico paranaense”, razão pela qual alguns acontecimentos dessa época foram marcantes para o progresso/crescimento do estado do Paraná:

povoamento do litoral, por mineradores vindos de várias regiões do país; surgimento de Paranaguá e povoamento do litoral por homens atraídos pela cobiça do ouro; desbravamento e colonização do primeiro planalto, até então desconhecido; fundação de Curitiba – cuja origem veio dos antigos arraiais auríferos; abertura de picadas ligando o planalto curitibano ao litoral, transpondo a Serra do Mar que se tornaram vias de comunicação vitais para o desenvolvimento da região (WACHOWICZ, 1977, p.37).

### 2.3.2 A Erva-Mate

O cultivo da erva-mate, na antiga Quinta Comarca de São Paulo, se tornou uma das atividades mais lucrativas da região, no período que compreendeu o final do século XVIII e o começo do século XIX.

Segundo Wachowicz (2001, p.130), a erva-mate, antigamente denominada de congonha, é uma árvore nativa das florestas regionais, muito utilizada pelos índios como bebida. Era chamada de *erva do diabo* pelos jesuítas das reduções, porque a ela eram atribuídos poderes de descontrole das emoções.

O seu cultivo e a sua comercialização foram autorizados pelo governo português, em 1772, com a finalidade de afugentar o marasmo em que viviam as populações do sul do País, que estavam extremamente acomodadas. Viviam apenas da pescaria, da produção de farinha de mandioca e de cordas de embé (espécie de cipó nativo da região). A erva-mate e outros produtos como madeiras, cal de ostras, telhas, tijolos eram levados à região do Rio da Prata, por sugestão de Portugal. Apesar de terem iniciado esse comércio, deixaram passar a primeira chance histórica de introduzir a erva-mate no mercado de Buenos Aires (BALHANA et al, 1969, p. 134).

De acordo com os mesmos estudiosos, a partir de 1820, a extração da erva-mate paranaense ganha volume e passa a conquistar os mercados vizinhos. Já em 1826, a sua exportação constituía a base de todo o comércio exterior da Quinta Comarca, pelo porto de Paranaguá. Montevideú figurava como o maior comprador da erva paranaense, seguido de Buenos Aires. Já o mercado interno ocorria no Rio de Janeiro, em Santa Catarina e em Santos (BALHANA et al, 1969, p. 134). O transporte da erva-mate do campo aos barracões de processamento e depois desses aos centros de comercialização internos e aos postos de exportação eram feitos em lombo de animais.

### 2.3.3 O Tropeirismo

Quem contempla um mapa político-administrativo atual do Brasil verifica uma intrincada malha viária ligando todo o País, de norte a sul e de leste a oeste, o que favorece o transporte de produtos de um ponto a outro do território pela via terrestre, isso sem

considerarmos as linhas aeroviárias e fluviárias que muito contribuem para a redução do tempo no deslocamento entre linhas inter-regionais.

No entanto, no passado (até o primeiro quarto do séc. XX), os antigos habitantes viviam uma enorme dificuldade, tanto em termos de condições para a comunicação, como para a comercialização de seus produtos em virtude da inexistência de estradas regulares e da precariedade dos caminhos existentes.

No século XVII, com a chegada dos espanhóis à Cordilheira dos Andes e a identificação do grande volume de minerais preciosos, ocorre o início de um fenômeno sócio-econômico com repercussão em toda a América Latina – o Tropeirismo (FERRAZ, 2002, p. 7).

Os portugueses, após um século no litoral do Brasil, resolvem ir à busca de ouro com os mesmos objetivos que impulsionaram os espanhóis. A dificuldade era o transporte de grandes volumes de mercadorias e também de pessoas que, até então, era feito por “índios de carga”, negros escravizados e mamelucos assalariados, devido à carência de animais de carga e de sela. As pessoas faziam grandes trajetos a pé, pois não contavam, ainda, com os cavalos para o transporte. E os carregadores humanos gastavam de 3 a 4 meses numa viagem entre São Paulo e Minas Gerais (LANGE, 1998, p.26).

Como forma de resolver, de vez, o problema, já que os habitantes da América se recusavam a colaborar com os visitantes, ainda que escravizados, e, como o volume de minerais era enorme, os espanhóis traziam, nos porões dos seus navios, burros e mulas para execução dos trabalhos.

Com isso, inicia-se o Tropeirismo Latino. O interessante era que a reserva do mercado de produção de jumentos e de éguas continuava sendo mantida na Europa. O produto híbrido<sup>13</sup> (burro/mula) vinha para prestar os serviços de transporte para o grande e acidentado trecho da Cordilheira dos Andes.

Com o crescimento acelerado do volume de negócios, os espanhóis resolveram implantar um criatório de muars na América Latina. A preferência por esses animais para o transporte deveu-se a sua docilidade, à facilidade de doma e ao fato de serem animais resistentes (cada animal transportava de 08 a 12 arrobas).

---

<sup>13</sup> - Do cruzamento (hibridação) de um jumento (asno ou jegue) – *Equus asinus* – com a égua – *Equus caballus* – nasce o burro ou a mula. Já do cruzamento dos animais das mesmas espécies, porém, invertidos (cavalo x jumenta) dá origem a um animal diferente, o bardoto. Esses animais híbridos quase sempre são estéreis, devido ao fato de que o/a cavalo/égua possui 64 cromossomos enquanto o/a jumento/jumenta possui 62, resultando em 63 cromossomos (número ímpar, desfavorável à procriação) WIKIPÉDIA (2006).

O tropeirismo e a agricultura de subsistência foram atividades complementares à economia mineradora que ocorria no Paraná e em Minas Gerais. Dificultado pela inexistência de estradas, sempre que a geografia permitia, o transporte de mercadorias era feito no lombo dos animais, principalmente de muares que eram animais resultantes do cruzamento de jumentos com éguas. São facilmente domados, únicos perfeitamente habilitados a realizar o transporte de cargas em regiões serranas rodeadas de abismos e florestas, de montanhas e de solos áridos. De pouca exigência na alimentação, conviviam com nevascas, ventanias e toda a hostilidade da natureza (FERRAZ, 2002, p. 21). Para Goulart (1961, p. 51), “o muar possui qualidades inatas que o recomendam como melhor cargueiro do que o cavalo”. Ainda a respeito das qualidades do animal, Hermsdorff (apud GOULART, 1951, p.51) comenta que, “proporcionalmente ao tamanho, o burro tem mais força e resistência que o cavalo. [...] grande faculdade de saber dosar e regularizar suas forças, durante o trabalho”.

Outras qualidades dos muares são mencionadas por outros viajantes europeus que cortaram o espaço brasileiro, no século XIX. John Mawe (apud GOULART, 1961, p. 52), por exemplo, postula que “as mulas eram tão ligeiras na subida quanto em terreno plano e que excediam, em muito, os cavalos, em estradas íngremes, e mais ainda nas más estradas”. Por todas essas qualidades e por ser o transporte de cargas, durante os séculos XVIII e XIX, o único meio de abastecimento que havia, a valorização desses animais crescia na mesma proporção que intensificava o interesse pela sua aquisição. Por isso, na feira de Sorocaba, em 1802, um cavalo era negociado a 6\$000<sup>14</sup>, enquanto uma besta era vendida por 16\$000; em 1808, por 20\$000 e, na segunda metade do século XIX, a 50\$000 (GOULART, 1961, p.52). Por sua vez, Almeida (1945, p. 119) informa que, em 1852, o preço de bestas xucras, negociadas na feira de Sorocaba, ficava entre 32\$000 a 36\$000 e se elevava a 40\$000, em 1865, quando o gado vacum estava a menos de 2\$800, as ovelhas a 2\$000, os cavalos a 12\$000 e as éguas de criar a 10\$000. Essa alta valorização das bestas era sentida igualmente no pagamento dos impostos na barreira da Província de São Paulo, conforme lei do orçamento, de 7 de abril de 1851: 2\$500, as bestas; 2\$000, os cavalos; 1\$000, as éguas e \$240, o gado vacum (ALMEIDA, 1945, p. 126).

Nessa época, a grande importância conferida a esses animais aumentou consideravelmente a demanda para a sua aquisição, pois também eram muito eficientes nos trabalhos desenvolvidos nas mineradoras de ouro em Minas Gerais. Os produtores paulistas e

---

<sup>14</sup> - Moeda da época: réis – 6\$000 = seis mil réis.

cariocas eram seus consumidores e preferiam os chamados “cavalos de Curitiba” porque ali chegavam mansos, fortes e prontos para o uso imediato (BORBA, 1990, apud STECA; FLORES, 2002, p. 179).

Conforme Steca e Flores (2002, p. 179), o Tropeirismo foi uma economia baseada no transporte, criação e comércio de animais, muito importante para o Paraná e para o Brasil. Devemos a ele o povoamento do território paranaense nos locais escolhidos pelos tropeiros como pontos de parada para o descanso dos animais que cruzavam o Paraná, vindos do Rio Grande do Sul, com destino a Sorocaba, estado de São Paulo. Nesses pontos de parada nasceram vilarejos cujos habitantes ofereciam serviços de atendimento aos tropeiros e aos animais. Coube, pois, ao Tropeirismo as ações históricas de unir territórios, conduzir o gado, proceder ao escoamento da produção econômica, à criação da identidade brasileira, fruto da miscigenação de raças, culturas, crenças e tradições. Em decorrência do contato entre indígenas, africanos e europeus surgia uma nova sociedade, um novo perfil de população que ocupava o território brasileiro.

Segundo Ferraz (2002, p. 25), um dos trajetos utilizados pelos tropeiros que se tornou muito conhecido pela sua importância histórica foi a “Estrada do Viamão”, também denominada de “Estrada Real”, “Estrada das Tropas”, “Estrada do Sul”, “Estrada do Viamão/Sorocaba”, “Estrada do Certão” (sic) e “Estrada da Mata”. A história relata que Cristóvão Pereira de Abreu, coronel português, partiu da Colônia de Sacramento, em 1732, por conta própria, depois de lhe ter sido negado o pedido de apoio aos governos de São Paulo e Curitiba, traçou e percorreu com sua tropa, aproximadamente, os 1.500 km do Caminho do Viamão que saía dos Campos de Viamão (RS), passando por Vacaria (RS), Lages e Curitiba (SC), Rio Negro, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul e Jaguariaíva (PR) e Itapetininga e Sorocaba (SP).

Nessa primeira viagem comandada por Cristóvão Pereira, a tropa era composta

por cento e trinta pessoas, entre tropeiros, peões e capatazes, conduzindo 3000 cavalgadas que partiu da Colônia Sacramento, chegando ao Paraná (Campos de Curitiba) em fins de 1733, após treze meses de viagem. Prosseguiu sua rota para Itapeva, ainda não vila e ali invernou o gado. Seguiu depois para frente, passando por Sorocaba, em direção a Pouso Alto, terminando a distribuição da mulada a peso de ouro, em Vila Rica e regiões vizinhas [...] (BORBA, 1990 apud STECA; FLORES, 2002, p. 21).

No trajeto a tropa construiu mais de 200 pontes e fez de Sorocaba mais do que uma parada obrigatória para o descanso de homens e animais, transformou-a no principal centro mercador de tropas do estado de São Paulo.

O “Caminho do Viamão” integrou o extremo sul ao centro do Brasil e viabilizou o domínio português, visto que o território sulino, até o século XVII, estava sob a posse espanhola. Tornou-se, por mais de dois séculos, a grande estrada do Brasil nos tempos coloniais, mostrando economicamente o Brasil, pois os muares representavam dinheiro. Assim, os homens enriqueceram e modestos pousos tornaram-se animadas vilas e povoados (FERRAZ, 2002, p. 24). Nessas paradas aconteciam as grandes feiras de comercialização de animais. Com o afluxo de visitantes a essas feiras, que foram tomando um volume muito grande, surgiram outras atividades profissionais especializadas na produção de materiais de uso dos tropeiros, exercidas por artesãos, seleiros, funileiros e ferreiros. Botequins e pequenas lojas foram abertos para atender necessidades dos trabalhadores e dos visitantes das feiras.

Essas vilas e povoados nas rotas das tropas proporcionavam toda a assistência ao tropeiro e a sua tropa, em termos de alimentação e pouso. Wachowicz (1988, p. 102) observa que

estas povoações, hoje progressistas cidades, enfileiram-se uma após a outra, tais como as contas de um colar, ao longo de sua rota. Cada cidade está separada da outra por uma distância que corresponde a um dia de viagem do tropeiro. Nos locais destinados ao pernoite, estabeleciam-se negociantes que construía algum cercado para alugá-lo ao tropeiro para que os animais pudessem passar a noite sem perigo de se extraviarem. Com o correr do tempo, esses pousos vão aumentando e recebendo sempre novos moradores, como ferreiros, arreadores, simples empregados.

A Figura 1 documenta uma dessas viagens de tropeiros pelo interior do Brasil.



Fonte: Simonsen, 1962.

**Figura 1** – Viagem de tropa no interior do Brasil, no começo do século XIX.

No trajeto por onde as tropas passavam, todos os moradores se beneficiavam, surgindo, em consequência disso, ranchos que acabaram dando origem a vilas e a povoados, sobretudo pela expansão do comércio. Tanto homens como animais eram recebidos e alimentados nessas paragens e o tropeirismo se tornava a principal fonte de riquezas da economia brasileira de então.

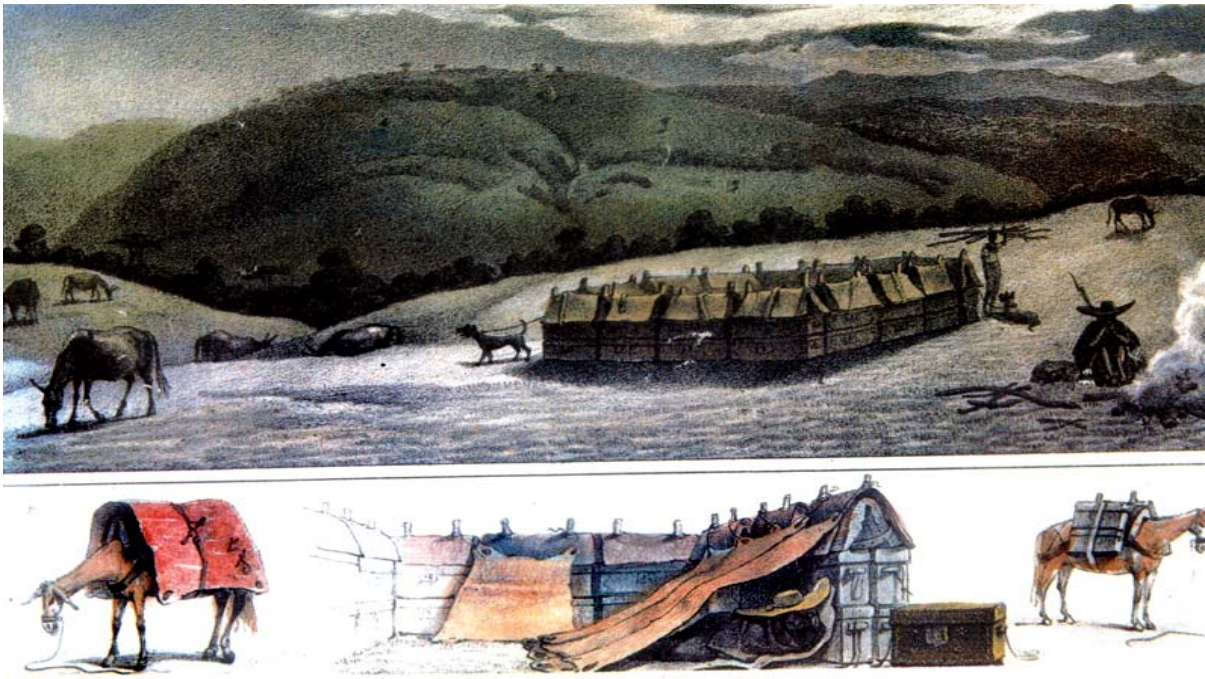
A atividade do tropeirismo se desenvolveu além de Sorocaba, atingindo os sertões de Goiás Velho, as minas de Cuiabá, os Caminhos de Porecatu, Araxá, Amanhece, Cascalho Rico, a Serra da Canastra e toda a bacia do rio São Francisco. Essa região mencionada, situada entre serras, propiciou o desenvolvimento do transporte de muas das tropas e, por séculos, durante os ciclos da cana, do ouro e do café, abrigou o surgimento de trilhas, rotas, pousos, ranchos e, conseqüentemente, de cidades. Onde surgiam pousos, ranchos, casas e comércio, apareciam também as igrejas. Ocorria, então, a ligação do sertão ao litoral, de forma definitiva, do ponto de vista social e econômico (FERRAZ, 2002, p. 26).

O tropeirismo destacou-se, pois, como o ciclo responsável pela fundação de vários povoados ao longo dos diversos caminhos percorridos pelas tropas de muas, numa

época de muita dificuldade de transporte e pela distância entre as poucas cidades existentes. A respeito disso, Goulart (1961, p. 129) registra que

o tráfego de tropas de muares exigia a necessidade de serem levantadas aqui e acolá, rústicas palhoças, simples coberturas de palha sobre paus-a-pique, sem paredes, para abrigo das cargas e dos homens ao fim das jornadas diárias. Era o *pouso*.

Como afirma o autor, “o pouso foi a primeira manifestação de abrigo praticado pela mão do homem, que surgiu nos ermos das travessias, à beira dos caminhos” (GOULART, 1961, p. 129). Embora rude e desconfortável, era sempre um abrigo contra a inclemência do sol ou da chuva, uma defesa contra o orvalho das noites frias do Brasil central (Cf. Figura 2).



Fonte: Paraná, 2005.

**Figura 2** – Acampamento noturno de Itararé – Aquarela de Jean Batiste Debret, 1827 (publicada em 1839 no livro “Voyage pittoresque et historique au Brésil”), MEA 99. Col. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, p. 39).

Depois de firmado o pouso e desenvolvido o povoamento do local, em pouco tempo, a simples palhoça se transformava em *rancho*. Estes iam aparecendo ao longo

dos caminhos das tropas<sup>15</sup> e com eles eram erguidas novas edificações por novos moradores que constituíam comércios, prestação de serviços. Afonso Arinos (apud GOULART, 1961, p.143) já argumentava que “cada rancho era um núcleo de povoação e de comércio; e a vida circulava pelas estradas barrentas ou cheias de pó, conforme a estação, percorridas pelos lotes palmilhadas pelos tocadores até o fundo dos sertões”. Segundo Goulart (1961, 143),

quando se estabelecia um *pouso*, logo surgia nas suas imediações um ou outro morador erguendo palhoça, acomodando criações, plantando milho e passando a negociar com os homens das tropas que ali pernoitassem. Prosperando, montava venda, abastecia-se melhor e começava a nascer um povoado. De progresso em progresso a população crescia, o casario aumentava até chegar mais tarde a fincar “pelourinho”<sup>16</sup>



Fonte: As Minas Gerais, 2006.

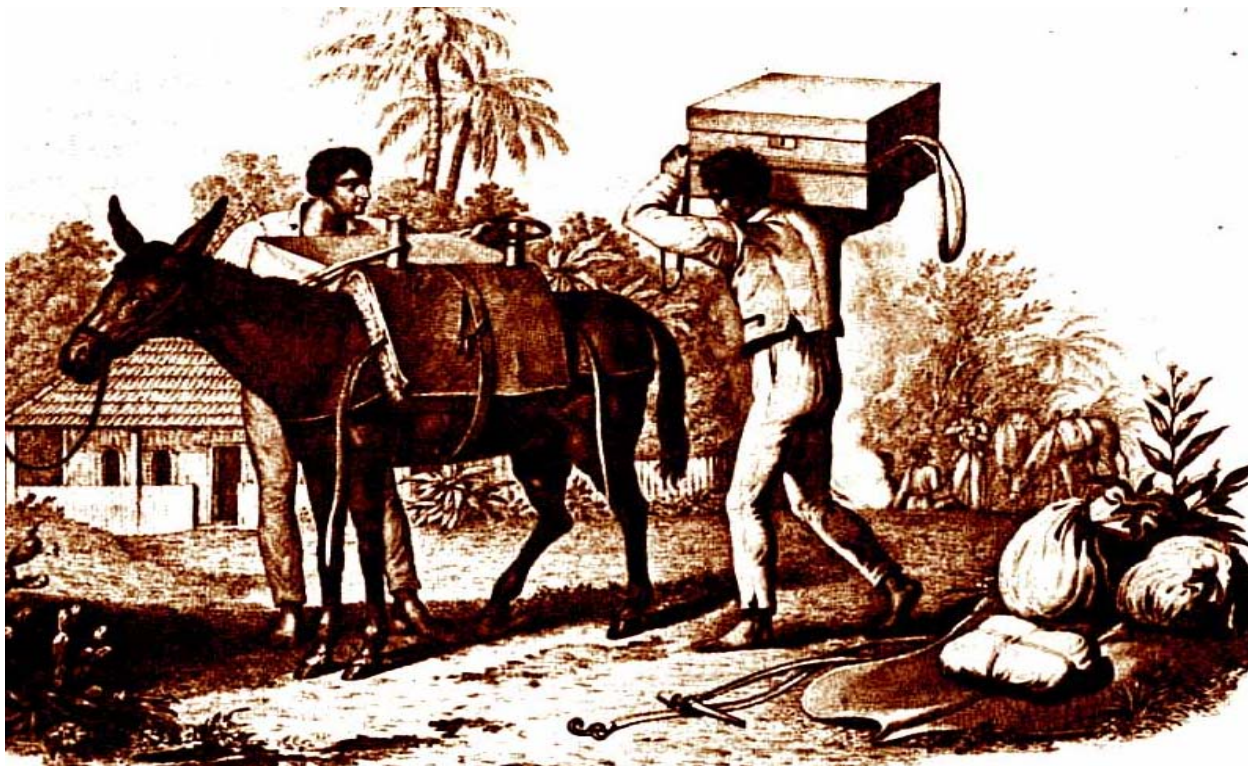
**Figura 3** – Rancho de Tropeiros

---

<sup>15</sup> -Vide Mapa 5 (p. 48)

<sup>16</sup> - Pelourinho: coluna de pedra ou de madeira, em praça ou lugar público, junto da qual se expunham e castigavam criminosos (FERREIRA, A., 1999).

Quando chegavam aos locais de pouso, os carregadores descarregavam os animais para serem conduzidos às pastagens e, pela manhã, tinham a tarefa de carregá-los novamente para reiniciarem a caminhada. A Figura 4, na seqüência, ilustra essa tarefa.



Fonte: As Minas Gerais, 2006.

**Figura 4** – Carregadores de Tropas

Na atualidade, podemos avaliar a importância dos ranchos e das vendas no povoamento de certas localidades que se transformaram em grandes cidades brasileiras. A respeito do assunto, Augusto de Lima Junior (apud GOULART, 1961, p.144) ponderou o seguinte:

Os povoados mineiros foram-se constituindo rapidamente. Excetuados os antigos pousos de bandeiras, *começavam por um rancho de tropas* onde os mineradores iam fazer suas compras em mãos de comboieiros que levavam da Bahia, do Rio de Janeiro ou de São Paulo as mercadorias de consumo. Em redor desses ranchos fixavam-se casas de venda, e como era certa a afluência de gente, sobretudo aos domingos, os religiosos iam ali ter, celebrando missas, fazendo batizados e casamentos, iniciando-se, assim, as capelas a que sucederam faustosas igrejas.

Essa mesma origem de algumas das mais progressistas cidades mineiras se repete em muitas outras cidades brasileiras (paranaenses, catarinenses, paulistas, gaúchas, goianas) que nasceram por consequência dos pousos dos tropeiros nos caminhos das tropas. Ainda hoje existem mercados municipais em algumas cidades brasileiras que originalmente eram antigos ranchos de tropas que ficavam na trilha dos tropeiros.

Várias foram as influências do tropeirismo no desenvolvimento do Brasil, entre elas destaca-se a sua importância social. Segundo Goulart (1961, p. 177),

a sociedade rural brasileira era representada pelos grandes latifundiários, senhores de engenho, fazendeiros e criadores de gado, no tempo do Brasil colônia, em que pese o segregarismo em que viviam os seus componentes, foi de uma exuberância e de uma magnitude excepcionais.

Conforme ainda esse autor, os moradores tinham o costume de ostentar riquezas no interior das casas-grandes, na forma de vestir e no sistema de transporte, já que a aristocracia do ruralismo caboclo fazia uso de produtos e serviços os mais finos e mais caros possíveis. Esse gosto pelo luxo e pela ostentação, esse espírito de grandeza e de exibicionismo que dominou a fidalguia rural das áreas servidas pelas tropas, teria sido impossível não fosse o transporte desses valores em lombo de cargueiros que distribuíam aos fazendeiros as encomendas vindas da Europa (GOULART, 1961, 177-178).

Salienta, ainda, o autor que “não ficava só no alimentar o luxo dos ricos a ação social das tropas e dos tropeiros”. Suas atividades se multiplicavam e se realizavam de várias maneiras. O tropeiro era o único agente de comunicação que conduzia cartas, notícias, encomendas e recados de toda espécie, inclusive a transmissão de informações orais que também é um tipo de responsabilidade de caráter social. Ele era o telégrafo, o jornal, o rádio, já que levava as últimas notícias chegadas da Corte, embora com atraso de meses em função do tempo gasto nas viagens pelos caminhos íngremes do sertão. Assim, sem a regularidade das viagens das tropas, as populações segregadas nos núcleos interiorizados ficariam praticamente incomunicáveis e só poderiam expedir e receber notícias em casos esporádicos (GOULART, 1961, p. 177-180). Frente ao exposto, pergunta-se: quem era esse tropeiro? Qual o seu perfil?

### 2.3.3.1 Os Tropeiros

Os tropeiros normalmente pertenciam à classe média, pois, para formar uma tropa, eram necessárias quantias razoáveis. Eram proprietários de grandes áreas de terras, rebanho de animais, enfim, homens com recursos financeiros que gozavam de prestígio na sociedade. Alguns pertenciam às corporações militares de Sua Majestade (alferes, tenente, capitão, coronel, sargento-mor, capitão-mor, brigadeiro). Wachowicz (1977, p. 72-73) cita como tropeiros do Paraná,

o Barão do Tibagi (José Caetano de Oliveira), o Barão dos Campos Gerais (Coronel. David dos Santos Pacheco), o Coronel. Joaquim Rezende de Lacerda, Francisco Paula e Silva Gomes, vulto ilustre e um dos arautos da emancipação política de nosso Estado, muito conhecido dos políticos e inclusive na Corte do Rio de Janeiro, e muitos outros.

Já os pequenos criadores de gado ou sitiantes, por não disporem de recursos financeiros suficientes para tocar o negócio sozinhos, formavam sociedade, reunindo dois ou mais interessados em objetivos comuns. Segundo Steca e Flores (2002, p. 21-22),

a vida do tropeiro era bastante rudimentar, a alimentação era basicamente de origem animal, e ele enfrentava dificuldades a todo o momento: perigos de ataque de animais ferozes e de índios; a perda e desgaste dos animais que chegavam magros às feiras; enchentes; às vezes, chuvas constantes, e a grande extensão territorial.

Além disso, enfrentavam outras dificuldades oriundas, por exemplo, da topografia desfavorável das trilhas em mata fechada com obstáculos como rios, rochas, subidas inclinadas, além de serem expostos a doenças, muitas vezes contagiosas. Somado a isso havia a ausência da família e do aconchego do lar.

De acordo com Trindade (1992, p. 38), os colonos portugueses do Brasil que, regularmente, passaram, a partir de 1732, a levar tropas de animais do Sul do País até Sorocaba, em São Paulo, receberam o designativo de *tropeiros*, nome que se firmou como referência àqueles homens habilidosos para a escolha de outros homens e de animais, para o negócio de preços, para a composição de um grupo capaz de lidar com as boiadas, cavalhadas e muladas e, também, de enfrentar as difíceis, perigosas e demoradas marchas pelos caminhos

do Sul; homens que estavam envolvidos na condução e no custeio de uma tropa, que vaqueavam<sup>17</sup> ou recolhiam o gado em tropas para ser conduzido.

O tropeirismo exerceu uma função de extrema importância econômica e cultural para o território brasileiro e coexistiu com os ciclos do ouro, da cana de açúcar e do café nos séculos XVII, XVIII e XIX, tão representativos na história econômica do Brasil. Fez todo o transporte terrestre, abasteceu as regiões distantes desprovidas de víveres e de animais para o transporte. Levou o sal para o alimento do homem e do gado. Buscou o luar na Argentina, o gado vacum no Sul e abasteceu a região das Minas, a Feira de Sorocaba e até mesmo a Feira de Santana, na Bahia. Manteve a língua e quase os mesmos hábitos, costumes e usos da população, dentro de suas fronteiras (STECA; FLORES, 2002, p. 22-23).

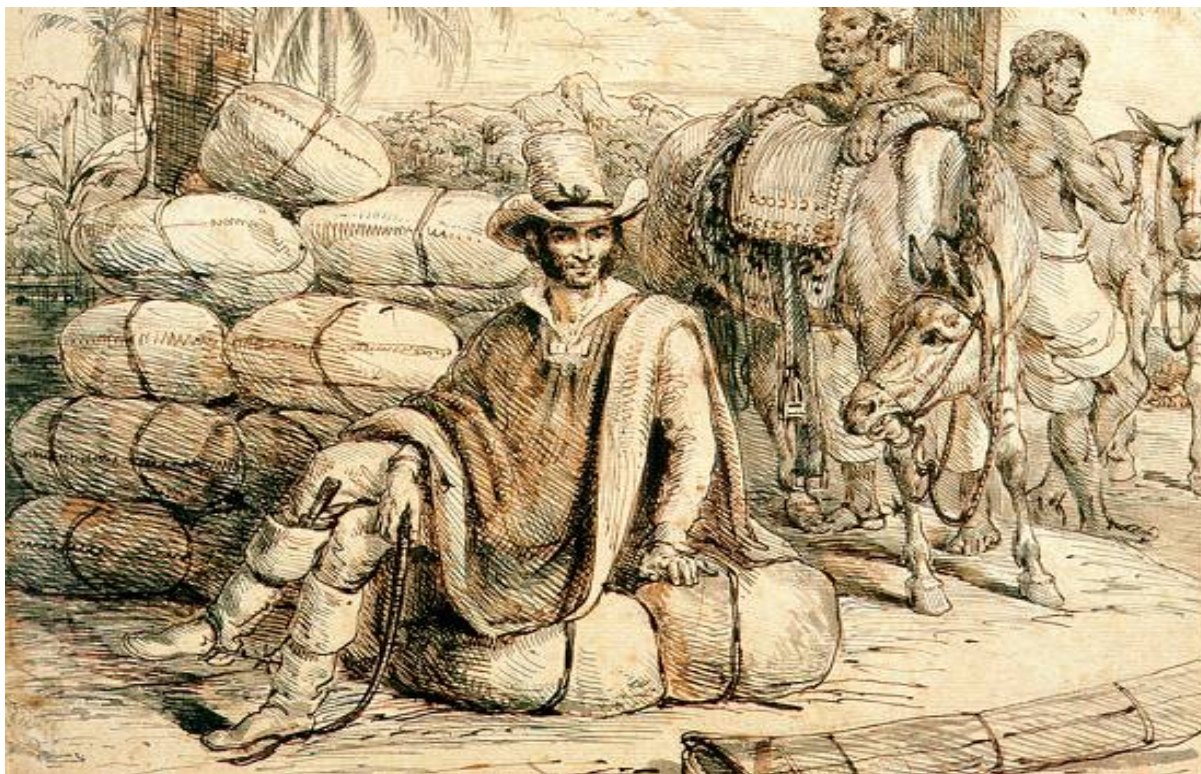
Em se tratando da indumentária do tropeiro, Rugendas (1972, p. 81) a define como particularmente original, se comparada à usada pelos homens em geral:

cobrem a cabeça com um chapéu grande de feltro cinza, de abas viradas; usam camisa e calças marrons e suas botas de couro flexível alcançam a metade da coxa mas podem ser dobradas. [...] uma grande manta jogada por cima do ombro, com uma abertura no centro para a cabeça. O que torna ainda mais grotesco o conjunto, é a maneira estranha de armar-se: espadas compridas, enormes fuzis e apetrechos de sela que lembram a cavalaria; e ainda pesados estribos e fitas de diversas cores, amarradas à crina do cavalo.

A Figura 5, a seguir, ilustra essa descrição apresentada pelo autor.

---

<sup>17</sup> - Do castelhano “baquear” (TRINDADE, 1992, p. 38).



Fonte: Toledo, 1975.

**Figura 5** – Tropeiro no caminho do mar - Desenhos de Charles Landseer mostrando um tropeiro paulista tal como descrito por vários viajantes: “esporas chilenas”, faca na bota, poncho e chapéu de abas largas (1825).

Segundo Steca e Flores (2002), credita-se ao tropeirismo a responsabilidade fundamental pelo escoamento da produção econômica do País (ouro, cana e café). Além dessas produções, transportava, também, batata, madeira, suínos, bovinos, feijão, milho, arroz. Os tropeiros levavam sua cultura por onde passavam; aprendiam e ensinavam; geravam riquezas e difundiam hábitos e costumes. Foram responsáveis pelo florescimento de cidades que se iniciaram com os ranchos de tropas (STECA; FLORES, 2002, p. 22). Com a facilidade criada pela abertura dos caminhos, no ciclo do ouro (séc. XVII e XVIII), tropas experientes e os escravos à disposição, a cafeicultura expandiu-se e se tornou a maior fonte de riqueza da região sul, “o maior fenômeno agrícola do século”. Avançou pelo Vale do Paraíba, atingindo, em meados do século XIX, a província de São Paulo.

Surgem os barões do café e com eles as grandes transformações na sociedade brasileira. Houve uma transmutação das casas residenciais das fazendas para as cidades, acontecendo o aprimoramento da decoração, segundo o estilo das casas francesas. Com a chegada dos teatros, dos saraus, das requintadas festas ocorre uma mudança geral nos

costumes, já que a educação passa a ser mais refinada. Além disso, “os barões fazem grandes investimentos e um dos principais é a chegada da ‘estrada de ferro’”. Inicia-se, a partir de então, um grande avanço na economia brasileira com o transporte “ferroviário” que ligou os principais municípios paulistas ao porto de Santos, entre 1867 e 1872. Isso trouxe a decadência dos portos do litoral e a estagnação de outras tantas cidades do vale, tendo em vista a distância que as separava da estrada de ferro. Entretanto, as mulas ainda se faziam necessárias tanto dentro das grandes fazendas, no trabalho árduo dos colonos, como para o transporte de cargas até as ferrovias que, na maioria das vezes, eram muito distantes (FERRAZ, 2002, p. 27).

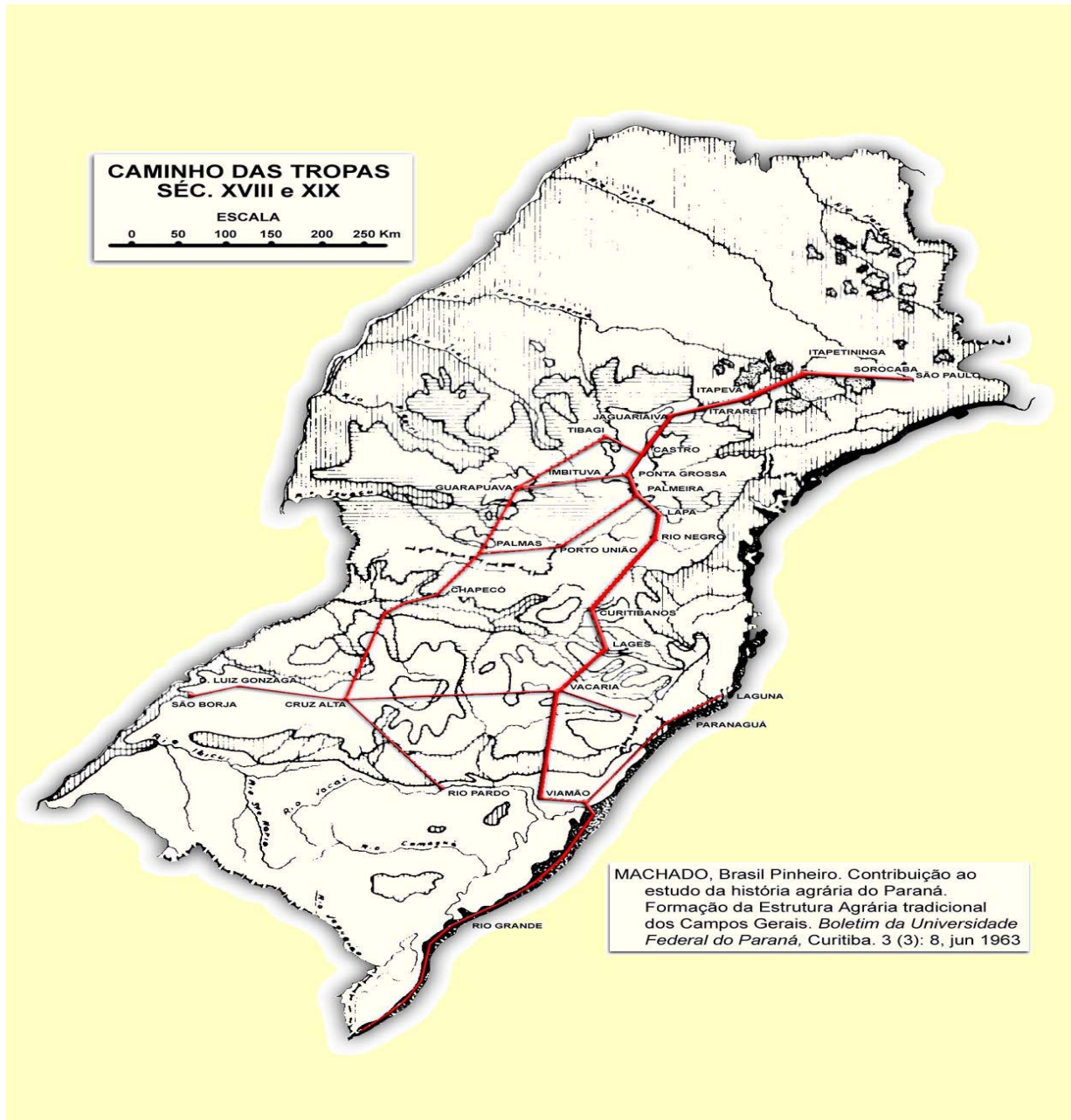
Menciona o mesmo autor que, ainda em 1940, estados como Minas Gerais, Bahia e Mato Grosso continuavam na dependência das mulas para fazer girar sua economia. Todavia, o tropeirismo já mostrava sinais de declínio e seria absorvido, gradativamente, por novas formas de transporte. Primeiramente vieram os trens e a melhora das condições de navegação e, depois, por volta de 1950, a chegada dos caminhões e dos tratores (FERRAZ, 2002).

A seguir destacamos alguns dos trajetos percorridos pelos tropeiros.

### **2.3.3.2 Os Caminhos das Tropas**

Com o advento do tropeirismo no Brasil, a partir de 1732, a atividade econômica mais lucrativa da época que tinha como finalidade a comercialização de gado oriundo da região Sul, conduzidos para as regiões de Sorocaba e de São Paulo, surge a necessidade de abertura de caminhos por onde deveriam transitar os animais.

O Mapa 5, de Machado (1963), a seguir, representa o traçado dos antigos Caminhos das Tropas que, iniciado no sul do Brasil (Missões Jesuíticas, Viamão, São Borja), alcançou inicialmente a região Sudeste (feira de Sorocaba, São Paulo e Minas Gerais) e, posteriormente, o Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso). O mapa ilustra bem o Caminho do Viamão, o Caminho das Missões e a Estrada de Palmas, cortando o território paranaense. Os dois últimos correspondem ao recorte selecionado para esta pesquisa.



**Mapa 5** – Caminhos das Tropas – SÉC. XVIII E XIX, apresentado por Brasil Pinheiro Machado (1963).

Lembramos que durante o período colonial a integração entre as regiões brasileiras quase não existia. Para o transporte de mercadorias, no lombo dos muare, foram abertos os *caminhos*. Para tanto, os tropeiros enfrentavam vários tipos de obstáculos naturais, como rios, rochas, subidas inclinadas que dificultavam a abertura de trilhas estreitas, de picadas em matas fechadas, no interior de florestas cerradas, povoadas por ferozes indígenas. Alguns tropeiros resolviam, por iniciativa particular, melhorar os caminhos e facilitar o

trânsito das tropas, o que garantia o surgimento dos povoados que eram de extrema importância na prestação de serviços aos tropeiros.

Trindade (1992), quando escreve sobre as dificuldades encontradas pelos tropeiros, na condução de suas tropas, apresenta um relato do viajante francês August de Saint-Hilaire, em uma de suas viagens no ano de 1820, pelo interior do Brasil, mais precisamente pelo antigo Caminho do Viamão (Estrada da Mata):

uma enorme extensão desabitada, rios e brejos numerosos a serem rompidos, caminhos às vezes tão estreitos que os burros carregados de canastras não conseguiam passar, ausência de pastagens. Único e obrigatório para os tropeiros. Mas a precariedade marcava todo o caminho do sul, que levava também o título de Estrada Real (apud TRINDADE, 1992, p. 32).



Fonte: Páginas Escolhidas: história, 2003, p. 92.

**Figura 6** – Limite da província de São Paulo e Curitiba – DEBRET, Jean-Baptiste (1768-1848) Coleção Marquesses de Bonneval (pertenceu a Antonio Almeida Correa)



Fonte: Páginas escolhidas – História, 2003, p. 81.

**Figura 7 - JAGUARY CATU<sup>18</sup> – JAGUARICATU, 1827 – DEBRET, Jean-Baptiste (1768-1848) Coleção Marqueses de Bonneval (pertenceu a Antonio Almeida Correa)**

As Figuras 6 e 7 mostram trechos dos caminhos que ilustram dificuldades encontradas pelos tropeiros durante as viagens.

Para melhor situarmos o contexto do movimento do tropeirismo, julgamos importante a recuperação de informações mais específicas sobre esses caminhos responsáveis pela integração do Sul com o Sudeste e o Centro-Oeste do País. Esses caminhos podem ser divididos em dois grupos distintos: a) os que serviam para a condução de tropas de animais do sul do Brasil e de algumas regiões da Argentina e do Uruguai com destino à grande Feira de Sorocaba, à praça de São Paulo e aos estados de Minas Gerais e de Goiás e b) os que serviam para a condução de tropas de animais prestadores de serviços à atividade mineradora e que ligavam o Primeiro Planalto e Curitiba ao litoral.

Para o primeiro grupo, destacamos o Caminho das Missões, a Estrada de Palmas e o Caminho do Viamão, cujos traçados foram elaborados por diferentes autores.

**a) Caminho das Missões** – Alguns autores citam as Missões no Rio Grande do Sul e outros mencionam Corrientes, na Argentina, como a origem desse caminho. Porém,

todos são unânimes em apontar Sorocaba (SP) e São Paulo (SP) como o ponto final da viagem onde aconteciam as grandes feiras de comercialização dos animais, local de convergência de compradores de várias partes do País. Machado (1963), em seu mapa “Caminhos das Tropas – Séc. XVIII e XIX” – apresenta o Caminho das Missões com o seguinte traçado: São Borja, São Luiz Gonzaga, Cruz Alta, no Rio Grande do Sul; Chapecó, em Santa Catarina; Palmas, Guarapuava, Imbituva, Tibagi, Castro, Ponta Grossa, Jaguariaíva, no Paraná; Itararé, Itapeva, Itapetininga, Sorocaba e São Paulo, no estado de São Paulo. Devido a escala que serviu de parâmetro para a elaboração do mapa, o autor omitiu os nomes de alguns municípios que se localizavam no traçado. Conforme já mencionado anteriormente, esse traçado serviu de referência para o levantamento e o estudo da toponímia, objeto desta pesquisa.

Já Filipak (2000, p. 81) postula que, em 1840, foi aberto um caminho que se iniciava em Ponta Grossa (PR) e seguia para as seguintes localidades: Palmas (PR) → Chapecó (SC) → Nonoai (RS) → Missões do Rio Grande do Sul → Corrientes (ARGENTINA). Em 1860, um outro caminho alternativo foi aberto, saindo de Chapecó (SC) rumo a Corrientes (ARG), sem trânsito pelo Rio Grande do Sul. O autor se refere ainda a uma segunda fase do tropeirismo (1845 a 1920), com a abertura de um outro caminho de Ponta Grossa (PR) com destino a Corrientes (ARG), seguindo o seguinte trajeto: Ponta Grossa (PR) → Guarapuava (PR) → Palmas (PR) → Xanxerê (SC) → Chapecó (SC) → Missões no Rio Grande do Sul → (Corrientes → Santa Fé → Paraná → Entre Rios (ARG)).

Fernandes (2001, p. 117), por seu turno, apresenta o traçado com início no Rio Grande do Sul, pelo município de Catuípe, rumo a municípios dos estados de Santa Catarina e do Paraná, compondo o seguinte roteiro, a partir de Catuípe (RS): Palmeira das Missões (RS), Tenente Portela (RS), Sarandi (RS), Nonoai (RS), Campos Novos (SC), Chapecó (SC), Xanxerê (SC), Ponte Serrada (SC), Abelardo Luz (SC), Clevelândia (PR), Palmas (PR), Mangueirinha (PR), Cândói (PR), Pinhão (PR), Guarapuava (PR), Prudentópolis (PR), Imbituva (PR), Reserva (PR), Tibagi (PR). Já Lange (1998, p. 28) refere-se ao mesmo caminho, mencionando os Campos de Guarapuava (PR), como origem e os Campos de Nonoai (RS), como destino.

As tropas saíam do sul do País, rumo a Palmas (PR), pelo Caminho das Missões, onde o trajeto se bifurcava, apresentando alternativas para o prosseguimento da viagem:

a) para Guarapuava (PR) → Imbituva (PR) → Ponta Grossa (PR)

---

<sup>18</sup>- Tibiriçá (1985, p. 41;74) registra Jaguarí como do tupi *jaguar-y....rio* da onça e Catu., de *catu...bom*,

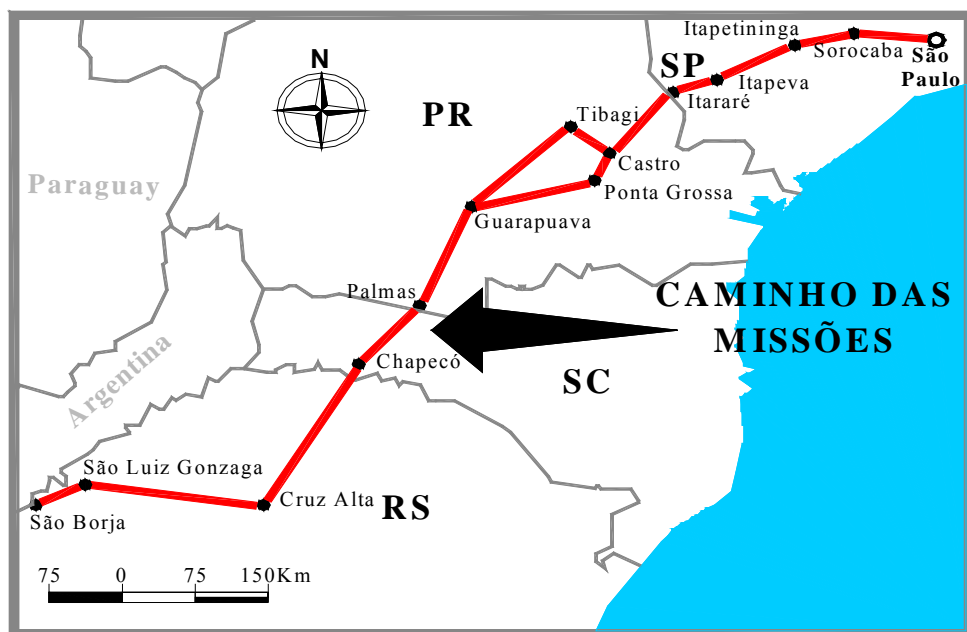
b) para União da Vitória (PR) → Palmeira (PR) → Ponta Grossa (PR)

Para Trindade (1992, p. 38), o traçado da Estrada das Missões, no sentido norte-sul, passa pelas seguintes cidades: i) no Paraná: Ponta Grossa, Imbituva, Prudentópolis, Relógio, Guarapuava, Pinhão, Reserva, Rondinha, Mangueirinha, Covo e Palmas; ii) em Santa Catarina: Xanxerê, Xaxim, Chapecó, Marechal Borman (Passo dos Índios) e Goio-en; iii) no Rio Grande do Sul: Goio-Erê, Nonoai, Palmeira das Missões, Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga, São Borja, Itaqui e Uruguaiana.

Lembramos que o título (a denominação do caminho) varia de autor para autor. Trindade (1992) refere-se ao traçado como “Estrada das Missões ou Caminho de Palmas”, enquanto Fernandes (2001, p. 117) chamou-o de “Caminho das Missões ou de Guarapuava”. Ocorre, nessas denominações, a valorização de alguns pousos que foram muito importantes durante o ciclo do tropeirismo e que, mais tarde, transformaram-se em progressistas cidades do Paraná: Palmas e Guarapuava.

O trecho a partir de Castro, em direção a Pirai do Sul, Jaguariaíva, Sengés (Paraná) e Itararé, Itapeva, Itapetininga, Sorocaba e São Paulo (São Paulo) é uma conexão do Caminho das Missões e do antigo Caminho do Viamão.

O Mapa 6 adiante – organizado conforme os traçados de Machado (1963) –, representa todo o percurso desse caminho.



Fonte: Machado, 1963.

**Mapa 6** – Caminho das Missões ou de Guarapuava – Organização: Heverton Cristiano Rosa

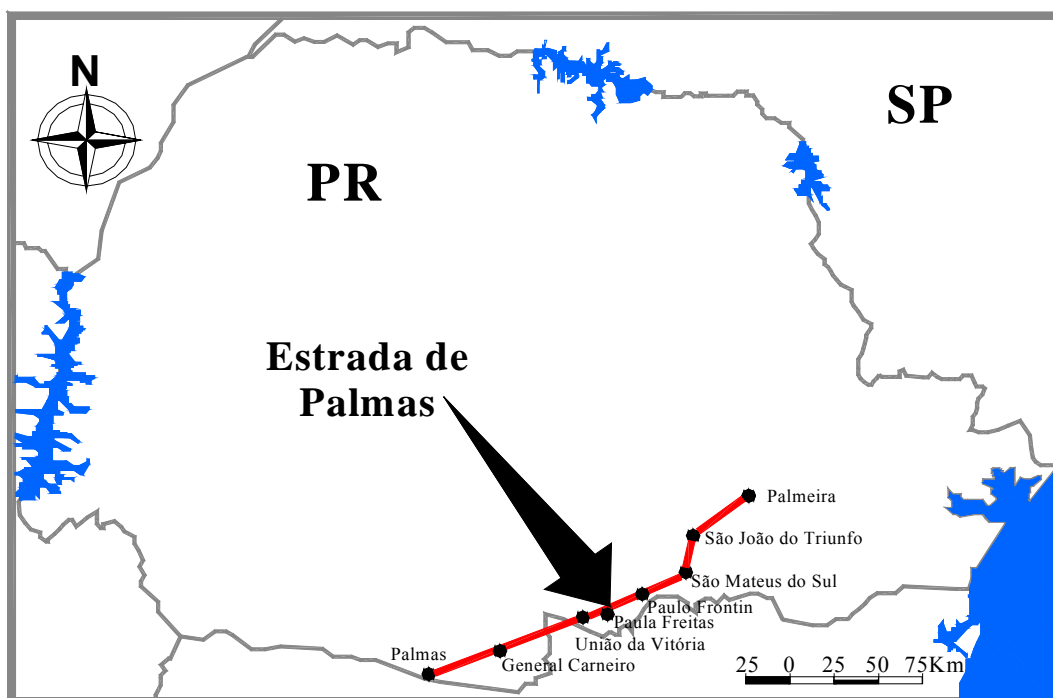
---

predileto, significando rio da onça bom.

**b) Estrada das Missões ou de Palmas** – Para Filipak (2000, p. 81), essa estrada é uma variante do próprio Caminho das Missões, no estado do Paraná, aberta em 1860, com o objetivo de, desviando dos campos de Guarapuava, encurtar o trajeto de Palmas a Ponta Grossa em 28 léguas. O trajeto completo desse caminho inicia-se em Palmas (PR), seguindo para General Carneiro (PR) → Porto Vitória (PR) → União da Vitória (PR) → Paula Freitas (PR) → Paulo Frontin (PR) → São Mateus do Sul (PR) → São João do Triunfo (PR) → Palmeira (PR), conforme, também, os traçados do mapa Caminho das Tropas, de Machado (1963), que está representado, separadamente, neste trabalho, no Mapa 7.

Quando as tropas, percorrendo o Caminho das Missões, através desses dois trajetos, chegavam a Palmeira e a Ponta Grossa, entravam no próprio Caminho do Viamão, pois essas cidades eram o entroncamento dos dois caminhos (FILIPAK, 2000, p. 75).

Essa estrada tornou-se preferida pelos tropeiros porque, além de encurtar a distância entre Ponta Grossa e Sorocaba, em relação ao caminho através de Rio Negro (Caminho do Viamão), computava a vantagem de a região percorrida apresentar topografia menos acidentada e com maiores trechos em campo aberto, com abundância de pastagens.



Fonte: Machado (1963) e Filipak (2000).

**Mapa 7** – Estrada das Missões ou de Palmas – Organização: Heverton Cristiano Rosa Fonte: Machado (1963) e Filipak (2000).

c) - **Caminho do Viamão**<sup>19</sup> – Esse caminho é também conhecido por “Estrada da Mata”, “Caminho de Sorocaba”, “Estrada Real”, “Caminho Viamão (RS)/Sorocaba (SP)”. Iniciava-se na cidade de Viamão (RS) e percorria o seguinte trajeto: Viamão (RS) → Vacaria (RS) → Lages (SC) → Curitibanos (SC) → Santa Cecília (SC) → Mafra (SC) → Rio Negro (PR) → Lapa(PR) → Palmeira (PR) → Ponta Grossa (PR) → Castro (PR) → Piraí do Sul (PR) → Jaguariaíva (PR) → Sengés (PR) – Itararé (SP) → Itapeva (SP) → Itapetininga (SP) → Sorocaba (SP) → São Paulo (SP). Quando se refere ao Caminho do Viamão, Fernandes (2001, p. 117) acrescenta, inclusive, os novos municípios que foram criados com os últimos desmembramentos territoriais que também ficam na trilha dos pousos de tropeiros, apresentando o seguinte percurso: Viamão (RS) → Gravataí (RS) → Santo Antônio da Patrulha (RS) → Rolante (RS) → São Francisco de Paula (RS) → Bom Jesus (RS) → São Joaquim (SC) → Lages (SC) → Curitibanos (SC) → Papanduvás (SC) → Mafra (SC) → Rio Negro (PR) → Campo do Tenente (PR) → Lapa (PR) → Porto Amazonas (PR) → Balsa Nova (PR) → Campo Largo (PR) → Palmeira (PR) → Ponta Grossa (PR) → Castro (PR) → Piraí do Sul (PR) → Jaguariaíva (PR) → Sengés (PR).

Martoni (2005, p. 70), por sua vez, quando se refere ao trajeto do Caminho do Viamão, menciona que os usuários seguiam pelo município de Santo Antônio da Patrulha (Guarda Velha do Viamão) e, em direção ao norte, passavam por Rolante, São Francisco de Paula, Bom Jesus, Passo de Santa Vitória (rio Pelotas), Lages, Ponte Alta, Curitibanos, Ponte Alta do Norte, Santa Cecília, Mafra, Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Palmeira, Ponta Grossa, Castro (antigo pouso de Santana do Iapó dos Campos), Piraí do Sul, Estação Joaquim Murtinho, Jaguariaíva, Sengés, Itararé, Itapeva, Itapetininga, Araçoiaba da Serra e Sorocaba. Esse traçado apontado pelo autor aparece no Mapa 8, a seguir:

---

<sup>19</sup> - Observando-se a paisagem de cima da serra, nota-se que os rios, embaixo, apresentam o formato de uma mão humana. Daí o costume de se dizer “VI A MÃO” (STECA; FLORES, 2002, p. 19).



Fonte: Trindade, 1992. Organização: Rodrigo Meira Martoni.

Fonte: Martoni, 2005, p. 71.

**Mapa 8** – Caminho do Viamão – utilizado desde 1740 (séc. XVIII) até os fins do séc. XIX (em mapa atual)

Conforme Lange (1998, p. 27), a partir do final do século XVII, começou a exportação de gado do sul do País para a região das Minas Gerais, predominando, de início, o rebanho bovino e o cavalariço, e, mais tarde, o mulo. O autor faz menção também a um caminho que saía de Viamão (RS) e alcançava, inicialmente, Laguna (SC) por onde eram transportados os animais que depois seguiam, embarcados, até as Capitânicas de São Vicente, São Paulo e Rio de Janeiro. Lange (1998, p. 28) apresenta ainda outros caminhos que foram abertos posteriormente: a) a partir de Laguna (SC), pela ilha de São Francisco, Três Barras (SC) e pela picada dos Ambrósios; b) de Araranguá (SC), tendo início nos Conventos, subindo a serra; c) partindo de Viamão (RS) → Santo Antônio da Patrulha (RS) → Curitibanos (SC) → Rio Negro (PR). Todos esses caminhos tinham como destino o Registro<sup>20</sup> do Rio Grande de Curitiba (Registro do Iguaçu) e eram conhecidos como “Caminhos do Viamão” (LANGE, 1998, p. 27).

<sup>20</sup> - Ao longo dos Caminhos das Tropas foram instalados os *Registros de Animais* que eram unidades fiscalizadoras do governo português para a arrecadação de impostos cobrados por cabeça de gado vacum, muar e gado cavalariço que passassem com destino às feiras de Sorocaba e de São Paulo. Os principais Registros foram: Rio Negro, Iguaçu (Curitiba), Guarapuava, Itararé, Itapetininga, Sorocaba (ALMEIDA, 1945, p.119-128).

No Registro do Iguaçu e mais tarde no de Rio Negro, as tropas só podiam prosseguir a viagem mediante o pagamento de “direito da passagem per capita”, um imposto que, juntamente com outro pago em Sorocaba, alcançavam um valor significativo para a Província e para a Coroa.

A abertura dos caminhos do sul do País – Caminho do Viamão e Caminho das Missões ou de Guarapuava – por ordem dos governantes portugueses tinha dois objetivos principais: 1) Econômico: trazer as tropas do sul para subsidiar a produção de açúcar, a mineração e as lavouras de café, no centro do País; 2) Político: ocupar e povoar a região Sul que corria o risco de ser ocupada pelos espanhóis.

Já ao segundo grupo de caminhos mencionado na página 50 associamos os três que faziam a ligação entre o Primeiro Planalto e Curitiba com o litoral, conforme apresentado no Mapa 9, página 58 deste trabalho.

**A) Caminho da Graciosa ou Estrada da Graciosa** – Para Wachowicz (2001, p.102), essa estrada origina-se de uma picada utilizada antigamente pelos índios que habitavam o planalto, para descerem para o litoral. Depois, os faiscadores de ouro a avivaram ao subirem pela Escarpa<sup>21</sup>, em direção ao planalto, mas o seu uso foi abandonado pelos viajantes que faziam a ligação entre o litoral e o interior, porque era mais extenso do que os demais existentes e não apresentava condições de trânsito de muares. Mais tarde o caminho recebeu reparos particulares do sargento Simão Cardoso Pazes e do tropeiro Tenente Manuel Teixeira de Carvalho que também contaram com recursos das contribuições feitas pelas populações das vilas de Antonina e de Morretes, por ordem do Governador e General da Capitania de São Paulo, Antônio Franca e Horta. No entanto, a atitude do governador, de certa forma ditatorial, levantou contínuos e veementes protestos por parte da população e câmaras municipais dessas vilas, as mais prejudicadas pelas razões a seguir:

- a Estrada da Graciosa ligava Curitiba a Antonina, passando longe de Morretes. O projeto de recuperação da estrada afastaria o comércio, pois os tropeiros que por

---

<sup>21</sup> - Referência à Escarpa Devoniana que tem início no vale do rio Iguaçu, no sul do Estado, entre os municípios de Lapa e Campo Largo e se estende para além do rio Itararé, já no estado de São Paulo, a norte, até as proximidades do município de Itapeva. Trata-se de uma feição geomorfológica como uma faixa em forma de arco, com cerca de 260 quilômetros de extensão e desníveis altimétricos usualmente entre 100 e 200 metros, podendo atingir 450 metros na região do Canyon Guartelá. Representa um verdadeiro degrau topográfico, com paredes abruptas e verticalizadas, que separa o Primeiro e o Segundo Planalto Paranaenses e recebe o nome de Devoniana porque é sustentada pela Formação Furnas, de idade devoniana (MENEGUZZO; MELO, 2005).

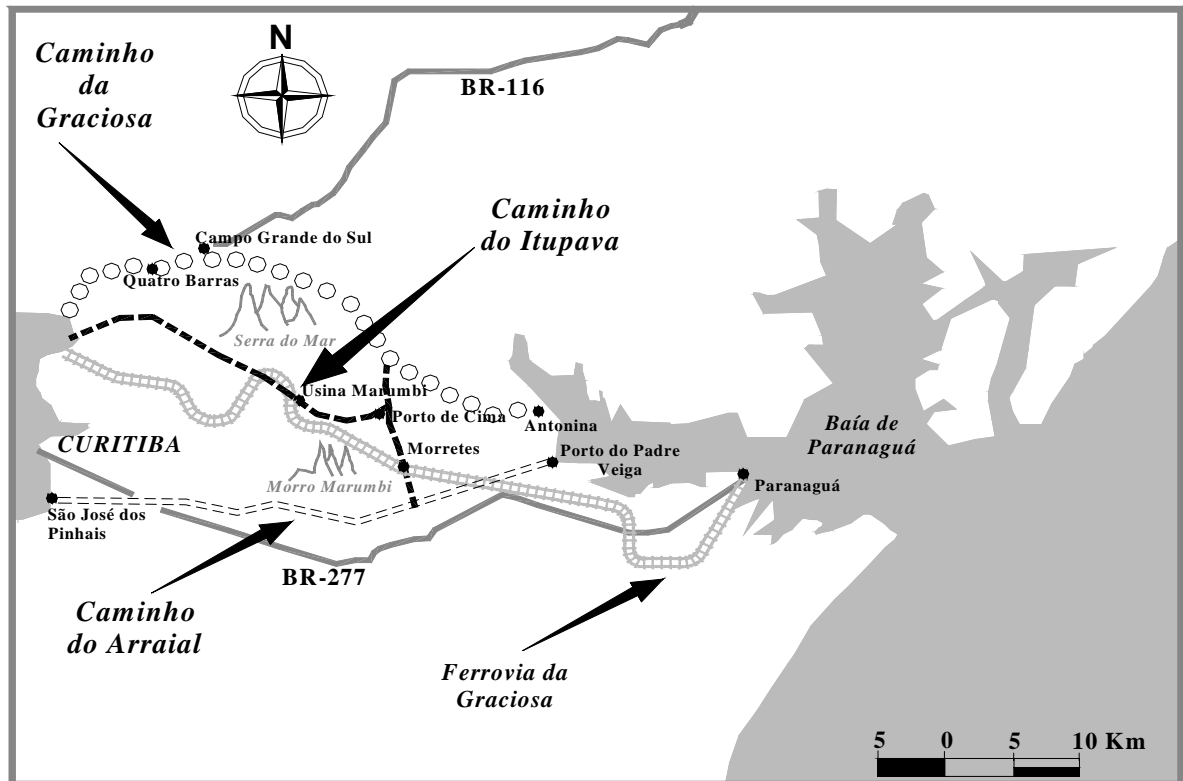
ela transitassem se abasteceriam na praça de Antonina, com grande prejuízo para a de Morretes;

- Antonina levava vantagem como porto, por ser marítimo e poder receber navios, ao contrário, de Morretes, que era fluvial.

Apesar disso, em 1808, o caminho estava aberto e já se realizava o transporte serra abaixo. Porém, a grande maioria dos tropeiros preferia a utilização do caminho chamado de Itupava. Mesmo as tropas que desciam pelo Caminho da Graciosa para Antonina subiam pelo de Itupava, focalizado a seguir.

**b) Caminho de Itupava<sup>22</sup>** - Esse é mais um caminho que ligava o Primeiro Planalto ao litoral paranaense. Inicialmente o Caminho de Itupava só dava trânsito aos pedestres, mas logo se tornou o preferido pelos tropeiros, em detrimento ao da Graciosa, pelas seguintes razões: i) o caminho era mais curto, pois a travessia da Escarpa, desde Curitiba, levava apenas dois dias, enquanto, pelo Caminho da Graciosa, a viagem durava quatro dias; ii) a simpatia e a solidariedade dos tropeiros para com os comerciantes de Morretes, onde fizeram amigos e fregueses (WACHOWICZ, 2001, p. 105). O trajeto do “Caminho de Itupava”, segundo Martins (1953, p. 92), era o seguinte: Curitiba → Porto de Cima (atual Campina Grande do Sul) → Morretes. Esse trajeto permaneceu como principal via de transporte entre o planalto e o litoral até a abertura definitiva da “Estrada da Graciosa”, em 1873.

**c) Caminho do Arraial** - Esse caminho foi utilizado, principalmente, pelos moradores das vilas de São José dos Pinhais e Lapa (antiga Vila do Príncipe) e foi traçado por faiscadores de ouro que habitavam o Arraial Grande (atual São José dos Pinhais), como opção de acesso ao litoral paranaense. Em dias de chuva, tornava-se intransitável e os próprios moradores de sua vizinhança preferiam o Caminho do Itupava. A extensão total do caminho, conforme medição feita pelo Barão de Antonina, em 1829, era de 8 léguas. A designação desse trajeto foi motivada pelo nome do povoado Arraial Grande, já que foi construído pelos mineradores de ouro para propiciar a comunicação da localidade com o litoral e as explorações auríferas feitas por eles na serra (MARTINS, 1953, p.94). O Mapa 9, na seqüência, visualiza esses três caminhos traçados em território paranaense.



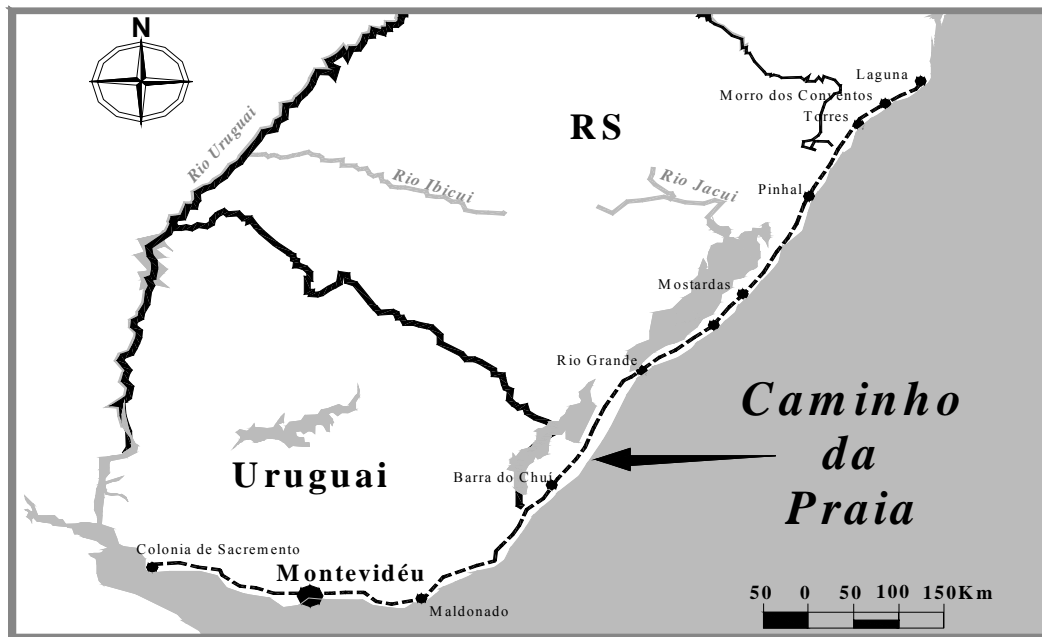
Fonte: Habitzreuter, 2000. Organização: Rodrigo Meira Martoni.

Fonte: Martoni, 2005, p. 49

### Mapa 9 – Os primitivos caminhos da serra do mar paranaense

Como vimos, vários caminhos foram abertos ligando o sul, o sudeste e o centro-oeste do Brasil, por onde passaram as tropas transportando alimentos que abasteciam as populações dos pousos, que serviram de embrião para os futuros povoados, e entregando correspondências, recados, notícias (familiares, amigos ou comerciais). Somente como ilustração, vale lembrar outros caminhos antigos também significativos para o desenvolvimento do estado do Paraná e, conseqüentemente, para o Brasil, que figuram na história do Brasil como de importância fundamental para as ocupações dos vazios demográficos da região Sul. Os Mapas 10 e 11, organizados por Martoni (2005, p. 57-58), ilustram esses caminhos (vide página seguinte).

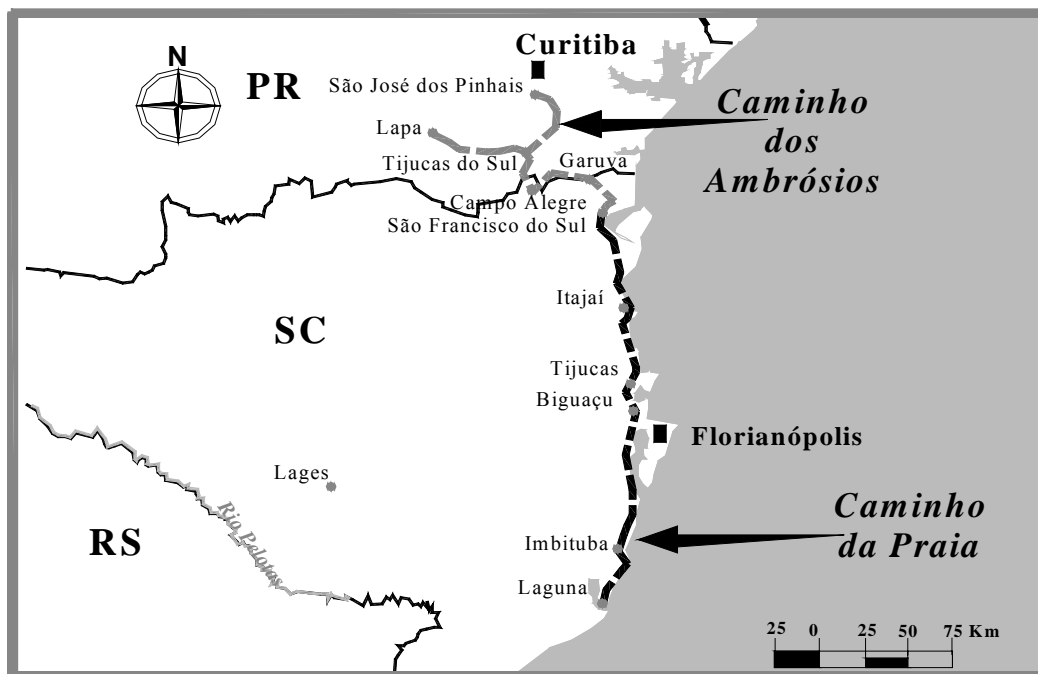
<sup>22</sup> - Segundo Tibiriçá (1985, p. 70), *itupaba* vem do tupi *ytupaba* que significa a parte do rio ou lago onde deságuam as águas de uma cachoeira ou corredeira.



Fonte: Brum, 1999. Organização: Rodrigo Meira Martoni.

Fonte: Martoni, 2005, p. 57.

**Mapa 10** – Caminho da Praia ou estrada do Inferno



Fonte: Schmidlin, 2004. Organização: Rodrigo Meira Martoni.

Fonte: Martoni, 2005, p. 58)

**Mapa 11** – Caminho dos Ambrósios (no estado do Paraná) e o trajeto de laguna (SC) – (continuação do Caminho da Praia).

Objetivamos demonstrar, até aqui, com a apresentação de mapas e a descrição dos trajetos elaborados por alguns pesquisadores, os antigos caminhos que ligavam as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do País e aqueles que faziam a ligação do litoral do Paraná com a região dos Campos de Curitiba e o Primeiro Planalto que muito contribuíram para a história de desenvolvimento do país.

Na seqüência, como parte final deste capítulo, destacamos a questão da imigração no território paranaense, acontecimento do século XIX incentivado pelo governo brasileiro, com o objetivo de incrementar a produção agrícola, industrial e comercial na região e, ao mesmo tempo, promoveu a ocupação de espaços vazios do território.

## 2.4 A IMIGRAÇÃO

Até meados do século XIX, o território paranaense era pouco povoado. Existiam apenas alguns núcleos de povoação no interior - Guarapuava, Palmas, Rio Negro, Castro, Tibagi, cuja população vivia amedrontada por índios hostis que atacavam os moradores e tropeiros. Com a lei Eusébio de Queiroz<sup>23</sup>, de 1850, que proibia a entrada de escravos africanos no Brasil, a dificuldade gerada para aquisição desse tipo de trabalhador provocou carência de mão de obra, o que levou o Governo Imperial a tomar medidas com o fim de acelerar a imigração européia no País (WACHOWICZ, 2001, p. 145-158).

Segundo ainda Wachowicz (2001, p.146-158), o governo brasileiro implantou o sistema de colônias agrícolas onde assentava os imigrantes que começavam a entrar no País. No Paraná, os primeiros grupos de imigrantes chegaram a partir de 1829:

1829 – às margens do Rio Negro – alemães.

1847 – Colônia Teresa Cristina, à margem do rio Ivaí – franceses.

1852 – Colônia Superagui, na entrada da Baía de Paranaguá – suíços e alemães.

---

<sup>23</sup> - Decreto-lei nº 584, de 04 de setembro de 1850 que estabelecia novas e definitivas medidas para a repressão ao comércio de escravos, que teve no Ministro da Justiça Eusébio de Queiroz o principal responsável pelo movimento em prol da extinção do tráfico de escravos no Brasil (TAPAJOS, 1946, p. 401).

1859 – Colônia Assungui, a 109 km de Curitiba – franceses, ingleses, italianos, alemães, espanhóis e suecos.

1869 – Colônia Argelina, em Curitiba – franceses.

1871 – Colônia Pilarzinho, em Curitiba – poloneses.

1873 – Colônia Abranches, em Curitiba – poloneses.

1875 – Colônias Santa Cândida e Orleans, em Curitiba – poloneses.

1876 – Colônias Santo Inácio, Riviera, D. Augusto, D. Pedro, Lamenha e Tomás Coelho, em Curitiba – poloneses.

A partir de 1877, contingentes de imigrantes russo-alemães do Volga<sup>24</sup> foram estabelecidos nos municípios de Lapa, de Palmeira e de Ponta Grossa. Entretanto, a terra destinada a eles era de péssima qualidade e improdutiva, o que provocou um descontentamento geral entre os novos habitantes por se sentirem ludibriados. Um grande número desses imigrantes abandonou o Brasil e os que ficaram se estabeleceram em outros locais, dedicando-se ao transporte, principalmente, da erva-mate, com o carroção eslavo<sup>25</sup>, puxado por três parelhas de cavalos.

Depois do fracasso da imigração russo-alemã, a política imigratória do governo ficou interrompida por um período. Somente a partir de 1885, o presidente Alfredo d'Escagnolle Taunay<sup>26</sup> retomou os programas de imigração e o primeiro ato, nesse sentido, foi estimular o retorno da imigração polonesa no Paraná, o que desencadeou a criação de várias outras colônias nas proximidades de Curitiba, a saber:

1885/1886 - Colônias Mendes Sá e Cristina, em Campo Largo;

- Colônia Barão de Taunay, em Araucária;

<sup>24</sup> - A designação russos-alemães era atribuída ao grupo de imigrantes alemães que vieram para o Brasil no século XIX, depois de um longo período de vida em colônias por eles fundadas em terras russas na região do rio Volga, próximo ao mar Cáspio na Rússia, mais precisamente nas regiões de Saratov e Sâmara (AUER, 2006).

<sup>25</sup> - Introduzido no Brasil, no começo do séc. XX, o carroção eslavo é maior do que a carroça colonial, cuja finalidade era a de transportar mercadorias e pessoas, meio de transporte muito comum nos estados brasileiros sulinos. O carroção de origem polonesa ou ucraniana atrela de três a oito animais, enquanto o de origem alemã, de dois a dez, conforme o peso da carga e a topografia do terreno (ENCICLOPÉDIA BARSÁ, 1977, p. 96). O qualificativo *eslavo* determina o local de procedência, numa referência à Europa central e oriental e que se divide em três grandes subgrupos: eslavo ocidental (poloneses e checos e eslovacos), eslavo meridional (búlgaros, servo-croatas e eslovenos) e eslavo oriental (russos e ucranianos) (FERREIRA, A., 1999, p.800-801).

<sup>26</sup> - Segundo Wachowicz (1969, p. 321), o presidente Alfredo d' Escagnolle Taunay nasceu no Rio de Janeiro, em 22.02.1843, foi engenheiro-militar, escritor, historiógrafo, deputado provincial, presidente das províncias de Santa Catarina, em 1876 e do Paraná, em 1885-1886. Urbanizou a cidade de Curitiba, percorreu o interior da Província, incentivou a imigração européia para a Província, notadamente a polonesa. Foi, ainda, romancista, cronista e deixou sobre o Paraná, duas obras referentes às suas viagens pela Província “Visões do Sertão” e “Paisagens brasileiras”. Foi consagrado como um dos principais escritores brasileiros com as obras “Retirada de Laguna” e “Inocência”.

- Colônias Gabriela, Antônio Prado, Presidente Faria e Maria José, em Curitiba.

Com as tensões militares provocadas pela Questão de Palmas (disputa de terras entre Brasil e Argentina), o império fundou as colônias militares do Chapecó e do Chopim, em 1882. Assim, a partir de 1890, iniciou-se a fixação de imigrantes na região, à margem direita do rio Iguaçu, dando origem às seguintes colônias:

1890 – Colônia São Mateus;

1891 – Colônias Água Branca, Santa Bárbara, Palmira e Rio Claro;

1892 – Colônias Eufrosina, General Carneiro e Santa Galo;

1895 – Colônia Antônio Olinto;

1896 – Colônias Prudentópolis e Mallet.

Novamente, em 1895, os serviços de imigração no Estado foram interrompidos, desta vez, em virtude da Revolução Federalista<sup>27</sup>. Esses serviços só foram retomados em 1907, quando ocorreu a abertura de novas colônias federais mais no centro do Estado, com predominância de imigrantes poloneses:

1907 – Colônia Senador Corrêa e Ivaí;

1908 – Colônia Irati;

1909 – Colônia Vera Guarani;

1910 – Colônia Cruz Machado.

Outros assentamentos de imigrantes aconteceram depois:

1911 – holandeses em Carambeí que pertencia ao município de Castro;

1934 – Colônia Terra Nova, de alemães, também nos arredores de Carambeí e Colônia Castrolanda, de holandeses, no município de Castro;

1951 – em Palmeira, localizaram-se os alemães menonitas<sup>28</sup>;

---

<sup>27</sup>- Revolução que começou em setembro de 1893, no Rio Grande do Sul, entre os federalistas (maragatos) que apoiavam as idéias políticas do líder gaúcho Silveira Martins, e os legalistas (pica-paus) – os florianistas, que apoiavam o presidente Marechal Floriano Peixoto. A revolução se estendeu a Santa Catarina e entrou no Paraná, em janeiro de 1894, com as tomadas de Tijucas do Sul, Curitiba e Paranaguá pelos federalistas. Enquanto cercavam Lapa, que era defendida pelos homens do Coronel Gomes Carneiro, o governo republicano organizava suas tropas em São Paulo e se reforçava, com uma frota de guerra provinda dos Estados Unidos, para contra-atacá-los. Percebendo a iminência de um violento contra-ataque florianista, os federalistas deixaram os postos de comando e, com isso, criou-se um pânico entre os maragatos que bateram em retirada e as cidades paranaenses tomadas foram evacuadas provocando o fim da revolução (WACHOWICZ, 2001, p.163-172).

<sup>28</sup>- Segundo Houaiss (2001), “menonita” significa “relativo ou membro de uma seita e, posteriormente, denominação protestante surgida no séc. XVI de uma corrente moderada de anabatistas holandeses e de outros grupos anabatistas (como os opositores de Zwingli [1484-1531], na Suíça), caracterizada pela rejeição de autoridade eclesiástica, separação do Estado, não-resistência e pacifismo, e conhecida especialmente pelas comunidades fechadas e conservadoras fundadas por imigrantes na América do Norte”.

– nos Campos de Guarapuava, fixou-se também, um grupo de alemães, refugiados da região do Danúbio e fundaram a Colônia Entre Rios.

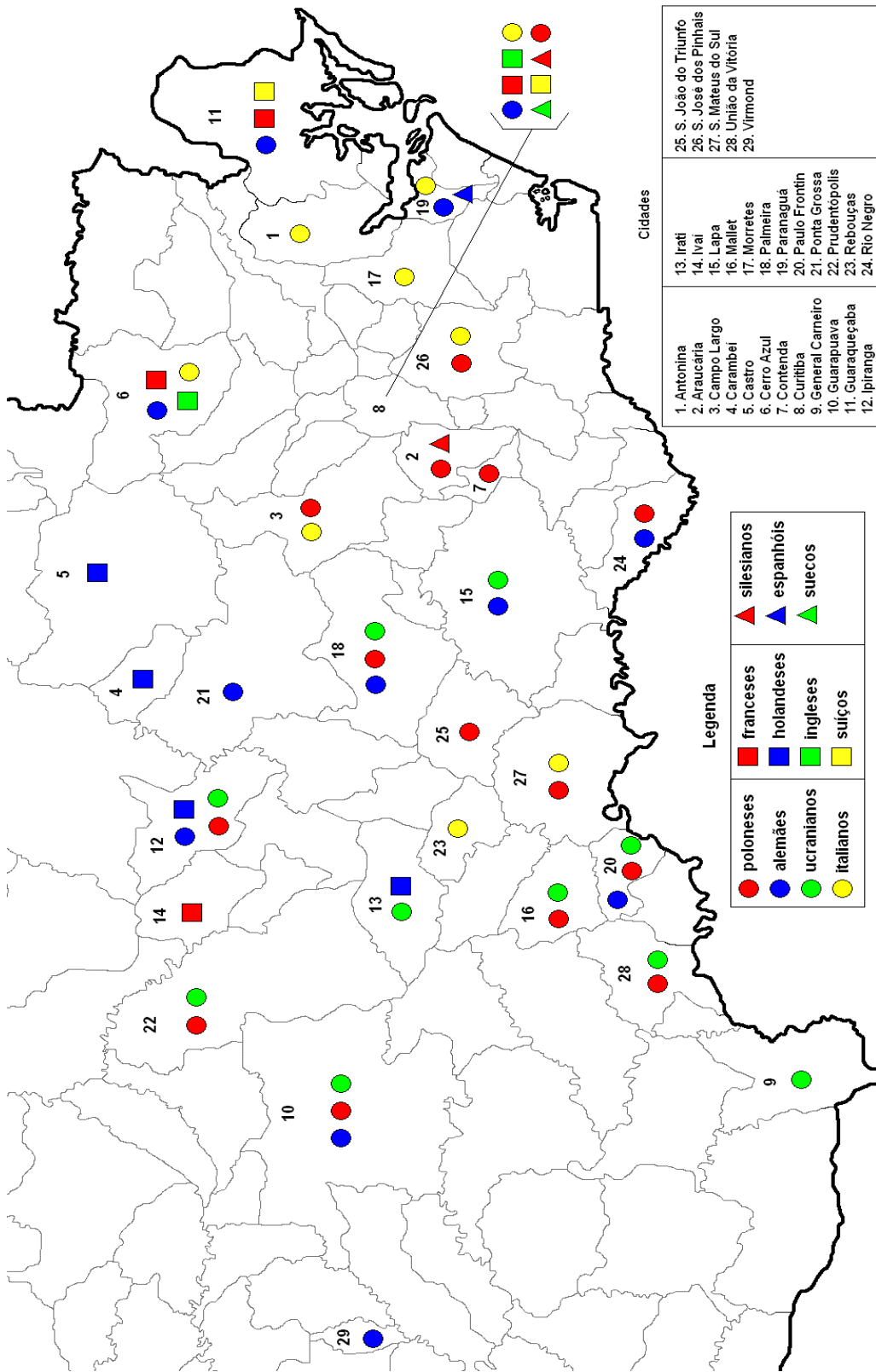
Em síntese, o estado do Paraná recebeu, até o ano de 1948, conforme Wachowicz (2001, p. 158), os seguintes contingentes imigratórios, assim distribuídos, segundo a nacionalidade:

<b>IMIGRANTES</b>	<b>CONTINGENTES</b>
Poloneses	57.000
Ucranianos	22.000
Alemães	20.000
Japoneses	15.000
Italianos	14.000

Outros grupos menores, também frutos de correntes migratórias, se fixaram no Paraná, durante o século XIX e a primeira metade do século XX: franceses, austríacos, ingleses, russos, suíços, holandeses, espanhóis e portugueses.

Lembramos que nesta subseção tratamos especificamente da imigração incentivada por programas governamentais, com objetivos de ocupação de espaços vazios do nosso território e o fomento da produção agrícola, diferentemente, do que ocorreu com a imigração exploratória dos séculos XV (espanhóis), XVI (portugueses) e XVII (holandeses), citada na página 21.

Finalizando este Capítulo, apresentamos o Mapa 12, que ilustra os núcleos de imigrantes que se fixaram no estado do Paraná, no período de 1829 a 1951.



Fonte: Wachowicz, 2001, p. 145 - 160

**Mapa 12** – Distribuição do contingente imigratório no paraná no período 1829-1951  
 Organização: Gleyde Milani

Tendo em vista a nossa proposta de pesquisa, além dos postulados oriundos da Lingüística Geral, orientaram os estudos os princípios defendidos pela Toponímia, pela Sociolingüística e pela Etnolingüística.

## **CAPÍTULO 2**

### 3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

#### 3.1 LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE.

Conforme Isquierdo (1996, p. 2), a língua é uma instituição social e um sistema de valores e funciona como veículo de manifestações culturais, de formas de comportamento e de correntes ideológicas. Particularmente pelo estudo da língua fazemos descobertas importantes acerca de momentos históricos, que marcaram a vida de um grupo social, entendemos o pensamento e compreendemos expectativas de vida do povo de cada época, habitante de determinado espaço geográfico. Assim, pela língua podemos entender a sociedade, já que ela acumula aquisições culturais que representam essa sociedade.

Nessa perspectiva sociocultural da linguagem, faz-se necessário definir “cultura” para melhor situarmos o usuário da língua como indivíduo que vive em comunidade. Entendemos, pois, que a posição de Eliot (apud ELIA, 1987, p. 48) evidencia vários elementos importantes para discussão do conceito de cultura:

Por `cultura` então, eu entendo antes de mais nada o que os `antropólogos` significam: o modo de viver de um povo determinado vivendo em

comunidade no mesmo lugar. Essa cultura manifesta-se nas artes, no sistema social, nos hábitos e costumes, na religião. Mas tais coisas somadas umas às outras não constituem a cultura, embora falemos freqüentemente por conveniência como se assim fosse. Essas coisas são simplesmente as partes em que uma cultura pode ser anatomizada, como ocorre com o corpo humano. Mas justamente como um homem é algo mais que um amontoado das várias partes constitutivas do seu corpo, assim a cultura é mais do que a reunião de suas artes, hábitos e crenças religiosas.

Eliot complementa seu conceito afirmando que “agora é óbvio que uma unidade de cultura é aquela do povo que vive em comunidade e fala a mesma língua; porque falar a mesma língua significa pensar e sentir e experimentar emoções diferentemente do povo que fala outra língua” (apud ELIA, 1987, p. 49).

Já Sapir (1961, p. 18), para explicar a função cultural da linguagem, compara o ato de *andar* que é uma função orgânica e instintiva com o de *falar*, uma função não instintiva, adquirida, isto é, uma função cultural. O lingüista lembra que um recém-

nascido removido de seu meio social para um outro completamente estranho desenvolverá naturalmente sua capacidade lingüística, mas a fala ficará em completa discordância com a praticada no ambiente social em que nasceu.

O homem, após longo período vivenciando apenas uma comunicação restrita a sons guturais, passou a desenvolver a linguagem articulada que se tornou o seu principal instrumento de interação. Nessa comunicação diária e constante, o homem vai criando um acervo verbal de seu idioma. A respeito disso, Biderman (1981, p. 134) postula que

o *acervo verbal* de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o ambiente físico como com o meio cultural.

E, desta forma, o léxico pode ser considerado, no entender da pesquisadora, o tesouro vocabular de uma determinada língua. Biderman (1981, p. 132) reafirma a convicção de Matoré (1953) de que “é pela palavra (diríamos a nomeação) que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes”. Por sua vez, Carvalho (1973, p. 18-19) atribui à cultura

uma acepção rigorosamente objetiva e técnica, dentro da qual é possível afirmar que todo o ser humano adulto normal, integrado numa sociedade, desde o mais `selvagem` e `primitivo` ao mais `civilizado` e evoluído, participa de uma *cultura* e realiza *atividades culturais*.

Lembra o autor que “esse é o sentido em que as palavras são ou devem ser usadas na ciência humana conhecida pelos nomes de Etnologia ou Antropologia Cultural”, por isso, nessa linha de pensamento, define *cultura* como “todo o conjunto de atividades que são realizadas pelo homem como membro de uma comunidade” (CARVALHO, 1973, p. 19).

No escopo dessa discussão, Lyons (1982, p. 274) destaca que “cada sociedade tem a sua própria cultura e diferentes subgrupos dentro de uma sociedade podem ter a sua própria subcultura distintiva”. O autor define cultura como “conhecimento adquirido socialmente, isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de

determinada sociedade”. Nessa perspectiva, cada grupo social reúne particularidades culturais que podem, pelos nomes utilizados para a identificação dos lugares, refletir diferentes realidades, ao tempo em que evidenciam valores próprios desse grupo. Isto porque é pela linguagem que o homem vai nomeando a realidade que o cerca, considerando sua cultura, suas necessidades locais e as características do ambiente físico, fatores que influenciam sua linguagem e a sua maneira de ver o mundo.

Ao tratar da influência do ambiente físico na moldagem da linguagem do homem, Sapir (1961, p. 44), além de esclarecer sua concepção de “ambiente”, diferencia os fatores físicos dos sociais:

De maneira geral, é melhor empregar o termo `ambiente` apenas quando se faz referência a influências, principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem. Não obstante, tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender o termo `ambiente` tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Sapir (1961, p. 45) também alerta, ao tratar da influência do ambiente físico na língua de um povo, que esse ambiente “só se reflete na língua na medida em que atuaram sobre ele as forças sociais”. E, para ilustrar essa posição, o lingüista esclarece que “apenas pela mera existência de uma espécie animal no ambiente físico de um povo não basta para fazer surgir um símbolo lingüístico correspondente”, é preciso, isto sim, ”que o animal seja conhecido pelos membros do grupo em geral e que eles tenham algum interesse, por mínimo que seja, antes da língua da comunidade ser levada a reportar-se a esse elemento particular físico”. Nesse sentido, a descoberta de um novo animal que passa a fazer parte do ambiente social ou cultural de um povo, porque lhe desperta algum tipo de interesse, precisa imediatamente de um nome que o identifique no contexto do grupo, e só a partir desse processo é categorizado e identificado no ambiente em questão. Uma disciplina, em especial, se ocupa da função que a palavra desempenha na identificação dos seres: a Lexicologia.

### 3.2 LEXICOLOGIA

Segundo Vilela (1994, p. 10), “a Lexicologia costuma ser definida como a ciência do léxico de uma língua [...] e tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações”. Biderman (1998, p. 14), por sua vez, define Lexicologia como “ciência antiga que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. Desta forma, o léxico, como objeto de estudo da Lexicologia, na concepção de Biderman (1998, p.11), “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. A pesquisadora classifica a nomeação da realidade “como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo”.

Cada vez que o homem nomeia um referente extralingüístico, usando a *palavra* para sua identificação, é como se, somente a partir daí, aquele referente passasse mesmo a existir. Trata-se do registro de uma existência até então despercebida. Assim, pela ação de nomear, o homem vai conquistando o seu ambiente, os seus espaços, o mundo. Mas o que vem a ser o nome senão a própria palavra com função identificadora?

A palavra é a unidade básica da Lexicologia, pois pela palavra as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. Para Biderman (1998, p. 112),

quando o referente é um objeto da realidade física a nomeação pode chegar a um grau máximo de identidade entre palavra e coisa referida praticamente identificando o nome com seu referente. É o caso dos nomes próprios, sobretudo topônimos.

Já Pottier et al (1972, p. 26-27) definem *lexia* como “a unidade lexical memorizada”. Quando falamos “quebrar o galho”, “Nossa Senhora!”, “bater as botas”, não construímos essas combinações no momento da fala, mas as tiramos do conjunto de nossa *memória lexical*. Por exemplo, *pé-de-cabra* pode ser uma *lexia*, no sentido de ser uma ferramenta, ou como resultado de uma construção sintática de discurso, se se tratar do pé do animal. Segundo os autores, as *lexias* se distinguem da seguinte forma: a) *lexia simples* – quando formada por um único segmento, isto é, de formas simples como em *árvore*, *carro*, *gato*; embora, morfologicamente, possam ser complexas, sempre correspondendo à palavra

tradicional; b) *lexia composta* – formada por uma integração semântica, manifestada formalmente, ligadas por hífen como em “primeiro-ministro”, “guarda-roupa”, “mãe-de-santo”; c) *lexia complexa estável* – formada por várias unidades separadas por brancos e não ligadas por hífen como em “ponte levadiça”, “mortalidade infantil”, “estação espacial”, “cesta básica”, “dona de casa” e d) *lexia textual* – formada por seqüência significativa “quem tudo quer, tudo perde”, “em rio que tem piranhas, jacaré nada de costas” (POTTIER et al, 1972, p.27).

A dinamicidade do mundo moderno é responsável pelo surgimento de formações lexicais que já compõem o léxico da língua portuguesa, principalmente nos campos da tecnologia, da política, da engenharia. Assim, palavras como “hardware”, MST (Movimento dos Sem Terra), ONU (Organização das Nações Unidas) surgem como forma de simplificação de uma expressão maior. Nesse processo, o uso de siglas como recurso de criação de uma nova *lexia* apresenta-se muito produtivo.

Partindo, assim, do princípio de que a Lexicologia é a ciência que estuda o léxico de uma língua; que esse léxico reúne o conjunto de palavras da língua; que o acervo vocabular configura-se como signos de representação da realidade, focalizamos, na seqüência, o signo lingüístico, a partir da concepção de Ferdinand de Saussure.

### 3.3 O SIGNO LINGÜÍSTICO

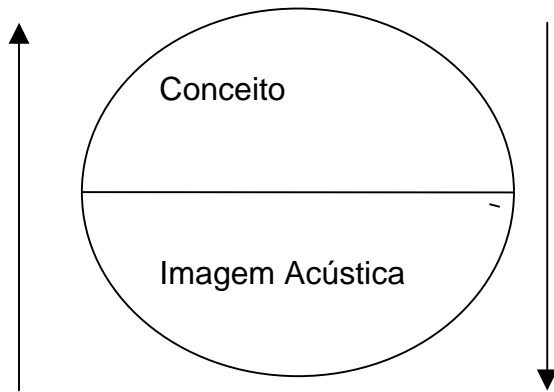
Para Saussure (1971, p. 80)<sup>29</sup>,

o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas sim à impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.

---

<sup>29</sup> - A 1ª edição do Cours de Linguistique Générale é de 1916. Edição utilizada neste trabalho: 3ª edição, de 1971, da Editora Cultrix Ltda, São Paulo (SP), tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

Como entidade psíquica de duas faces, pode-se representar o signo lingüístico com a seguinte figura:



Na própria teoria saussureana, as designações “imagem acústica” e “conceito” foram substituídas por *significante* e *significado*, respectivamente, que procuram evidenciar a oposição que as separa e que permitem uma aplicação mais adequada quando o signo não é vocalizado. *Significante* seria a parte material do signo (o som, os traços pretos sobre o papel branco formando uma palavra, ou traços de um desenho que representa, por exemplo, um cão) e *significado*, o conceito veiculado por essa parte material, seu conteúdo, a imagem mental por ela fornecida (SAUSSURE, 1971, p. 81). Segundo o lingüista, não há signo sem *significante* e *significado*, já que esses elementos constitutivos do signo são indissociáveis.

Para Saussure, a designação signo deve ser entendida como *signo lingüístico*, especificamente. O lingüista aponta a arbitrariedade do signo e a linearidade do *significante* como características primordiais do signo lingüístico. Assim, na perspectiva do lingüista genebrino, não há uma relação necessária entre o signo e o objeto representado, ou ainda, entre o *significante* e o *significado*, há, sim, um laço arbitrário. Distingue-se do símbolo que nunca é completamente arbitrário, como por exemplo, o símbolo da justiça (uma balança) que não poderia ser substituída por outro (uma luva, uma caneta, um carro, etc.) para identificar o referente em questão (SAUSSURE, 1971, p. 82).

Já com relação à outra característica apontada para o signo, a linearidade, Saussure defende que, sendo o *significante* de característica auditiva, desenvolve-se no tempo e, com isso, tem as características que toma do tempo, quais sejam: representa uma extensão e essa extensão é mensurável numa só dimensão – uma linha (SAUSSURE, 1971, p. 84). O

autor compara, para evidenciar essa relação, os significantes visuais (sinais marítimos, etc) que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, com os significantes acústicos que dispõem apenas da linha do tempo, cujos elementos se apresentam um após outro formando uma cadeia. Esse caráter linear do significante aparece imediatamente quando o representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos.

A definição de signo lingüístico é fundamental para o estudo do signo toponímico objeto de estudo da toponímia, área de conhecimento focalizada no item 4 deste Capítulo.

### 3.4 A TOPONÍMIA: DEFINIÇÃO E ÁREA DE ESTUDO

Rostaing (1969, p.5)<sup>30</sup> define a proposta da Toponímia ao informar que “la Toponymie se propose de rechercher la signification et l’origine dès noms de lieux et aussi d’étudier leurs transformations”<sup>31</sup>. Já Dick (1990b, p. 119) postula que a Toponímia é “um imenso complexo linguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. A pesquisadora descreve a etimologia da palavra toponímia, como de origem das palavras gregas *Topos* (lugar) e *Onyma* (nome) que quer dizer “o nome de lugar”, isto é, ciência que se ocupa do estudo da origem e da significação dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, abrangendo os de natureza física (rios, riachos, córregos, morros, serras, montes, etc) e os de natureza antropocultural (aldeias, povoados, patrimônios, distritos, cidades, bairros, jardins, conjuntos, residenciais, etc). Por sua vez, Salazar-Quijada (1985, p. 18) define Toponímia como “aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socioeconômicos y antro-lingüísticos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista”<sup>32</sup>.

Analisando as três definições, notamos que elas se complementam. Rostaing apresenta uma preocupação quanto à significação e à origem dos nomes, sem, no entanto,

<sup>30</sup> - Utilizamos para este trabalho a 7ª edição, de 1969. A 1ª edição foi publicada em 1945.

<sup>31</sup> - “a Toponímia se propõe investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e também estudar suas transformações” (TN = Tradução nossa).

manifestar-se quanto à importância dos dados das demais ciências nos estudos toponímicos, aspecto esse, realçado por Dick, para quem é preciso recorrer-se sempre às informações da História, da Geografia, da Etnolinguística, da Antropologia, da Sociologia, da Botânica, com vistas a desvendar a verdadeira origem do signo toponímico. Salazar-Quijada, por sua vez, demonstra, em sua definição, uma preocupação maior com os aspectos geo-históricos, sócio-econômicos e antroponímicos que podem interferir na origem e na manutenção dos nomes de lugares.

Como disciplina, a Toponímia estuda os nomes próprios de lugares (os nomes geográficos) denominados de topônimos. Junto à Antroponímia (estudo dos nomes de pessoas) insere-se numa ciência maior, a Onomástica, que trata do estudo dos nomes próprios em geral. Quando designamos um lugar com um nome, constituímos um conjunto – ocorre uma relação binômica, ou seja, uma conexão entre o acidente geográfico (o morro, o rio, a serra, etc.) e o nome atribuído a ele. Nessa perspectiva, no topônimo “rio Tietê” (AF SP), “rio” indica o acidente geográfico nomeado e “Tietê” o nome de batismo daquele acidente, o topônimo. Essa formação de acidente nomeado (termo genérico) e o nome que recebeu (termo específico) constituem um sintagma toponímico, vulgarmente chamado de nome de lugar (DICK, 1999, p. 138).

O *sintagma* é definido por Saussure (1971, p. 142) como toda combinação que se apóia na extensão existente entre duas ou mais unidades consecutivas do discurso que, em virtude de seu encadeamento, estabelecem “relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo”. Para Carvalho (1973, p. 404), “o sintagma é um todo que se pode decompor ou analisar em várias entidades sucessivas dispostas no plano sintagmático, que forma as relações sintagmáticas”.

As duas definições enfatizam a questão do encadeamento e da disposição das unidades em sucessão dentro do discurso, principais fatores que garantem as relações sintagmáticas entre os termos.

O topônimo (nome de lugar) dentro do sintagma toponímico apresenta-se sob formas variadas e com funções especiais. É o que será tratado na seqüência deste Capítulo.

---

<sup>32</sup> - “aquele ramo da Onomástica que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, sócio-econômicos e antroponímicos, que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (TN).

### 3.4.1 O Topônimo

Conforme Dick (1990b, p. 10), a estrutura do sintagma toponímico compreende dois elementos - a designação do nome próprio de lugar (o topônimo) que se liga ao acidente geográfico que identifica. Nesse conjunto designativo, segundo a pesquisadora, destacam-se o *termo ou elemento genérico* (o próprio acidente geográfico que irá receber a denominação), seguido do *elemento ou termo específico* (o topônimo = o nome do lugar) que particulariza, identifica e singulariza a noção espacial daquele acidente geográfico que participa do ato designativo.

Esses elementos, afirma Dick (1990b, p. 10), “atuam no sintagma toponímico de duas formas: por justaposição, como em “rio das Amazonas”, ou por aglutinação, como em “Paraúna” – rio negro –, conforme, portanto, a natureza da língua que os inscreve”. Como podemos perceber na forma Paraúna (forma aglutinada Pará... rio, mar + una... preto, negro: “rio negro”, de origem tupi), aparecem, constituindo um único bloco, o acidente e o topônimo.

Merece registro a grande incidência, na toponímia brasileira, de topônimos constituídos de formas aglutinadas que, na composição do sintagma toponímico, podem aparecer em diferentes posições. De acordo com Dick (1990a, p. 230-232), o elemento “i” /y/ e sua variante mórfica /u/ e “paraná” como elementos genéricos relativos a cursos d’água compõem a formação de muitas palavras do nosso vocabulário. Para ilustração dessa incidência, a autora menciona “Tatuí” (o rio dos tatus) e “Capivari” (o rio das capivaras) em que o elemento “i” aparece em posição sintagmática final; já em “Iguaçu” (rio grande) e “Iberaba” (água clara, rio claro) o elemento ocorre em posição sintagmática inicial; “Sergipe” (no rio dos siris) exemplifica a ocorrência do elemento “i” em posição sintagmática medial, com a aposição final da partícula **pe** equivalente a “em”, “a”, “para”, “por”.

A formação sintagmática acontece em iguais proporções nas duas seqüências, como mencionado. O topônimo “Ivaí”<sup>33</sup>, de origem tupi “Ybá”...a fruta, a flor +”y” (i)... água, rio : rio das frutas, ou das flechas exemplifica bem a formação aglutinada (SAMPAIO, 1928, p. 237). Quando efetuamos o estudo etimológico da lexia “Ivaí”, observamos a presença do elemento genérico, em posição sintagmática final: “i” (rio) + o

<sup>33</sup> - Nome de rio do Paraná que motivou o surgimento de outros topônimos de espaços urbanos, como Ariranha do Ivaí, Ivaí, Ivaiporã, Nova Aliança do Ivaí, Rio Branco do Ivaí, Rosário do Ivaí, Santa Isabel do Ivaí, São Carlos do Ivaí, São João do Ivaí, São Jorge do Ivaí, São Pedro do Ivaí.

elemento específico “Yba” > Ivã... (a fruta, a flecha). E quando escrevemos “rio Ivaí” estamos informando **rio rio das frutas**. Na formação por justaposição ocorre a seqüência (acidente geográfico + o nome dado, em língua não aglutinada) como em “rio São Francisco” (AF AM). A composição do signo toponímico por justaposição pode ocorrer de forma simples – quando o elemento específico for constituído de um só formante – como em (rio Pedreira) –, ou de forma composta – no caso de o elemento específico ser constituído de dois ou mais vocábulos (Rosário do Ivaí – AH PR). Em alguns casos, os topônimos são lexias (simples ou compostas) formadas por elementos lingüísticos oriundos de duas ou mais línguas distintas: são os nomes híbridos ou *hibridismos*. Exemplo de hibridismo no *corpus* deste estudo é Três Monjolos – formado por elementos das línguas portuguesa (Três) e quimbundo (Monjolos) – que identifica um povoado no município de Ivaí. Outro processo bastante comum na formação de topônimos é a da *derivação* por sufixação. São casos desse tipo de formação no *corpus* desta pesquisa: Taboãozinho, Imbituvinha, Rondinha, Faxinalzinho, Areião, Buracão, Caixão, Avencal, Jaboticabal, dentre muitos outros.

Ao abordar a questão da estruturação dos topônimos, Dick (1999, p. 137) assinala modelos que se tornam mais visíveis que outros ocupando lugar de destaque na nomenclatura da toponímia brasileira:

Etp: el.ddo + el. dte = sb + adj, o que significa que a estrutura toponímica (Etp) é constituída de um elemento determinado (el.ddo ou termo genérico) seguido de um elemento determinante (el.dte ou termo específico, propriamente dito), ou seja, de um substantivo (rio) + adjetivo (grande) = Rio Grande, ou de um substantivo (rio) + um substantivo (cachoeira) = Rio Cachoeira.

A pesquisadora apresenta, ainda, outras variações que podem ocorrer na “estrutura toponímica, conforme o termo seja simples, composto ou híbrido, e derivações: sb + sf.dim; sb +mf. pl; sb + conec. + adj.; sb + sf.dim. + mf. pl.; sb + sf. aum”<sup>34</sup>, estruturas que exemplificamos, a seguir, com topônimos estudados nesta pesquisa:

I) sb + sf. dim = arroio *Monjolinho*, em Castro (PR);

II) sb + mf. pl = morro das *Cruzes*, em General Carneiro (PR);

---

<sup>34</sup> - Essas abreviaturas correspondem às seguintes categorias: (sb = substantivo; sf. dim = sufixo de grau diminutivo; sf. aum = sufixo de grau aumentativo; mf. pl = morfema de plural; conec = conectivo; adj. = adjetivo)

- III) sb + conec. + adj. = arroio *Ponte de Pedra*, em Tibagi (PR);  
 IV) sb + sf. dim + mf. pl. = arroio *Gramadinhos*, em Prudentópolis (PR);  
 V) sb + sf. aum = rio *Pinhão*, em Guarapuava (PR) (DICK, 1999, p. 137-

138).

Há casos, conforme exemplifica a pesquisadora, como no enunciado “bairro de Vila Pompéia” (SP), em que “o termo `vila`, na origem um índice de aglomeração humana, vem se enfraquecendo, paulatinamente, como portador dessa função; tanto que é comum a referência esclarecedora a `bairro`, de sentido aproximado, cuja significação ainda é de domínio geral” e a sua exclusão não soaria bem para o paulistano. Ambos os termos são enunciados em conjunto, como se fizessem parte de um só bloco de significação, exigindo o reforço de um outro genérico, às vezes da mesma natureza do existente, para a completa identificação (DICK, 1999, p. 138-139).

Outra questão a ser considerada é a função dos topônimos. Nesse particular, Dick (1990b, p.18) apresenta as características e funções do topônimo quando nos lembra que

o topônimo, embora seja, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, *marcando-o duplamente*: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente *motivado*.

Esse aspecto do signo toponímico é realçado pela pesquisadora “como uma das suas principais características”. São dois momentos de importância fundamental no processo denominativo que caracteriza a motivação do topônimo e que ocorrem

primeiro na *intencionalidade* que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico e, a seguir, na própria *origem semântica* da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas (DICK, 1990b, p.18).

Como forma de exemplificar esse duplo aspecto da motivação toponímica, recuperamos um exemplo apresentado por Francisquini (1998, p. 155), o topônimo Mirador, nome de um município localizado no noroeste do estado do Paraná, na microrregião de Paranaíba, a 535 km da capital. Segundo a pesquisadora, apenas como signo lingüístico a lexia “mirador” tem caráter arbitrário (poderia ser outro nome qualquer), mas quando se transforma em um signo toponímico pode evocar a motivação do denominador para a seleção desse nome: localização estratégica da sede do município, em terreno alto, avistando-se dali belas paisagens, inclusive outras localidades. Percebe-se, nesse ato denominativo em particular, os dois momentos em que o duplo aspecto da motivação toponímica se faz sentir:

- antes de sua definição, muitos nomes devem ter passado pela seleção do denominador, mas que não corresponderam à sua expectativa quanto à função descritiva, indicativa, identificativa para designar o lugar a ser nomeado: *Mirador* foi o nome selecionado, isto é, o nome que, na visão do nomeador, eternizaria algum aspecto da geografia local.

Conforme Isquierdo (1997, p. 31-32), o signo toponímico apresenta algumas especificidades que merecem consideração e esclarece dois aspectos relevantes na sua constituição:

Primeiramente, trata-se de nomes próprios cuja função específica é a de *identificar* e não de significar. Entretanto, na situação específica do topônimo, além dele determinar a identidade de lugares, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sócio-cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de referência para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por *fatores inerentes* à realidade circundante do denominador (grifo nosso).

Uma outra característica do topônimo apontada por Dick (1990b, p. 20) é a interpretação do topônimo como um verdadeiro fóssil lingüístico – expressão tomada pela estudiosa “ao geógrafo francês Jean Brunhes, que o considerava um ‘fóssil da geografia humana’”. Para exemplificar essa característica, a pesquisadora recupera a seguinte explicação para o topônimo Dartmouth, fornecida por Ullmann: “Dartmouth recebeu, sem dúvida, o nome por virtude da sua situação na foz do Dart, mas continuaria a ter este nome, mesmo que a foz do rio fosse obstruída pelas areias, ou o que seu curso fosse desviado por um terremoto” (apud DICK, 1990b, p. 19).

Nesse caso, Dick (1990b, p.20) esclarece que ocorreu a presença (ou permanência) do nome, mesmo na ausência do motivo determinante.

Assim, o signo lingüístico, quando indica ou identifica um lugar, desempenha a função de signo toponímico que nada mais é do que o próprio signo lingüístico com função toponímica. E nessa função, conforme Dick (1980, p. 290), representa “uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica (ou transparência) de seu significado”. Ocorre uma “relação unívoca entre os termos implicados, quando traduzem referências de *cor, forma, tamanho, constituição natural*, enfim, o que ocorre com os topônimos rio Grande, rio Pequeno, ribeirão Preto, córrego Branco, riacho Fundo, lagoa Rasa, ilha Comprida, aldeia Velha, vila Nova, ponte Quebrada, etc”.

Isquerdo (1997, p. 32), na análise da toponímia dos seringais do estado do Acre pondera que,

hoje, essas criações lexicais já estão cristalizadas e muitas já até perderam a sua motivação inicial. Entretanto, através delas ainda se torna possível recuperar nuances da realidade histórico-social da região. Destarte, esses signos sintetizam o pensamento de um grupo específico num momento muito particular de sua história.

E, referindo-se ao signo toponímico como um dos aspectos do léxico, a pesquisadora reconhece a sua complexidade, quando a questão é estudar a motivação designativa, argumentando que

a diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralingüísticos como as características geo-sócio-econômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural (ISQUERDO, 1997, p. 33).

Com muita propriedade, a mesma estudiosa, considerando todos esses fatores, e recuperando Matoré (1953), lembra que o topônimo pode funcionar como *palavra-testemunha*, porque passa a guardar, em sua estrutura significativa, valores, crenças e

expectativas de um grupo sócio-lingüístico-cultural. Relaciona a dinamicidade do léxico com as mutações ocorridas na história de uma comunidade (ISQUERDO, 1997, p. 33).

Nessa perspectiva, a toponímia se constitui em fonte de inestimável valor para o acervo científico e patrimonial de qualquer país, pois é pelos topônimos que a nação obtém uma personalidade geográfica própria e se particulariza entre os demais territórios do mundo. O pesquisador destaca os seguintes campos em que a toponímia desempenha papel importante (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 29-30):

Importância Cartográfica - o mapa, produto da cartografia, é a representação gráfica da realidade física (dos dados referentes à superfície do globo terrestre), de uma região em particular. Numa equipe de cartografia é essencial o trabalho de um toponimista com boa formação, pois um erro na nomenclatura de um mapa pode trazer conseqüências irremediáveis aos seus usuários. Segundo o pesquisador, “um mapa sem toponímia é como um corpo sem alma, é apenas um reflexo mudo de nossa realidade física” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 30).

Importância Jurídica - os nomes geográficos em propriedades públicas e privadas devem merecer cuidado especial, a fim de evitar imprecisão na escrita e, conseqüentemente, problemas de ordem legal. Inúmeros processos jurídicos transitam pelos tribunais para solução de pendências acerca de limites de propriedades que não foram sustentados por uma base toponímica clara e firme.

Importância Geográfica - por meio dos topônimos o homem identifica os acidentes naturais e culturais de uma região, por isso são elementos nomenclaturais importantes utilizados pelos geógrafos para conhecer em detalhes a geografia física, humana, regional e urbana de um espaço geográfico.

Importância Histórica - um topônimo é um dado histórico por meio do qual um historiador pode reconstruir a cultura de um povo: sua economia, seus movimentos migratórios, aspectos lingüísticos e aspectos da vida social e espiritual das pessoas que habitam ou habitaram uma região em um determinado período.

Importância Folclórica - os topônimos estão presentes nas manifestações folclóricas e produções literárias, nas referências a povos, a lugares e a acidentes geográficos em geral. Principalmente nas músicas, os nomes de lugares ganham espaço como forma de homenagem prestada pelo compositor a alguma localidade em especial. No Brasil, a música Maringá, escrita em homenagem à cidade de mesmo nome, do estado do Paraná, exemplifica o exposto.

Importância Político-Administrativa - a toponímia permite fixar as referências dos limites de municípios, estados e países. A arrecadação de impostos, uma das principais fontes de recursos de uma administração pública, depende, necessariamente, de uma política cadastral de imóveis fundamentada na toponímia local.

Importância Lingüística - um dos principais fundamentos da Toponímia está ligado à explicação etimológica dos topônimos e nesse sentido está relacionada à Lingüística. O homem, pela atividade de nomear, designa e diferencia individualizando cada um dos fenômenos geográficos e culturais ao seu redor. Assim, o lingüista, no estudo dos nomes geográficos e históricos, pode chegar a importantes conclusões, notadamente no caso dos de origem indígena, cuja etimologia proporciona à história valiosos dados de reconstrução do passado.

Importância Patrimonial – representa um acervo cultural de um país e deve ser considerada patrimônio nacional, pois os designativos são valores pátrios para a nação, já que os topônimos podem marcar conquistas históricas de colonização, particularizando os moradores.

Importância Viária - importância da toponímia é comprovada por viajantes de estradas rodovias e ferroviárias que se orientam com o auxílio da sinalização de trânsito. Com o manuseio dos mapas cartográficos onde figuram os topônimos, os viajantes se orientam, definindo a origem e o destino de suas viagens.

Importância Social - os topônimos podem ter um significado afetivo essencial para os habitantes de uma comunidade. As alterações de nomes de localidades nem sempre são aceitas pelos moradores, principalmente quando o nome a ser substituído foi em homenagem a pessoas proeminentes da história local, ao mesmo tempo em que sugestões de nomes pejorativos geralmente são descartadas. Os desvios de ortografia e de pronúncia do nome de uma localidade podem ocasionar constrangimentos devido ao sentimento social de orgulho decorrente da associação do topônimo com o lugar que designa, manifesto nos moradores da localidade.

Para Salazar-Quijada (1985, p.48), “o topônimo é para o lugar o que o nome próprio é para a pessoa, não se muda sem o consentimento da própria pessoa”. Nem por isso podemos afirmar que a Toponímia é estática. Pelo contrário, o estático e o dinâmico na Toponímia se polarizam. Seu caráter dinâmico aparece, concomitantemente aos acontecimentos, registrando-os de imediato, mas também ela se retrai a fim de conservar o que já foi objeto de um processo designativo, impedindo perdas.

O estudo da Toponímia como área vinculada às ciências do léxico (Lexicologia, Lexicografia, Terminologia) tem exigido dos pesquisadores formulação de modelos específicos para estudo dessa categoria de nomes. Na seqüência, discutimos modelos taxionômicos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros para o estudo dos topônimos.

Como forma de sistematizar o universo toponomástico, houve necessidade de esquemas classificatórios, com vistas a recuperar a motivação de sua origem, o que levou alguns autores a criarem regras e taxionomias. Nesses estudos, destacam-se as pesquisas de Dauzat (1926), Backheuser (1950), Stewart (1954), Dick (1975 e 1980) e Salazar-Quijada (1985).

Inicialmente mencionamos a divisão empregada por Albert Dauzat (1926 apud DICK, 1999, p. 140) que incluiu os topônimos franceses em dois campos de influências: o da geografia física e o da geografia humana. Em cada campo promoveu repartições que se referiam a ocorrências ou a recortes espaciais identificados pelas características hidrográficas ou geomorfológicas – como Montblanc – e pelos empreendimentos antrópicos relativos à sedentarização do homem ao terreno, à ocupação do solo, à construção das vilas e cidades, de acordo com as camadas étnicas constitutivas do povo francês – como Rochefort, Villeneuve, etc.

Já o geólogo Backheuser (1950, p. 169), então professor catedrático da Universidade do Brasil e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e consultor técnico do Conselho Nacional de Geografia, destacou a concorrência de duas categorias gramaticais – o substantivo e o adjetivo –, e três figuras de retórica – a antonomásia, o pleonasma e a metáfora – nas formações toponomásticas brasileiras. Referindo-se ao uso dos substantivos, discorre separadamente sobre os substantivos comuns e os próprios. Quanto ao uso dos substantivos comuns aponta três fontes de origem: I) *acidentes de geografia física*: a) de índole geológica ou mineralógica; b) de índole botânica; c) de índole zoológica; d) de índole orográfica; e) de índole hidrográfica e f) de índole litorânea ou costeira; II) *de geografia humana*: a) os caminhos (vaus, passagens, porteiras, pontes, encruzilhadas, entroncamentos e chaves, postos de fiscalização, caminho em si, etc) e b) os empreendimentos sedentários (militares, religiosos, residenciais, industriais, comerciais, agrícolas, mineiros e de pecuária, castelos, burgo, cidade, na forma grega de -pólis); III) *de substantivos abstratos* - os nomes geográficos para acidentes físicos e aglomerados humanos, como: Mansidão, Patrimônio, Progresso, Promissão, Regeneração, Resplendor, Vitória, Liberdade, etc. O pesquisador enquadrou, também, nessa categoria, os topônimos que

caracterizam profissões, como Carpina, Carvoeiro, Aventureiro, Malhador, Granjeiro (BACKHEUSER, 1950, p.180).

Já os substantivos próprios aparecem, segundo o mesmo autor, nas nomeações de lugares em duas situações: 1) pelos nomes de pessoas, principalmente por populações de pequeno horizonte geográfico que têm o costume de nomear acidentes e lugares pelos nomes de um morador ou pela profissão do mesmo; 2) pela *autolatria e oportunismo*, por ocasiões em que o povo atravessa período de decadência e descrença; por épocas de fervorosa e sincera *espiritualidade*, com os nomes de santos e efemérides religiosas; pelas homenagens cívicas ou intelectuais a sábios, guerreiros, poetas, grandes figuras da pátria ou da humanidade, etc., e os topônimos derivados de povos que habitaram certas regiões – Aimorés, Patos, Manaus, Xavantes, dentre outros. Conforme o autor, os substantivos próprios aparecem, também, como nomes alienígenas, ou seja, são os topônimos que se deslocam acompanhando as migrações ou impulsionados pelo próprio prestígio (BACKHEUSER, 1950, p. 186).

Quanto ao uso de adjetivos (descritivos, metafóricos, eruditos), Backheuser (1950, p. 188-189) lembra que são mais abundantes nos acidentes físicos, para designar o tamanho, a forma e a cor.

As figuras de retórica também estão presentes nos designativos toponomásticos. O pesquisador destaca a *antonomásia* – nome comum tomado por nome próprio ou vice-versa, isto é, quando o vocábulo ganha foros geográficos: Nilo (vale), Pará, Paraná, Parima (rio); o *pleonasm* – presença de um nome como designativo, geralmente em outra língua com a mesma significação do acidente geográfico nomeado: Ex: rio Me-Kong, onde Me-Kong significa Rio que, então, seria traduzido como **rio Rio Rio** (BACKHEUSER, 1950, p. 170).

George R. Stewart (1954, apud DICK, 1990b, p. 25), por sua vez, divulgou mecanismos da nomeação onomástica, distribuídos em nove especificações : 1- Descriptive names; 2- Possessive Names; 3- Incident names; 4- Comemorative names; 5- Euphemistic names; 6- Manufactured names; 7- Shift names; 8- Folk etymologies e 9- Mistake names.

Dick (1999, p. 141), manifestando-se sobre as especificações de Stewart, postula que

os nomes descritivos e os comemorativos devem ser vistos com atenção especial, porque constituem protótipos de atividades denominativas gerais ou comuns a diferentes povos. Descrever uma paisagem em seus aspectos imanentes, essenciais, duradouros ou aspectuais, bem como homenagear, através dos nomes, indivíduos públicos, políticos, governadores, monarcas, artistas, religiosos, pessoas da própria família, enfim, são procedimentos que estimulam, de um lado, padrões objetivos de conduta e, de outro, transportam ao plano anímico de interesses personalíssimos.

A pesquisadora lembra, ainda, que as demais categorias têm menor uso, se aplicadas a uma macrotoponímia, e que o modelo de Stewart, apesar de ter sido pensado e proposto para o contexto americano, toponímia de base inglesa, pode ser muito útil, também, às camadas indígenas daquele território.

Esses modelos taxionômicos expostos são relevantes para os estudos da Toponímia, entretanto, optamos, para a análise dos dados desta pesquisa, pelo modelo proposto por Dick (1990b, p. 31-34), por entendermos que essa proposta atende com maior completude a realidade brasileira. Trata-se de um modelo apresentado pela primeira vez, em 1975, com dezenove taxes que foram aumentadas, posteriormente, em 1990, para as atuais vinte e sete, sendo onze taxes de natureza física e dezesseis de natureza antropocultural.

Dick (1990b, p. 31-34) propõe uma classificação toponímica, distribuída em dois blocos, distinguindo as taxionomias de natureza física<sup>35</sup> das de natureza antropocultural<sup>36</sup>, que são utilizadas tanto na classificação de topônimos de acidentes físicos (rios, águas, riachos, ribeirões, cachoeiras, montes, morros, serras, saltos, quedas d'água, planaltos), como na classificação de topônimos de acidentes humanos (vilas, povoados, patrimônios, distritos, bairros urbanos, bairros rurais). A toponimista elaborou esse modelo a partir da “adoção de um prefixo nuclear (greco-latino), de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano, com acréscimo do termo “topônimo”, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada” (DICK, 1999, p. 142). Para os topônimos compostos por dois ou mais elementos lexicais, o modelo contempla apenas a classificação do primeiro elemento da estrutura. Assim, em

<sup>35</sup> - taxionomias de natureza física = caracterizam o ambiente físico em todos os seus traços de destaque (animais, árvores, pedras, rios, astros, pontos cardeais, cores, dimensões, formações topográficas, formações geométricas, etc)

<sup>36</sup> - taxionomias de natureza antropocultural = caracterizam as manifestações psico-sócio-culturais do homem (expectativas; sentimento; nomes próprios; nomes de cidades, país, estados, regiões e continentes; títulos; indicadores cronológicos; frases e enunciados lingüísticos; habitações; objetos feitos pelo homem; elementos étnicos; nomes sagrados, incluindo nomes de santos e santas do hagiológico católico romano; movimentos de cunho histórico-social; vias de comunicação rural ou urbana; adjetivos numerais; uso das lexias aldeia, cidade,

cidade Rio Branco (AC), um acidente humano, o designativo *Rio Branco* é classificado como hidrotopônimo pela lexia **Rio**; serra do Cavalinho (RS) – acidente físico, cujo topônimo é classificado como zootopônimo com base em **Cavalinho**; bairro Ponte Preta (PR) – bairro rural do município de Terra Rica, um topônimo classificado como hodotopônimo com base na lexia **Ponte**; rio Sete de Setembro (MT) – um acidente físico, cujo topônimo recebeu a classificação de historiotopônimo, com base no sintagma **Sete de Setembro**, uma referência à data histórica comemorativa da Independência do Brasil, ocorrida em 07 de setembro de 1.822.

Para efeito de exemplificação das taxionomias a seguir relacionadas, utilizamos os topônimos do próprio *corpus* desta pesquisa. A sigla apresentada entre parênteses, após cada exemplo, indica o município paranaense onde o acidente nomeado está situado<sup>37</sup>.

#### a) Taxionomias de Natureza Física

- 1) Astrotopônimos – “topônimos relativos aos corpos celestes em geral”. Ex. rio da Estrela (GUA); povoado Estrela do Meio (CDS)
- 2) Cardinotopônimos – “topônimos relativos às posições geográficas em geral”. Ex: povoado Entre Rios (GUA); povoado Quilômetro 15 (IMB).
- 3) Cromotopônimos- “topônimos relativos à escala cromática”. Ex. serra Branca (CDS); rio Verde (PIN).
- 4) Dimensiotopônimos–“topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos (extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade)”. Ex. rio Iguaçu (PFS); rio Mirim (SMS).
- 5) Fitotopônimos – “topônimos de índole vegetal”. Ex. arroio Xaxim e rio Mato Queimado (SJT).
- 6) Geomorfotopônimos – “topônimos relativos às formas topográficas: elevações (montanha, monte, morro, colina, coxilha); depressões do terreno (vale, baixada); formações litorâneas (costa, cabo, angra, ilha, porto)” Ex. córrego do Cerro Chato (PAL); córrego do Tabuleiro (CDS).

---

povoação, arraial; atividades profissionais, lugares de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade; partes do corpo humano ou de animal).

<sup>37</sup> - Cf. lista de abreviaturas no início deste trabalho.

- 7) Hidrotopônimos –“topônimos resultantes de acidentes hidrográficos (água, arroio, córrego, rio, ribeirão, braço, foz)”. Ex. arroio Água Branca e rio Barra da Anta (PIN); povoado Arroio Grande (IPI).
- 8) Litotopônimos –“topônimos de índole mineral e também os referentes à constituição do solo (barro, barreiro, tijuco, ouro)”. Ex. rio Barreiro (TBG); rio da Areia (PGS).
- 9) Meteorotopônimos –“topônimos relativos a fenômenos atmosféricos (vento, chuva, trovão, neve )”. Ex: rio Bitumirim<sup>38</sup> (IPI).
- 10) Morfotopônimos – “topônimos que refletem o sentido de forma geométrica”. Ex. povoado Volta Grande e córrego Volta Seca (BIT).
- 11) Zootopônimos – “topônimos de índole animal (doméstico e não doméstico)”.Ex. arroio dos Carneiros (SMS); rio Jacaré (PAM) e povoado Macacos (TBG).

#### **b) Taxionomias de Natureza Antropocultural**

- 1) Animotopônimos ou Nootopônimos –“topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física (vitória, triunfo, saudade, belo, feio)”. Ex. rio Bonito (CAS); arroio Boa Vista (GMG); rio Perdido (IMB).
- 2) Antropotopônimos –“topônimos relativos aos nomes próprios individuais (prenome, hipocorístico, prenome + alcunha, apelidos de família, prenome + apelido de família )”. Ex. arroio dos Ferreira (SJT); bairro dos Pelechate (PRU).
- 3) Axiotopônimos –“topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais”.Ex. cidade e município de Coronel Domingos Soares (CDS).
- 4) Corotopônimos –“topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes”. Ex. rio Portugal (SMS); arroio do Paraguai (PIN).
- 5) Cronotopônimos –“topônimos que encerram indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo/nova, velho/velha nos topônimos”. Ex. distrito Nova Divinéia (PIN).
- 6) Ecotopônimos –“topônimos relativos às habitações em geral”. Ex. rio Sobradinho (PIN); povoado Casa Nova (IVA).
- 7) Ergotopônimos –“topônimos relativos aos elementos da cultura material”. Ex. rio Cadeado (GUA); rio Relógio (PRU); arroio Guaiaca, rio Bainha e lagoa Ferradura (SJT); rio

<sup>38</sup>- Unidade lexical de origem tupi: corr. *ybytú* o vento, a aragem + *mirim*....pequeno (SAMPAIO, 1928).

dos Cochos (SMS). Nessa categoria Dick (1990b, p. 33) inclui os manufaturados como **farinha, pinga, vinho, óleo, azeite** e ilustra com os seguintes topônimos: rio das Farinhas (ES); riacho da Pinga (PI); córrego do Vinho (MG); Óleo (AH, SP); morro do Azeite (MT).

8) Etnotopônimos –“topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não, a cidades, regiões, continentes ou indicativos de procedência geográfica (povos, tribos, castas)”. Ex. córrego dos Bugres (CDS); arroio do Gringo (PIN).

9) Dirrematotopônimos –“topônimos constituídos por frases ou enunciados lingüísticos”. Ex. arroio Quebra Perna (TBG); arroio Quebra-Queixo (SJT).

10) Hierotopônimos –“topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas (cristã, hebraica, etc); a efemérides religiosas; às associações religiosas e aos locais de culto: Cristo Rei, Bom Jesus, Natal, Cruz da Malta, Serra da Igreja, Capelazinha”. Ex: rio Conceição (PGS) e córrego Catequese (GCN). Os hierotopônimos apresentam subdivisões: a) Hagiotopônimos: “nomes de santos/santas do hagiológico católico romano<sup>39</sup>”. Ex. rio São Francisco (PRU); b) Mitotopônimos (entidades mitológicas). Ex: rio das Almas (TSO).

11) Historiotopônimos –“topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social, a seus membros e às datas comemorativas”. Ex: povoado Sete de Setembro Cambuí (PVI).

12) Hodotopônimos –“topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana”. Ex. povoado Ligação (PRU); rio Pontilhão (SMS).

13) Numerotopônimos –“topônimos relativos aos adjetivos numerais”. Ex. rio Sete Saltos (PGS); rio Dois Irmãos (SMS).

14) Poliotopônimos –“topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial”. Ex. povoados Vila Rural e Vila Zezo (IMB).

15) Sociotopônimos –“topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos (largo, praça, páteo)”. Ex. povoado Engenho Velho (PRU); arroio da Olaria (IPI).

16) Somatotopônimos –“topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou do animal”. Ex. arroio das Costas (IPI).

Enquanto Dick fazia os devidos ajustes ao seu modelo taxionômico, ampliando ou adaptando os campos semânticos de suas taxes, na Venezuela, Salazar-Quijada (1985, p. 21) propunha um outro modelo taxionômico para classificação dos topônimos. O

---

<sup>39</sup> - Foram incluídos, nessa categoria, os topônimos que remetem a nomes sagrados que não constam do hagiológico católico romano, considerando-se, para tanto, o uso do primeiro elemento do termo específico “são, santo, santa”, que Lima (1998) subclassificou como *hagiotopônimos aparentes*.

próprio autor reconhece que a sua classificação “no es definitiva ya que al respecto hay mucho que discutir, sin embargo estamos conscientes de que servirá como base para una taxionomia más acabada<sup>40</sup>”. Salazar-Quijada (1985, p.21-29) ao elaborar suas taxionomias, levou em conta cinco aspectos: 1- seus elementos (simples ou compostos); 2- sua extensão (microtopônimos, mesotopônimos e macrotopônimos), ou seja, o tamanho do acidente determinando os topônimos; 3- sua localização (terrestres ou extraterrestres), considerando a localização do topônimo no contexto do universo; 4- segundo sua aplicação (actinônimos, astinônimos, corônimos, insunônimos, hidrônimos, odônimos, orônimos, espeleônimos, selenônimos), ou seja, de acordo com o tipo de acidente; 5- segundo os motivos (fisiotopônimos, zootopônimos, fitotopônimos, mineratopônimos, epotopônimos, hagiotopônimos, somatopônimos, animotopônimos, cognomotopônimos, pragmatopônimos, topotopônimos).

Há que se assinalar ainda que alguns pesquisadores brasileiros, ao aplicarem o modelo de Dick, propuseram, ora subdivisões a categorias já existentes, ora novas taxie, na tentativa de adequação desse modelo aos dados em análise. Isquierdo (1996, p. 118), por exemplo, propõe uma subclassificação para a taxie dos animotopônimos (topônimos relacionados à vida psíquica, à cultura espiritual, a estados de ânimo), proposta por Dick (1990). A pesquisadora, fundamentando-se em duas ‘marcas’ muito presentes nos topônimos pesquisados – *impressão agradável/otimista e impressão desagradável/temeridade* frente ao referente nomeado –, propõe duas subcategorias, para a taxie, encabeçadas pelas lexias *eufóricos e disfóricos*. Os *animotopônimos eupóricos* são representados por lexias que transmitem sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo (Primavera, Esperança, Redenção, Liberdade, etc.) e os *animotopônimos disfóricos* recuperam lexias que transmitem sensação desagradável, expectativas não muito otimistas, perspectivas temerosas (Apertado, Encrenca, Semitumba, Vai-se-quiser, Vale-quem-tem, etc.).

Também os *hagiotopônimos* (topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico católico romano), taxie de natureza antropocultural concebida por Dick (1990b, p. 33), recebe uma subclassificação. Trata-se da proposta de Lima (1998, p. 424-426): 1- *hagiotopônimos autênticos* – os nomes de inspiração religiosa, com padroeiro homônimo ou não, mas sem inspiração política, como, por exemplo, o município de São Mateus do Sul, cuja santa padroeira é Nossa Senhora de Assunção; 2- *hagiotopônimos aparentes* – os nomes de inspiração política, antecidos pelos adjetivos *são, santo, santa*, com padroeiro homônimo

---

<sup>40</sup>- “não é definitiva já que a respeito tem-se muito que discutir, contudo estamos conscientes de que servirá como base para uma taxionomia mais completa” (TN).

ou não, como, por exemplo, o município de Santa Mariana, cujo nome é homenagem à filha de um pioneiro local; 3- *hagiotopônimos mistos* – os nomes de inspiração religiosa e política com padroeiro homônimo ou não, como, por exemplo, o município de São João do Triunfo, homenagem a São João Batista, padroeiro do município e ao fundador Sr. João Nunes de Souza.

Na sua pesquisa *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos em treze municípios da microrregião de Paranaíba* (1996), Francisquini informa que, durante a sua pesquisa, tendo em vista as dificuldades encontradas para classificação de alguns topônimos, depois de análise do assunto com a então equipe do Projeto ATEPAR, propuseram, com a colaboração do professor de Latim e Literatura Latina do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas/CCH/UEL, Aluysio Fávero e recorrendo também a raízes gregas, a exemplo de outros modelos, as seguintes taxes: *Acronimotopônimos*, *Estematotopônimos*, *Grafematotopônimos*, *Higietopônimos* e *Necrotopônimos* (FRANCISQUINI, 1998, p.46).

- 01) Acronimotopônimos - os topônimos formados por siglas. Ex: IBAMA, bairro rural em Fernandes Pinheiro (PR).
- 02) Estematotopônimos – topônimos relativos à percepção (são percebidos pelos sentidos). Ex: água Fria (AF), rio Quente (AF).
- 03) Grafematotopônimos – topônimos que representam como elemento distintivo as letras do alfabeto. Ex: Seção C, Quadra D.
- 04) Higietopônimos – topônimos relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem estar físico. Ex: água Limpa (AF).
- 05) Necrotopônimos - topônimos que se referem ao que é ou está morto, a restos mortais (campo semântico da morte, ou atos fúnebres). Ex: córrego Caveira (AF).

São diversos, pois, os modelos taxionômicos propostos por estudiosos da toponímia com o objetivo de classificar os topônimos em categorias. Nesta pesquisa utilizamos o modelo proposto por Dick (1990b, p. 31-34) que, além de nos parecer mais completo, visto contemplar em sua estrutura a “repartição genérica dos fatos cósmicos em duas ordens de consequência – a física e a antropocultural”, apresenta um modelo com 27 (vinte e sete) taxes que foram concebidas com base nas características da toponímia brasileira, procurando enquadrar nesse modelo quase a totalidade dos nomes geográficos existentes no

Brasil. Em alguns casos, valemo-nos também das categorias e/ou subcategorias sugeridas pelos demais estudiosos já mencionados.

No tópico seguinte resgatamos alguns aspectos da história da Toponímia, desde os primeiros estudos na França até os estudos no Brasil e, especificamente, no estado do Paraná.

### 3.4.2 Toponímia: breve retrospectiva histórica

Conforme Dick (1990b, p.1), os primeiros estudos toponímicos como disciplina ocorreram na Europa, mais particularmente na França, em 1878, por Auguste Longnon, na École Pratique des Hautes Études e no Colégio de França. Do curso ministrado nesses institutos, foi publicado, postumamente, pelos seus alunos, após 1912, a obra intitulada “Les noms de lieu de la France”, um clássico “para o conhecimento da nomenclatura dos lugares habitados”. Os estudos onomásticos tiveram continuidade em 1922, com Albert Dauzat, na mesma École Pratique, onde fundou, uma década depois, a *Révue des Études Anciennes*, e publicou “Chronique de Toponymie”, com ‘uma bibliografia crítica, região por região, das fontes e dos trabalhos’ já publicados. O mesmo Dauzat foi o organizador, em 1938, do I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, no qual participaram vinte e um países (DICK, 1990b, p. 1).

Dauzat publicou também “Les Noms de Lieux – origine et évolution”; “La Toponymie Française”; “Essais de géographie linguistique” (1921); “Dictionnaire étymologique de la langue française” (1938); “La Géographie linguistique” (1942); “Les noms de famille de France” (1945); “Les noms de personnes”; “Glossaire étymologique du patois de Vinzelles”; “Études de linguistique française” dentre outros.

Isquierdo (1996, p. 82) menciona também “o trabalho pioneiro do filólogo Leite de Vasconcelos, em Portugal, com sua clássica obra *Opúsculos* (Vol. III): ‘Onomatologia’ (1931), na qual o autor apresenta um significativo estudo acerca da onomástica portuguesa, dando ênfase à antroponímia e à toponímia locais [...]”.

Já no continente americano, Dick (1990b, p. 2) destaca os Estados Unidos e o Canadá, como expoentes dos estudos toponímicos atuais por meio da atuação de diversos estudiosos e de órgãos especializados. A Revista *Names*, publicação oficial da *American Name Society* (1951), tem como alguns de seus objetivos:

o estudo da etimologia, da origem, do significado e da aplicação de todas as categorias de nome: geográfico, pessoal, científico, comercial e popular, e a divulgação desses resultados, assim como `tornar o povo americano` consciente do interesse e da importância dos nomes em todos os campos do saber humano e em todas as disciplinas ministradas nas escolas e em colégios (DICK, 1990b, p.2).

Essa revista tem em George Stewart, um de seus mais conhecidos colaboradores, autor de *Names of the Land* e de *A classification of place names* (1954). Já o Canadá conta, desde 1966, com um Grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica, associado ao Departamento de Geografia da Universidade Laval, em Quebec, “aberto a todos os pesquisadores, de todas as disciplinas, especialmente a lingüística, a história e a antropologia” (DICK, 1990b, p.2).

Na Venezuela, destaca-se o estudo de Adolfo Salazar-Quijada, antropólogo venezuelano, com sua Tese de Doutorado – *La Toponímia em Venezuela* (1985), na qual o pesquisador propõe uma taxionomia dos topônimos baseada em cinco aspectos: seus elementos; sua extensão; sua localização; sua aplicação e seus motivos, como já assinalado anteriormente.

No Chile, merece destaque o trabalho de Mário Bernales Lillo – *Toponímia de Valdivia* (1990) –, que traz uma análise lingüística dos topônimos de origem pré-hispânica (mapuche), hispânica e germânica da província de Valdivia.

Já no Brasil, como autoridade na pesquisa toponímica contemporânea, destaca-se a pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo com importantes pesquisas na área da Lexicologia/Toponímia e inúmeros trabalhos publicados, além de participações em diversos Congressos Nacionais e Internacionais de Lingüística. Dentre seus principais trabalhos, podemos citar: *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira* (1990); *Toponímia e Antroponímia no Brasil – Coletânea de Estudos* (1990) e *A Dinâmica dos Nomes da Cidade de São Paulo 1554-1897* (1996). Dick desempenha, também, a função de coordenadora do Projeto Atlas Toponímico do Brasil – ATB - e da sua variante regional Projeto ATESP - Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. É consultora científica do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul e do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais. Assessorou também o Projeto ATEPAR – Atlas Toponímico do Estado do Paraná, na fase de elaboração do projeto. A pesquisadora é referência para todo trabalho de pesquisa na área da Toponímia.

Dick (1990b, p. 4), nos trabalhos anteriormente mencionados, em particular na sua *Toponímia e Antroponímia no Brasil – Coletânea de Estudos* (1990), faz uma retrospectiva histórica dos estudos toponímicos no Brasil, citando estudiosos como Armando Levy Cardoso, com sua *Toponímia Brasileira* (1961), voltada para a lexicologia indígena, um especialista nos topônimos brasílicos da Amazônia, notadamente os de origem caribe e aruaque. A pesquisadora pondera que o próprio Levy Cardoso considera clássico para a toponímia brasileira o trabalho de Theodoro Sampaio – *O Tupi na geografia nacional* (1902), mencionando

a criteriosa análise a que foram submetidos todos os vocábulos; a profundidade dos conhecimentos tupis; a seriedade de suas investigações para cujo resultado não faltaram nem as leituras das crônicas antigas e das antigas relações de viagens, nem a consulta ao elemento histórico, a fim de descobrir a verdadeira grafia primitiva dos vocábulos, para a perfeita elucidação de seu sentido e a rigorosa determinação de sua etimologia (DICK, 1990b, p. 4).

Dick refere-se ainda à obra *Contribuição do Bororó à toponímia brasílica* (1965), de Carlos Drummond, como outra contribuição de vulto para os estudos toponímicos no Brasil.

Isquerdo (1996, p. 83), por sua vez, lembra que “há que se considerar a obra *Topônimos Amazonenses* (1967), de Octaviano Mello que reúne um resumo de estudos e interpretações acerca de vinte e uma cidades amazonenses, com suas histórias, seus traços lendários, sua geografia”.

Já Francisquini (1998, p. 18) registra o trabalho de Augustinus Staub – *A Formação de Toponímicos em Santa Cruz do Sul - RS* (1986), no qual o autor “se manifesta sobre a influência alemã na formação dos topônimos da localidade, que é bem maior do que qualquer outro município gaúcho”.

Durante o ano de 1996, outros trabalhos sobre toponímia foram concluídos no Brasil. Dentre os quais, segundo Francisquini (1998), destacam-se *A Reconstituição dos Fitotopônimos Paraibanos* (1996), de Severino Bernardo dos Santos e *Militares na Toponímia Paulistana: axiotopônimos militares nas vias públicas da cidade de São Paulo* (1996), de Francisco Possebom, dissertações de Mestrado defendidas na Universidade de São Paulo – USP. No mesmo ano, merece destaque também a Tese de Doutorado da professora Aparecida Negri Isquerdo – *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural* (1996) – que inventaria e analisa o léxico utilizado pelos seringueiros do estado do Acre,

incluindo a Toponímia dos seringais. A pesquisadora organizou os topônimos em cinco campos lexicais, conforme os traços semânticos comuns entre eles, agrupados conforme os sintagmas *crença no futuro*, *nomes descritivos do ambiente*, *indicadores de origem*, *valorização da cultura regional e sentimento religioso*. Sua proposta foi a de explorar a carga semântica contida em cada topônimo selecionado, destacando a relação existente entre a escolha dos nomes dos seringais e o percurso histórico e as perspectivas do grupo estudado.

Na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – são referências para estudos toponímicos o trabalho *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo* (2004), de Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – Tese de Doutorado, que teve como objetivo o estudo dos topônimos da Região do Carmo –MG, com base em pesquisa de campo nos municípios de Ouro Preto, Mariana, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Alvinópolis, Ponte Nova, Rio Doce, Dom Silvério e Acaiaca; em material cartográfico e em documentos escritos de épocas passadas, referentes aos municípios pesquisados. A pesquisa documentou a permanência e a variação toponímica e a presença de pouca mudança lingüística na toponímia das áreas pesquisadas. Um outro estudo que merece destaque é o artigo *Topônimos mineiros: uma fonte para a história social da língua portuguesa* (2002), de Jânia Martins Ramos e Renato Pinto Venâncio, uma investigação sobre os nomes das cidades mineiras e das favelas de Belo Horizonte, sua permanência e substituições ao longo dos séculos XVII a XX. Os autores analisaram, por meio de documentos, as mudanças ocorridas com os topônimos e procuraram demonstrar que a troca de nomes é sistemática, revelando a influência de fatores sócio-históricos, comprovados na seqüência de etapas destas alterações: nome descritivo > nome religioso > nome indígena > nome de pessoa > nome com prefixo –pólis ou –lândia. Conforme os autores, embora esse percurso nem sempre seja completo, a ordenação se mantém, isto é, eles não encontraram nenhum nome de personagem histórica ou ilustre que tenha sido substituído por um nome descritivo, nem tampouco um nome terminado em -pólis (última das etapas) que tenha sido substituído por um nome descritivo ou indígena (RAMOS; VENÂNCIO, 2002, p.113-118).

No estado do Paraná, entre outros trabalhos, foi desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina, sob a coordenação da professora Dra. Maria Antonieta Carbonari de Almeida, o projeto “Pelos Caminhos do Paraná – Esboço de um Atlas Toponímico” – ATEPAR, com o objetivo de inventariar e classificar, segundo as taxionomias propostas por Dick (1990b, p. 31-34), todos os topônimos paranaenses. Esse projeto difere do Projeto ATB, no que diz respeito às fontes primárias dos dados, pois, para o levantamento dos

topônimos, a equipe do projeto optou pela pesquisa de campo, solicitando às Secretarias de Educação e Cultura de cada município paranaense o fornecimento de informações (mapas, documentos dos municípios), sobre os nomes de todos os acidentes físicos e humanos da área rural do município, inclusive sobre as origens desses nomes, e com esses dados foi montado um inventário de topônimos paranaenses com estudo da etimologia, motivação e históricos dos municípios, entre outros aspectos. Com esse procedimento metodológico, o Projeto ATEPAR reuniu documentos de diferentes tipologias (mapas, lista de topônimos, livros sobre a história de municípios, apostilas...) que serviram de fontes primárias para a coleta dos topônimos inventariados na base de dados do projeto. Considerando que esse procedimento não garantiu uniformidade quanto à natureza das fontes de dados, o Projeto ATEPAR – versão 3 – está, na sua fase atual, realizando o levantamento de dados em mapas oficiais do IBGE, para posterior comparação de dados e cartografia dos topônimos com base na toponímia oficial. Como produto relacionado ao Projeto ATEPAR, além de inúmeros artigos científicos produzidos pela equipe de pesquisadores, disseminados em eventos diversos e publicados em veículos científicos, vários trabalhos de pesquisa voltados para a toponímia de municípios paranaenses foram realizados por alunos do Curso de Especialização em Língua Portuguesa ou por discentes do Programa de Pós-Graduação da Área de Linguagem. Dentre outros, podemos citar os seguintes trabalhos:

I) Monografias de Especialização: *Toponímia norte-paranaense: uma tentativa taxionômica* (1996), de Mara Dutra Pereira; *Investigação toponímica dos municípios de Campina da Lagoa, Cascavel e Curitiba* (1996), de Eliane Maria Sperandio; *Estudos toponímicos das Regiões Oeste e Noroeste do Paraná* (1996), de Olga Kirykko de Matos; *Especificidades da motivação toponímica na microrregião de Campo Mourão* (1996), de Elisângela Costa Rebello Cardoso; *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos em treze municípios da microrregião de Paranavaí* (1996), de Ignez de Abreu Francisquini; *Topônimos dos municípios paranaenses da região Sudoeste* (1996), de Nivaldete Aparecida Santos Costa; *Estudo toponímico em doze municípios do Norte do Paraná* (1996), de Claudécir da Silva; *Topônimos Londrinenses: uma proposta taxionômica com base no motivo de denominação* (1996), de Célia Dias dos Santos; *Toponímia: uma contribuição aos estudos dos topônimos no estado do Paraná* (1996), de Lúcia Helena Alves Casimiro; *Esboço de um Atlas Toponímico* (2000), de Leodmar Romam de Oliveira; *Toponímia dos mais novos municípios paranaenses* (2002), de Hélio Costa Moreira; *A substituição do nome de lugar:*

*um ato essencialmente motivado* (2002), de Lídia Albino; *Estudo da toponímia de Londrina e municípios limítrofes* (2004), de Márcia Zamariano, dentre outras.

II – Dissertações de Mestrado: *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí* (1998), de Ignez de Abreu Francisquini, que apresenta um glossário de 730 topônimos de 29 municípios da microrregião de Paranavaí, contendo a etimologia, a estrutura morfológica e a motivação toponímica de cada topônimo. No histórico dos municípios, além das informações de origem e desenvolvimento, completa com dados referentes aos limites e à economia da região pesquisada. Da análise da pesquisadora resultaram 454 topônimos classificados pelas taxionomias de natureza antropocultural, 255 pelas de natureza física, 19 receberam classificação das taxionomias sugeridas e 02 topônimos ficaram sem classificação, além de destacar as cinco taxionomias mais produtivas: antropotopônimos (101), corotopônimos (86), zootopônimos (77), hagiotopônimos (76) e os fitotopônimos (62).

*A relação da hidronímia com a História Social do Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva* (2004), de Lídia Albino, por sua vez, estudou os topônimos relativos aos afluentes e subafluentes do rio Iguaçu, em dados recolhidos de mapas de três períodos distintos: um mapa de 1876, outro de 1896 e de outros 107 mapas atuais (a partir de 1980), ressaltando os principais fatores que contribuíram para sua estruturação, seja do ponto de vista da filiação lingüística ou da motivação originária e, assim, relacionou-os com dados da História Social do Paraná. A autora constatou o registro de 87 nomes de afluentes e subafluentes do rio Iguaçu no mapa de 1876, 88 nomes no mapa de 1896 e de 1.240 nomes catalogados nos mapas atuais. Enquanto nos mapas do século XIX houve uma predominância de topônimos classificados na categoria de natureza física, nos mapas atuais as taxionomias de natureza antropocultural classificaram 618 topônimos, ou seja, 50% do *corpus*, e 579 (47%) foram classificados pelas taxionomias de natureza física. Demonstrou, ainda por meio das motivações toponímicas detectadas, que a toponímia de uma região é um repositório da história social e cultural de um povo num recorte tempo-espacial.

Outra pesquisa que soma aos estudos sobre a toponímia do Paraná é a dissertação *Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853* (2006), de Márcia Zamariano. Uma pesquisa que priorizou a catalogação, a classificação taxionômica, a descrição e a análise dos nomes dos acidentes físico-geográficos de 36 municípios paranaenses fundados entre 1648 a 1853 e discutiu a inter-relação homem/ambiente/língua/cultura com base nos topônimos registrados nos municípios abrangidos. A pesquisadora classificou 2.108 topônimos, dentre os quais, 837 (39,8%) foram

classificados pelas taxionomias de natureza antropocultural, 1.258 (59,7%) pelas de natureza física e 13 (0,6%) não se enquadraram em nenhuma taxionomia. As cinco taxionomias mais produtivas foram: fitotopônimos (336 – 15,9%), zootopônimos (295 – 14,0%), geomorfotopônimos (185 – 8,8 %), antropotopônimos (183 – 8,7 %) e hidrotopônimos (156 – 7,4 %). A pesquisa mostrou, ainda, que 430 (20,40%) dos topônimos têm origem na língua indígena; 16 nas línguas africanas e, a grande maioria, 1.584 (75,14%), na língua portuguesa. Esses números revelam a grande participação de palavras de origem indígena na formação da toponomástica do recorte estudado, a exemplo do que ocorre em todo o território brasileiro, como também comprova, pelos números apurados, a pequena ocorrência de topônimos de origem de línguas africanas na nomeação de lugares.

A seguir, o Capítulo 3 fornece os pressupostos metodológicos que orientam a pesquisa, a apresentação e a descrição do *corpus*.

### **CAPÍTULO 3**

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

### 4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho, como anteriormente mencionado, centra-se no estudo lingüístico dos topônimos de acidentes físicos e humanos de municípios localizados ao longo de antigos caminhos das tropas, abertos durante o ciclo econômico do Tropeirismo. Como já foi assinalado no Capítulo I, os tropeiros, procedentes da Argentina e do Uruguai, entravam no Brasil pelo Rio Grande do Sul e, juntando-se aos tropeiros gaúchos, dali partiam em viagem, tangendo a tropa de muares<sup>41</sup> e de gado vacum<sup>42</sup> com destino à Feira de Sorocaba e a São Paulo, para comercialização dos animais. Atravessavam os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, entrando no estado do Paraná pelos municípios de Palmas e de Rio Negro e saindo pelo território do atual município de Sengés, por onde adentravam o estado de São Paulo, no município de Itararé. Depois de atravessarem outros municípios paulistas, chegavam ao ponto final: as cidades de Sorocaba e de São Paulo. Mas os caminhos descritos por viajantes e por historiadores como Trindade (1992), Lange (1998), Wachowicz (2001), Filipak (2000), Machado (1963) apresentam pequenas variações, no que se refere aos municípios situados nos caminhos percorridos pelas tropas, durante os séculos XVIII e XIX. Após análise comparativa de trabalhos acerca da história do tropeirismo no estado do Paraná – *Tropeiros*, de Jaelson Bitran Trindade (1992); *Tropeirismo Paranaense e Os caminhos das tropas*, de Francisco Filipak (2000); *Os Campos Gerais e sua Princesa*, de Francisco Lothar Paulo Lange (1998); *Tropeiros de Mula*, de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca (1985); *Tropeirismo: um modo de vida*, documento da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (1989), dentre outros, elegeu-se o traçado do Mapa Caminhos das Tropas (séc. XVIII e XIX), de Brasil Pinheiro Machado (1963), apresentado no Capítulo 1 (Mapa 5), para a seleção do rol de municípios paranaenses, cujos topônimos seriam investigados nesta pesquisa. Esse autor aponta dois caminhos traçados pelo movimento dos tropeiros: i) *Caminho do Viamão* e ii) *Caminho das Missões*<sup>43</sup>.

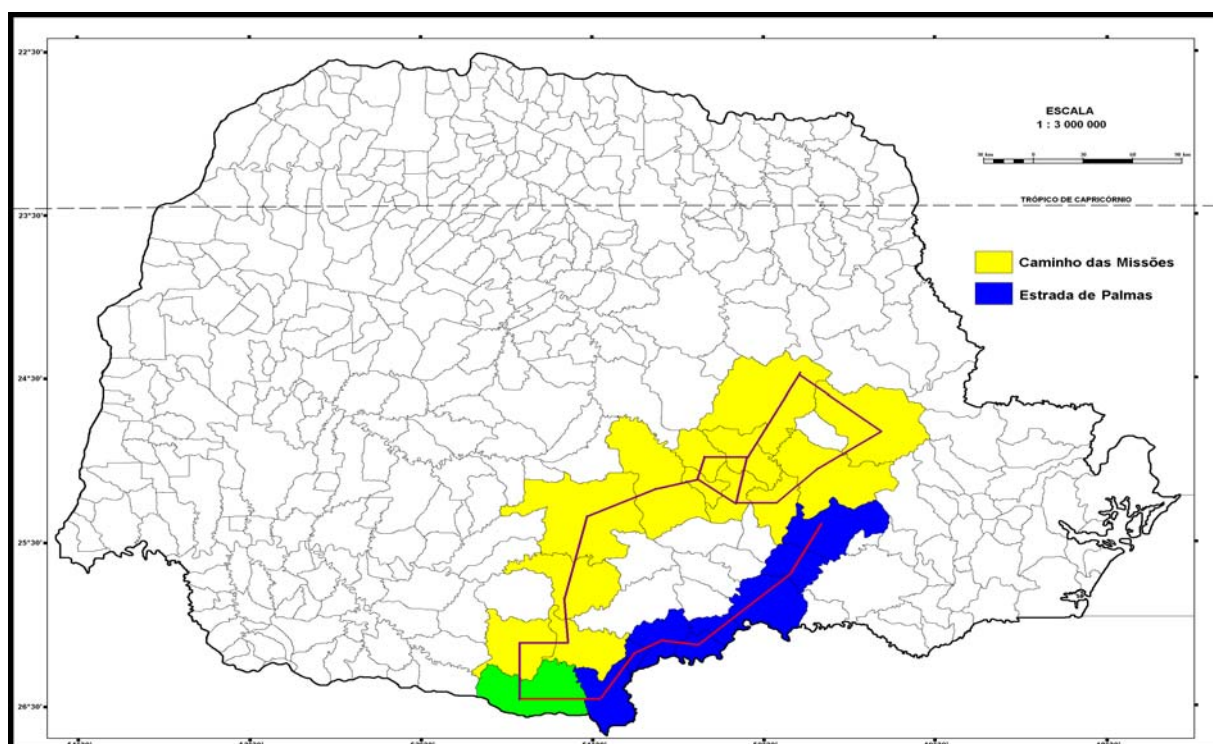
---

<sup>41</sup>-A unidade lexical “muar” é definido por Houaiss (2001) como “relativo a muar, burro; de ou relativo a mulo, mula”.

<sup>42</sup>- O lexicógrafo Houaiss (2001) define a lexia “vacum” como “composto de vacas, bois, touros e novilhos”.

<sup>43</sup> - Conforme descrição desses caminhos apresentados no Capítulo 1, páginas 50-55 e Mapas 6, 7 e 8 das páginas 52-53; 55.

O Mapa 5<sup>44</sup> representa os Caminhos das Tropas em toda a região Sul do Brasil, desde a entrada no Rio Grande do Sul até às cidades de Sorocaba e São Paulo, locais onde se realizavam as maiores feiras de comercialização dos animais. A seguir, podemos conferir pelo Mapa 13 o *Caminho das Missões* e a *Estrada de Palmas*, no estado do Paraná, e os respectivos municípios, situados ao longo desses caminhos. Está assinalado de verde o município de Palmas, que representa o início desses caminhos em território paranaense.



Fontes: Machado (1963) e Filipak (2000).

**Mapa 13** – Municípios do caminho das missões e da estrada de palmas - Organização: Gleidy Milani (2006)

Como já informado ao longo deste trabalho, dois caminhos mencionados no Capítulo 1 foram tomados como critério para a seleção da área investigada nesta pesquisa, cujos trajetos, no território paranaense, iniciam-se na cidade de Palmas (cf. Mapa 13 destacado pela cor verde). Como vimos, Machado (1963) traça dois caminhos a partir de Palmas, com direções opostas, mas com destinos idênticos: a) *Caminho das Missões ou de Guarapuava*, que se iniciava em Rio Pardo (RS), cortava o estado de Santa Catarina e adentrava o estado do Paraná no município de Palmas e passava por Bituruna, por Coronel

<sup>44</sup> - Conforme Capítulo 1, p. 48.

Domingos Soares, por Pinhão e por Guarapuava, de onde uma rota seguia para Prudentópolis, Ivaí, Ipiranga, Tibagi e Castro e a outra para Prudentópolis, Guamiranga, Imbituva, Ipiranga, Teixeira Soares e Ponta Grossa. Os municípios de Prudentópolis e Ipiranga eram cortados por uma rota ao norte e por outra ao sul; b) *Estrada de Palmas*, que tinha como ponto de confluência a cidade de Palmeira, no Caminho do Viamão, com o seguinte trajeto: Palmas, General Carneiro, Porto Vitória, União da Vitória, Paula Freitas, Paulo Frontin, São Mateus do Sul, São João do Triunfo e Palmeira. Os dois caminhos encontram o *Caminho do Viamão*, nas cidades de Palmeira, de Ponta Grossa e de Castro, razão por que essas localidades se tornaram cidades-troncos no território paranaense, durante o ciclo do tropeirismo, de onde as tropas reiniciavam a viagem com destino à Feira de Sorocaba e a São Paulo (MACHADO, 1963).

Importante sublinhar que o traçado dos Caminhos das Tropas, elaborado por Machado, é datado de 1963, época em que a divisão político-administrativa do Paraná reunia 243 municípios (DORFMUND, 1963, p. 55-60), divisão essa bem diferente da atual que contempla 399 municípios, conforme dados disponíveis no site do IBGE, consultado em 2006. Assim, o traçado desses caminhos foi transposto pelo autor desta pesquisa para o Mapa Político do Estado do Paraná/2005 – Escala: 1: 750.000, da Editora Trieste – São Paulo (SP), para fins de delineá-los na atual estrutura político-administrativa do Paraná e, conseqüentemente, identificar os municípios localizados nessas rotas de Tropeiros.

No desenvolvimento desta pesquisa, num primeiro momento, efetuamos o levantamento e a leitura de trabalhos científicos relacionados à Lingüística, à Toponímia, à Etnolingüística, à Lexicologia, cujos princípios orientaram este estudo. Além disso, buscamos referências bibliográficas relacionadas a outras áreas de conhecimento que forneceram dados necessários para a análise dos topônimos – História do Paraná e do Tropeirismo no Brasil, Geografia, Antropologia, além de obras escritas por viajantes exploradores brasileiros e estrangeiros que percorreram o território paranaense, dentre eles, Auguste de Saint-Hillaire (1941 e 1972), Richard Burton (1983) e Bigg-Wither (1974).

A fase seguinte foi centrada na seleção dos documentos para recolha dos dados, ou seja, na seleção dos mapas municipais de onde seriam coletados os topônimos. Para tanto, a primeira iniciativa foi a realização do levantamento, junto a órgãos oficiais do Estado, de mapas dos municípios que atendessem às exigências básicas para o trabalho proposto, isto é, mapas topográficos municipais com uma escala suficiente para fornecer o maior número possível de acidentes geográficos físicos e humanos. Para tanto, contatamos, via telefone, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Regional de Curitiba; o Instituto

Ambiental do Paraná – IAP e a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMA, também em Curitiba. Além disso, fizemos contato com algumas associações da classe tropeira e com museus do tropeirismo – Museu do Tropeiro, em Castro, e Museu dos Campos Gerais, em Ponta Grossa; com centros e associações de tropeiros nas cidades de Tibagi, de Guarapuava, da Lapa, de Ponta Grossa e de Sorocaba e com o Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Em virtude de os resultados desses contatos via telefone não terem sido produtivos, porque não conseguimos os documentos de que necessitávamos, visitamos aqueles órgãos oficiais, com a finalidade de conferir *in loco* o material que poderia ser disponibilizado para o estudo. Em face disso, visitamos o escritório regional da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMA e alguns órgãos públicos estaduais, como a Biblioteca Pública do Paraná, a Casa da Memória e a Biblioteca da Universidade Federal do Paraná. Todavia, não alcançamos totalmente nossos objetivos por ter sido frustrada a visita ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em virtude de os servidores desse órgão, à época, estarem em greve por tempo indeterminado. Mesmo assim, as visitas realizadas aos outros órgãos foram produtivas e pudemos consultar bons trabalhos que tratavam do assunto Tropeirismo e adquirir vários mapas municipais elaborados pela SEMA.

Entretanto, ao analisar esses mapas, percebemos que não se prestavam como fonte primária para a pesquisa, em virtude de alguns elementos essenciais para um estudo toponímico não serem contemplados: ausência de convenções cartográficas; escala não recomendada para o tipo de pesquisa (conforme Dick (1996, p. 32), a escala recomendada é a de 1:50.000 ou de 1: 100.000); atualização dos mapas – por serem elaborados, em sua maioria, em 1980, não contemplavam a atual divisão político-administrativa do Estado; ausência da nomenclatura dos acidentes geográficos, por serem mapas elaborados para outras finalidades.

Essa constatação exigiu novo contato com o IBGE – Regional Curitiba (PR), para solicitação de cópia dos mapas relativos aos 22 municípios paranaenses selecionados, disponibilizados no CD-ROM “Mapa Municipal Estatístico (2004)”, que contém a última atualização dos mapas topográficos físicos dos municípios brasileiros. No entanto, aquela regional repassou a solicitação à central do IBGE, no Rio de Janeiro, que não atendeu o nosso pedido de compra do material, apesar das várias cobranças realizadas por telefone, o que exigiu uma visita à regional do IBGE, em Curitiba, com o intuito de adquirir os mapas pretendidos com a rapidez necessária para garantir a continuidade do trabalho.

Todavia, só conseguimos adquirir o CD-ROM de quinze municípios selecionados, porque os demais não estavam disponibilizados. Em razão disso, para os estudos dos topônimos dos municípios de Ivaí, Ipiranga, Tibagi, Teixeira Soares, Ponta Grossa e São Mateus do Sul foram utilizados os mapas elaborados pela SEMA em escala 1:100.000. Já os topônimos do município de Imbituva foram coletados com base no mapa elaborado pela prefeitura municipal, também em escala 1:100.000.

#### 4.2 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Definidas as fontes primárias dos dados, foi realizado o levantamento de todos os topônimos de acidentes físicos e humanos da toponímia rural de cada município, o que resultou num conjunto de 1.788 topônimos – 615 topônimos de acidentes humanos (cidades, bairros, povoados, vilas, distritos, colônias...) e 1.173 topônimos de acidentes físicos (rios, córregos, ribeirões, arroios, serras, morros...).

Tomando por base a ficha léxico-toponímica elaborada por Dick (2004, p. 130) e o quadro proposto por Dargel (2003, p. 80), foram elaborados dois tipos de quadros para fins de organização dos dados. O primeiro tipo, por município, contendo os elementos básicos a serem examinados na análise de cada topônimo inventariado. Esses quadros foram dispostos, segundo a ordem em que os municípios são apresentados no mapa, obedecendo ao sentido Sul → Norte do traçado dos caminhos. Iniciamos com os municípios situados ao longo do Caminho das Missões (Quadros 1 a 14) e, na seqüência, apresentamos os municípios cortados pela Estrada de Palmas (Quadros 15 a 22).

Para a organização desse primeiro tipo de quadro foram adotados os seguintes procedimentos: i) cabeçalho com os seguintes dados: a) *identificação* do quadro (Ex. Quadro I – Município de Palmas); b) registro do *histórico do nome do município* a partir de consulta a Ferreira, J. (1996 e 1999); c) informação da *data de instalação* do município; d) indicação dos *nomes anteriores do município* com base em Ferreira. (1996) e em Albino (2002); e) registro da *área total do território* municipal em km<sup>2</sup>, com base nos dados fornecidos pelo site do IBGE; f) indicação do *mapa consultado* e da sua respectiva escala; g) registro da *localização* do município no estado do Paraná, em termos de mesorregião e de microrregião, com base na divisão político-administrativa do IBGE; h) indicação dos municípios limítrofes do município em questão, de acordo com o IBGE.

Já o quadro, propriamente dito, contém 07 colunas, na seguinte ordem: *Acidente* (acidente geográfico nomeado); *Topônimo* (o nome do acidente geográfico); *Tipo de acidente* (identificação do acidente geográfico, se humano (AH) ou se físico (AF)); *Etimologia* (etimologia dos nomes de origem indígena); *Língua de Origem* (indicação da língua de origem dos nomes pesquisados); *Classificação Taxionômica* (classificação dos topônimos, segundo o modelo de Dick (1990b, p. 31-34) e adaptações/acréscimos fornecidos por Isquerdo (1996) e pela equipe do Projeto ATEPAR (1998); e *Estrutura Morfológica* (a estrutura de formação do topônimo; se *simples*, quando se define por um só elemento, mesmo com a presença de afixos – arroio dos *Mourão* e arroio *Lajeadinho*, no município de São João do Triunfo - e *composto*, quando constituído de mais de um elemento – ribeirão *Passo Fundo*, no município de Palmeira; e quando o topônimo composto for constituído por elementos de línguas diferentes – distrito *Santo Antonio do Iratim*, no município de Bituruna (português + português + tupi) receberá a marca de *híbrido*. Nesta pesquisa, tratamos apenas do hibridismo na formação do topônimo composto e, para sua identificação, usamos a expressão “composto híbrido”. No fechamento do quadro de cada município, foi registrado o total de topônimos do município, indicando a quantidade de topônimos de aspectos humanos e a de aspectos físicos. No final da apresentação do último quadro (município de Palmeira), informamos o total geral dos topônimos do *corpus*. Para esclarecimentos complementares acerca da significação de termos elevados à categoria de topônimos, que não fazem parte do vocabulário comum da língua, alguns deles apenas de uso regional, ou de topônimos de origem indígena, não raras vezes com etimologia controversa, utilizamos o sistema de *notas de rodapé*.

Já a segunda categoria de quadros reúne os topônimos de cada município que direta ou indiretamente se reportam às tividades relacionadas ao tropeirismo. A montagem desse quadro obedeceu à mesma estrutura dos da primeira categoria, apenas com a diferença de que todos os municípios foram incluídos em dois quadros: um aglutinando os dados dos municípios situados no *Caminho das Missões* (Quadro 23) e o outro reunindo os topônimos dos municípios localizados na *Estrada de Palmas* (Quadro 24). A separação dos dados relativos a cada município foi indicada por uma linha sombreada.

Para obtenção do significado dos itens lexicais que deram origem aos topônimos foram consultados os seguintes dicionários<sup>45</sup>:

---

<sup>45</sup>- A fonte básica para consulta aos significados das unidades lexicais elevadas à categoria de topônimos foi o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Vilar (2001). Quando essa obra não foi suficientemente esclarecedora recorreremos ao *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999) e ao *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete (1970).

- *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Vilar (2001);
- *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999);
- *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete (1970).

Quando a consulta a essas obras lexicográficas não foi suficiente para esclarecer a questão, foi buscada em outras obras a complementação de informações, dentre elas:

- *De Portugal ao Brasil – um pequeno estudo de toponímia brasileira*, de Ivan Lind (1963);
- *Dicionário da terra e da gente do Brasil*, de Bernardino José de Souza (1961);
- *Dicionário Geológico – Geomorfológico*, de Antônio Teixeira Guerra (1987).

Para a busca da etimologia de unidades lexicais de origem indígena, foram utilizadas, como fontes básicas, as seguintes obras:

- *O Tupi na Geographia Nacional*, de Theodoro Sampaio (1928);
- *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi – significado dos nomes geográficos de origem tupi*, de Luiz Caldas Tibiriçá (1985);
- *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, de Antônio Geraldo da Cunha (1999);
- *Dicionário - A língua tupi na Geografia do Brasil*, de Orlando Bordoni (s/d)
- *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Vilar (2001);
- *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999).

Já a classificação taxionômica dos topônimos foi pautada em informações fornecidas pelas obras lexicográficas consultadas e em dados sobre aspectos regionais, como a *hidrografia*; a *biogeografia* do Paraná (a fitogeografia e a zoologia que representam a vegetação, a flora e os espécimes animais do nosso território); a *formação geológica do solo*; as *tribos indígenas* que habitam e habitaram o espaço paranaense; os *ciclos econômicos* da

mineração, da erva-mate e do tropeirismo; os *movimentos de colonização* e de povoamento dos espaços vazios do Estado – correntes migratórias de paulistas, de catarinenses e de gaúchos e imigração européia e asiática.

Em alguns casos, quando não foi possível precisar a causa da motivação, por meio de fontes bibliográficas, efetuamos o contato, via telefone, com moradores da localidade e enviamos correspondências às Secretarias Municipais de Educação e Cultura de cada município, a fim de tentar resgatar o motivo da nomeação. Alguns topônimos apresentaram significados distintos e, por isso, receberam mais de uma classificação. Nesse caso, as duas categorias foram separadas por barra e, para efeitos de quantificação, foi considerada apenas a primeira pelo critério de maior importância dentre as motivações sugeridas, como em rio da Criciúma, no município de Bituruna, que foi classificado como fitotopônimo/corotopônimo. Já nos casos de binomeações de acidentes geográficos físicos como rio *Mato Queimado ou Três Poços* (SMS) em que o primeiro sintagma toponímico foi classificado como *fitotopônimo* e o segundo como *numerotopônimo*, foram consideradas, para efeito de quantificação dos topônimos e de classificação taxionômica, cada uma das duas nomeações e, para o estudo da língua de origem, cada elemento lexical constante dessas nomeações. Além desse, foram registrados os seguintes casos de nomeação dupla para um mesmo acidente: rio *Casa Branca* ou *Água da Bocaina* e rio *Romualdo* ou *Caiu* (PGS), córrego *Manchorra* ou *Veredinha* (PAL/CDS), lajeado do *Saltinho* ou *Ribeirão da Canela* (BIT/CDS) e córrego *Lajeado* ou da *Invernadinha* (PAL). Por fim, na coluna *Classificação Taxionômica*, indicamos a categoria do designativo por meio do prefixo nuclear (greco-latino) – como *fito* para *fitotopônimo* – evitando assim a repetição da lexia *topônimos* na formação da nomenclatura das taxes dos 1.788 ocorrências.

#### 4.3 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Na seqüência, primeiramente serão apresentados os Quadros de 1 a 22 que contém o conjunto do *corpus* estudado (1.788 topônimos), e em seguida, os que reúnem os topônimos relativos ao ciclo do Tropeirismo (Quadros 23 e 24).

## CAMINHO DAS MISSÕES

### Topônimos do Município de PALMAS

**Histórico do nome do município:** homenagem aos Campos de Palmas; referência aos campos ocupados e posteriormente colonizados pelas bandeiras exploradoras, no ano de 1839 (FERREIRA, 1996).

**Data de instalação:** 18.12.1896 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Vila do Senhor Bom Jesus dos Campos de Palmas (FERREIRA, 1996).

**Área:** 1.567,361 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico / 2004 – Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Centro-Sul Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Palmas (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** Clevelândia, Coronel Domingos Soares, Bituruna, General Carneiro e Estado de Santa Catarina. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Palmas <sup>46</sup>	AH		LP	Fito <sup>47</sup>	Simples
Distrito	Horizonte	AH		LP	Cardino	Simples
Povoado <sup>48</sup>	Alegria	AH		LP	Animo eufórico	Simples
	Cerro <sup>49</sup> do Tigre	AH		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido

<sup>46</sup> - Houaiss (2001) define a lexia “palma” como “espécime da família das palmas; folha desses espécimes; folha da palmeira; família da ordem das arecales que reúne 203 gêneros e 2650 subespécies de árvores, de tronco geralmente indiviso (o estipe), também conhecidas como palmeira e coqueiro, embora haja subespécies pequeninas, delgadas e/ou sarmentosas, e lianóides (os ratãs), a maioria com folhas penadas ou flabeliformes, dispostas em espiral, freqüente em rosetas no ápice, flores geralmente sésseis, [...] e drupas com mesocarpo duro e fibroso ou bagas com mesocarpo mole ou carnoso [ nativas de regiões tropicais e subtropicais; mais de 400 subespécies ocorrem no Brasil [...]”. “

<sup>47</sup> - Todas as taxionomias toponímicas registradas nessa coluna foram abreviadas de acordo com a “Lista de abreviaturas e siglas”, incluída entre os elementos pré-textuais deste trabalho.

<sup>48</sup> - A lexia “povoado” foi utilizada em todo o *corpus* com a significação de “quaisquer outras localidades nas quais haja uma concentração de moradores”, isto porque, nos mapas analisados, as convenções cartográficas não definem se se trata de povoado, lugarejo, vila, etc. Conforme o IBGE (2002, p. 01), o “povoado” é uma localidade que tem característica definidora de Aglomerado Rural isolado e possui pelo menos um estabelecimento comercial de bens de consumo freqüente e dois dos seguintes serviços ou equipamento: um estabelecimento de ensino de 1º grau, da 1ª a 4ª série, em funcionamento regular; um posto de saúde, com atendimento regular e um templo religioso de qualquer credo, para atender aos moradores de aglomerado e/ou áreas próximas [...]”.

	Iratim <sup>50</sup>	AH	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Paiol <sup>51</sup> Grande	AH		LE + LP	Eco	Composto híbrido
	Pinhal	AH		LP	Fito	Simple
	Restinga <sup>52</sup> dos Paióis	AH		LP + LE	Fito	Composto
	Salto <sup>53</sup>	AH		LP	Hidro	Simple
	São Lourenço	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Pedro	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Vista Alegre	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
Arroio	Engenho <sup>54</sup>	AF		LP	Socio	Simple
	da Fazenda	AF		LP	Socio	Simple
	Faxinalzinho <sup>55</sup>	AF		LP	Fito	Simple
	Zaira	AF		LP	Antropo	Simple
Córrego	Amazonas	AF		LP	Antropo / Coro	Simple
	Avarento <sup>56</sup>	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	do Banhadão <sup>57</sup>	AF		LE	Hidro	Simple

<sup>49</sup> - Conforme Houaiss (2001), a unidade lexical “cerro” é definida como “pequena elevação; colina, outeiro; elevação pedregosa e íngreme”.

<sup>50</sup> - Houaiss (2001) registra para “iratim”: “o mesmo que iraxim”. Já para “Iraxim” apresenta a seguinte acepção: “abelha social da subfamília dos meliponídeos, amplamente distribuída no Brasil, com cerca de 7 mm de comprimento, corpo ligeiramente alongado e coloração pardo-escuro; constrói um grande ninho de barro, preso entre os galhos e com entrada tubiforme; abelha-limão, arancim, aratim, canudo, iratim, limão, limão-canudo [...]”.

<sup>51</sup> - Conforme Houaiss (2001), a lexia “paiol” é nomeia o “armazém para depósito de produtos agrícolas em geral”.

<sup>52</sup> - Segundo Houaiss (2001), a unidade lexical “restinga” nomeia “faixa de areia ou de pedra que se prende ao litoral e avança pelo mar; formação vegetal característica das dunas e planícies arenosas do litoral brasileiro do Amapá ao Rio Grande do Sul, constituída de mangues, halófitos e xerófitos; PR. Estreita e longa mata que separa dois campos de pastagens”.

<sup>53</sup> - Houaiss (2001) registra a lexia “salto” em duas entradas. Na primeira, com a acepção de “mesmo que queda d’água”; na segunda, com as acepções de “mata cerrada; soto e local elevado; outeiro”. Segundo o lexicógrafo, a etimologia vem do latim *saltus, us* ‘bosque, floresta, mata; clareira, pastagem, prado de pasto; terra, propriedade, herdade; medida agrária; desfiladeiro, garganta; há controvérsia entre os etimologistas do latim sobre o vocábulo *saltus*; Ernout e Meillet (apud HOUAISS, 2001) consideram que, seja qual for seu significado, a palavra é uma só e se liga ao radical de *saltum*, supino de *salire* “saltar, pular”; para eles, da acepção de ‘salto, pulo’ passou-se às acepções de ‘passagem estreita, passo, desfiladeiro’ e, por estes lugares estarem sempre cobertos de vegetação, surgem as acepções de ‘bosque, pasto’ e até mesmo a acepção de medida agrária [...]”. Considerando o significado da lexia na região estudada, como o salto das águas, classificamo-la como *hidrotópônimo*.

<sup>54</sup> - Houaiss (2001) apresenta para a lexia “engenho” as seguintes acepções: “todo o conjunto relativo à cultura e ao processamento da cana-de-açúcar, incluindo as terras cultivadas, as instalações para moagem e as residências de proprietários, colonos e trabalhadores” e “estabelecimento industrial situado em zona canavieira e destinado à moagem da cana para o fabrico de açúcar, aguardente, rapadura. Segundo a força motriz, divide-se em engenho de água, de boi, bangüê, de cavalo, a vapor, etc]; aparelho para moer cana de açúcar, moenda”.

<sup>55</sup> - A unidade lexical “faxinalzinho” é um derivado de faxinal. Para a entrada “faxinal”, Houaiss (2001) registra: “mesmo que faxina”. Já para a unidade lexical “faxina” apresenta, dentre outras, a seguinte definição: “campo que avança pelo interior de uma floresta ou cercado por altas árvores; faxinal; campo de pastagem com presença de arvoredo esguio”. Segundo Dick (1990a, p. 176), os faxinais “caracterizam-se por se apresentarem como “associações mistas” de espécies vegetais das matas costeiras e da zona da Araucária”. Definições que nos levam à classificação desse designativo como *fitotópônimo*.

<sup>56</sup> - Houaiss (2001) apresenta para “avarento” a seguinte definição: “que ou aquele que é obcecado por adquirir e acumular dinheiro; sovina”.

	da Boiada	AF		LP	Zoo	Simple
	do Campo <sup>58</sup> Alto	AF		LP + LP	Fito	Composto
	do Capão <sup>59</sup> Alto	AF	corr. <i>caá-pãu</i> , a ilha de mato, o mato crescido isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	do Capão do Butiá	AF	corr. <i>caá-pãu</i> , a ilha de mato, o mato crescido isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	LT + LT	Fito	Composto
	da Caveira	AF		LP	Necro	Simple
	Cedro <sup>60</sup>	AF		LP	Fito	Simple
	do Cerro Chato	AF		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
	Cerro do Tigre	AF		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
	Chopinzinho	AF	<i>Chopim</i> (ou <i>Chopi</i> ), nome de um pássaro, como um tordo, vulgo, vira – bosta (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	do Chopotó	AF		LNI	S/C	Simple
	da Dama	AF		LP	Axio	Simple
	da Entrada	AF		LP	Hodo	Simple
	do Ferro	AF		LP	Lito	Simple
	da Grama	AF		LP	Fito	Simple
	do João Batista	AF		LP + LP	Antropo	Composto
	do Isidoro	AF		LP	Antropo	Simple
	da Lagoa <sup>61</sup>	AF		LP	Hidro	Simple
	Lajeado <sup>62</sup> ou da Invernadinha <sup>63</sup>	AF		LP LE	- Lito - Socio	Simple

<sup>57</sup> - Os dicionários consultados não registram “banhadão”. Houaiss (2001) apresenta a seguinte acepção para “banhado”: “pântano coberto de vegetação; brejo, charco”.

<sup>58</sup> Segundo Souza (1961, p. 76), a unidade lexical “campo” é um “nome generalizado em todo o Brasil, designativo de extensos tratos de terra onde predominam as gramíneas, cobertos de ervas, desde a cor parda até a verde [...]”. Já Ferreira, A., (1999) a registra como “extensão de terra sem mata e que tem, ou não, árvores esparsas; terreno extenso e mais ou menos plano que tanto se pode destinar às pastagens do gado como ao cultivo agrícola”. Houaiss (2001), por sua vez, apresenta-lhe as seguintes definições: “terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; campina; terreno plano e extenso destinado à agricultura ou às pastagens”. Já Abreu (1963, p. 272) opõe a significação do “campo” do Sul a de “caatinga” do Norte/Nordeste. Segundo o autor, o *campo* oferecia no Sul “rios perenes em grande número, clima menos ardente, matas de pinheiro, cujos frutos eram excelentes e abundante provisão, constituindo no meio das solidões um verdadeiro oásis”. Para subsidiar nossa análise sobre a significação da lexia empregada na região investigada, reproduzimos uma citação constante do site da Universidade Estadual de Ponta Grossa: “A expressão ‘Campos Gerais do Paraná’ foi consagrada por Maack (1948 apud UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA / Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais, 2006), que a definiu como uma zona fitogeográfica natural, com campos limpos e matas galerias ou capões isolados de floresta ombrófila mista, onde aparece o pinheiro araucária. Nessa perspectiva, a região é ainda limitada à área de ocorrência dessa vegetação que a caracteriza situada entre o Segundo Planalto Paranaense, no reverso da Escarpa Devoniana, que o separa do Primeiro Planalto, situado a leste”. Analisando todas essas definições e confirmado o significado da lexia *campo* como toda a área coberta por gramíneas e arbustos, empregado na região investigada, concluímos pela sua classificação como *Fitotopônimo*.

<sup>59</sup> - Conforme Cunha (1999, p. 94), “capão” tem origem no tupi *kaa’pau* significando pequeno bosque insulado num descampado e apresenta as seguintes variantes: *capam*, *capoão*, *caapão*, *caãpuão*.

<sup>60</sup> - Houaiss (2001) registra para a unidade lexical “cedro” as seguintes acepções: “designação comum às árvores do gênero *Cedrus* da família das pináceas, que reúne quatro subespécies nativas de regiões montanhosas do Norte da África à Ásia, cultivadas como ornamentais e pelas madeiras de qualidade.”

<sup>61</sup> - Magalhães (1976, p. 265) define o item lexical “lagoa” como: “lago de pequena extensão e profundidade”.

	do Machado Velho	AF		LP + LP	Ergo	Composto
	Manchorra <sup>64</sup> ou Veredinha <sup>65</sup>	AF		LP LP	- Zoo - Hodo	Simples
	do Meio	AF		LP	Cardino	Simples
	Monjolo <sup>66</sup>	AF		LQB	Ergo	Simples
	Mundéu <sup>67</sup>	AF	Do tupi <i>nō-ndé</i> – o que envolve, o laço (SAMPAIO, 1928).	LT	Ergo	Simples
	Paiolzinho	AF		LE	Eco	Simples
	do Passo <sup>68</sup> Feio	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo / Coro	Composto
	do Passo Liso	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	das Pedras	AF		LP	Lito	Simples
	da Platina	AF		LP	Lito	Simples
	do Pocinho	AF		LP	Hidro	Simples
	dos Portelas	AF		LP	Antropo	Simples
	do Proêncio	AF		LP	Antropo	Simples
	Quiguaí	AF		LNI	S/C	Simples
	da Renascença	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	do Retiro <sup>69</sup>	AF		LP	Socio	Simples
	Rodeiozinho <sup>70</sup>	AF		LP	Socio	Simples

<sup>62</sup> - Houaiss (2001) assim define “lajeado”: “que se lajeou [...]; regato cujo leito é rochoso”. Essa lexia aparece em todo o *corpus* como topônimo que nomeia um curso d’água e de aglomerados humanos sendo classificada de *litotopônimo* e em alguns casos identifica o próprio elemento genérico e seus aspectos físicos se assemelham aos de um arroio, riacho, sanga, etc.

<sup>63</sup> - Diminutivo de “invernada”. Houaiss (2001) registra duas entradas para “invernada”. Na primeira, como “tempo borrascoso, de chuvas e ventos, próprio do inverno; inverno austero, duro, rigoroso; B período de chuvas prolongadas” e na segunda “B.S. pasto de longa extensão cercado de obstáculos naturais ou artificiais, que se destina ao descanso, à engorda de animais de criação ou ainda a outros fins”. Já Saint-Hilaire (1972, p. 137) manifesta-se a respeito do sentido de invernada, ao afirmar que “significa, a bem dizer, o que se passa durante o inverno, e não pode, ao que me parece ser senão imperfeitamente traduzido pela palavra francesa *hivernage*, e é natural que no Brasil tenha sido aplicado a essas espécies de abrigos aos quais as tropas podem se recolher ou organizar, antes da chegada da estação das viagens”. Como a região em estudo na época do Ciclo do Tropeirismo tinha grandes extensões de pastos que serviam de descanso para tropas e tropeiros, optamos pela segunda definição, para fins de classificação do topônimo Invernada, classificando-o como *fitotopônimo*. Ferreira (1999) atribui à unidade em questão de origem do espanhol platino *invernada*.

<sup>64</sup> - Não localizamos, nos dicionários pesquisados, a entrada “manchorra”. Segundo Houaiss (2001), a unidade lexical “machorra” designa “fêmea estéril, incapaz de procriar”. É um caso de nasalização por assimilação da nasal inicial.

<sup>65</sup> - Diminutivo de vereda. Houaiss (2001) define “vereda” como “caminho estreito, senda, sendeiro; caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho”.

<sup>66</sup> - Houaiss (2001) apresenta a lexia “monjolo” em duas entradas. Na primeira registra as acepções: “engenho rudimentar, acionado à água, usado para pilar milho e descascar café [...]; negro brasileiro empregado como escravo na agricultura colonial”, já na segunda o lexicógrafo define como “árvore da família das leguminosas, subfamília mimosóidea, nativa do Brasil (BA, MG, ES, RJ, GO)”. Ficamos com a primeira acepção por ser o referido engenho um utensílio comum na região pesquisada.

<sup>67</sup> - Souza (1961, p. 224) assim se refere a “mundéu”: “além de designar uma espécie de armadilha para apanhar caça, Beaurepaire-Rohan registra o sentido de casa velha, arruinada, que ameaça cair. Escreve-se, também, *mundé, monde, mondéu*”. Optamos pela primeira acepção e, portanto, pela classificação de *ergotopônimo*.

<sup>68</sup> - Houaiss (2001) define a unidade lexical “passo” com as seguintes acepções “entrada ou passagem estreita; mesmo que desfiladeiro; passagem de mar; estreito; num rio ou arroio, local de passagem habitual”. Assumimos a classificação de *hodotopônimo* de acordo com Dick (1990a, p. 249) que aponta outras designações que subentendem a idéia de passagem ou ligação entre cursos d’água.

<sup>69</sup> - Houaiss (2001) registra para a lexia “retiro” a seguinte definição: “fazenda onde se põe o gado durante certas épocas do ano; rancho para guarda do gado durante o inverno; MS MT na fazenda, lugar onde se cria o gado; local onde as reses são reunidas para contagem, marcação e para alimentarem-se de sal”.

	Santa Bárbara	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	da Serrinha	AF		LP	Geomorfo	Simples
	das Sete Quedas	AF		LP + LP	Numero	Composto
	Suro <sup>71</sup>	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	Taquari	AF	Tupi: corr. <i>taquar-y</i> , o rio das taquaras (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	do Tigre	AF		LP	Zôo	Simples
	da Usina	AF		LP	Ergo	Simples
	do Vieira	AF		LP	Antropo	Simples
Lajeado	Aterrado <sup>72</sup> Alto	AF		LP + LP	Geomorfo	Composto
	da Goiabeira	AF		LP	Fito	Simples
Cerro	do Tigre	AF		LP	Zôo	Simples
Ribeirão	da Bandeira	AF		LP	Ergo	Simples
	da Cascavel	AF		LP	Zôo	Simples
	Divisa <sup>73</sup>	AF		LP	Cardino	Simples
	do Lagoão	AF		LP	Hidro	Simples
	Passo Velho	AF		LP	Hodo	Composto
Rio	da Bandeira	AF		LP	Ergo	Simples
	das Caldeiras <sup>74</sup>	AF		LP	Ergo	Simples
	Chopim	AF	Tupi: ou <i>Chopi</i> , nome de um pássaro, como um tordo, vulgo, vira-bosta. (SAMPAIO, 1928).	LT	Zôo	Simples
	Iratim	AF	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zôo	Simples
	das Lontras <sup>75</sup>	AF		LP	Zôo	Simples
	Mangueirinha	AF		LP	Socio	Simples
	Passa Três	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	São Lourenço	AF		LP + LP	Hagio	Composto
<b>Total de topônimos de Palmas = 81 ( AH = 12 AF= 69 )</b>						

**Quadro 1 – Topônimos do Município de Palmas**

<sup>70</sup> - Houaiss (2001) define rodeio como “ato de reunir o gado em local determinado para marcar, curar, ferrar, etc; lugar em campo aberto, onde se realiza essa reunião; rodeador”.

<sup>71</sup> - Para Houaiss (2001), o item lexical “suro” refere-se ao animal “sem cauda ou que apresenta apenas um coto da cauda (diz-se de animal)”

<sup>72</sup> - Segundo Houaiss (2001), a lexia “aterrado” apresenta as seguintes acepções: “coberto, cheio ou alteado com terra [...]; terreno surgido em consequência de aterro; MA terreno de aluvião às margens de um curso d’água; MT terra firme e seca no centro ou à margem de alagadiços”.

<sup>73</sup> - Conforme Magalhães (1976, p. 153), “divisa” designa “linha divisória entre dois países, fronteira ou divisões administrativas de um país e entre propriedades – o mesmo que limite”.

<sup>74</sup> - Houaiss (2001) assim define “caldeira”: “recipiente metálico de tamanhos variados destinado a aquecer água e outros líquidos, a produzir vapor, à cocção de alimentos etc. recipiente metálico fechado, de formatos diversos que produz o vapor necessário ao funcionamento de máquinas a vapor”.

<sup>75</sup> - Conforme Houaiss (2001), o item lexical “lontra” é uma “designação comum aos mamíferos carnívoros do gênero *Lutra*, da família dos mustelídeos, com oito subespécies aquáticas ou subaquáticas, encontradas em quase todo o mundo”.

## Topônimos do Município de BITURUNA

**Histórico do nome do município:** Designação da nação indígena de mesmo nome que habitava a região (FERREIRA, 1996).

**Data de instalação:** 14.12.1955 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es) :** Santo Antônio do Iratim (1924) → Santa Bárbara (1928) (FERREIRA, 1996)

**Área:** 1.214,905 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico / 2004 - Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de União da Vitória (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** Palmas, Coronel Domingos Soares, Reserva do Iguçu, Pinhão, General Carneiro, Porto Vitória, União da Vitória e Cruz Machado.(IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Bituruna <sup>76</sup>	AH		LT	Etno	Simple
Colônia	Bituruna	AH		LT	Etno	Simple
	Engano	AH		LP	Animo disfórico	Simple
	Encantado Primeiro	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Encantado Terceiro	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Esperança	AH		LP	Animo eufórico	Simple
	Esperança do Meio	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Esperança de Cima	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Iratim	AH	Tupi “ <i>e íra</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Iratinzinho	AH	Tupi “ <i>e íra</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	da Jacutinga	AH	Tupi: corr. <i>yacú-tinga</i> , o jacú branco (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	do Lajeado	AH		LP	Lito	Simple
	Linha da Vitória	AH		LP + LP	Polio	Composto
	Machado	AH		LP	Ergo	Simple
	Maria Goretti	AH		LP + LP	Antropo	Composto

<sup>76</sup> - Martins (1953, p. 35) aponta o nome “biturunas ou ibiturunas – como nome designativo de tribos indígenas estabelecidas nos Campos de Palmas, espalhados nas regiões das nascentes dos rios Chopim (antigo Peritiba) e Chapecó (nome dos campos) – presença antiga deste gentio nos campos modernamente chamados de Palmas”.

	Papuã <sup>77</sup>	AH		LT	Fito	Simple
	Pitanga	AH	Tupi: adj. Vermelho, corado; fino, delicado; subst. a criança, o menino. Nome de fruta ácida de pele delicada e corada da <i>Eugenia uniflora</i> (SAMPAIO, 1928)	LT	Fito	Simple
	Ribeira <sup>78</sup> do Iratim	AH	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LP + LT	Hidro	Composto híbrido
	S. Augusto Segunda	AH		LP + LP + LP	Antropo	Composto
	do Saltinho de Santana	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	do Salto	AH		LP	Hidro	Simple
	Salto Bonito	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Santo Antônio	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São José	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Roque	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Vicente	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	dos Tomás	AH		LP	Antropo	Simple
Distrito	Criciúma	AH	Provável origem tupi (HOUAISS, 2001)	LT	Fito / Coro	Simple
	Santa Teresinha	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Santo Antônio do Iratim	AH	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LP+ LP + LT	Hagio	Composto híbrido
Povoado	Agrião	AH		LP	Fito	Simple
	Augusto Loureiro	AH		LP + LP	Antropo	Composto
	Barra <sup>79</sup> do Jacutinga	AH	Tupi: corr. <i>yacú-tinga</i> , o jacú branco (SAMPAIO, 1928).	LP+ LT	Hidro	Composto híbrido
	Boa Vista	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Campo Novo	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Canela	AH		LP	Fito	Simple
	Cascata <sup>80</sup>	AH		LP	Hidro	Simple
	Empossado	AH		LP	Hidro	Simple
	Faxinal dos Santos	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Gramado	AH		LP	Fito	Simple
	Ipoca <sup>81</sup>	AH	Dick (1990b, p. 253) registra “ <i>ipioca</i> ” de origem tupi “ <i>raiz d’água</i> ”	LT	Hidro	Simple

<sup>77</sup> - Houaiss (2001), no verbete “papuã”, registra: “PR mesmo que capim-marmelada”; e na unidade lexical composta “capim-marmelada”: “erva da família das gramíneas, de colmo estriado, folhas lanceoladas e espigas lineares, nativa de regiões tropicais e subtropicais da América do Sul, especialmente do Brasil, e cultivada como forrageira; braquiária, capim-de-são-paulo, guatemala, grama paulista, milha-branca, papuã”.

<sup>78</sup> - Para Houaiss (2001), “ribeira” nomeia “terreno baixo, adjacente às margens de um rio e, geralmente, banhado por ele; curso d’água, navegável ou não, entre margens próximas, maior que os regatos e riachos e menor que os rios”.

<sup>79</sup> -Houaiss (2001) define “barra” como “entrada de um porto, entre duas porções avançadas de terra firme; entrada de baía [...] local em que um rio deságua no mar ou em lago; desembocadura, foz”.

<sup>80</sup> - Conforme Magalhães (1976, p. 102), “cascata” significa “queda em correntes d’água pouco volumosas”.

	Iratinzinho	AH	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Jararaca	AH	Tupi :corr. <i>ya-ra-raca</i> – aquele que colhe ou agarra envenenando (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Passo da Imbuia	AH		LP + LT	Hodo	Composto híbrido
	Pitanguinha <sup>82</sup>	AH		LT	Fito	Simple
	Placa	AH		LP	Ergo	Simple
	Ponta Grossa	AH		LP + LP	Coro	Composto
	Rio das Antas <sup>83</sup>	AH		LP + LA	Hidro	Composto híbrido
	Responde <sup>84</sup>	AH		LE	Socio	Simple
	Santa Catarina	AH		LP + LP	Coro / Hagio	Composto
	Santa Teresinha	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Santo Antônio do Iratinzinho	AH		LP + LP + LT	Hagio	Composto híbrido
	São José	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Roque	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Tamanduá	AH	Tupi: corr. <i>ta-mondúa</i> , o caçador de formigas O componente <i>-ta-</i> é uma forma contrata de <i>tacy</i> , a formiga (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Três Ranchos	AH		LP + LE	Numero	Composto
	Volta Grande	AH		LP + LP	Morfo	Composto
Córrego	Açuí	AF	Tupi: <i>açu</i> + <i>i</i> – rio grande, considerável (SAMPAIO, 1928))	LT	Hidro	Simple
	Boa Esperança	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	da Cachoeira <sup>85</sup>	AF		LP	Hidro	Simple
	Cadela	AF		LP	Zoo	Simple
	da Cascatinha	AF		LP	Hidro	Simple
	Catete <sup>86</sup>	AF	Tupi: <i>aba`ti</i> ...milho + <i>éte</i> ....verdadeiro	LT	Fito	Simple
	Deixado	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	do Espreado <sup>87</sup>	AF		LP	Hidro	Simple

<sup>81</sup> - Lexia não dicionarizada. Dick (1990b, p. 253) registra “ipioca” de origem tupi “raiz d’água” e a classifica como um *hidrotopônimo*. A hipótese é de que *ipoca* seja uma variante gráfica com a supressão da vogal “i” intermediária.

<sup>82</sup> - A lexia “pitanguinha” é derivada de “pitanga” que, segundo Sampaio (1928), é de origem tupi: “adjetivo vermelho, corado; fino, delicado, macio; a cútis fina; substitui, a criança, o menino. Vale o mesmo que piranga. É o nome da fruta acida de pele delicada e corada”.

<sup>83</sup> - Cunha (1986, p. 52) registra a unidade lexical “anta” como “mamífero da família dos tapirídeos”, de etimologia do árabe hispânico e africano *lamt*.

<sup>84</sup> - A lexia “responde” não está dicionarizada. Segundo informação, por telefone, do professor João Francisco Lopes, da Escola do Assentamento 12 de Abril, o nome correto é “reponde”, unidade registrada por Houaiss (2001) como “B.S ato de repontar (enxotar animais em certa direção) Etimologia espanhol *repunte*”

<sup>85</sup> - Magalhães (1976, p. 86) assim define a lexia “cachoeira”: “desnível acentuado na superfície de um curso d’água, decorrente de forte declive em seu leito, sem que haja, no entanto, queda vertical em suas águas”.

<sup>86</sup> - “Catete” é definida por Houaiss (2001) como “variedade de milho de espiga curta e grão pequeno”; designa ainda “galináceo de pernas nuas e penugem lisa; o mesmo que *caititu* (Tayassu tajacu) e apresenta como etimologia provável de alteração de batité, do tupi “aba`ti” milho e “éte”, verdadeiro.”

	da Fazendinha	AF		LP	Socio	Simple
	Feliz	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	do Gramado	AF		LP	Fito	Simple
	Grande	AF		LP	Dimensio	Simple
	do Grotão <sup>88</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simple
	do Inferninho	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	Ipoca	AF		LT	Hidro	Simple
	da Jacutinga	AF	Tupi: corr. <i>yacú-tinga</i> , o jacu branco (Ave. Penélope) leucoptera) (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simple
	da Mata	AF		LP	Fito	Simple
	do Mato Frio	AF		LP + LP	Fito	Composto
	do Mil-Homens <sup>89</sup>	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Missioneiro <sup>90</sup>	AF		LP	Etno	Simple
	da Passagem	AF		LP	Hodo	Simple
	Pedra de afiar <sup>91</sup>	AF		LP + LP	Lito / Geomorfo	Composto
	do Periquito	AF		LP	Zoo	Simple
	Primavera	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	Responde	AF		LE	Socio	Simple
	Rodeio	AF		LP	Socio	Simple
	Santo Antônio	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Francisco	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Vicente	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Tamanduá	AF	Tupi: corr. <i>ta-mondúa</i> , o caçador de formigas O componente <i>-ta-</i> é uma forma contrata de <i>tacy</i> , a formiga (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Urutum	AF	Tupi: corr. <i>u-u-tú</i> , por eufonia <i>u-ru-tú</i> ; morde de arremes- so, que morde aos botes. Espécie de bagres de pele amarela e também o nome de um ofídio dos mais perigosos do país (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	do Veado	AF		LP	Zoo	Simple
	Volta Seca	AF		LP + LP	Morfo	Composto
Lajeado	do Erval <sup>92</sup>	AF		LP	Fito	Simple

<sup>87</sup> - “Espreado” é verbete de Houaiss (2001) na acepção de “espaço deixado pela maré vazante; alargamento do leito de um rio, geralmente pouco profundo e de margens arenosas; SP. rio pequeno e raso, que corre em terreno arenoso”.

<sup>88</sup> - No Houaiss (2001), “grotão” é definido como “grande grotta; depressão muito grande do solo, que aparece em encostas alcantiladas”.

<sup>89</sup> - “Mil-homens”, segundo Houaiss (2001), designa a “planta volúvel da família das aristoloquiáceas, com folhas membranáceas, flores com lábio de até 50/35 cm”.

<sup>90</sup> - No Houaiss (2001), a unidade lexical “missioneiro” é registrada como um qualificativo “relativo às antigas missões jesuíticas do Uruguai e do Rio Grande do Sul, ou o que é natural ou habitante das localidades onde elas estavam situadas”.

<sup>91</sup> - Guerra (1987, p. 313) define “pedra de afiar” (ou pedra de amolar) como “denominação usada para os quartzitos e arenitos duros os quais podem ser utilizados para amolar objetos cortantes”.

<sup>92</sup> - Houaiss (2001) define o item lexical “erval” como “conjunto de plantas, ou área por ele coberta, em que há predomínio da erva-mate”.

	da Escada	AF		LP	Ergo	Simple
	Grande	AF		LP	Dimensio	Simple
	do Mico	AF		LP	Zoo	Simple
	do Saltinho ou Ribeirão da Canela	AF		LP LP + LP	- Hidro - Hidro	Simple
Ribeirão	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	Cantagalo <sup>93</sup>	AF		LP	Coro	Simple
	Chico André	AF		LP + LP	Antropo	Composto
	Empossado <sup>94</sup>	AF		LP	Hidro	Simple
	do Engano	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	do Navegante	AF		LP	Socio	Simple
	Papuã	AF		LT	Fito	Simple
	do Pereira	AF		LP	Antropo	Simple
	Pitanguinha	AF	Tupi: adj. Vermelho, corado; fino, delicado; subst. a criança, o menino. Nome de fruta ácida de pele delicada e corada da <i>Eugenia uniflora</i> (SAMPAIO, 1928)	LT	Fito	Simple
	Quinze Passos	AF		LP + LP	Numero	Composto
	Sabiá	AF		LP	Zoo	Simple
Rio	das Antas	AF		LA	Zoo	Simple
	da Criciúma <sup>95</sup>	AF		LT	Fito / Coro	Simple
	Iguaçu	AF	Tupi <i>y-guassu</i> , rio grande (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Dimensio	Simple
	Iratinzinho	AF	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Jacutinga	AF	Tupi: corr. <i>yacú-tinga</i> , o jacu branco (Ave. Penélope) leucoptera) (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Jangada <sup>96</sup>	AF		LM	Ergo	Simple
	da Jararaca	AF	Tupi :corr. <i>ya-ra-raca</i> – aquele que colhe ou agarra envenenando (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Pinhal <sup>97</sup>	AF		LP	Fito	Simple
	Santa Rosa	AF		LP + LP	Hagio	Composto
Serra	da Boa Vista	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto

<sup>93</sup> - Ferreira, J., (1999, p. 72) fornece a seguinte explicação para “cantagalo”: “é uma referência à cidade vizinha de Cantagalo – A denominação origina-se de antigo pouso de tropeiros, onde, nas frias madrugadas de inverno, se ouvia uníssona cantiga de galo. Outra versão apresentada é que os tropeiros cantarolavam e apreciavam a melodia sertaneja denominada “Cantiga de Galo”.

<sup>94</sup> - Houaiss (2001) registra, no verbete “empoçado”, as seguintes acepções: “metido em ou que caiu em poço ou poça; que criou poça”. Provavelmente ocorreu uma variante gráfica no nome impresso no mapa.

<sup>95</sup> - No dicionário Houaiss (2001) “criciúma” é definida como “designação comum às plantas do gênero *Criciúma* (por vezes incluído no gênero *Bambusa*), da família das gramíneas, com apenas uma subespécie (*Criciúma asymetrica*), uma trepadeira nativa do Brasil”. O topônimo pode ser também uma referência à cidade de Criciúma, do vizinho estado de Santa Catarina, uma forma de os antigos migrantes homenagear a sua cidade de origem.

<sup>96</sup> - “Jangada”, segundo Ferreira, A., (1999), tem a etimologia do malaiala *changādam*, de origem sânscrita.

<sup>97</sup> - Segundo Houaiss (2001), “pinhal” nomeia “extenso aglomerado de pinheiros em determinada área”.

	do Irati	AF	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
<b>Total de topônimos de Bituruna = 120 (AH = 57 AF = 63)</b>						

## Quadro 2 – Topônimos do Município de Bituruna

### Topônimos do Município de CORONEL DOMINGOS SOARES

**Histórico do nome do município:** Homenagem ao Coronel Domingos Soares, proprietário da Fazenda Postinho, passagem obrigatória de tropas (FERREIRA, J. 1999, p. 88).

**Data de instalação:** 21.12.1995 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Palmas.

**Área:** 1.557, 894 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico / 2004 - Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Centro-Sul Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Palmas (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** Palmas, Clevelândia, Mangueirinha, Reserva do Iguaçu, Pinhão e Bituruna. (IBGE, 2006)

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Cel. Domingos Soares	AH		LP + LP + LP	Axio	Composto
Distrito	Padre Ponciano	AH		LP + LNI	Hiero	Composto
	Ubaldo Taques	AH		LP + LP	Antropo	Composto
Povoado	Arroio Bonito	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Bom Retiro	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Cadeado	AH		LP	Ergo	Simple
	Chico André	AH		LP + LP	Antropo	Composto
	Correias	AH		LP	Antropo	Simple
	Engenho Velho	AH		LP + LP	Socio	Composto
	Empresa	AH		LP	Socio	Simple
	Estrela do Meio	AH		LP + LP	Astro	Composto
	Estrela de Cima	AH		LP + LP	Astro	Composto

	Irara <sup>98</sup>	AH	Tupi: corr. <i>ira-ra</i> , o que colhe mel; o papa mel. (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Iratim	AH	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Passo da Barraca	AH		LP + LP	Hodo	Composto
	São João	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São João do Cerro Agudo	AH		LP + LP + LE + LP	Hagio	Composto híbrido
	Vista Alegre	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
Arroio	Faxinal	AF		LP	Fito	Simple
	Teixeira	AF		LP	Antropo	Simple
Córrego	da Água Comprida	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	do Brejo	AF		LP	Lito	Simple
	dos Bugres <sup>99</sup>	AF		LP	Etno	Simple
	Burro Bravo	AF		LP + LP	Zoo	Composto
	do Caçador	AF		LP	Socio	Simple
	da Cachoeira	AF		LP	Hidro	Simple
	Cadeado	AF		LP	Ergo	Simple
	do Cambuí	AF	( <i>cambuy</i> – Tupi: corr. <i>caá-mboy</i> , a planta ou folha que se desprende. (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Criciúma	AF		LT	Fito/Coro	Simple
	da Divisa	AF		LP	Cardino	Simple
	Dorneles	AF		LNI	Antropo	Simple
	do Engenho do Jorge	AF		LP + LP	Socio	Composto
	do Engenho Velho	AF		LP + LP	Socio	Composto
	Espera Bóia	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	Estancado <sup>100</sup>	AF		LP	Hidro	Simple
	Faxinal	AF		LP	Fito	Simple
	Fortaleza	AF		LP	Coro	Simple
	da Invernada	AF		LE	Socio	Simple
	Invernadinha	AF		LE	Socio	Simple
	da Irara	AF	Tupi: corr. <i>ira-ra</i> , o que colhe mel; o papa mel. (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple

<sup>98</sup> - Segundo Houaiss (2001), *irara* “é um brasileirismo para designar o mamífero carnívoro, florestal, de corpo esguio, com pelagem curta e áspera negra ou marrom-escuro no corpo, pernas curtas e cauda comprida, encontrado do México à Argentina”.

<sup>99</sup> - Machado (2004, p. 108) apresenta uma importante citação de “Corografia Brasileira ou Relação Histórico-geográfica do Reino do Brasil” (1976) da coleção Reconquista do Brasil, sobre o vocábulo “bugre” como de uso corrente pelos paulistas para identificar as tribos indígenas, em geral: “[...] o padre Manoel Aires de Casal afirmava, em 1817, que era assim que os paulistas denominavam todos os grupos indígenas, do rio Tietê até o rio Uruguai”.

<sup>100</sup> - Trata-se do participio do verbo “estancar”, item lexical assim definido por Houaiss (2001): “fazer parar ou parar de correr (diz-se de líquido); deter (-se), estagnar (-se)”.

	do Lagoão	AF		LP	Hidro	Simples
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	da Lajinha	AF		LP	Lito	Simples
	da Limeira	AF		LP	Fito	Simples
	Manchorra ou Veredinha	AF		LP LP	- Zoo - Hodo	Simples
	dos Mendes	AF		LP	Antropo	Simples
	Monjolo	AF		LQB	Ergo	Simples
	Núncio <sup>101</sup>	AF		LP	Socio	Simples
	do Paiol Grande	AF		LE + LP	Eco	Composto
	do Passo Feio	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo/Coro	Composto
	Passo da Galinha	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	do Passo da Laje	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo Liso	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo da Raia	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Pedregulho	AF		LP	Lito	Simples
	do Pinhal	AF		LP	Fito	Simples
	do Pintado	AF		LP	Zoo	Simples
	do Pouso Feio	AF		LP + LP	Socio	Composto
	Rincão <sup>102</sup>	AF		LE	Socio	Simples
	São João	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Roque	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	da Serra Preta	AF		LP + LP	Geomorfo	Composto
	do Tabuleiro <sup>103</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Verdinho	AF		LP	Cromo	Simples
	Vista Alegre	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
Lajeado	da Catanduva	AF	Tupi: corr. <i>caatã-dyba</i> , o local do mato ralo, ou do cerrado; terreno seco com mato de inferior qualidade (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	da Escada	AF		LP	Ergo	Simples
	do Rancho	AF		LE	Eco	Simples
	do Saltinho ou Ribeirão da Canela	AF		LP LP + LP	- Hidro - Hidro	Simples
Ribeirão	do Agudo	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Chico André	AF		LP + LP	Antropo	Composto
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo/Coro	Composto
	Pinhal	AF		LP	Fito	Simples
	Solais <sup>104</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples
Rio	Butiá <sup>105</sup>	AF	Tupi: “ <i>imbutiá</i> ” – dente encurvado, em alusão aos dentes que	LT	Fito	Simples

<sup>101</sup> - Conforme Houaiss (2001), “núncio” designa “mensageiro incumbido de anunciar, transmitir a vontade de outrem, repetindo-a”.

<sup>102</sup> - Houaiss (2001) registra as seguintes acepções para o verbete “rincão”: “lugar afastado, sítio longínquo; recanto; B lugar muito abrigado, cercado de matas e/ou rios; trecho de campanha, cercado por acidentes naturais como rios, matos para onde se levam os animais, a fim de que lá pastem em segurança”.

<sup>103</sup> - Lind (1963) apresenta a lexia “tabuleiro” relacionada à configuração do terreno. Também Houaiss (2001) a define como “MG planalto com pequenas elevações, separado de outro análogo por escarpas abruptas; B NE terreno pouco elevado de solo arenoso e vegetação rarefeita; MG. Planalto de nível irregular em que se encontram acentuadas escarpas”.

<sup>104</sup> - Conforme Houaiss (2001), “solais” se refere à geomorfologia e reúne as seguintes acepções: “B.S. parte da rocha que, no alto da serra ou morro, começa a encurvar-se para o declive; desaprumado, inclinado”.

			protegem o pecíolo e as folhas.(HOUAISS, 2001).			
	Chopim	AF	Tupi: ou <i>Chopi</i> , nome de um pássaro, como um tordo, vulgo, vira-bosta (TS).	LT	Zoo	Simple
	da Estrela	AF		LP	Astro	Simple
	Iguaçu	AF	Tupi <i>y-guassu</i> , rio grande (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Dimensio	Simple
	Irara	AF		LT	Zoo	Simple
	Iratim	AF	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928)..	LT	Zoo	Simple
	dos Patos	AF		LP	Zoo	Simple
	São Pedro	AF		LP	Hagio	Composto
Serra	Branca	AF		LP	Cromo	Simple
<b>Total de topônimos de Coronel Domingos Soares = 87 (AH = 18 AF= 69)</b>						

**Quadro 3** – Topônimos do Município de Coronel Domingos Soares

### Topônimos do Município de PINHÃO

**Histórico do nome do município:** Homenagem aos campos do lugar que apresentavam, ao tempo de sua ocupação, extensos pinheirais, cujos frutos são denominados pinhão ( ATEPAR, 1999).

**Data de instalação:** 14.03.1965 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Vila Nova (1892).

**Área:** 2.001,586 km<sup>2</sup>.

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico / 2004 - Escala: 1: 50.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Centro-Sul Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Guarapuava (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** Reserva do Iguaçu, Foz do Jordão, Cândói, Coronel Domingos Soares, Guarapuava, Inácio Martins, Cruz Machado e Bituruna.(IBGE, 2006).

<sup>105</sup> - Houaiss (2001) define “butiá” como “designação comum às palmeiras do gênero Butiá, com oito subespécies, nativas da América do Sul, geralmente de estipe médio, com cicatriz de pecíolos antigos, longas folhas penatífidas usada em obras trançadas, e pequenas drupas comestíveis, com semente oleaginosa”.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Pinhão	AH		LP	Fito	Simples
Bairro	Paulistas	AH		LP	Etno	Simples
	dos Prestes	AH		LP	Antropo	Simples
Distrito	Bom Retiro	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Dois Irmãos	AH		LP + LP	Numero	Composto
	Faxinal do Céu	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Nova Divinéia	AH		LP + LP	Crono	Composto
	Pinhalzinho	AH		LP	Fito	Simples
	Zatarlândia <sup>106</sup>	AH		LNI	Antropo	Simples
Povoado	Laranjal	AH		LP	Fito	Simples
	Pimpãozinho	AH		LP	Animo disfórico	Simples
Arroio	Água Branca	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Alecrinzinho	AF	Do árabe <i>el-ikill el jabal</i> , a coroa da montanha (BURTON, 1983, p.153).	LA	Fito	Simples
	da Bina	AF		LP	Antropo	Simples
	da Boa Vista	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	Caixãozinho	AF		LP	Ergo	Simples
	dos Carvalhos	AF		LP	Antropo	Simples
	Faxinal	AF		LP	Fito	Simples
	Faxinalzinho	AF		LP	Fito	Simples
	do Generoso	AF		LP	Antropo	Simples
	do Gringo <sup>107</sup>	AF		LP	Etno	Simples
	João Sapietro	AF		LP + LNI	Antropo	Composto
	João Tigre	AF		LP + LP	Antropo	Composto
	Lajeado Bonito	AF		LP + LP	Lito	Composto
	do Mendes	AF		LP	Antropo	Simples
	do Paraguai	AF		LP	Coro	Simples
	Pinheirinho	AF		LP	Fito	Simples
	Queimados <sup>108</sup>	AF		LP	Socio	Simples
	da Taipa <sup>109</sup>	AF		LP	Eco	Simples
Córrego	Serrinha	AF		LP	Geomorfo	Simples
Lajeado	da Arara	AF	Tupi: <i>a`rara</i> , nome comum a diversas aves de grande porte da família dos psitacídeos (CUNHA, 1986)	LT	Zoo	Simples
	Feio	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	dos Ferreira	AF		LP	Antropo	Simples
	da Serra	AF		LP	Geomorfo	Simples
Morro	da Arara	AF	Tupi: <i>a`rara</i> , nome comum a diversas aves	LT	Zoo	Simples

<sup>106</sup> - Segundo informações fornecidas, via telefone, pelo Sr. R. Passos (ex-prefeito) do município de Pinhão, “zatarlândia” surgiu de uma homenagem ao proprietário da Indústria João José Zatar S.A., de extração de madeiras, estabelecida no município.

<sup>107</sup> - Para Houaiss (2001), “gringo” designa: “B indivíduo estrangeiro, especialmente quando louro ou ruivo, diferente do padrão mais encontrado no país; B qualquer indivíduo estrangeiro, residente em ou de passagem pelo país, especialmente quando falante de língua não vernácula”.

<sup>108</sup> - Variante de Queimada. Magalhães (1976, p. 394) define “queimada” como “desbravamento, pelo fogo, de terreno coberto de mato ou floresta, ou incêndio casual em mata. Depois da queimada tem início a preparação do terreno para plantio”.

<sup>109</sup> - No dicionário Houaiss (2001), “taipa” consta com a definição de “ processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por uma espécie de gradeamento, geralmente de paus, varas, bambus, caules de arbustos, etc”.

			de grande porte da família dos psitacídeos (CUNHA, 1986)			
	da Lontra	AF		LP	Zoo	Simples
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simples
Rio	da Areia	AF		LP	Lito	Simples
	da Barra	AF		LP	Hidro	Simples
	Barra da Anta	AF		LP + LA	Hidro	Composto híbrido
	Barreiro	AF		LP	Lito	Simples
	Boi Carreiro	AF		LP + LP	Zoo	Composto
	Bracatinga <sup>110</sup>	AF	Tupi: prov. <i>l'mbira</i> "filamento, mato" + <i>tinga</i> ,"branco" (HOUAISS (2001))	LT	Fito	Simples
	Butiá	AF	Tupi: " <i>imbutiá</i> " – dente encurvado, em alusão aos dentes que protegem o pecíolo e as folhas.(HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simples
	Camargo	AF		LP	Antropo	Simples
	Capão Grande	AF	corr. <i>caá-pãu</i> , a ilha de mato, o mato crescido isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Capivara	AF	Tupi: corr. <i>caapi-uára</i> , o comedor de capim; o herbívoro (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Chorão <sup>111</sup>	AF		LP	Fito	Simples
	Descadeirado <sup>112</sup>	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	Faxinal	AF		LP	Fito	Simples
	Floresta	AF		LP	Fito	Simples
	Iguaçu	AF	Tupi <i>y-guassu</i> , rio grande (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Dimensio	Simples
	Irati	AF	Tupi " <i>e'ira</i> " abelha + " <i>ting(a)</i> " branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Jordão <sup>113</sup>	AF		LP	Coro	Simples

<sup>110</sup> - Conforme Houaiss (2001), "bracatinga" designa "B.árvore pequena [...] de inflorescências brancas, semelhantes a plumas, nativa do Brasil (PR/SC)".

<sup>111</sup> - "Chorão", para Houaiss (2001), nomeia uma "árvore da família das casuarináceas, nativa da Austrália, com casca adstringente, madeira vermelho-escura, tida como a melhor para queimar em lareiras, ramos quadrangulares e sâmaras elipsóides", além de designar "o mesmo que caruru-vermelho; salgueiro; salgueiro-branco; salgueiro-chorão; xuru; chororão". O nome tem origem no fato de haver grande quantidade dessas árvores na região (PINHÃO, 2006).

<sup>112</sup> - A respeito desse topônimo, Goulart (1961, p. 82), recuperando o depoimento de Saint-Hilaire a respeito de um tipo de doença a que muitos animais eram acometidos, chamada *mal de cadeiras*, registra que "as mulas de pernas altas, fegosas (mais as fêmeas que os machos) estão sujeitos (sic) a essa doença que se atribui à inflamação provocadora do grande derreio da anca. O tolhimento abrange até a junta inferior do pé. Caem os animais e não mais se podem pôr de pé. Quando é muito forte a manqueira, suspende-se a parte traseira, abrasa-se com aguardente forte a anca, que também se fricciona com toucinho superaquecido [...] Descadeirada, diz-se da mula que contrai essa doença, muito comum nos animais cargueiros".

<sup>113</sup> - "Até 1770 era chamado de Rio Capivaraçu. Depois passou a se chamar Rio Jordão, quando o explorador de campos de Guarapuava, Afonso Botelho, procurava ouro e pedras preciosas nessas águas. Frustrado com os

	da Lagoa Preta	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Lajeado Grande	AF		LP + LP	Lito	Composto
	Mandaçaia <sup>114</sup>	AF	Tupi: corr. <i>mandáçãia</i> , o ninho estendido; alusão à forma do ninho da abelha deste nome, feito de barro (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Passo do Tombo	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Pinhalzinho	AF		LP	Fito	Simples
	Pinhão	AF		LP	Fito	Simples
	Pimpão <sup>115</sup>	AF		LP	Zoo	Simples
	do Pontão	AF		LP	Geomorfo	Simples
	das Porteiras	AF		LP	Ergo	Simples
	Poço <sup>116</sup> Bonito	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Poço Grande	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	São Jerônimo	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Sobradinho	AF		LP	Eco	Simples
	da Tapera	AF	Tupi: corr. <i>tab`era</i> , a aldeia extinta, a ruína, lugar onde existiu uma povoação (SAMPAIO, 1928).	LT	Eco / Socio	Simples
	do Tijolo	AF		LP	Ergo	Simples
	Três Barras	AF		LP + LP	Numero	Composto
	Turvo	AF		LP	Cromo	Simples
	Verde	AF		LP	Cromo	Simples
Serra	do Matão	AF		LP	Fito	Simples
	da Mula	AF		LP	Zoo	Simples
	do Pinhalzinho	AF		LP	Fito	Simples
<b>Total de topônimos de Pinhão = 76 (AH= 11 AF= 65)</b>						

#### Quadro 4 – Topônimos do Município de Pinhão

resultados negativos, pensou que as águas desse rio escondiam algo sagrado e misterioso....[...] (PINHÃO, 2006).

<sup>114</sup> - Houaiss (2001) registra “mandaçaia” como “abelha social brasileira, da subfamília dos meliponídeos, de 10 a 11 mm de comprimento, com cabeça e tórax pretos, abdome com faixas amarelas e asas ferrugíneas [...] Constrói seus ninhos dentro de cavidades existentes nos troncos ou galhos das árvores”.

<sup>115</sup>- Ferreira, A., (1999) define “pimpão” como “fanfarrão; vaidoso, jactancioso; garrido, janota, engalanado. Na entrada “fanfarrão” registra: “que blasona de valente, poderoso, sem o ser; alardeador, bazófia, bizarro {...}”. No entanto, a motivação do designativo, conforme informações da Secretaria de Educação e Cultura, vem do fato de que, por volta de 1770, tropeiros e bandeirantes exploravam as terras pinhãoenses e carregavam junto às suas tropas um cachorro de caça chamado Pimpão que morreu afogado num rio quando enfrentou um tigre para salvar os seus donos. Em homenagem ao cachorro, os tropeiros passaram a chamar o referido rio de Rio Pimpão (PINHÃO, 2006).

## Topônimos do Município de GUARAPUAVA

**Histórico do nome do município:** Homenagem ao guará, animal comum nos matos e campos da região (ATEPAR, 1999).

**Data de instalação:** 12.04.1871 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Freguesia de Nossa Senhora de Belém de Guarapuava (1819).

**Área:** 3.115,329 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa do Departamento de Terras e Cartografia da Secretaria Municipal de Planejamento / 1996 – Prefeitura Municipal de Guarapuava - Escala: 1: 100.000.

**Localização:** Mesorregião Centro-Sul Paranaense – (IBGE, 2006).

Microrregião de Guarapuava (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** Campina do Simão, Turvo, Prudentópolis, Inácio Martins, Goioxim, Cantagalo, Cândói e Pinhão. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Guarapuava	AH	Tupi: corr. <i>guará-poaba</i> , o rumor ou latido dos guarás (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
Distrito	Atalaia <sup>117</sup>	AH		LA	Socio	Simples
	Entre Rios	AH		LP + LP	Cardino	Composto
	Guairacá <sup>118</sup>	AH	Tupi: <i>guairacá</i> ... lontra (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Zoo	Simples
	Guará	AH	Tupi: <i>guará</i> ou cão do mato (SAMPAIO, 1928)	LT	Zoo	Simples
	Palmeirinha	AH		LP	Fito	Simples
	Vitória	AH		LP	Animo eufórico	Simples
Povoado	Boa Vista	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Campina dos Andrades	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Campo Bonito	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Campos do Cupim	AH		LP + LT	Fito	Composto híbrido
	Faxinal dos Elias	AH		LP + LP	Fito	Composto

<sup>116</sup> - Houaiss (2001) define “poço” como “o ponto mais fundo de um rio, lago, etc, poçoão”.

<sup>117</sup> - Conforme Houaiss (2001), “atalaia” designa “lugar elevado de onde se observa ou se vigia”. Para Cunha (1986, p. 79), a lexia é de origem da língua árabe cuja etimologia “*at-talā`i`a*” e significa sentinela, vigia.

<sup>118</sup> - De etimologia indígena guairacá significa lontra. Segundo Tibiriçá (1985, p. 50), é designação de “um animal mamífero da ordem dos carnívoros, da família dos mustelídeos”. Para Houaiss (2001), trata-se de um animal “encontrado em quase todo o mundo e seu habitat são os rios e lagos, mede cerca de 1 m de comprimento, de pelagem densa, coloração marrom-escuro no dorso e esbranquiçada nas partes inferiores, pés com membranas interdigitais e cauda achatada na extremidade”.

	Góes	AH		LP	Antropo	Simples
	Invernadinha	AH		LE	Socio	Simples
	Lavrinha	AH		LP	Lito	Simples
	Marrecas de Baixo	AH		LP + LP	Zoo	Composto
	Mato a Dentro	AH		LP + LP	Dirremato	Composto
	Morro Grande	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Porungos <sup>119</sup>	AH		LQ	Ergo	Simples
	Rondinha <sup>120</sup>	AH		LE	Sócio	Simples
	Saltinho	AH		LP	Hidro	Simples
	São Pedro	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Três Capões	AH		LP + LT	Numero	Composto híbrido
Arroio	Abobreira	AF		LP	Fito	Simples
	Água Branca	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Aterro do Alto da Balbina <sup>121</sup>	AF		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Banhado Grande	AF		LE + LP	Hidro	Composto híbrido
	Barro Preto	AF		LP + LP	Lito	Composto
	Bela Vista	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	do Bento	AF		LP	Antropo	Simples
	Bom Retiro	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	do Butka	AF		LNI	Antropo	Simples
	Cambará	AF	Tupi: (Câmara)corr. <i>caá-mbará</i> , a planta de folhas de várias cores.(SAMPAIO,1928)	LT	Fito	Simples
	Campina <sup>122</sup>	AF		LP	Fito	Simples
	do Capão	AF	corr. <i>caá-pãu</i> , a ilha de mato, o mato crescido isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	da Casa Nova	AF		LP + LP	Eco	Composto
	da Chácara	AF		LP	Socio	Simples
	Charquinho <sup>123</sup>	AF		LP	Hidro	Simples

<sup>119</sup> - Sampaio (1928) define “porungo” como “recipiente de couro para líquidos (var. porongo (artesanato))”. Já Cardoso (1961, p. 267), ao comentar sobre os versos de Souza Carneiro, em *Furundungo*, informa: “*Porongo* (canequinho), copo cheio de cachaça. *Porongo*, do tupi *purucare*, encher. Do guarani *poraca*” postula que “na Bahia, porongo significa vasilha, de um modo geral. Aquele significado de *copo cheio de cachaça* eu não o surpreendi uma única vez na Bahia. [...] O que, entretanto, positivamente, não está certa, é a etimologia tupi-guarani apontada para aquele quichuismo. É mais uma insensata tupimania”.

<sup>120</sup> - Diminutivo de ronda, unidade lexical definida por Houaiss (2001) como “visita ou inspeção cujo intuito é manter a tranquilidade pública; visita, inspeção para a verificação da ordem da segurança de algo; busca minuciosa realizada com o objetivo de descobrir algo; diligência”.

<sup>121</sup> - Saint-Hilaire (1964, p. 88) relata que Dona Balbina era esposa do proprietário da fazenda Carrapatos e irmã da proprietária da fazenda Carambeí, no município de Guarapuava.

<sup>122</sup> - Para “campina”, Houaiss (2001) registra: “formação herbácea contínua e desprovida de árvores; campo, prado; o mesmo que campo limpo”. Segundo Souza (1961, p. 75), trata-se de um “vocábulo português que designa, no centro do Brasil, entre a Bahia e Goiás, especialmente curiosas e extensas planícies cobertas de relva muito dura, capim, quase desprovida de flora arbórea. “Nas campinas, afirma o autor, léguas e léguas se apresentam sem árvores [...]”. Com base nessa última definição optamos por classificar esse designativo como *fitotopônimo*.

<sup>123</sup> - Diminutivo de charco, unidade definida por Houaiss (2001) como “água parada, rasa, suja e lodacenta que se espalha no chão”.

	do Claudiano	AF		LP	Antropo	Simples
	Corredor <sup>124</sup>	AF		LP	Hidro	Simples
	da Fraqueza	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	do Freio	AF		LP	Ergo	Simples
	Gramado	AF		LP	Fito	Simples
	Imbu	AF	Tupi: corr. <i>y-mb-ú</i> , a árvore que dá de beber (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	do Lagoão	AF		LP	Hidro	Simples
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	dos Limas	AF		LP	Antropo	Simples
	do Lustosa	AF		LP	Antropo	Simples
	Macorama	AF		LNI	S/C	Simples
	dos Martins	AF		LP	Antropo	Simples
	do Meio	AF		LP	Cardino	Simples
	Pádua	AF		LP	Antropo	Simples
	do Paiol de Telha	AF		LE + LP	Eco	Composto híbrido
	Passo do Jacu	AF		LP + LT	Hodo	Composto híbrido
	do Pelado	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	das Pombas	AF		LP	Zoo	Simples
	Porungos	AF		LQ	Ergo	Simples
	do Roberto	AF		LP	Antropo	Simples
	Santa Cruz	AF		LP + LP	Hiero	Composto
	Santa Rita	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Joaquim	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	dos Souzas	AF		LP	Antropo	Simples
	Sundária <sup>125</sup>	AF	Tupi: <i>zuinara</i> , variações <i>suindara</i> , <i>suindá</i> , <i>suinara</i> , <i>suína</i> – aquele que não se alimenta (SAMPAIO, 1928)	LT	Zoo	Simples
	do Tanília	AF		LNI	Antropo	Simples
	dos Três Capões	AF		LP + LT	Numero	Composto híbrido
	da Viola	AF		LP	Ergo	Simples
Córrego	Monjolo	AF		LQB	Ergo	Simples
Lajeado	Grande	AF		LP	Dimensio	Simples
Passo	da Nega	AF		LP	Etno	Simples
Rio	das Águas Belas	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	das Almas	AF		LP	Mito	Simples
	da Anta Gorda	AF		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
	Bananas	AF		LP	Fito	Simples
	da Barra	AF		LP	Hidro	Simples
	Barra Grande	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Boa Sorte	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Bonito	AF		LP	Animo	Simples

<sup>124</sup> - O lexicógrafo Houaiss (2001) define “corredor” como “trecho estreito na foz de um rio; trecho de passagem das águas, especialmente perigoso à navegação”.

<sup>125</sup> - Sampaio (1928) registra “sundária” como “nome genérico de umas aves noturnas que os índios supunham abstinentes”.

					eufórico	
	do Butiá	AF	Tupi: “ <i>imbutiá</i> ” – dente encurvado, em alusão aos dentes que protegem o pecíolo e as folhas.(HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simples
	Cachoeira Branca	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Cachoeirinha	AF		LP	Hidro	Simples
	do Cachorro	AF		LP	Zoo	Simples
	Campo Novo	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Cadeado	AF		LP	Ergo	Simples
	Cascavel	AF		LP	Zoo	Simples
	Charqueado <sup>126</sup>	AF		LP	Socio	Simples
	Coitinho <sup>127</sup>	AF		LP	Eco	Simples
	Combrão <sup>128</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Corvinho	AF		LP	Zoo	Simples
	do Corvo	AF		LP	Zoo	Simples
	do Coutinho	AF		LP	Antropo	Simples
	da Divisa	AF		LP	Cardino	Simples
	da Estrela	AF		LP	Astro	Simples
	Fazenda	AF		LP	Socio	Simples
	da Fazendinha	AF		LP	Socio	Simples
	do Faxinal	AF		LP	Fito	Simples
	Forquilha <sup>129</sup>	AF		LE	Geomorfo	Simples
	dos Fueros	AF		LNI	Antropo	Simples
	do Gelinski	AF		LNI	Antropo	Simples
	Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928)	LT	Fito	Simples
	Iratim	AF	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Jordão	AF		LP	Antropo/Coro	Simples
	da Lagoa	AF		LP	Hidro	Simples
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	Lajeado Grande	AF		LP + LP	Lito	Composto
	Lanceta <sup>130</sup>	AF		LP	Ergo	Simples

<sup>126</sup> - Variante de charqueada, o “B. local onde os bois são abatidos e onde se procede ao preparo do charque”, segundo Houaiss (2001).

<sup>127</sup> - Nascentes (1966, p. 148) apresenta duas definições para “coito”: i) “cópula carnal (do lat. *coitu* = ação de juntar, união)” e ii) “asilo, abrigo, refúgio, valhacouto; lugar de algum senhor feudal em cujas terras não entrava a justiça de el-rei (do lat. *cautu* = acautelado). Optamos pela segunda definição para fins de classificação dos topônimos.

<sup>128</sup> - “Combrão” significa o mesmo que colina: pequena elevação de terreno com declive suave e menos de 50 m de altitude.

<sup>129</sup> - Lexia não encontrada nos dicionários pesquisados. Entendemos se tratar de uma variante de “forquilha”. Souza (1961, p. 152) define “forquilha” como “longa vara aforquilhada em uma das extremidades, que serve para propulsionar a canoa, tomando um ponto de apoio na margem do rio. É um termo amazonense”. Denominação pelo aspecto descritivo do acidente geográfico (em forma de Y). Segundo Ferreira, A., (1999, p. 926), a lexia tem sua origem no espanhol *horquilla*.

<sup>130</sup> - Houaiss (2001) define “lanceta” como “instrumento dotado de lâmina dupla, curta, larga e com ponta afiada usado frequentemente em pequenas cirurgias; cutelo pequeno e pontiagudo usado para abater reses no matadouro”.

	Lontrão	AF		LP	Zoo	Simples
	Maracujá	AF	Tupi: corr. <i>marauí- yá</i> , fruto do marahú (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	das Marrecas <sup>131</sup>	AF		LP	Zoo	Simples
	Marrequinho	AF		LP	Zoo	Simples
	Marta	AF		LP	Antropo	Simples
	das Mortes	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	Paiquerê <sup>132</sup>	AF		LT	Mito	Simples
	do Paiol Velho	AF		LE + LP	Eco	Composto híbrido
	Passo Ruim	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	da Pedra Grande	AF		LP + LP	Lito	Composto
	das Pedras	AF		LP	Lito	Simples
	Pinhão	AF		LP	Fito	Simples
	Pinhãozinho	AF		LP	Fito	Simples
	Piquiri	AF	Tupi: corr. <i>piquir-y</i> , o rio dos peixinhos (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	das Pombas	AF		LP	Zoo	Simples
	do Poço	AF		LP	Hidro	Simples
	do Posto	AF		LP	Socio	Simples
	Quebra-Joelho	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	Rincão	AF		LE	Socio	Simples
	Rincão da Canoa	AF		LE + LE	Socio	Composto
	Romão	AF		LP	Antropo	Simples
	da Rondinha	AF		LE	Socio	Simples
	do Sabiá	AF		LP	Zoo	Simples
	São Francisco	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Jerônimo	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São João	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Pedro	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Socorro	AF		LP	Hiero	Simples
	Taquaruçu	AF	Tupi: corr. <i>taquar-uçú</i> , a cana grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	Tigrinho	AF		LP	Zoo	Simples
	do Veado	AF		LP	Zoo	Simples
	Xaxim	AF	Tupi: (xanchin) corr. <i>chan-chin</i> , ou <i>çam-ci</i> , a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
Serra	da Boa Vista	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	da Esperança	AF		LP	Animo eufórico	Simples

<sup>131</sup> - “Marreca” é uma “designação comum a diversas aves anseriformes, da família dos anatídeos, geralmente migratórias e de pequeno porte; no Brasil concentram-se nos banhados do Rio Grande do Sul onde sofrem pressão de caça” (HOUAISS, 2001).

<sup>132</sup> - Bordoni (s/d, p. 481; 560) registra para “paiquerê” o seguinte : *pai*, “sacerdote, pajé” + *querá*... “o que foi” ou *quer*, *querá* “dormir” = o que foi sacerdote ou pajé que dorme, ou também, *paiquera*, *paicuêra* = o que foi sacerdote.

<b>Total de topônimos de Guarapuava = 140 ( AH = 23 AF = 117)</b>
---

### Quadro 5 – Topônimos do Município de Guarapuava

#### Topônimos do Município de PRUDENTÓPOLIS

**Histórico do nome do município:** Homenagem ao ex-presidente da República Dr. Prudente de Moraes Barros prestada pelo Dr. Cândido Ferreira de Abreu (FERREIRA, J. 1999).

**Data de instalação:** 12.10.1906 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Vilinha (1884) > São João de Capanema (1886) (FERREIRA, 1996).

**Área:** 2.307,897 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico/2004 – Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Prudentópolis (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** Cândido de Abreu, Ivaí, Imbituva, Irati, Inácio Martins, Guarapuava, Guamiranga e Turvo. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Prudentópolis	AH		LP	Antropo	Simples híbrido
Bairro	Alvorada	AH		LP	Animo eufórico	Simples
	dos Cavalheiros	AH		LP	Axio	Simples
	dos Moreira	AH		LP	Antropo	Simples
	dos Pelechate	AH		LNI	Antropo	Simples
	das Rosas	AH		LP	Fito	Simples
Distrito	Jesuíno Marcondes	AH		LP + LP	Antropo	Composto
Povoado	Água Quente	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Anta Gorda	AH		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
	Arroio Grande	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra da Areia	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra Bonita	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra das Canoas	AH		LP + LE	Hidro	Composto híbrido
	Barra Limpa	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Bonfim	AH		LP	Antropo	Simples
	Cachoeirinha	AH		LP	Hidro	Simples
	Cerro Alto	AH		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
	Engenho Velho	AH		LP + LP	Socio	Composto
	Erval Fraqueza	AH		LP + LP	Fito	Composto

	Erval Grande	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal de Baixo	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal Boa Vista	AH		LP + LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Machado	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Jaciaba	AH	Tupi: <i>jaceaba</i> –corr. <i>jassy-aba</i> , os cabelos da lua; luar, nome poético (TIBIRIÇA).	LT	Astro	Simples
	Lajeado Raso	AH		LP + LP	Lito	Composto
	Ligação	AH		LP	Hodo	Simples
	Limeira de Baixo	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Macaco	AH		LP	Zoo	Simples
	Papanduva <sup>133</sup> de Cima	AH		LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Patos Velhos	AH		LP + LP	Zoo	Composto
	Pimental	AH		LP	Fito	Simples
	Poço dos Anzóis	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Saltinho	AH		LP	Hidro	Simples
	Santa Cruz	AH		LP + LP	Hiero	Composto
	Vitorina	AH		LP	Antropo	Simples
Arroio	dos Bobatos	AF		LNI	Antropo	Simples
	Bonfim	AF		LP	Antropo	Simples
	Chácara	AF		LP	Socio	Simples
	Chupador <sup>134</sup>	AF		LP	Hidro / Geomorfo	Simples
	Fazenda Velha	AF		LP + LP	Socio	Composto
	Faxinal de Baixo	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal Boa Vista	AF		LP + LP + LP	Fito	Composto
	do Forno	AF		LP	Ergo	Simples
	Fraqueza	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	Fundão <sup>135</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Galvão	AF		LP	Antropo	Simples
	Gramadinhos	AF		LP	Fito	Simples
	Grande	AF		LP	Dimensio	Simples
	Jaciaba	AF	Tupi: <i>jaceaba</i> –corr. <i>jassy-aba</i> , os cabelos da lua; luar, nome poético (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Astro	Simples
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	dos Machado	AF		LP	Antropo	Simples
	Mambeca <sup>136</sup>	AF		LT	Fito	Simples
	Panela <sup>137</sup>	AF		LP	Hidro /	Simples

<sup>133</sup> - Conforme o site da Prefeitura Municipal de Papanduva (SC), “a origem do nome foi por influência de um capim existente, em abundância, no município, chamado “papuã” pelos índios xoklengs, então habitantes da região, que servia de alimento aos cavalos dos tropeiros”, já que Papanduva se localiza na rota da antiga Estrada da Mata ou Caminho do Viamão. (PAPANDUVA, 2006).

<sup>134</sup> - Houaiss (2001) define “chupador” como “B.CO depressão inclinada que aparece na margem direita do braço ocidental do rio Araguaia à altura do rio das Mortes”. Já para Ferreira, A., (1999), “chupador” é um “Brás. CE remoinho (nos rios)”, acepção essa assumida por unidade lexical no estado do Paraná.

<sup>135</sup> - Conforme Houaiss (2001), “fundão” nomeia “parte mais profunda no leito de um rio; lugar íngreme, com forte declive; abismo; cova, precipício”.

<sup>136</sup> - José Júlio Cleto da Silva (2000), em seu “O Pequeno Vocabulário Indígena do Museu da Imagem e do Som, de Curitiba registra a lexia “membéca” de origem indígena como designação de uma “espécie de capim fino”.

					Geomorfo	
	Papuã	AF	Provável etimologia tupi (HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simple
	Passo do Gramado	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	dos Pelechate	AF		LNI	Antropo	Simple
	Perobas	AF		LP	Fito	Simple
	do Pinhalzinho	AF		LP	Fito	Simple
	Pocinho	AF		LP	Hidro	Simple
	das Pombas	AF		LP	Zoo	Simple
	da Ponte Nova	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	do Quinto	AF		LP	Numero	Simple
	São Pedro	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	do Sítio David	AF		LP + LI	Socio	Composto híbrido
	Vieiras	AF		LP	Antropo	Simple
	Xaxim	AF	Tupi: (xanchin) corr. <i>chan-chin</i> , ou <i>çam-ci</i> , a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
Banhado	do Leão	AF		LP	Zoo	Simple
Morro	Agudo	AF		LP	Geomorfo	Simple
	da Pedra Branca	AF		LP + LP	Lito	Composto
	Preto	AF		LP	Cromo	Simple
	Trombudo <sup>138</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simple
	Trombudinho	AF		LP	Geomorfo	Simple
Rio	Água Quente	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Alagado	AF		LP	Hidro	Simple
	da Anta Gorda	AF		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
	Barra da Areia	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra Bonita	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra Grande	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra Seca	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Barreiro	AF		LP	Lito	Simple
	Barrinha	AF		LP	Hidro	Simple
	Belo	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	do Bugre	AF		LP	Etno	Simple
	Bonsucesso	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	Cachoeira Branca	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Ervai	AF		LP	Fito	Simple
	da Esperança	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	Forquilha <sup>139</sup>	AF		LE	Geomorfo	Simple
	Ivaí	AF	Tupi: (Ivahy) corr. <i>ybá-y</i> , o rio das frutas, das flores (SAMPAIO, 1928)	LT	Fito	Simple
	Macaco	AF		LP	Zoo	Simple
	Marcondes	AF		LP	Antropo	Simple

<sup>137</sup> - “Panela” é um brasileirismo que designa “redemoinho em rios ou arroios” (HOUAISS, 2001). Já Lind (1963) a define como “remoinho, rebojo”.

<sup>138</sup> - “Trombudo” é definida por Houaiss (2001) como “que ou o que tem tromba; que ou quem exhibe carranca (fisionomia carregada), que ou quem é carrancudo”. Ferreira, A., (1999), por sua vez, registra para “tromba” as seguintes acepções “B SP. Desfiladeiro aberto pelas águas, proveniente de grande erosão; B MG morro isolado”.

<sup>139</sup> - Souza (1961, p. 152) define “forquilha” como “longa vara aforquilhada em uma das extremidades, que serve para propulsionar a canoa, tomando um ponto de apoio na margem do rio. Termo amazonense”.

	Marrecas	AF		LP	Zoo	Simples
	Matão	AF		LP	Fito	Simples
	Ordenança <sup>140</sup>	AF		LP	Socio	Simples
	Palmital <sup>141</sup>	AF		LP	Fito	Simples
	dos Patos	AF		LP	Zoo	Simples
	Preto	AF		LP	Cromo	Simples
	Relógio	AF		LP	Ergo	Simples
	Santa Clara	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Francisco	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Francisquinho	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São João	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Taboãozinho	AF		LP	Fito	Simples
	da Terra Cortada	AF		LP + LP	Lito	Composto
	Tigrinho	AF		LP	Zoo	Simples
	dos Touros	AF		LP	Zoo	Simples
	Xaxim	AF	Tupi: (xanchin) corr. <i>chan-chin</i> , ou <i>çam-ci</i> , a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
Salto	Manduri <sup>142</sup>	AF	Tupi: corr. <i>manda-r-í</i> , o ninhozinho, o feixinho – abelha silvestre (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Rio Branco	AF		LP + LP	Hidro	Composto
Serra	da Pedra	AF		LP	Lito	Simples
<b>Total de topônimos de Prudentópolis = 111 ( AH = 35 AF = 76)</b>						

**Quadro 6** – Topônimos do Município de Prudentópolis

### Topônimos do Município de IVAÍ

**Histórico do nome do município:** Faz referência ao rio Ivaí que passa pelo município (ATEPAR, 1999).

**Data de instalação:** 03.12.1961 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Colônia Ivaí → Calmon (1828).

**Área:** 607,847 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa da SEMA/1980 - Escala: 1: 100.000.

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

<sup>140</sup> - Conforme Houaiss (2001), “ordenança” designa o “corpo de tropa; exército; regulamento militar para determinado serviço ou arma; soldado às ordens de uma repartição ou a serviço pessoal de uma autoridade militar a quem acompanha durante as horas de expediente”.

<sup>141</sup> - Para Houaiss (2001), “palmital” nomeia o “extenso aglomerado de palmitos em determinada área”.

<sup>142</sup> - “Manduri” é “designação comum a diversas subespécies de abelhas sociais brasileiras” (HOUAISS, 2001).

Microrregião de Prudentópolis (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** Tibagi, Ipiranga, Imbituva, Prudentópolis, Guamiranga, Cândido de Abreu e Reserva.(IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Ivaí	AH	Tupi: corr. <i>ybá-y</i> , o rio das frutas; pode proceder também de <i>yiba-y</i> , o rio das flechas (SAMPAIO, 1928).	LT	Hidro	Simple
Distrito	Bom Jesus do Sul <sup>143</sup>	AH		LP + LP + LP	Animo eufórico	Composto
Povoado	Balaio <sup>144</sup>	AH		LP	Ergo	Simple
	Barra Vermelha	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barreira	AH		LP	Cardino	Simple
	Casa Nova	AH		LP + LP	Eco	Composto
	Céu	AH		LP	Hiero	Simple
	Chapada	AH		LP	Geomorfo	Simple
	Chupador	AH		LP	Hidro / Geomorfo	Simple
	Faxinal dos Cochós	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal da Forquilha	AH		LP + LE	Fito	Composto híbrido
	Faxinal do Tanque	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Lajeado			LP	Lito	Simple
	Lombão <sup>145</sup>			LP	Geomorfo	Simple
	Melado	AH		LP	Estemato	Simple
	Palmital	AH		LP	Fito	Simple
	Pedra Branca	AH		LP + LP	Lito	Composto
	Rio dos Índios	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Rio do Meio	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Saltinho	AH		LP	Hidro	Simple
	Salto Lindália	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	São Roque	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Serra dos Dias	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Torres	AH		LP +	Geomorfo	Composto

<sup>143</sup>- Conforme Guse et al (2001, p. 162), o nome correto é Bom Jardim do Sul porque na época havia muitos pessegueiros e pereiras que, quando floresciam, pareciam formar um jardim.

<sup>144</sup> - Antigamente existia na localidade um índio que vendia vários tipos de balaio, daí essa motivação para o nome do acidente humano (GUSE et al, 2001, p. 58).

<sup>145</sup> - Lind (1963, p. 24) afirma que “lomba” e “cabeço” aparecem como palavras básicas desempenhando importante papel nos nomes de elevações”. A lexia “lombão” não foi encontrada nos dicionários consultados para esta pesquisa.

	Canavial <sup>146</sup>			LP		
	Torres <sup>147</sup>	AH		LP	Geomorfo	Simples
	Três Monjolos	AH		LP + LQB	Numero	Composto híbrido
	Vespeira <sup>148</sup>	AH		LP	Zoo	Simples
Arroio	Água Fria	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Água Morna	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Bitumirim	AF	Tupi: bitu, corr. <i>ybytú</i> , o vento, a aragem + <i>mirim</i> , pequeno = o vento pequeno (SAMPAIO, 1928).	LT	Meteoro	Simples
	Cavocão <sup>149</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Chupador	AF		LP	Hidro / Geomorfo	Simples
	Enxovia <sup>150</sup> Velha	AF		LP + LP	Zoo	Composto
	dos Gaviões	AF		LP	Zoo	Simples
	dos Lemos	AF		LP	Antropo	Simples
	Melado	AF		LP	Estemato	Simples
	do Paiol	AF		LE	Eco	Simples
	Passinhos	AF		LP	Hodo	Simples
	das Pedras	AF		LP	Lito	Simples
	da Raiz	AF		LP	Fito	Simples
	da Sururuca <sup>151</sup>	AF	Tupi: <i>suru`ruka</i> espécie de peneira grossa (FERREIRA, A, 1999).	LT	Ergo	Simples
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simples
	Três Monjolos	AF		LP + LQB	Numero	Composto híbrido
Lajeado	do Barreiro	AF		LP	Lito	Simples
Morro	Palmito	AF		LP	Fito	Simples
Ribeirão	dos Índios	AF		LP	Etno	Simples

<sup>146</sup> - Guse et al (2001, p. 101) esclarecem que a localidade chamava-se Faxinal dos Ribeiros. O novo nome, Torres Canavial, foi dado por engenheiros encarregados da medição dos terrenos, devido à existência de plantações de cana-de-açúcar, na beira da estrada de Torres que passa pelo povoado.

<sup>147</sup> - “O nome é devido a uma serra existente nessa localidade – a mais alta do município” (GUSE et al, 2001, p. 91).

<sup>148</sup> - Entendemos que “vespeira”, por se referir ao mesmo elemento da realidade a que se refere a lexia “vespeiro”, é uma variante utilizada no falar do povo brasileiro. Houaiss (2001) define “vespeiro” como “ninho de vespas sociais, geralmente construído de material semelhante ao papel, que se origina de madeira ou folhagem mascada pelo inseto; caixa de marimbondo, casa de marimbondo, enxu”.

<sup>149</sup> - Supõe-se tratar-se uma variante de “covoca”. Nelson de Sena (apud SOUZA, 1961, p. 123) a concebe como “designativo, em Minas Gerais, de terreno desmoronado, formando depressão, grotta ou cova funda, à beira de morros ou montanhas. A covoca é sempre resultante de escavações, na base do morro, ou provém de erosões das águas, chegando a provocar afundamento e depressões do solo”.

<sup>150</sup> - Houaiss (2001) define “enxovia” como “parte térrea ou subterrânea das prisões, úmida e escura, que, outrora, abrigava os presos por crimes graves ou de alta periculosidade”. No entanto, essa nomeação, conforme Guse et al (2001, p. 115), tem sua motivação num fato da história regional. Segundo essa fonte, havia no local uma velha chamada Abelina, que sempre ia buscar lenha no mato e trazia no ombro. Num dia em que foi lenhar, botou o feixe nas costas e prosseguiu seu caminho andando pelo mato, olhando para o chão. De repente bateu com o feixe de lenha em um enxú de vespas que a picaram bastante. Dizia-se, então, que o “enxú via a velha, mas a velha não via o enxú”.

<sup>151</sup> - No Dicionário Houaiss (2001) “sururuca” é definida como “planta perene da família das passifloráceas, nativa do Brasil (RJ), com folhas subcoriáceas, lobadas e serreadas, e flores alvas manchadas de vermelho 2 espécie de peneira grossa; urupema”.

Rio	Água Parada	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Bom Jardim	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928)	LT	Fito	Simples
	dos Índios	AF		LP	Etno	Simples
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	Palmital	AF		LP	Fito	Simples
	Quatis	AF	Tupi: corr. <i>qua-ti</i> , o que é riscado; o que traz riscas pelo corpo (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	São João	AF		LP + LP	Hagio	Composto
Serra	dos Dias	AF		LP	Antropo	Simples
	do Lobão	AF		LP	Zoo	Simples
	dos Macacos	AF		LP	Zoo	Simples
	do Palmito	AF		LP	Fito	Simples
	da Pedra Branca	AF		LP + LP	Lito	Composto
	de São Roque	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	do Tigre	AF		LP	Zôo	Simples
<b>Total de topônimos de Ivaí = 61 (AH = 27 AF = 34)</b>						

**Quadro 7** – Topônimos do Município de Ivaí

### Topônimos do Município de IPIRANGA

**Histórico do nome do município:** Segundo o IBGE, trata-se de uma homenagem ao grito do Ipiranga, para a Independência do Brasil, ocorrido em 07 de setembro de 1822. Para Ferreira (1996) o designativo do município faz referência ao rio Ipiranga que passa pelo município.

**Data de instalação:** 07.12.1894 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Guarda Velho (1850) (FERREIRA, 1996).

**Área:** 927,086 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa da SEMA/1980 – Escala:1: 100.000.

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Prudentópolis (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** Tibagi, Ponta Grossa, Teixeira Soares, Imbituva e Ivaí (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Ipiranga	AH	Tupi: rio da água vermelha (SAMPAIO, 1928); terra roxa (LIND, 1963, p.63).	LT	Historio	Simple
Colônia	Adelaide	AH		LP	Antropo	Simple
	Clock	AH		LI	Antropo	Simple
	Scheifer	AH		LNI	Antropo	Simple
Povoado	Arroio Grande	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Avenca <sup>152</sup>	AH		LP	Fito	Simple
	Barracas	AH		LP	Ergo	Simple
	Campo Alto	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Campo Novo	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Cangueira	AH		LP	Animo disfórico	Simple
	Capivara	AH	Tupi: corr. <i>caapi-uára</i> , o comedor de capim; o herbívoro (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Cerro Azul	AH		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
	Descalvado <sup>153</sup>	AH		LP	Fito	Simple
	Divisa	AH		LP	Cardino	Simple
	Espigão <sup>154</sup> Grande	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Fazendinha	AH		LP	Socio	Simple
	Faxinal Santana	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Rodrigues	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinalzinho	AH		LP	Fito	Simple
	Ferreira	AH		LP	Antropo	Simple
	Floresta	AH		LP	Fito	Simple
	Irará	AH	Tupi: corr. <i>ira-r-á</i> , tira mel. Designa uma espécie de formiga de asas brancas, á semelhança do cupim; alteração de arará (ara-rá), nascido da luz ou do dia, pois que são formigas que surgem à luz do dia, depois que chove (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Jair Mendes	AH		LP + LP	Antropo	Composto
	Lagoa	AH		LP	Hidro	Simple
	Lustosa Leiria	AH		LP + LP	Antropo	Composto
	Lustosa Mineiro	AH		LP + LP	Antropo	Composto
	Macucos	AH	Tupi: corr. <i>ma-cú-cú</i> , a cousa de muito comer ou muito bom de comer;	LT	Zoo	Simple

<sup>152</sup> - Houaiss (2001) na entrada “avenca” registra: “designação comum a várias plantas de diferentes famílias da classe das filicópsidas, especialmente as do gênero *Adiantum*, da família das pteridáceas, de frondes frequentemente muito delicadas, e geralmente ambientadas em lugares sombrios e úmidos; nativa do Brasil”. Pelo sufixo *-al* (abundância) imagina-se tratar de referência a uma área de plantações de avencas.

<sup>153</sup> - Forma variante de “escalvado” – terreno com bom pasto. Segundo Lind (1963, p.32;34), “uma particularidade própria da língua portuguesa (e também do espanhol) e que a princípio pode causar mal entendido é o fato de o prefixo “de” em palavras [...] não ter qualquer função negativa, anulante”.

<sup>154</sup> - Para Lind (1963, p. 31), “espigão” refere-se à crista divisória. Houaiss (2001), por sua vez, a define como “cordilheira que divide cursos d’água”.

			alusão ao físico da ave deste nome (SAMPAIO, 1928).			
	Marmota <sup>155</sup>	AH		LP	Zoo	Simples
	Olho d'água <sup>156</sup>	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Pinhão	AH		LP	Fito	Simples
	Piquete Velho	AH		LF + LP	Ergo	Composto híbrido
	Pombal	AH		LP	Zoo	Simples
	Porco Bravo	AH		LP + LP	Zoo	Composto
	Quatis	AH	Tupi: corr. <i>qua-tí</i> , o que é riscado, ou lanhado (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Santana	AH		LP	Hiero	Simples
	Santaria	AH		LP	Hiero	Simples
	São Braz	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Manoel	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Paulo	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Taió	AH	Tupi: de taioba ( <i>tayaoba</i> ) planta áracea de folhas comestíveis (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simples
	Três Pontes	AH		LP + LP	Numero	Composto
	Xaxim	AH	Tupi: (xanchin) corr. <i>chan-chin</i> , ou <i>çam-ci</i> , a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
Arroio	Alagadinho	AF		LP	Hidro	Simples
	Barreiro	AF		LP	Lito	Simples
	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	Cangueira <sup>157</sup>	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	Cava <sup>158</sup> Funda	AF		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Cerro Azul	AF		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
	das Costas	AF		LP	Somato	Simples
	Descalvado	AF		LP	Fito	Simples
	da Divisa	AF		LP	Cardino	Simples
	Engenho Velho	AF		LP + LP	Socio	Composto
	da Floresta	AF		LP	Fito	Simples
	das Furnas <sup>159</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Grande	AF		LP	Dimensio	Simples
	do Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	Macacos	AF		LP	Zoo	Simples
	Moquém <sup>160</sup>	AF	Nascentes (apud	LT	Ergo	Simples

<sup>155</sup> - Segundo Houaiss (2001), “marmota” é uma “designação comum aos roedores do gênero *Marmota*, da família dos ciurídeos, com cerca de onze subespécies, encontradas no hemisfério norte, de corpo robusto, pernas e cauda curtas, orelhas pequenas e pelagem densa; vivem em buracos e podem hibernar até nove meses por ano”.

<sup>156</sup> - No Dicionário Houaiss (2001), essa unidade lexical é definida como “olho d'água” designa “nascente de água no solo; fonte perene; borbotão, minadouro”.

<sup>157</sup> - Houaiss (2001) registra “cangueira” como “formação calosa no pescoço do animal causada pelo uso de canga”.

<sup>158</sup> - “Cava” significa “qualquer escavação ou cavidade em terra, pedra, madeira; buraco, cova, vala” (HOAUISS, 2001).

<sup>159</sup> - “Furna” reúne as seguintes acepções, segundo Houaiss (2001): “cavidade profunda na encosta de uma rocha, floresta, etc; caverna, gruta, cova”.

			HOUAISS, 2001) registra o tupi <i>mboka`i</i> e ainda <i>mokaem</i> ou <i>moka`-e</i> "carne preparada segundo técnica indígena primitiva, grelha de varas usada para secar ou assar ligeiramente a carne".			
	da Olaria	AF		LP	Socio	Simple
	do Paiol	AF		LE	Eco	Simple
	Passinho	AF		LP	Hodo	Simple
	Passo do Romão	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Poço Grande	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	da Porteira	AF		LP	Ergo	Simple
	Pratinho	AF		LP	Ergo	Simple
	Santo Antônio	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Taboão	AF		LP	Fito	Simple
	Taió	AF	Tupi: de <i>taioba</i> ( <i>tayaoba</i> ) planta arácea de folhas comestíveis (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simple
	Tamanduá	AF	Tupi: corr. <i>ta-mondúa</i> , o caçador de formigas. O componente <i>-ta-</i> é uma forma contrata de <i>tacy</i> , a formiga (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simple
Ribeirão	da Barrinha	AF		LP	Hidro	Simple
	Campo Novo	AF		LP + LP	Fito	Composto
Rio	da Barrinha	AF		LP	Hidro	Simple
	Bitumirim	AF	Tupi: corr. <i>ybytú</i> , o vento, a aragem + <i>mirim</i> , pequeno (SAMPAIO, 1928).	LT	Meteoro	Simple
	Capivari	AF	Tupi: corr. <i>caapiuar-y</i> , o rio das capivaras (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Imbituva	AF	Tupi: <i>imbé-tyba</i> , lugar onde há abundância de cipó-imbé ou guaimbé (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simple
	Ipiranga	AF	Tupi: rio da água vermelha (SAMPAIO, 1928); terra roxa (LIND, 1963, p.63).	LT	Historio	Simple
	Pinguela <sup>161</sup>	AF		LP	Hodo	Simple
	Quatis	AF	Tupi: corr. <i>qua-tí</i> , o que é riscado, ou lanhado (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Santana	AF		LP	Hiero	Simple

<sup>160</sup> - Houaiss (2001) define "moquém" como um brasileirismo na acepção de "grelha de paus sobre o lume, usado para colocar peixe ou carne para assar ou secar", enquanto Sampaio (1928) registra: "corr. *mocaê* ou *mô-caê*, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe".

<sup>161</sup> - Houaiss (2001) define "pinguela" como "espécie de ponte tosca feita de paus".

Serra	do Caixão	AF		LP	Ergo	simples
<b>Total dos topônimos de Ipiranga = 81 (AH = 42 AF = 39)</b>						

### Quadro 8 – Topônimos do Município de Ipiranga

#### Topônimos do Município de TIBAGI

**Histórico do nome do município:** Segundo Ferreira, J. (1999, p. 308) o designativo do município é uma referência ao rio Tibagi que banha o município.

**Data de instalação:** 27.12.1897 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es) :** Vila de Tibagi (FERREIRA, 1996).

**Área:** 3.108,746 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Topográfico Municipal – Tibagi Escala: 1: 100.000 (SEMA).

**Localização:** Mesorregião do Centro Oriental Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Tibagi (IBGE, 2006).

**Municípios limítrofes:** Ventania, Telêmaco Borba, Reserva, Imbaú, Carambeí, Ivaí, Ipiranga, Ponta Grossa, Castro e Pirái do Sul. (SEMA).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Tibagi <sup>162</sup>	AH	Tupi: corr. <i>tyba-g-y</i> , o rio do pouso (HOUAISS (2001))	LT	Hidro	Simples
Distrito	Amparo	AH		LP	Animo eufórico	Simples
Povoado	Água Clara	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barbosa	AH		LP	Antropo	Simples
	Barreiro	AH		LP	Lito	Simples
	Barro Lavras	AH		LP + LP	Lito	Composto
	Boa Vista	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Bom Sucesso	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Cachoeira	AH		LP	Hidro	Simples
	Campina Alta	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Campinas	AH		LP	Coro	Simples
	Campo Novo	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Canhada <sup>163</sup> Funda	AH	Espanhol: <i>canãda</i>	LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido

<sup>162</sup> - Bigg-Witther (1974, p. 118) dá outra tradução para “Tibagi” em tupi “o rio de muitas águas”.

	Capivari	AH	Tupi: <i>caá-piuar-y</i> , o rio das capivaras (SAMPAIO, 1928).	LT	Hidro	Simple
	Capivari de Baixo	AH	Tupi: <i>caá-piuar-y</i> , o rio das capivaras (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Hidro	Composto híbrido
	Capoeira <sup>164</sup> Grande	AH	Tupi: <i>ko`...roça</i> + “ <i>puera</i> ”... que já foi = terreno onde já houve roça e que foi conquistado pelo mato (CUNHA, 1999).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Capuava <sup>165</sup>	AH	Tupi: corr. <i>caá-poaba</i> , a cobertura de folhagem; obra de palha ou <i>cáa-mboaba</i> , a vestimenta de folhagem. É o abrigo da roça (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Cerrado <sup>166</sup>	AH		LP	Fito	Simple
	Cerradinho	AH		LP	Fito	Simple
	Conceição	AH		LP	Hiero	Simple
	Cruzeiro	AH		LP	Hiero	Simple
	Estiva <sup>167</sup>	AH		LP	Hodo	Simple
	Fazendinha	AH		LP	Socio	Simple
	Florianos	AH		LP	Antropo	Simple
	Fonsecas	AH		LP	Antropo	Simple
	Imbaú de Cima	AH	Tupi: de embaúba ( <i>embayba</i> ) árvore da preguiça (produz uma fruta, seu alimento predileto (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Juvenal Ribas	AH		LP + LP	Antropo	Composto
	Laranjeiras	AH		LP	Fito	Simple
	Lavras <sup>168</sup>	AH		LP	Lito	Simple
	Limeira <sup>169</sup>	AH		LP	Fito	Simple
	Macacos	AH		LP	Zoo	Simple
	Monumento	AH		LP	Ergo	Simple
	Pacas <sup>170</sup>	AH		LP	Zoo	Simple

<sup>163</sup> - Para Houaiss (2001), “canhada” tem o seguinte significado: “B.S. terreno plano e baixo entre duas colinas pequenas; baixada; vale profundo e estreito entre montanhas; depressão”.

<sup>164</sup> - “Capoeira”, para Houaiss (2001), tem as seguintes acepções: “B área de mato cuja vegetação anterior foi roçada e/ou queimada para cultivo ou outros fins, e que se está renovando 2 vegetação que surge logo após a derrubada ou queima da mata primária [...]”.

<sup>165</sup> - Conforme Ferreira, A. , (1999), “capuava” designa “Capoeira muito rala, de madeira branca ou só de arbustos”, unidade marcada dialetalmente pelo lexicógrafo como “Brás. SP”.

<sup>166</sup> - Conforme Burton (1983, p. 151), “no Brasil, *cerrado* pode-se dizer dos “campos cobertos de arvoredo curto e denso”, o que os espanhóis chamam *chaparral*, que Humboldt deriva de uma árvore chamada chaparro”.

<sup>167</sup> - Houaiss (2001) registra a unidade lexical “estiva” com a acepção de “MG RS ponte rústica construída com paus atravessados por sobre um córrego ou vala”.

<sup>168</sup> Houaiss (2001) define “lavra” como “local de onde se extrai metal ou pedras preciosas; terreno de mineração”.

<sup>169</sup> Segundo Houaiss (2001), a unidade lexical “limeira” é definida como “mesmo que limeira-da-pérsia; arbusto ou pequena árvore da família das rutáceas, nativa da Índia e do sudeste da Ásia, de copa irregular com ramos entrelaçados e espinhosos, folhas elíptico-ovais, brilhantes, pecíolo marginado, flores pequenas, em cachos e frutos esféricos, de casca fina e coloração amarelo-claro, polpa esverdeada, ligeiramente amarga; lima; lima-da-pérsia; limeira”.

<sup>170</sup> - Houaiss (2001) apresenta a seguinte definição para “paca”: “B grande roedor noturno da família dos dasiproctídeos, encontrado do México ao Sul do Brasil, geralmente próximo a rios, com cerca de 70 cm de comprimento e até 13 kg, com cauda pequena e pelagem pardo-amarronzada [...]”.

	Palmito	AH		LP	Fito	Simples
	Pedra Branca	AH		LP + LP	Lito	Composto
	Penha de Baixo	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Pinheiro Seco	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Porteira Grande	AH		LP + LP	Ergo	Composto
	Remanço <sup>171</sup>	AH		LP	Hidro	Simples
	Ribas	AH		LP	Antropo	Simples
	Roncador <sup>172</sup>	AH		LP	Hidro	Simples
	São Bento do Amparo	AH		LP + LP + LP	Hagio	Composto
	Tamarinho <sup>173</sup>	AH		LP	Fito	Simples
	Xaxim	AH	Tupi: (xanchin) corr. <i>chan-chin</i> , ou <i>çam-ci</i> , a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
Água	do Burro	AF		LP	Zoo	Simples
Arroio	Água Clara	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	da Areia	AF		LP	Lito	Simples
	da Areia Branca	AF		LP + LP	Lito	Composto
	do Atalho	AF		LP	Hodo	Simples
	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	da Campina	AF		LP	Fito	Simples
	Campo Novo	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Capela	AF		LP	Hiero	Simples
	Capuava	AF	Tupi: corr. <i>caá-poaba</i> , a cobertura de folhagem; obra de palha ou <i>cáa-mboaba</i> , a vestimenta de folhagem. É o abrigo da roça (SAMPAIO, 1928).	LT	Eco	Simples
	Caverna	AF		LP	Geomorfo	Simples
	da Cutia	AF	Tupi: corr. <i>agutí</i> ou <i>a-cutí</i> , o indivíduo que come de pé, de referência ao hábito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas dianteiras (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Fedido	AF		LP	Estemato	Simples
	Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928)	LT	Fito	Simples
	Quati <sup>174</sup>	AF	Tupi: corr. <i>qua-ti</i> , o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo. (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples

<sup>171</sup> - “Remanso” designa “porção mais ou menos considerável de água que, no mar ou num rio, penetra em recorte curvo do litoral ou da margem e forma uma espécie de pequena enseada tranqüila” (HOUAISS, 2001).

<sup>172</sup> - “Roncador”, para Houaiss (2001), é uma “designação comum às cachoeiras altas, volumosas, quase verticais”. Lind (1963, p. 31), por sua vez, registra: “o mesmo que “tombo”.

<sup>173</sup> - Houaiss (2001) define “tamarinho” como “P. mesmo que tamarindo”. Para a unidade lexical “tamarindo” a define como “designação comum às árvores do gênero *Tamarindus*, da família das leguminosas, subfamília cesalpinoídea, que compreende uma única espécie; árvore (*Tamarindus indica*) provavelmente originária da África tropical, largamente cultivada como ornamental e pelos frutos de polpa comestível [...]”.

	da Ingrata <sup>175</sup>	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	da Invernada	AF		LE	Socio	Simples
	Limitão	AF		LP	Cardino	Simples
	Não me Toque	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	Pinheiro Seco	AF		LP + LP	Fito	Composto
	das Pedras	AF		LP	Lito	Simples
	Ponte Alta	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Ponte de Pedra	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	da Porteira	AF		LP	Ergo	Simples
	Quebra Perna	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	Rico	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	Roncador	AF		LP	Hidro	Simples
	Sertãozinho	AF		LP	Fito	Simples
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simples
Cachoeira	Arroio Grande	AF		LP + LP	Hidro	Composto
Canyon	Quartelá <sup>176</sup>	AF		LP	Animo eufórico	Simples
Córrego	Água Fria	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	do Lagoão	AF		LP	Hidro	Simples
	Santo Amaro	AF		LP + LP	Hagio	Composto
Lajeado	do Bugre	AF		LP	Etno	Simples
	da Cutia	AF	Tupi: corr. <i>agutí</i> ou <i>a-cutí</i> indivíduo que come de pé, de referência ao hábito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas dianteiras (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Grande	AF		LP	Dimensio	Simples
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simples
Morro	Chato	AF		LP	Morfo	Simples
Ribeirão	da Barrinha	AF		LP	Hidro	Simples
	do Bugre	AF		LP	Etno	Simples
	Campo Novo	AF		LP + LP	Fito	Composto
Rio	Água Parada	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Agudo	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Barreiro	AF		LP	Lito	Simples
	Bitumirim	AF	Tupi: corr. <i>ybytú</i> , o vento, a aragem + mirim, pequeno (SAMPAIO, 1928).	LT	Meteoro	Simples
	Capivari	AF	Tupi: <i>caá-piuar-y</i> , o rio das capivaras (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Conceição	AF		LP	Hiero	Simples
	Empossados	AF		LP	Hidro	Simples
	Encantado do	AF		LP + LP	Animo	Composto

<sup>174</sup> - Segundo Houaiss (2001), “quati” nomeia um “mamífero diurno da família dos procionídeos, encontrado em grande parte da América do Sul, de focinho longo e cauda com anéis escuros, geralmente ereta”.

<sup>175</sup> - Conforme informações do Museu do Garimpo (TIBAGI, 2006), atribui-se o uso do nome “Ingrata” ao folclore popular. Conta que “na história popular, um noivo perdeu sua noiva nesse local, pois a mesma desistiu do romance e ele a chamou de *ingrata*.” (grifo nosso).

<sup>176</sup> - Também, nesse caso, a explicação para o uso de “quartelá” para designar o *canyon* é decorrente do folclore popular. A história local registra que a origem do nome é uma referência ao nome de uma fazenda próxima citado no diálogo de dois compadres: – Compadre! Os índios estão querendo tacar nossas fazendas. O outro responde: -- Compadre, guarda te lá que eu aqui bem fico. E assim as fazendas foram nomeadas de Fazenda Quartelá e Fazenda Benfica (TIBAGI, 2006).

	Meio				eufórico	
	Faisqueira <sup>177</sup>	AF		LP	Socio	Simple
	Fortaleza	AF		LP	Coro	Simple
	Iapó	AF	Tupi: (yapó) corr. <i>y-apó</i> , a água transbordada, a inundação; a cheia do rio (SAMPAIO, 1928).	LT	Hidro	Simple
	do Leão	AF		LP	Zoo	Simple
	Pocinho	AF		LP	Hidro	Simple
	Preto	AF		LP	Cromo	Simple
	do Sabão	AF		LP	Ergo	Simple
	Tibagi	AF	Tupi: corr. <i>tyba-g-y</i> , o rio do pouso (HOUAISS, 2001).	LT	Socio	Simple
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simple
Salto	Santa Rosa	AF		LP + LP	Hagio	Composto
<b>Total de topônimos de Tibagi = 104 (AH = 44 AF = 60)</b>						

**Quadro 9** – Topônimos do Município de Tibagi

### Topônimos do Município de CASTRO

**Histórico do nome do município:** Para Ferreira (1996) o designativo é uma homenagem a Martinho de Mello e Castro, Ministro dos Negócios Ultramarinos de Portugal nos anos de 1785 a 1790.

**Data de instalação:** 21.01.1857 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Pouso do Iapó → Freguesia de Santana do Iapó (1771) → Vila Nova de Castro (1788) (FERREIRA, 1996).

**Área:** 2.531,503 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico/ 2004 - Escala: 1: 50.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Centro Oriental Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Ponta Grossa (IBGE, 2006).

**Municípios limítrofes:** Ponta Grossa, Carambeí, Tibagi, Piraí do Sul, Dr. Ulysses, Cerro Azul, Rio Branco do Sul, Itaperuçu e Campo Largo.(IBGE, 2006).

<sup>177</sup> -Houaiss (2001) define “faisqueira” como “local onde se encontram faíscas”. Ferreira, A., (1999) registra também como “resto do cascalho que fica abandonado ao pé do barranco, nas catas trabalhadas”.

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Castro	AH		LP	Antropo	Simple
Distrito	Abapan <sup>178</sup>	AH		LT	Etno	Simple
	Socavão	AH		LP	Geomorfo	Simple
Povoado	Agostinhos	AH		LP	Antropo	Simple
	Alves	AH		LP	Antropo	Simple
	Aparição <sup>179</sup>	AH		LP	Socio	Simple
	Barrinha	AH		LP	Hidro	Simple
	Boa Vistinha	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Butiá	AH	Tupi: “ <i>imbutiá</i> ” – dente encurvado, em alusão aos dentes que protegem o pecíolo e as folhas (HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simple
	Campinas	AH		LP	Coro	Simple
	Capoeiras de Dentro	AH	Tupi: <i>ko`...roça</i> + “ <i>puera</i> ”... que já foi = terreno onde já houve roça e que foi conquistado pelo mato (CUNHA, 1999).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Casa Nova	AH		LP + LP	Eco	Composto
	Catanduva de Dentro <sup>180</sup>	AH	Tupi: corr. <i>caatã-dyba</i> , o local do mato ralo, ou do cerrado; terreno seco com mato de inferior qualidade (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito / Dirremato	Composto híbrido
	Catanduva de Fora	AH	Tupi: corr. <i>caatã-dyba</i> , o local do mato ralo, ou do cerrado; terreno seco com mato de inferior qualidade (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Caxambu <sup>181</sup>	AH		LQB	Ergo/Coro	Simple
	Cunhaporanga	AH	Cunha Porã (em guarani) mulher bonita (TIBIRIÇÁ, 1985).	LG	Etno	Simple
	Guabiroba	AH	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Guararema	AH	Tupi: corr. <i>guará-r-ema</i> , a	LT	Fito	Simple

<sup>178</sup> - Trata-se de uma referência à tribo dos Abapanis que residia na região e que manteve contato com o espanhol Alvar Nunes Cabeza de Vacca quando cruzou o território em 1.541 (ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU DO TROPEIRO, 2006).

<sup>179</sup> - Houaiss (2001) registra “aparição” como “manifestação, aparecimento súbito e sobrenatural de um ser; espectro, fantasma”. Todavia, a Associação dos Amigos do Museu do Tropeiro (2006) nos informou que o nome, antes Parição, é uma referência ao local onde os tropeiros deixavam as éguas e vacas para parir.

<sup>180</sup> - Ainda segundo a Associação dos Amigos do Museu do Tropeiro (2006), o folclore popular registra que era costume a cultura de uvas na localidade e muitas pessoas as catavam sem ordem do proprietário; observadas por outras pessoas que diziam: - Estão catando uva! Então os proprietários providenciaram o fechamento das parreiras de uvas. Mas mesmo assim catavam uvas lá dentro. Então o lugar ficou chamado de Catanduva de Dentro.

<sup>181</sup> - Tibiriçá (1985) apresenta a seguinte definição para a lexia “caxambu”: “B. nome de origem africana; espécie de tambor que os negros escravos usavam em suas danças; designava também um tipo de dança ao som desse tambor”. Em referência à cidade de Caxambu (MG), alternativamente, pode-se classificar o topônimo como corotopônimo.

			madeira fétida, o chamado pau d'alho (SAMPAIO, 1928).			
	Lago <sup>182</sup>	AH		LP	Hidro	Simples
	Lagoa dos Ribas	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Limpo <sup>183</sup> Grande	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Maracanã	AH	Tupi: corr. <i>maracá-nã</i> , semelhante ao maracá o que imita, no som, o maracá ou chocalho. Espécie de papagaio (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Morcegos	AH		LP	Zoo	Simples
	Olhos d'Água	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Paiol Queimado	AH		LE + LP	Eco	Composto híbrido
	Pedras	AH		LP	Lito	Simples
	Quebrada <sup>184</sup> Funda	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Ribeirão do Pinhal	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Rio Abaixo	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Santa Cruz	AH		LP + LP	Hiero	Composto
	Santa Quitéria	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Cristóvão	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Sebastião	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Sítio Grande	AH		LP + LP	Socio	Composto
	Tambor	AH	Árabe: <i>at-tanbûr</i> "guitarra", mais tarde "tambor" (HOUAISS (2001))	LA	Ergo	Simples
	Tanque Grande	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Vargem <sup>185</sup> Grande	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
Arroio	dos Alves	AF		LP	Antropo	Simples
	da Aparição	AF		LP	Socio	Simples
	Boa Vista	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Bonsucesso	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	Bulcão <sup>186</sup>	AF		LP	Meteoro	Simples
	Caçador	AF		LP	Socio	Simples
	Cachoeira	AF		LP	Hidro	Simples
	Canhambora	AF	Tupi: (Canhambola, Canhembora) corr.	LT	Animo disfórico	Simples

<sup>182</sup> - Magalhães (1976, p. 265) define "lago" como "grande massa de água doce ou salgada, ocupando baixada, ou depressão do solo produzida por causas diversas".

<sup>183</sup> - "Limpo" é definido por Houaiss (2001) como "espaço, em bosque, mata ou floresta, onde as matas rareiam ou faltam por completo; clarão, claro, clareira".

<sup>184</sup> - "Quebrada" nomeia o "declive de montanha; encosta, vertente, quebrado; recorte, recôncavo no litoral; B. volta, curva de caminho, estrada, capão" (HOUAISS, 2001).

<sup>185</sup> - "Vargem" designa "o mesmo que várzea". Para a unidade lexical "várzea" registra "terreno baixo e mais ou menos plano, à margem de um rio ou ribeirão; vale" (HOUAISS, 2001).

<sup>186</sup> - Houaiss (2001) define "bulcão" como "aglomeração de nimbos, indício e causa de tempestade; nuvem espessa de gases ou líquidos em rápido movimento; ausência de luz, escuridão, trevas".

			<i>kanê`mora</i> , fugido = jabapara. Canhembora variação canhembara. A variação canhambola foi influenciada por quilombola, termo de procedência africana (CUNHA, 1999).			
	do Castelhana	AF		LP	Etno	Simple
	Cercado <sup>187</sup>	AF		LP	Ergo	Simple
	Corucaca	AF		LNI	S/C	Simple
	do Diogo	AF		LP	Antropo	Simple
	Embira <sup>188</sup>	AF	Tupi: corr. <i>mbira</i> , o descascado, o tirado da casca. É a entrecasca, resistente de certas árvores servindo para corda (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	do Grosso	AF		LP	Morfo	Simple
	Inhoaiva <sup>189</sup>	AF		LC + LAB	Fito	Simple
	da Invernada	AF		LE	Socio	Simple
	João Ferreira	AF		LP + LP	Antropo	Composto
	Macaco	AF		LP	Zoo	Simple
	dos Machados	AF		LP	Antropo	Simple
	Marmeleiro	AF		LP	Fito	Simple
	Mato Grande	AF		LP + LP	Fito	Composto
	do Meio	AF		LP	Cardino	Simple
	do Moinho <sup>190</sup>	AF		LP	Ergo	Simple
	Monjolinho	AF		LQB	Ergo	Simple
	Moquém	AF	Nascentes (apud HOUAISS, 2001) registra o tupi <i>mboka`i</i> e ainda <i>mokaem</i> ou <i>moka`-e</i> "carne preparada segundo técnica indígena primitiva, grelha de varas usada para secar ou assar ligeiramente a carne".	LT	Ergo	Simple
	Olho d'Água	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Paiol de Velha	AF		LE + LP	Eco	Composto híbrido
	do Pinheiro Seco	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Rosário	AF		LP	Hiero / Ergo	Simple
	do Salto	AF		LP	Hidro	Simple
	Tamanduá	AF		LT	Zoo	Simple
	do Tanque <sup>191</sup>	AF		LP	Hidro	Simple

<sup>187</sup> - Conforme Houaiss (2001), "cercado" designa "B. área fechada por cerca, usado para prender animais domésticos; B. área de pastagem com limites naturais".

<sup>188</sup> - "Embira" é "designação comum a várias árvores e arbustos que ocorrem no Brasil, da família das timeleáceas, muitas também conhecidas por embira-branca; embireira, [...] cujas folhas membranáceas, lanceoladas são muito tóxicas para o gado", segundo Houaiss (2001).

<sup>189</sup> - Ermelino Leão (1926) registra "nhoahiva" de origem das línguas camé e abanhaén – "nhum" (camé): campo + "anhiba" (abanhaén)...mal = campo mal, campo ruim", tupi antigo.

<sup>190</sup> - "Moinho": "engenho que se destina à moagem, especialmente de cereais, composto de duas mós postas uma sobre a outra movidas pelo vento, água ou motor" (HOUAISS, 2001).

<sup>191</sup> - Houaiss (2001) define "tanque" como "recipiente de pedra ou alvenaria próprio para conter água; depósito natural de águas nascentes, fluviais ou pluviais; açude, cisterna, poço".

	Taquaruçu	AF	Tupi: corr. <i>taquar-uçú</i> , a cana grande; a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	Tatu	AF	Tupi: corr. <i>ta-tú</i> , o casco encorpado, ou grosso, couraça (SAMPAIO, 1928)	LT	Zoo	Simples
	do Timbezinho <sup>192</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Xaxim	AF	Tupi: (xanchin) corr. <i>chan-chin</i> , ou <i>çam-ci</i> , a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
Ribeirão	Aberta <sup>193</sup> Grande	AF		LP + LP	Geomorfo	Composto
	das Areias	AF		LP	Lito	Simples
	Passo do Brígido <sup>194</sup>	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Cachoeira	AF		LP	Hidro	Simples
	Campo do Meio	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Cunhaporanga	AF	Cunha Porã (em guarani) mulher bonita (TIBIRIÇA, 1985).	LG	Etno	Simples
	do Descanso	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	Frio	AF		LP	Estemato	Simples
	Grande	AF		LP	Dimensio	Simples
	Lagoa da Onça	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Laicado	AF		LNI	S/C	Simples
	da Onça	AF		LP	Zoo	Simples
	do Ouro	AF		LP	Lito	Simples
	do Pinhal <sup>195</sup>	AF		LP	Fito	Simples
	Saltinho	AF		LP	Hidro	Simples
	Santo Anselmo	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Lourenço	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Socavão <sup>196</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simples
Rio	Abaixo	AF		LP	Cardino	Simples
	da Barrinha	AF		LP	Hidro	Simples
	Bomba	AF		LP	Ergo	Simples
	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	Bueno	AF		LP	Antropo	Simples

<sup>192</sup> - Diminutivo de *timbé*, variante de *Itambé*. Lind (1963, p. 31) a traduz como “nariz de pedra”. Já Souza (1961, p. 174) registra outras informações para a unidade lexical em questão: “Itambé – termo peculiar aos estados do Sul e a Mato Grosso, também dito *itaimbé*, que nomeia monte agudo e escarpado ou despenhadeiro, precipício cortante, desfiladeiro de pedra. Em Mato Grosso também se diz *tromba*, e se ouve ainda *taimbé*. Vem do tupi – *ita*- pedra e *aimbé* – áspera, afiada, ponteaguda, logo pedra afiada ou em ponta. Parece que no RS este termo tem sentido um pouco diferente, pois que, segundo informação de Callage, *itaimbé* é barranqueira alta à borda dos arroios, formando no fundo, em baixo, verdadeiro precipício”.

<sup>193</sup> - Lind (1963, p. 31) define “aberta” como “fenda num recife”.

<sup>194</sup> - A Associação dos Amigos do Museu do Tropeiro (2006) informou que as terras do distrito de Socavão pertenceram ao Sr. Brígido e a sua mulher Inácia, daí o nome em homenagem ao proprietário.

<sup>195</sup> - Para a Associação dos Amigos do Museu do Tropeiro (2006), o nome do ribeirão do Pinhal foi uma referência ao local por onde o ribeirão passava devido a existência da enorme quantidade de pinheiros.

<sup>196</sup> - Para Houaiss (2001) “socavão” é definida como “depressão úmida e sombria nas encostas; gruta, biboca; cavidade em rochedo, gruta, lapa”.

	Butiazal <sup>197</sup>	AF		LT	Fito	Simples
	Caratuva <sup>198</sup>	AF		LT	Fito	Simples
	do Carmo	AF		LP	Antropo	Simples
	Chapéu	AF		LP	Ergo	Simples
	do Funil <sup>199</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928)	LT	Fito	Simples
	Guararema	AF	Tupi: corr. <i>guará-r-ema</i> , a madeira fétida; pau d' alho (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	Guarituva	AF		LNI	S/C	Simples
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	Macaco	AF		LP	Zoo	Simples
	Maracanã	AF	Tupi: corr. <i>maracá-nã</i> , semelhante ao maracá; o que imita, no som, o maracá ou chocalho. Nome de uma espécie de papagaio. (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	do Meio	AF		LP	Cardino	Simples
	Morcegos	AF		LP	Zoo	Simples
	do Palmito	AF		LP	Fito	Simples
	Pampulha <sup>200</sup>	AF	Quíchua: pampa “planície” + ulha (sufixo nominativo –“quantidade, coleção” (FERREIRA, A. 1999).	LQ	Fito	Simples
	Pântano <sup>201</sup>	AF		LP	Hidro	Simples
	das Pedrinhas	AF		LP	Lito	Simples
	Pirai	AF	Tupi: corr. <i>pira-y</i> , o rio do peixe (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Pirai Mirim	AF	Tupi: corr. <i>pira-y mirim</i> , o rio do peixe pequeno (SAMPAIO, 1928).	LT + LT	Zoo	Composto
	Pitangui	AF	Tupi: corr. <i>pitang-y</i> , o rio das pitangas; admite-se outro significado ainda, visto que o vocábulo pitanga ou mitanga significa também criança –	LT	Fito	Simples

<sup>197</sup> - Houaiss (2001) define “butiazal” como “B extenso aglomerado de butiás em determinada área”.

<sup>198</sup> - O nome Caratuva não foi encontrado em nenhum dos dicionários pesquisados. Conforme informações do Instituto de Terras, Cartografia e Florestas - ITCF (1987), informação registrada no site [www.cosmo.org.br/marumbi/aserradomar.htm](http://www.cosmo.org.br/marumbi/aserradomar.htm), trata-se de “uma espécie de vegetal encontrado nos campos de altitude ou regiões altas das serras e vegetação rupestre, típica de paredes rochosas. Ocorrem sempre formando os Refúgios Ecológicos que, por sua vez, “se constituem de grupamentos vegetais que imprimem a uma área, ambientes dissonantes ao reflexo normal da vegetação regional”.

<sup>199</sup> - Lind (1963, p. 31) faz referência à configuração do terreno em forma de funil. Já Houaiss (2001) define “funil” apenas como “utensílio em forma de cone terminado por um tubo que é usado para despejar líquidos em recipientes de boca estreita”. Adotamos para efeito de classificação taxionômica a referência citado por Lind.

<sup>200</sup> - A lexia “pampulha” não está dicionarizada. Ferreira, A., (1999) registra a lexia “pampa” como “grande planície, coberta de vegetação rasteira, na região meridional da América do Sul”. Registra também a entrada “-ulha” equivalente de -ulho com a acepção de “sufixo nominativo de indicação de “quantidade, coleção”. Entende-se, então, “pampulha” como “quantidade, abundância, coleção de pampas”.

<sup>201</sup> - Conforme Houaiss (2001), a unidade lexical “pântano” designa “região ribeirinha coberta por águas paradas; planície inundada”.

			rio das crianças (SAMPAIO, 1928).			
	das Pombas	AF		LP	Zoo	Simple
	do Prestes	AF		LP	Antropo	Simple
	Queimado	AF		LP	Socio	Simple
	da Raiz	AF		LP	Fito	Simple
	Ribeirinha	AF		LP	Hidro	Simple
	Socavão	AF		LP	Geomorfo	Simple
	Santa Quitéria	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Miguel	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	do Tanque	AF		LP	Hidro	Simple
	Taquara	AF	Tupi: corr. <i>ta-quara</i> , a haste furada, ou oca (SAMPAIO, 1928); <i>ta'kwar</i> (NASCENTES, 1966).	LT	Fito	Simple
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simple
	Tubarão	AF		LP	Zoo	Simple
	Tucum	AF	Tupi: corr. <i>tu-cu~</i> , o espinho alongado, a pua. Nome de palmeira cuja haste é guarnecida de longos espinhos, e de que se tira uma fibra das mais resistentes para linha de anzóis e para o fabrico de cordas e redes (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Turvo <sup>202</sup>	AF		LP	Cromo	Simple
<b>Total de topônimos de Castro = 131 ( AH = 37 AF = 94)</b>						

#### Quadro 10 – Topônimos do Município de CASTRO

#### Topônimos do Município de GUAMIRANGA

**Histórico do nome do município:** Faz referência à grande quantidade de madeira de cerne avermelhado existente na região (FERREIRA, J., 1999).

**Data de instalação:** 16.11.1995 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Monjolinho (1860) → Natal (1943) (FERREIRA, J., 1999).

**Área:** 259,632 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Topográfico Municipal / 1980 - Escala: 1: 50.000 (SEMA).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Prudentópolis. (IBGE, 2006).

<sup>202</sup> - Houaiss (2001) registra as seguintes acepções para “turvo”: “coberto de nuvens ou de nebulosidade; anuviado, toldado; falta de transparência, com matérias em suspensão”.

**Municípios limítrofes:** Prudentópolis, Ivaí e Imbituva. (IBGE,2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Guamiranga	AH	Tupi: alteração de guapiranga, do tupi <i>guarapiranga</i> , nome comum a várias madeiras de cerne avermelhado (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simple
Povoado	Água Branca	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Água Podre	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Boa Vista	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Manduri	AH	Tupi: corr. <i>manda-r-í</i> , o ninhozinho, o feixinho – abelha silvestre (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Pedra Preta	AH		LP + LP	Lito	Composto
	Alto do Tigre	AH		LP + LP	Dimensio	Composto
	Barra Mansa	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barreira	AH		LP	Cardino	Simple
	Bocó <sup>203</sup>	AH	Tupi: <i>mbocog</i> `segurar, guardar (HOUAISS, 2001).	LT	Ergo	Simple
	Guabiroba	AH	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Perdido	AH		LP	Animo disfórico	Simple
Arroio	Água Podre	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra Mansa	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Boa Vista	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	dos Gaviões	AF		LP	Zoo	Simple
	Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Lajeadozinho	AF		LP	Lito	Simple
	Manduri	AF	Tupi: corr. <i>manda-r-í</i> , o ninhozinho, o feixinho – abelha silvestre (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Paulista	AF		LP	Etno	Simple
	Perdido	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	Porteira da Chave	AF		LP + LP	Ergo	Composto
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simple
Cerro	do Manduri	AF	Tupi: corr. <i>manda-r-í</i> , o ninhozinho, o feixinho – abelha silvestre	LT	Zoo	Simple

<sup>203</sup> - Houaiss (2001) define “bocó” como “bolsa ou assemelhado (alforje, maleta, sacola, embornal, etc) feitos de couro rústico, geralmente ainda com o pêlo do animal, usado para carregar pequenos objetos (canivete, fósforo, fumo, etc”.

			(SAMPAIO, 1928).			
	do Perdido	AF		LP	Animo disfórico	Simple
Pico	do Amor	AF		LP	Animo eufórico	Simple
Rio	Alagado <sup>204</sup>	AF		LP	Hidro	Simple
	Barreiro	AF		LP	Lito	Simple
	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simple
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simple
	Guamiranga		Tupi: alteração de guapiranga, do tupi <i>guarapiranga</i> , nome comum a várias madeiras de cerne avermelhado (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simple
	dos Patos			LP	Zoo	Simple
	Pederneiras <sup>205</sup>			LP	Ergo	Simple
	Ribeira			LP	Hidro	Simple
Salto	Manduri		Tupi: corr. <i>manda-r-i</i> , o ninhozinho, o feixinho – abelha silvestre (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
Salto	Rio Branco			LP + LP	Hidro	Composto
Serra	da Água Branca			LP + LP	Hidro	Composto
<b>Total de topônimos de Guamiranga = 38 (AH = 12 AF = 26)</b>						

**Quadro 11** – Topônimos do Município de Guamiranga

### Topônimos do Município de IMBITUVA

**Histórico do nome do município:** Denominação dada pela abundância, na região, do cipó imbê que pertence à família das Aráceas *philodendron-bipinnatifidum* (ATEPAR, 1999).

**Data de instalação:** 20.03.1910 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Pouso do Cupim → Freguesia de Santo Antônio de Imbituva (FERREIRA, 1996).

**Área:** 756,531 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Topográfico Municipal – Imbituva - Escala: 1: 100.000 (Departamento de Cartografia da Prefeitura Municipal).

<sup>204</sup> - “Alagado”: “coberto de água; inundado, encharcado; pequeno lago, lagoa ou porção de água estagnada, decorrente de chuva ou inundação, e de existência temporária” (HOUAISS, 2001).

<sup>205</sup> - Segundo Houaiss (2001), “pederneira” designa “sílex pirômaco, capaz de produzir centelhas quando percutido ou atritado por peças de metal, especialmente ferro (usado em peças de artilharia, espingardas, isqueiros, etc.)”.

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Prudentópolis (IBGE, 2006)

**Municípios limítrofes:** Fernandes Pinheiro, Irati, Prudentópolis, Guamiranga, Ivaí, Ipiranga e Teixeira Soares. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Imbituva	AH	Tupi: <i>imbé-tyba</i> , lugar onde há abundância de cipó-imbé ou guaimbé (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simple
Povoado	Água Suja	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Apiaba	AH	Tupi: o macho dos animais, o homem, o varão. No tupi-guarani – <i>apiá</i> ; no tupi amazônico – <i>apigaua</i> . (SAMPAIO, 1928).	LT	Etno	Simple
	Arroio Grande	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Aterrado Alto	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Barra Zampier	AH		LP + LNI	Hidro	Composto
	Barro Preto	AH		LP + LP	Lito	Composto
	Barrocas	AH		LP	Geomorfo	Simple
	Cachoeirinha	AH		LP	Hidro	Simple
	Campina	AH		LP	Fito	Simple
	Cedro	AH		LP	Fito	Simple
	Dalegrave	AH		LNI	Antropo	Simple
	Faxinal dos Augustos	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Ávilas	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Galvão	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Maranhão	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Penteados	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Santana	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Stadler	AH		LP + LNI	Fito	Composto
	Jararaca	AH		LT	Zoo	Simple
	Junqueira	AH		LP	Antropo	Simple
	Lajeado	AH		LP	Lito	Simple
	Lambedor <sup>206</sup>	AH		LP	Hidro	Simple
	Lontrão	AH		LP	Zoo	Simple
	Macacos	AH		LP	Zoo	Simple
	Madrugas	AH		LP	Antropo	Simple
	Mato Branco de Baixo	AH		LP + LP + LP	Fito	Composto
	Mato Branco	AH		LP + LP	Fito	Composto

<sup>206</sup> - Segundo Houaiss (2001), “lambedor” designa, na Bahia, “terreno salgado e alagadiço, muito procurado por animais que vão lambê-lo”.

	de Cima			+ LP		
	Menon	AH		LNI	Antropo	Simple
	Moquém	AH	Nascentes (apud HOUAISS, 2001) registra o tupi <i>mboka`i</i> e ainda <i>mokaem</i> ou <i>moka`-e</i> "carne preparada segundo técnica indígena primitiva, grelha de varas usada para secar ou assar ligeiramente a carne".	LT	Ergo	Simple
	Nova Esperança	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Palmar <sup>207</sup>	AH		LP	Fito	Simple
	Paulistas	AH		LP	Etno	Simple
	Pedra Lisa	AH		LP + LP	Lito	Composto
	Quilômetro 14	AH		LP + LP	Cardino	Composto
	Quilômetro 15	AH		LP + LP	Cardino	Composto
	Restinga	AH		LP	Fito	Simple
	Rondinha	AH		LE	Socio	Simple
	Saltinho	AH		LP	Hidro	Simple
	São Miguel	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Valinhos	AH		LP	Coro	Simple
	Vila Rural	AH		LP + LP	Polio	Composto
	Vila Zezo	AH		LP + LP	Polio	Composto
Arroio	Água Clara	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Água Suja	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Apiaba	AF	Tupi: o macho dos animais, o homem, o varão. No tupi-guarani – <i>apiá</i> ; no tupi amazônico – <i>apigaua</i> . (SAMPAIO, 1928).	LT	Etno	Simple
	da Barra	AF		LP	Hidro	Simple
	Bela Vista	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Cachoeirinha	AF		LP	Hidro	Simple
	do Cedro	AF		LP	Fito	Simple
	Grande	AF		LP	Dimensio	Simple
	Junqueira	AF		LP	Antropo	Simple
	Moquém	AF	Nascentes (apud HOUAISS, 2001) registra o tupi <i>mboka`i</i> e ainda <i>mokaem</i> ou <i>moka`-e</i> "carne preparada segundo técnica indígena primitiva, grelha de varas usada para secar ou assar ligeiramente a carne".	LT	Ergo	Simple
	das Pacas	AF		LP	Zoo	Simple
	do Passo	AF		LP	Hodo	Simple
	São Domingos	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Miguel	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Taboãozinho	AF		LP	Fito	Simple
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simple
Morro	das Pedras	AF		LP	Lito	Simple
Rio	das Antas	AF		LA	Zoo	Simple
	Barreiro	AF		LP	Lito	Simple

<sup>207</sup> - O "mesmo que palmeiral", unidade definida como "extenso aglomerado de palmeiras em determinada área; palmar", por Houaiss (2001).

	Imbituvinha	AF	Tupi: <i>imbé-tyba</i> , lugar onde há abundância de cipó-imbé ou guaimbé (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simple
	Imbituvão	AF	Tupi: <i>imbé-tyba</i> , lugar onde há abundância de cipó-imbé ou guaimbé (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simple
	Jararaca	AF	Tupi :corr. <i>ya-ra-raca</i> – aquele que colhe ou agarra envenenando (SAMPAIO,1928)	LT	Zoo	Simple
	Lambedor	AF		LP	Hidro	Simple
	Perdido	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	Quatis	AF	Tupi: corr. <i>qua-tí</i> , o que é riscado, ou lanhado (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Ribeira	AF		LP	Hidro	Simple
	São Miguel	AF		LP	Hagio	Composto
<b>Total de topônimos de Imbituva = 70 (AH = 43 AF = 27)</b>						

**Quadro 12** – Topônimos do Município de Imbituva

### Topônimos do Município de TEIXEIRA SOARES

**Histórico do nome do município:** Homenagem ao engenheiro civil Dr. João Teixeira Soares, um dos construtores da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul e responsável, também, pela Estrada de Ferro do Paraná, que liga Paranaguá a Curitiba (ATEPAR, 1999).

**Data de instalação:** 14.07.1917 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Boa Vista (1890) (FERREIRA, J., 1999).

**Área:** 902,793 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Topográfico Municipal – Teixeira Soares - Escala: 1: 100.000 (SEMA).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Prudentópolis (IBGE, 2006).

**Municípios limítrofes:** Imbituva, Ipiranga, Ponta Grossa, Palmeira, São João do Triunfo e Fernandes Pinheiro (IBGE,2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Bairro	Barreiro	AH		LP	Lito	Simple
	Carreiro	AH		LP	Zoo	Simple
	Limeira	AH		LP	Fito	Simple
	Lopes	AH		LP	Antropo	Simple
	do Tigre	AH		LP	Zoo	Simple
Cidade	Teixeira Soares	AH		LP + LP	Antropo	Composto
Distrito	Guaraúna	AH	Tupi: corr. <i>guará-uma</i> , a garça escura (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
Povoado	Avencal	AH		LP	Fito	Simple
	Bituva <sup>208</sup> das Campinas	AH	Etimologia provável do tupi (HOUAISS, 2001).	LT + LP	Zoo	Composto híbrido
	Bituva dos Lúcios	AH	Etimologia provável do tupi (HOUAISS, 2001).	LT + LP	Zoo	Composto híbrido
	Bituva dos Machados	AH	Etimologia provável do tupi (HOUAISS, 2001).	LT + LP	Zoo	Composto híbrido
	Boa Vista	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Campina do Tigre	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Mineiros <sup>209</sup>	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinalzinho	AH		LP	Fito	Simple
	Guabiroba	AH	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928)	LT	Fito	Simple
	Laranjal	AH		LP	Fito	Simple
	Mangueira Velha	AH		LP + LP	Socio	Composto
	Pau Furado	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Ribeirão de Baixo	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Ribeirão de Cima	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Saruva	AH		LNI	S/C	Simple
Arroio	Água do Rodeio	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	do Alfaiate	AF		LP	Socio	Simple
	dos Balbinos	AF		LP	Antropo	Simple
	Boitaca	AF	Tupi: corr. <i>mbae-taca</i> , o ruidoso, o barulhento, uma variedade de papagaio (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	da Cachoeira	AF		LP	Hidro	Simple
	do Faxinal	AF		LP	Fito	Simple
	Imbuia <sup>210</sup>	AF		LT	Fito	Simple

<sup>208</sup> - Houaiss (2001), para o verbete “bituva”, registra a definição de “SP. Peixe teleósteo siluriforme da família dos loricariídeos, encontrado no rio Betari (SP), com placas ósseas revestindo o corpo, dorso oliváceo com manchas escuras, ventre esbranquiçado, macho com acúleo peitoral bem desenvolvido; cascudo-preto, cascudo biteiro”.

<sup>209</sup> - Conforme informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, há suposições de que a nomeação do local tenha decorrido da presença de tropeiros vindos de Minas Gerais pelo caminho das tropas que ali fixaram residência (TEIXEIRA SOARES, 2006).

	da Invernadinha	AF		LE	Socio	Simple
	do Jacu <sup>211</sup>	AF	Tupi: <i>ya`ku</i> (HOUAISS, 2001).	LT	Zoo	Simple
	da Laranjeira	AF		LP	Fito	Simple
	Liso	AF		LP	Estemato	Simple
	Mangueirinha	AF		LP	Socio	Simple
	Manhoso	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	Meneguel <sup>212</sup>	AF		LP	Antropo	Simple
	do Monjolo	AF		LQB	Ergo	Simple
	do Palmital	AF		LP	Fito	Simple
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo/Coro	Composto
	do Pasto	AF		LP	Fito	Simple
	Pau Furado	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Poço do Boi	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	dos Policenos	AF		LNI	Antropo	Simple
	São Jerônimo	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	da Tafona <sup>213</sup>	AF		LA	Ergo	Simple
	do Timóteo	AF		LP	Antropo	Simple
	dos Veados <sup>214</sup>	AF		LP	Zoo	Simple
	dos Venâncios	AF		LP	Antropo	Simple
	das Violas	AF		LP	Ergo	Simple
	do Virá	AF	Tupi: corr. <i>birã</i> ou <i>pira</i> , formas contratas de <i>piranga</i> , vermelho, rubro, pardo. É nome abreviado de uma casta de veados <i>suassubirá</i> ou <i>çõó-assú-birá</i> , o veado vermelho (SAMPAIO, 1928)..	LT	Zoo	Simple
Córrego	Santa Rosa	AF		LP + LP	Hagio / Coro	Composto
Ribeirão	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	de Cima	AF		LP	Cardino	Simple
Rio	das Almas	AF		LP	Mito	Simple
	da Anta Magra	AF		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
	da Areia	AF		LP	Lito	Simple
	do Bicudo	AF		LP	Zoo	Simple
	Branco	AF		LP	Cromo	Simple
	Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple

<sup>210</sup> -Houaiss (2001) considera “imbuia” como de “etimologia provável tupi – árvore de até 30 m de altura da família das lauráceas, nativa do sul do Brasil, de folhas coriáceas, flores diminutas amarelas, revestidas de pelos sedosos e frutos roxos; a madeira é usada na marcenaria de luxo”.

<sup>211</sup> - “B designação comum às aves galiformes da família dos cracídeos, gênero Penélope, arborícolas, que possuem garganta nua com barbela vivamente colorida especialmente nos machos durante o período reprodutivo; alimentam-se de frutas, folhas e brotos” (HOUAISS, 2001).

<sup>212</sup> - Segundo informações da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, o nome do arroio decorreu do fato de a corrente hídrica passar nas terras da família Meneguel (TEIXEIRA SOARES, 2006).

<sup>213</sup> Houaiss (2001), na entrada “tafona”, registra: “RS. mesmo que atafona”, unidade definida como “engenho de moer grãos, manual ou movido por animais; moinho, azenha”. Etimologia: árabe *at-tahūna* “moinho”.

<sup>214</sup> - O nome do arroio foi motivado pela presença do principal lugar de caça de veados da região que ficava nas proximidades do local nomeado, segundo informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (PONTA GROSSA, 2006)..

	Imbituva	AF	Tupi: <i>imbé-tyba</i> , lugar onde há abundância de cipó-imbé ou guaimbé (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simple
	Tibagi	AF	Tupi: corr. <i>tyba-g-y</i> , o rio do pouso (HOUAISS, 2001).	LT	Socio	Simple
<b>Total de topônimos de Teixeira Soares = 61 (AH = 22 AF = 39)</b>						

### Quadro 13 – Topônimos do Município de Teixeira Soares

#### Topônimos do Município de PONTA GROSSA

**Histórico do nome do município:** de origem geográfica, faz referência a um antigo capão de mato (FERREIRA, J., 1999).

**Data de instalação:** 06.12.1855 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Freguesia de Estrela (1823) → Ponta Grossa (1855) → Pitanguí (1871) (FERREIRA, J., 1999).

**Área:** 2.067,545 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Topográfico Municipal – Ponta Grossa / 1980 - Escala: 1: 100.000 (SEMA).

**Localização:** Mesorregião Centro Oriental Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Ponta Grossa (IBGE, 2006).

**Municípios limítrofes:** Castro, Carambeí, Tibagi, Ipiranga, Teixeira Soares, Palmeira e Campo Largo (IBGE, 2006)

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Bairro	dos Ingleses	AH		LP	Etno	Simple
Cidade	Ponta Grossa	AH		LP + LP	Morfo	Composto
Distrito	Guaraci <sup>215</sup>	AH	Guarani: “guará” vivente + “ci”...mãe (MARTINS, 1953, p.108)	LG	Mito	Simple
	Guaragi	AH	Tupi: rio dos guarás (lobos) (LANGE, 1998, p.320)	LT	Hidro	Simple
	Itaiacóca	AH	Tupi: gruta de pedras (LANGE, 1998, p. 321).	LT	Geomorfo	Simple
	Piriquitos	AH		LP	Zoo	Simple

<sup>215</sup> - Martins (1953, p. 108) apresenta “Guaraci” como de origem guarani “guará”...vivente e “ci”...mãe = mãe dos viventes ou o Sol, sob cujos auspícios se desenvolvia a vida animal”.

	Uvaia	AH	Tupi: árvore com frutos amarelos e suculentos (LANGE, 1998, p.321).	LT	Fito	Simple
Povoado	Anta Mouro	AH		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
	Antunes	AH		LP	Antropo	Simple
	Barra Grande	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra Preta	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Biscaia <sup>216</sup>	AH		LE	Antropo	Simple
	Bufos <sup>217</sup> de Água	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Caetano	AH		LP	Antropo	Simple
	Campina da Barra	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Carandá <sup>218</sup>	AH	Tupi: ou <i>caraná</i> escamoso, cascudo, bheio de asperezas. É o nome da palmeira <i>Copernícia cerifera</i> , vulgo Carnaúba (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Carazinho	AH	Tupi: corr. <i>carã</i> , redondo, circular. Pode proceder de <i>acarã</i> , o indivíduo escamoso, cascudo; nome de peixe ou designa também uma planta tuberosa, como o inhame de São Tomé (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito/Zoo	Simple
	Cerrado	AH		LP	Fito	Simple
	Chapada <sup>219</sup>	AH		LP	Geomorfo	Simple
	Conchas <sup>220</sup> Velhas	AH		LP + LP	Zoo	Composto
	Congonhas	AH	Tupi: corr. <i>congõi</i> , o que sustenta ou alimenta; é a erva-mate (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Eleutério	AH		LP	Antropo	Simple
	Ferreira	AH		LP	Antropo	Simple
	Imbu	AH	Tupi: corr. y-mb-ú, a árvore que dá de beber; alusão aos tubérculos grandes desta planta (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Jaboticabal	AH	Tupi: Jaboticaba, corr. <i>yabuti-caba</i> , a gordura do	LT	Fito	Simple

<sup>216</sup> - A unidade lexical “biscaia” não foi encontrada em nenhum dos dicionários pesquisados. Nascentes (1966, p. 103) registra a entrada “biscaio” como de origem obscura. Já Cunha (1986) apresenta “biscainho” como “adj. Sm. Relativo à, ou natural de Biscaia / bisqueyno XIV, vizcayno XIV / Do cast. Vizcaíno “natural de Biscaia”. No entanto, segundo a Secretaria de Educação e Cultura do município de Ponta Grossa, o nome é uma homenagem a Luiz Biscaia, morador antigo do povoado, fundado no século XIX. Desta forma, sua classificação taxionômica é *antropotopônimo*”.

<sup>217</sup> - Houaiss (2001) define “bufo” como “ato ou efeito de bufar; forte baforada; som que se produz bufando; bufido (ventosidade)”.

<sup>218</sup> - “Carandá” nomeia “palmeira solitária de até 30 m, nativa da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil (MT MS), de folhas em leque, forrageiras e madeira muito durável” (HOUAISS, 2001).

<sup>219</sup> - Houaiss (2001) apresenta a seguinte definição para “chapada”: “área de terra de dimensões consideráveis, situada a uma certa altitude, cujo topo é relativamente plano e cujos flancos podem ter diferentes inclinações; extensão de terreno de superfície regular e horizontal; planície, planura”.

<sup>220</sup> - “Concha” designa “envoltório rígido, geralmente de constituição calcária, do corpo de diversos invertebrados” (HOUAISS, 2001).

			cágado. Quando considerado como corrupção de <i>yabuti-guaba</i> , quer dizer, comida de cágado; se, conforme Batista Caetano, for composto de <i>yamboticaba</i> , significa –fruto em botão, ou abotoamento de frutos (SAMPAIO, 1928).			
	Lagoa dos Pintos	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Lajeado	AH		LP	Lito	Simples
	Limas	AH		LP	Antropo	Simples
	Mato Queimado <sup>221</sup>	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Meneses	AH		LP	Antropo	Simples
	Paiol do Cambiju	AH		LE + LT	Eco	Composto híbrido
	Passo do Pupo <sup>222</sup>	AH		LP + LP	Hodo	Composto
	Pocinho	AH		LP	Hidro	Simples
	Pombinhas	AH		LP	Zôo	Simples
	Prudentes	AH		LP	Antropo	Simples
	Ribas	AH		LP	Antropo	Simples
	Rincão	AH		LE	Socio	Simples
	Roça Velha	AH		LP + LP	Socio	Composto
	Santa Cruz	AH		LP + LP	Hiero	Composto
	São José	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Serra	AH		LP	Geomorfo	Simples
	Serra Klass	AH		LP + LNI	Geomorfo	Composto
	Sete Saltos	AH		LP + LP	Numero	Composto
	Sete Saltos de Cima	AH		LP + LP + LP	Numero	Composto
	Sutil	AH		LP	Animo eufórico	Simples
	Tabuleiro	AH		LP	Geomorfo	Simples
	Taquari dos Polacos <sup>223</sup>	AH	Tupi: corr. <i>taquar-y</i> , o rio das taquaras (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Taquari dos Russos <sup>224</sup>	AH	Tupi: corr. <i>taquar-y</i> , o rio das taquaras (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Três Barras	AH		LP + LP	Numero	Composto
	Trindade	AH		LP	Antropo	Simples
	Valendins	AH		LP	Antropo	Simples
Arroio	Amarelo	AF		LP	Cromo	Simples
	Carrapato	AF		LP	Zôo	Simples
	Chapada	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO,	LT	Fito	Simples

<sup>221</sup> - Segundo informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Cultura, o nome foi motivado por um incêndio ocorrido na mata da Vila. Após esse incidente a população passou a denominar o local de Mato Queimado (PONTA GROSSA, 2006).

<sup>222</sup> - O nome “Passo do Pupo” é uma homenagem à família do Sr. Henrique Ferreira Pupo, que, junto com outras providas do Estado de São Paulo, fixaram-se na região de Ponta Grossa (PONTA GROSSA, 2006).

<sup>223</sup> - O nome Taquari dos Polacos tem sua origem na ocupação do povoado por imigrantes poloneses, em 1871 (PONTA GROSSA, 2006).

<sup>224</sup> - Taquari dos Russos surgiu em decorrência da presença de imigrantes russos-alemães, provenientes da região do Volga, na Rússia, na localidade (século XIX) (PONTA GROSSA, 2006).

			1928).			
	da Invernada	AF		LE	Socio	Simples
	da Laje	AF		LP	Lito	Simples
	do Moinho	AF		LP	Ergo	Simples
	Monjolo	AF		LQB	Ergo	Simples
	da Olaria	AF		LP	Socio	Simples
	Palmital	AF		LP	Fito	Simples
	Passo dos Piriquitos	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Piedade	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	Pulador	AF		LP	Hidro	Simples
	Quebra Dentes	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	Ressaca <sup>225</sup>	AF		LP	Hidro	Simples
	do Rocha	AF		LP	Lito	Simples
	da Ronda	AF		LE	Socio	Simples
	Santa Ita	AF		LP	Hagio	Composto
	Santa Rita	AF		LP	Hagio	Composto
	Tafona	AF		LA	Ergo	Simples
	Terra Vermelha	AF		LP + LP	Lito	Composto
Córrego	da Roça	AF		LP	Socio	Simples
Morro	Felpudo	AF		LP	Estemato	Simples
	da Licença	AF		LP	Animo eufórico	Simples
Ribeirão	Grande	AF		LP	Dimensio	Simples
Rio	da Areia	AF		LP	Lito	Simples
	Areião	AF		LP	Lito	Simples
	Barbado <sup>226</sup>	AF		LP	Zôo	Simples
	Barreiro	AF		LP	Lito	Simples
	Botuquara	AF	Tupi: corr. <i>ybytú-quara</i> , o buraco do vento; garganta do vento. Pode ser ainda derivado de <i>ybyty-quara</i> – a cova do monte (BORDONI, s/d).	LT	Geomorfo	Simples
	Caçador	AF		LP	Sócio	Simples
	Cará-Cará	AF	Tupi: corr. <i>carãe-carãe</i> , o arranhador, uma espécie de gavião (Carcará) (SAMPAIO, 1928).	LT + LT	Zôo	Composto
	Casa Branca ou Água da Bocaina	AF		LP + LP LP + LE	- Eco - Hidro	Composto híbrido
	Conceição	AF		LP	Hiero	Simples
	Engenho Velho	AF		LP + LP	Socio	Composto
	Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	Guaraúna	AF	Tupi: V. Baraúna. É também <i>guará-una</i> , a garça escura (SAMPAIO, 1928).	LT	Zôo	Simples

<sup>225</sup> - Ferreira, A., (1999) define “ressaca” como “refluxo de uma vaga depois de se espriar ou de encontrar obstáculos que a impede de avançar livremente”. Já Houaiss (2001) apresenta-lhe a seguinte definição: “forte movimento das ondas sobre si mesmas, resultante de mar muito agitado, quando se chocam com contra obstáculos no litoral; a vaga que se forma nesse movimento”.

<sup>226</sup> - Houaiss (2001) registra “barbado”, dentre outras, as seguintes acepções: “que ou aquele que usa barba; MT peixe teleósteo siluriforme da família dos pimelodídeos, de distribuição amazônica, com dorso verde-claro e ventre esbranquiçado e nadadeira dorsal grande e um acúleo flexível”.

	Macaco	AF		LP	Zôo	Simple
	Moquém	AF	Nascentes (apud HOUAISS, 2001) registra o tupi <i>mboka`i</i> e ainda <i>mokaem</i> ou <i>moka`-e</i> "carne preparada segundo técnica indígena primitiva, grelha de varas usada para secar ou assar ligeiramente a carne".	LT	Ergo	Simple
	Pitangui <sup>227</sup>	AF	Tupi: corr. <i>pitang-y</i> , o rio das pitangas (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito / Etno	Simple
	Quebra Pedra <sup>228</sup>	AF		LP + LP	Dirremato/Fito	Composto
	Ribeira	AF		LP	Hidro	Simple
	Ribeirinha	AF		LP	Hidro	Simple
	Romualdo ou Caiu	AF		LP LP	Antropo Animo disfórico	Simple
	São Jorge	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Miguel	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Pedro	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Sete Saltos	AF		LP + LP	Numero	Composto
	Tabuleiro	AF		LP	Geomorfo	Simple
	Tibagi	AF	Tupi: corr. <i>tyba-g-y</i> , o rio do pouso (HOUAISS, 2001).	LT	Socio	Simple
	Verde	AF		LP	Cromo	Simple
<b>Total de topônimos de Ponta Grossa = 104 (AH = 51 AF = 53 )</b>						

**Quadro 14** – Topônimos do Município de Ponta Grossa

## ESTRADA DE PALMAS

### Topônimos do Município de GENERAL CARNEIRO

#### **Histórico do nome do município:** Homenagem ao General Antônio Ernesto Gomes

Carneiro, morto no *front* de batalha a 10 de fevereiro de 1894 na condição de comandante das forças legais, situadas na cidade da Lapa (FERREIRA, J., 1999).

<sup>227</sup> - Sampaio (1928) atribui ainda a "pitangui" a acepção de "rio das crianças", já que *pitanga* ou *mitanga* significa também criança e, portanto, *pitang-y* ou *mitang-y*, rio das crianças. Para a classificação taxionômica, optamos pela primeira definição do autor.

<sup>228</sup> - Houaiss (2001) define "quebra-pedra" como "designação comum a várias plantas do gênero *Phyllanthus*, da família das euforbiáceas, geralmente usadas em chás caseiros, para dissolver cálculos; arrebenta-pedra; erva-pombinha". Embora "quebra-pedras" designa espécies de plantas, optamos em classificar o designativo como um *dirrematotopônimo*, seguindo os demais modelos do *corpus* para classificação das expressões.

**Data de instalação:** 19.12.1961 (PARANÁ.MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior (es):** Colônia General Carneiro (1839) → Iratim → Vila Passo da Galinha → São José de Palmas (1958) (FERREIRA, J., 1999).

**Área:** 1.070,252 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico / 2004 - Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de União da Vitória (IBGE, 2006).

**Municípios limítrofes:** Palmas, Bituruna, Porto Vitória e estado de Santa Catarina.(IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	General Carneiro	AH		LP + LP	Axio	Composto
Colônia	da Aguadinha	AH		LP	Hidro	Simples
	Buritizal	AH		LT	Fito	Simples
	Faxinal dos Lemos	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Santos	AH		LP + LP	Fito	Composto
	General Carneiro	AH		LP + LP	Axio	Composto
	Marco Cinco	AH		LP + LP	Cardino	Composto
	dos Mendes	AH		LP	Antropo	Simples
	Monte Alegre	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Paio Velho	AH		LE + LP	Eco	Composto híbrido
	do Quilômetro Quatro	AH		LP + LP	Cardino	Composto
	Santa Rosa	AH		LP + LP	Hagio/ Coro	Composto
Distrito	Arroio do Gado	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barras Farias	AH		LP + LP	Hidro	Composto
Povoado	Barra Bonita	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Campina do Tigre	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Gabiroba	AH	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	Passo da Ilha	AH		LP + LP	Hodo	Composto
	Rio das Antas	AH		LP + LA	Hidro	Composto híbrido
	Salto do Jardim	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Santo Antônio	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Sebastião	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Volta Grande	AH		LP + LP	Morfo	Composto

Córrego	da Anta	AF		LA	Zoo	Simples
	da Bela Vista	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Bonitinho	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	Campo Novo	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Catequese <sup>229</sup>	AF		LP	Hiero	Simples
	do Cerro	AF		LE	Geomorfo	Simples
	do Erondino	AF		LP	Antropo	Simples
	da Errada	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	do Faxinalzinho	AF		LP	Fito	Simples
	da Foca <sup>230</sup>	AF		LP	Zoo	Simples
	Fortuna	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	do Gado	AF		LP	Zoo	Simples
	Iratim	AF	Tupi “ <i>e’ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Jararaca	AF	Tupi :corr. <i>ya-ra-raca</i> – aquele que colhe ou agarra envenenando (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Menegácio	AF		LP	Antropo	Simples
	Mendes	AF		LP	Antropo	Simples
	do Palmital	AF		LP	Fito	Simples
	Paiol Velho	AF		LE + LP	Eco	Composto híbrido
	do Piquiri	AF	Tupi: corr. <i>piquir-y</i> , o rio dos peixinhos (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	da Roseira	AF		LP	Fito	Simples
	Santa Lídia	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Santo Antônio	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Domingos	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Sebastião	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	do Serrinha	AF		LP	Geomorfo	Simples
	do Sousa	AF		LP	Antropo	Simples
	do Tamanduá	AF	Tupi: corr. <i>ta-mondúa</i> , o caçador de formigas O componente <i>-ta-</i> é uma forma contrata de <i>tacy</i> , a formiga (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples

<sup>229</sup> - Houaiss (2001) define “catequese” como “explicação oral, metódica, dos mistérios da fé e das coisas religiosas em geral”.

<sup>230</sup> - Para a unidade lexical “foca”, Houaiss (2001) apresenta a seguinte definição: “designação comum aos mamíferos pinípedes, carnívoros, da família dos focídeos, encontrados em todos os oceanos, especialmente nas regiões mais frias, de pelagem geralmente curta e aveludada, orelhas externas ausentes, cauda curta, e membros posteriores que não auxiliam na locomoção em terra”

	do Tapuã <sup>231</sup>	AF	Tupi: <i>ita`pwã</i> , espécie de arpão (HOUAISS, 2001).	LT	Ergo	Simple
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simple
	Vem de fora	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
Lajeado	da Goiabeira	AF		LP	Fito	Simple
	Grande	AF		LP	Dimensio	Simple
Morro	da Balisa	AF		LP	Cardino	Simple
	do Capão Doce	AF	corr. <i>caá-pãu</i> , a ilha de mato, o mato crescido isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	das Cruzes	AF		LP	Hiero	Simple
	do Espia	AF		LP	Animo eufórico	Simple
Passo	da Ilha	AF		LP	Geomorfo	Simple
Ribeirão	Barra Bonita	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Faxinal	AF		LP	Fito	Simple
	Iratim	AF	Tupi “ <i>e`ira</i> ” abelha + “ <i>ting(a)</i> ” branca (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	do Passo da Ilha	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	do Pouso <sup>232</sup> Bonito	AF		LP + LP	Socio	Composto
	Santa Rosa	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São João	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simple
	do Xavier	AF		LP	Antropo	Simple
Rio	das Antas	AF		LA	Zoo	Simple
	do Farias	AF		LP	Antropo	Simple
	Jangada <sup>233</sup>	AF		LM	Ergo	Simple
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simple
	São João	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São Manuel	AF		LP + LP	Hagio	Composto
<b>Total de topônimos de General Carneiro = 75 (AH = 23; AF = 52)</b>						

**Quadro 15** – Topônimos do Município de General Carneiro

<sup>231</sup> - Para Houaiss (2001), “itapuã” é “o mesmo que itapua – AM fiska ou arpão curto, com ponta de ferro, que se usa na pesca da tartaruga, do pirarucu”.

<sup>232</sup> - Houaiss(2001) define “pouso” como “ B. lugar onde se pernoita; pousada”.

<sup>233</sup> - “Jangada” é definida como “conjunto de peças de madeira atadas umas às outras que formam uma prancha flutuante, usada para transportar pessoas, mercadorias, animais” (HOUAISS, 2001).

## Topônimos do Município de PORTO VITÓRIA

**Histórico do nome do município:** A denominação origina-se da antiga Colônia Vitória, principal núcleo povoador do município (FERREIRA, J., 1999).

**Data de instalação:** 14.12.1964 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Nossa Senhora das Vitórias (ALBINO, 2002).

**Área:** 212,582 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico / 2004 - Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de União da Vitória (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** União da Vitória, Bituruna, General Carneiro e estado de Santa Catarina. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Porto Vitória	AH		LP + LP	Hodo	Composto
Colônia	Amazonas <sup>234</sup>	AH		LP	Antropo	Simples
	do Cel. Amazonas	AH		LP + LP	Axio	Composto
Povoado	Barra Grande	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra Jangada	AH		LP + LM	Hidro	Composto híbrido
	Espingarda	AH		LP	Ergo	Simples
	Santa Maria	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Nicolau	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Sete Setembro Cambuí	AH		LP + LP + LT	Historio	Composto híbrido
	Trabuco	AH		LE	Ergo	Simples
	Vitória	AH		LP	Animo eufórico	Simples
	Vitória da Linha D. Emília	AH		LP + LP + LP + LP	Animo eufórico	Composto
Arroio	Água Azul	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Buracão	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Gavroibeira	AF	Árvore da gabirola ou guabirola Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO,1928)	LT	Fito	Simples
Córrego	Barra Grande	AF		LP + LP	Hidro	Composto

<sup>234</sup> - Homenagem ao Coronel Amazonas de Araújo Marcondes - pioneiro da navegação fluvial no Paraná e sementeiro de cidades - , como Porto União da Vitória, que, mais tarde, foi desdobrada nas cidades de União da Vitória, no Paraná, e de Porto União, em Santa Catarina e a de Porto Amazonas (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 1959, p. 411)

	Bengala do Monjolo	AF		LHI + LQB	Ergo	Composto híbrido
	Cambuí	AF	Tupi: corr. <i>caá-mboy</i> , a planta ou folha que se desprende (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	São Miguel	AF		LP	Hagio	Composto
	Sant'Ana	AF		LP	Hiero	Composto
	Sete de Setembro	AF		LP + LP	Historio	Composto
	dos Veados	AF		LP	Zoo	Simples
Ribeirão	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simples
Rio	Espingarda <sup>235</sup>	AF		LP	Ergo	Simples
	Iguaçu	AF	Tupi <i>y-guassu</i> , rio grande (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Dimensio	Simples
	Jangada	AF		LM	Ergo	Simples
	Santa Maria	AF		LP + LP	Hagio	Composto
Serra	Alta	AF		LP	Dimensio	Simples
<b>Total de topônimos de Porto Vitória = 29 (AH = 12 AF = 17)</b>						

**Quadro 16** – Topônimos do Município de Porto Vitória

### Topônimos do Município de UNIÃO DA VITÓRIA

**Histórico do nome do município:** Referência à primeira denominação do lugar: Entrepasto de Nossa Senhora da Vitória. A designação se refere a um pacto de triunfo entre os primeiros moradores do povoado (ATEPAR, 1999).

**Data de instalação:** 15.03.1908 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Entrepasto de Nossa Senhora da Vitória (1769) → Porto União da Vitória (1890) (FERREIRA, J., 1999).

**Área:** 720,005 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico / 2004 - Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião União da Vitória (IBGE, 2006).

<sup>235</sup> - Segundo o Histórico do Município de Porto Vitória, o padre Ponciano, pároco local, tinha o costume de usar o rio para enviar mensagens aos parentes de Palmeira, dentro de porungos. Uma vez ele estava explorando um rio em direção aos campos de Palmas e perdeu uma espingarda, daí o nome de Rio Espingarda (PORTO VITÓRIA, 2006).

**Municípios limítrofes:** Bituruna, Porto Vitória, Paula Freitas, Mallet, Cruz Machado, Paulo Frontin e Estado de Santa Catarina (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	União da Vitória	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
Colônia	das Antas	AH		LA	Zoo	Simples
	do Banhado	AH		LE	Hidro	Simples
	do Barreado <sup>236</sup>	AH		LP	Lito / Ergo	Simples
	Correntes	AH		LP	Ergo	Simples
	da Encruzilhada	AH		LP	Cardino	Simples
	da Fazenda Velha	AH		LP + LP	Socio	Composto
	da Guabiroba	AH	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	do Macaco	AH		LP	Zoo	Simples
	do Meio	AH		LP	Cardino	Simples
	Palmital	AH		LP	Fito	Simples
	Palmital do Meio	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Papuã de Cima	AH	Provável etimologia Tupi (HOUAISS, 2001).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Passo do Iguazu	AH		LP+ LT	Hodo	Composto híbrido
	Ribeirão do Meio	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Rio Vermelho de Cima	AH		LP + LP + LP	Hidro	Composto
	São Domingos	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	da Vila Zulmira	AH		LP + LP	Polio	Composto
	Volta Grande	AH		LP + LP	Morfo	Composto
Distrito	Palmital de Cima	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Palmital do Meio	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Papuã de Cima	AH	Provável etimologia Tupi (HOUAISS, 2001).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	São Cristóvão	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	São Domingos	AH		LP + LP	Hagio	Composto
Povoado	Bela Vista	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Encruzilhada	AH		LP	Cardino	Simples
	Fatura	AH		LP	Animo eufórico	Simples
	Faxinal dos Marianos	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Lajeado	AH		LP	Lito	Simples
	Santa Rita	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Santa Vitória	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Santo Antônio	AH		LP + LP	Hagio	composto
Arroio	Abarrancamento <sup>237</sup>	AF		LP	Geomorfo	Simples

<sup>236</sup> - Houaiss (2001) define “barreado” como “coberto de barro; enlameado, que tem paredes revestidas de barro; PR. Comida típica, feita com carne cozida lentamente em panela de barro”.

	Bengala	AF		LHI	Ergo	Simples
	do Corvo	AF		LP	Zoo	Simples
	Faxinal	AF		LP	Fito	Simples
	Papuã	AF		LT	Fito	Simples
	Santa Vitória	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Servidão <sup>238</sup>	AF		LP	Animo disfórico	Simples
	Taió	AF	Tupi: de taioba (tayoba), planta áracea de folhas comestíveis (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Fito	Simples
	Tanque	AF		LP	Hidro	Simples
Cachoeira	de Baixo	AF		LP	Cardino	Simples
	de Cima	AF		LP	Cardino	Simples
Córrego	do Arrozal	AF		LP	Fito	Simples
	Banhado	AF		LE	Hidro	Simples
	Barra Grande	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Barreiro <sup>239</sup>	AF		LP	Lito	Simples
	da Bracatinga	AF		LT	Fito	Simples
	do Bugre	AF		LP	Etno	Simples
	Fartura	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	da Fazenda Velha	AF		LP + LP	Socio	Composto
	Fundo	AF		LP	Dimensio	Simples
	da Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi- iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	do Jacu	AF		LT	Zoo	Simples
	Lajeadinho	AF		LP	Lito	Simples
	do Monjolo	AF		LQB	Ergo	Simples
	Pedra Branca	AF		LP + LP	Lito	Composto
	São Joaquim	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	São João	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simples
Lago	da Formiguinha	AF		LP	Zoo	Simples
Ribeirão	das Correntes	AF		LP	Ergo	Simples
	da Prata	AF		LP	Lito	Simples
	São Domingos	AF		LP + LP	Hagio	Composto
Rio	da Areia	AF		LP	Lito	Simples
	Barrancamento	AF		LP	Geomorfo	Simples
	Iguaçu	AF	Tupi <i>y-guassu</i> , rio grande (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Dimensio	Simples
	do Louro	AF		LP	Zoo	Simples
	Santa Maria	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	do Soldado	AF		LP	Socio	Simples
	do Tigre de Baixo	AF		LP + LP	Zoo	Composto

<sup>237</sup> - A unidade lexical “abarrancamento” não está dicionarizada. Houaiss (2001) registra “abarrancar” na acepção de “obstruir com barrancos, impedindo a passagem”.

<sup>238</sup> - A lexia “servidão”, para Houaiss (2001), significa “estado ou condição de servo ou de escravo; serventia, escravidão”.

<sup>239</sup> - Segundo a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, esse era um local atravessado pelas tropas e levou esse nome em virtude do lamaçal existente que dificultava a travessia das carroças. Era também ponto de pouso das tropas, com poteiro de aluguel (UNIÃO DA VITÓRIA, 2006).

	Três Antas	AF		LP + LA	Numero	Composto híbrido
	Verde	AF		LP	Cromo	Simples
	Vermelho	AF		LP	Cromo	Simples
Serra	da Esperança	AF		LP	Animo eufórico	Simples
<b>Total de topônimos de União da Vitória = 75 ( AH = 32 AF = 43 )</b>						

**Quadro 17** – Topônimos do Município de União da Vitória

### Topônimos do Município de PAULA FREITAS

**Histórico do nome do município:** Homenagem ao engenheiro civil Dr. Paula Freitas que dirigiu a construção da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande Railway no trecho que passa pelo território do município (FERREIRA, J., 1999).

**Data de instalação:** 08.12.1964 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Estácios (1921) (ALBINO, 2002).

**Área:** 420,331 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico/ 2004 - Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de União da Vitória (IBGE, 2006).

**Municípios Limítrofes:** Paulo Frontin, União da Vitória, Mallet e Estado de Santa Catarina. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Paula Freitas	AH		LP + LP	Antropo	Composto
Colônia	da Luzia	AH		LP	Antropo	Simples
	Palmital	AH		LP	Fito	Simples
	do Rio Vermelho	AH		LP + LP	Hidro	Composto
Povoado	Bela Vista	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Carazinho	AH		LT	Fito / Zoo	Simples
	Fazendinha	AH		LP	Socio	Simples
	Faxinal	AH		LP	Fito	Simples
	Jararaca	AH	Tupi :corr. <i>ya-ra-raca</i> – aquele que colhe ou agarra envenenando (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Marcolino	AH		LP	Antropo	Simples
	Rondinha	AH		LE	Socio	Simples
	Vargem	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto

	Grande					
Arroio	da Anta	AF		LA	Zoo	Simples
	da Areia	AF		LP	Lito	Simples
	do Campo Frio	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Carazinho	AF		LT	Fito / Zoo	Simples
	do Cincerro <sup>240</sup>	AF		LE	Ergo	Simples
	das Rochas	AF		LP	Lito	Simples
	da Rondinha	AF		LE	Socio	Simples
	Taió	AF	Tupi: de taioba (tayoba), planta áracea de folhas comestíveis (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Fito	Simples
Córrego	Abel	AF		LP	Antropo	Simples
	Burro Morto	AF		LP + LP	Zoo	Composto
	do Jacu	AF	Tupi: corr. <i>yacú</i> , esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	da Luzia	AF		LP	Antropo	Simples
	Macaquinho	AF		LP	Zoo	Simples
	do Moinho	AF		LP	Ergo	Simples
	do Pedregulho	AF		LP	Lito	Simples
	Rodeio	AF		LP	Socio	Simples
	Turumã	AF		LNI	S/C	Simples
	da Urtiga	AF		LP	Fito	Simples
Ilha	dos Navegantes	AF		LP	Socio	Simples
Lago	da Formiguinha	AF		LP	Zoo	Simples
Morro	do Taió	AF	Tupi: de taioba (tayoba), planta áracea de folhas comestíveis (TIBIRIÇA).	LT	Fito	Simples
Porto	dos Bugios	AF		LP	Zoo	Simples
	de Irineópolis	AF		LP + LGR	Antropo	Simples
Ribeirão	dos Macacos	AF		LP	Zoo	Simples
	Rondinha	AF		LE	Socio	Simples
Rio	das Antas	AF		LA	Zoo	Simples
	Iguaçu	AF	Tupi <i>y-guassu</i> , rio grande (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Dimensio	Simples
	Jararaca	AF	Tupi :corr. <i>ya-ra-raca</i> – aquele que colhe ou agarra envenenando (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	dos Macacos	AF		LP	Zoo	Simples
	Palmital	AF		LP	Fito	Simples
	do Soldado	AF		LP	Socio	Simples
	da Vargem Grande	AF		LP + LP	Geomorfo	Composto
<b>Total de topônimos de Paula Freitas = 44 (AH = 12 AF = 32 )</b>						

**Quadro 18** – Topônimos do Município de Paula de Freitas

## Topônimos do Município de PAULO FRONTIN

**Histórico do nome do município:** Homenagem ao engenheiro e político Dr. André Gustavo Paulo Frontin (FERREIRA, J., 1999).

**Data de instalação:** 14.12.1952 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Vera Guarani (1900) (FERREIRA, J., 1999).

**Área:** 369,210 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico / 2004 - Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de União da Vitória (IBGE, 2006).

**Municípios limítrofes:** União da Vitória, Paula Freitas, Mallet, São Mateus do Sul e Estado de Santa Catarina. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Bairro	dos Limas	AH		LP	Antropo	Simple
Cidade	Paulo Frontin	AH		LP + LP	Antropo	Composto
Distrito	São Roque	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Vera Guarani	AH		LP + LP	Antropo	Composto
Porto	dos Álamos <sup>241</sup>	AH		LP	Fito	Simple
Povoado	Candido de Abreu	AH		LP + LP	Antropo	Composto
	Gonçalves Junior	AH		LP + LP	Antropo	Composto
	Iguaçu	AH	Tupi <i>y-guassu</i> , rio grande (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Dimensio	Simple
	Limoeiro	AH		LP	Fito	Simple
	Pinheiro	AH		LP	Fito	Simple
Arroio	Boca do Forno	AF		LP + LP	Somato	Composto
	Boca do Tigre	AF		LP + LP	Somato	Composto
	Campinas	AF		LP	Fito	Simple
	do Campo Frio	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Jacu	AF	Tupi: corr. <i>yacú</i> , esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simple

<sup>240</sup> - Para o lexicógrafo Houaiss (2001), a unidade lexical “cincerro” nomeia uma “MG e B.S. sineta que pende do pescoço de certos animais (égua madrinha, vaca, besta) e cujas batidas, de sonoridade indefinida servem para guiar e reunir uma tropa, um rebanho”.

<sup>241</sup> - Aulete (1970) define a lexia “álamo” como “gênero de árvores da família das salicinas (*Populus*), o qual compreende muitas espécies que habitam a Europa e a América do Norte; são árvores altas, com folhas alternas, de ordinário mais largas que compridas, arredondadas, ovais, lanceoladas, ou cordiformes e que se agitam à mais pequena aragem. Mesmo que choupo; geralmente cultivadas como ornamentais ou pelas madeiras”.

	Lajeado	AF		LP	Lito	Simple
	Lajeana	AF		LP	Lito	Simple
	Lambe Pedra	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	Pileque <sup>242</sup>	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	São Roque	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	da Serra	AF		LP	Geomorfo	Simple
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simple
	Xaxim	AF	Tupi: (xanchin) corr. <i>chan-chin</i> , ou <i>çam-ci</i> , a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
Morro	Chato	AF		LP	Morfo	Simple
Ribeirão	dos Bugres	AF		LP	Etno	Simple
Rio	Alagoado <sup>243</sup>	AF		LP	Hidro	Simple
	da Barra	AF		LP	Hidro	Simple
	Claro	AF		LP	Cromo	Simple
	Grande	AF		LP	Dimensio	Simple
	da Jararaca	AF	Tupi :corr. <i>ya-ra-raca</i> – aquele que colhe ou agarra envenenando (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	dos Lima	AF		LP	Antropo	Simple
	do Monjolo	AF		LQB	Ergo	Simple
	Santana	AF		LP	Hiero	Simple
Serra	Geral	AF		LP	Dimensio	Simple
<b>Total de topônimos de Paulo Frontin = 35 (AH = 10 AF = 25)</b>						

**Quadro 19** – Topônimos do Município de Paulo Frontin

### Topônimos do Município de SÃO MATEUS DO SUL

**Histórico do nome do município:** Homenagem a São Mateus – santo do hagiológico romano – padroeiro do município e referência à sua localização geográfica no estado (ATEPAR, 1999).

**Data de instalação:** 21.09.1908 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Santa Maria (1890) → Maria Augusta → São Mateus (ALBINO, 2002).

**Área:** 1.342,633 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Topográfico Municipal – 1980 - Escala: 1: 100.000 (SEMA).

**Localização:** Mesorregião Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de São Mateus do Sul (IBGE, 2006).

<sup>242</sup> - Para Houaiss (2001), “pileque” designa “estado de bêbado; bebedeira”.

**Municípios limítrofes:** Paulo Frontin, Mallet, Rio Azul, Rebouças, São João do Triunfo, Antônio Olinto e Estado de Santa Catarina. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Bairro	dos Francos	AH		LP	Antropo	Simple
Cidade	São Mateus do Sul	AH		LP + LP + LP	Hagio	Composto
Distrito	Fluviópolis	AH		LP + LGR	Antropo	Simple
Povoado	Água Branca	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barra Feia	AH		LP	Hidro	Composto
	Caitá	AH		LNI	S/C	Simple
	Cambará <sup>244</sup> do Sul	AH	Tupi: corr. <i>caá-mbará</i> , a planta variegada; a planta de várias cores (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Divisa	AH		LP	Cardino	Simple
	Dois Irmãos	AH		LP + LP	Numero	Composto
	Emboque <sup>245</sup>	AH		LP	Hodo	Simple
	Espigão	AH		LP	Geomorfo	Simple
	Estiva <sup>246</sup>	AH		LP	Hodo	Simple
	Fartura	AH		LP	Animo eufórico	Simple
	Faxinal dos Elias	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Ilhéus	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Lajeado	AH		LP	Lito	Simple
	Lajeadinho	AH		LP	Lito	Simple
	Olho d'água	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Paiol Grande	AH		LE + LP	Eco	Composto híbrido
	Passo do Meio	AH		LP + LP	Hodo	Composto
	Pontilhão <sup>247</sup>	AH		LP	Hodo	Simple
	Porto Ribeiro	AH		LP + LP	Hodo	Composto
	Rio das Pedras de Cima	AH		LP + LP + LP	Hidro	Composto
	Rosas	AH		LP	Fito	Simple
	São Miguel	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Tesoura de Baixo <sup>248</sup>	AH		LP + LP	Ergo	Composto
	Tesoura de Cima	AH		LP + LP	Ergo	Composto
	Tijuco <sup>249</sup> Preto	AH	Tupi: corr. <i>ty-yuc</i> , água corrupta, podre; lama, brejo (SAMPAIO,	LT + LP	Lito	Composto híbrido

<sup>243</sup> - Aulete (1970) define “alagoado” como “semelhante a lagoa; lugar em que há lagoas”.

<sup>244</sup> - “Cambará” é definido por Houaiss (2001) como “árvore frondosa, da família das voquisiáceas, nativa do Brasil (GO/MS/MT), de folhas coriáceas, flores amarelas em racemos terminais e frutos capsulares. Já Ferreira, A. , (1999) a define como “pequena árvore da família das compostas, muito dispersa em lugares abertos, de flores agregadas em pequenos capítulos e cuja madeira, conquanto de pequena espessura, é resistente ao contato com a água, sendo utilizada em rodas de moinho de água”.

<sup>245</sup> - Houaiss (2001) define “emboque” como “ato ou efeito de embocar; embocamento, emboca; embarque ou travessia por água; passagem de algo por uma parte estreita”.

<sup>246</sup> - Conforme Houaiss (2001), “estiva” significa “MG RS. Ponte rústica construída com paus atravessados por sobre um córrego ou vala”.

<sup>247</sup> - “Pontilhão” nomeia uma “pequena ponte”, segundo Houaiss (2001).

<sup>248</sup> - A origem do topônimo vem do fato de um antigo morador ter perdido uma tesoura no rio Iguazu, segundo dados fornecidos pela Secretaria de Educação e Cultura ( SÃO MATEUS DO SUL, 2006).

			1928).			
	Vargem Grande	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
Água	Maria Clara	AF		LP + LP	Antropo	Composto
Arroio	Água Branca	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Anta Ruiva	AF		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
	dos Borges	AF		LP	Antropo	Simples
	do Cadene	AF		LNI	S/C	Simples
	dos Carneiros	AF		LP	Zoo	Simples
	da Cobra	AF		LP	Zoo	Simples
	Eufrosina <sup>250</sup>	AF		LP	Antropo	Simples
	da Fazenda	AF		LP	Socio	Simples
	da Imbuiona	AF		LT	Fito	Simples
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	da Mandaçaia	AF	Tupi: corr. <i>mandáçãia</i> , o ninho estendido; alusão à forma do ninho da abelha deste nome, feito de barro (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Monjolo	AF		LQB	Ergo	Simples
	dos Mourão	AF		LP	Antropo	Simples
	das Mulas	AF		LP	Zoo	Simples
	do Palmito	AF		LP	Fito	Simples
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo/Coro	Composto
	da Pataca <sup>251</sup>	AF		LP	Ergo	Simples
	Pequena	AF		LP	Dimensio	Simples
	São Vicente	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	da Serrinha	AF		LP	Geomorfo	Simples
	do Tigre	AF		LP	Zoo	Simples
	Xaxim	AF	Tupi: (xanchin) corr. <i>chan-chin</i> , ou <i>çam-ci</i> , a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
Ribeirão	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	Maria Joana	AF		LP + LP	Antropo	Composto
	do Mico <sup>252</sup> Magro	AF		LP + LP	Zoo	Composto
Rio	Água Branca	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	da Água Suja	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	da Areia	AF		LP	Lito	Simples
	da Barra Feia	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Barreira	AF		LP	Lito	Simples
	Bonito	AF		LP	Animo eufórico	Simples
	dos Cochos <sup>253</sup>	AF		LP	Ergo	Simples

<sup>249</sup> - Para Houaiss (2001), “tijuco” designa “B. lugar de solo mole, pantanoso; atoleiro, charco, pântano, lameiro; barro especialmente quando de cor escura”.

<sup>250</sup> - Eufrosina era o nome de uma senhora pertencente a uma das primeiras famílias que fixaram residência na localidade (SÃO MATEUS DO SUL, 2006).

<sup>251</sup> - Conforme Houaiss (2001), a lexia “pataca” nomeia “B. moeda antiga de prata, que valia 320 réis; a cédula e a moeda (divisíveis em cem unidades menores, denominadas avos”.

<sup>252</sup> - “Mico” é definida por Houaiss (2001) como “o mesmo que sagüi; o mesmo que macaco-prego. Ferreira (1999), por sua vez, define como “B. designação comum aos macacos de porte médio do gênero *Cebus*, tais como o mico-preto, o mico-amarelo, etc”. A origem do nome vem do fato de que os primeiros habitantes do lugar terem matado um macaco (um mico) muito magro numa das muitas caçadas realizadas (SÃO MATEUS DO SUL, 2006).

	Dois Irmãos	AF		LP + LP	Numero	Composto
	Emboque	AF		LP	Hodo	Simples
	do Espigão	AF		LP	Geomorfo	Simples
	da Estiva	AF		LP	Hodo	Simples
	Iguaçu	AF	Tupi <i>y-guassu</i> , rio grande (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Dimensio	Simples
	Lajeado	AF		LP	Lito	Simples
	Lajeadozinho	AF		LP	Lito	Simples
	Mato Queimado ou Três Poços	AF		LP + LP LP + LP	- Fito - Numero	Composto
	do Meio	AF		LP	Cardino	Simples
	Mirim	AF	Tupi: pequeno, breve, pouco, miúdo; um pouco (SAMPAIO, 1928).	LT	Dimensio	Simples
	Negro	AF		LP	Etno	Simples
	Palmital	AF		LP	Fito	Simples
	Papuã	AF	Etimologia provável do tupi (HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simples
	do Passa Tigre	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	Passinho	AF		LP	Hodo	Simples
	Passo do Meio	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	das Pedras	AF		LP	Lito	Simples
	do Pontilhão	AF		LP	Hodo	Simples
	Portugal	AF		LP	Coro	Simples
	Potinga	AF	Putinga – de <i>ypu-tinga</i> , fonte de água branca (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Hidro	Simples
	Represa <sup>254</sup>	AF		LP	Ergo	Simples
	Sanga <sup>255</sup> Funda	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	da Santa Cruz	AF		LP + LP	Hiero	Composto
	da Santa Rosa	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Santana	AF		LP	Hiero	Simples
	São Miguel	AF		LP + LP	Hagio	Composto
	Taquara	AF	Tupi: corr. <i>ta-quara</i> , a haste furada, ou oca (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	Tijuco Preto	AF		LT + LP	Lito	Composto híbrido
	Turvo	AF		LP	Cromo	Simples
	do Vau <sup>256</sup>	AF		LP	Hidro	Simples
<b>Total de topônimos de São Mateus do Sul = 93 (AH = 29 AF = 64)</b>						

### Quadro 20 – Topônimos do Município de São Mateus do Sul

<sup>253</sup> - Para Houaiss (2001), a unidade lexical “cocho” designa “recipiente de madeira ou outro material, de vários formatos e tamanhos e usado para diversos fins”.

<sup>254</sup> - Houaiss (2001) define “represa” como “barreira para represar água corrente; dique, açude”.

<sup>254</sup> - “Sanga” designa “B. curso d’água muito pequeno; córrego que seca facilmente” (HOUAISS, 2001).

<sup>255</sup> - Para Houaiss (2001), “vau” designa “lugar raso de um rio, mar, lagoa, por onde se pode passar a pé ou a cavalo”.

## Topônimos do Município de SÃO JOÃO DO TRIUNFO

**Histórico do nome do município:** Homenagem a São João Batista – santo do hagiológico católico romano – padroeiro do município e ao fundador Sr. João Nunes de Souza e referência ao êxito obtido pelos desbravadores da região (FERREIRA, J., 1999)..

**Data de instalação:** 15.02.1890 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Freguesia do Rio da Vargem (1864)(FERREIRA, J., 1999).

**Área:** 720,407 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico / 2004 - Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião : Sudeste Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião : São Mateus do Sul (IBGE, 2006).

**Municípios limítrofes:** Fernandes Pinheiro, Palmeira, Teixeira Soares, Rebouças, São Mateus do Sul, Antônio Olinto e Lapa. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	São João do Triunfo	AH		LP + LP + LP	Hagio	Composto
Colônia	Bromado <sup>257</sup>	AH		LP	Fito	Simple
	Lagoa	AH		LP	Hidro	Simple
	Veados	AH		LP	Zoo	Simple
Povoado	Água Branca de Cima	AH		LP + LP + LP	Hidro	Composto
	Água Comprida	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Antunes	AH		LP	Antropo	Simple
	Barra Bonita	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Barro Branco	AH		LP + LP	Lito	Composto
	Boa Vista	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Bolo Grande	AH		LP + LP	Ergo	Composto
	Cachoeira	AH		LP	Hidro	Simple
	Campinas	AH		LP	Fito	Simple
	Canudos	AH		LP	Historio	Simple
	Coxilhão de Cima	AH		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
	Coxilhão <sup>258</sup> do Meio	AH		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
	Coxilhão Vitorino	AH		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
	Faxinal dos	AH		LP + LP	Fito	Composto

<sup>257</sup> - Para Houaiss (2001), a unidade lexical “bromado” designa em São Paulo: “mato cerrado e baixo; brumado”.

<sup>258</sup> - “Coxilhão” designa “grande coxilha; chapadão”, segundo Houaiss (2001) que no verbete “coxilha” apresenta a seguinte definição: “B.S. extensão de terras com pequenas e grandes elevações, constituindo uma espécie de ondulação, e na qual se desenvolve a atividade pastoril”.

	Fabricsos					
	Faxinal dos Ferreiras	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Louros	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxinal dos Rodrigues	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Faxineiros	AH		LP	Socio	Simple
	Guaiaca <sup>259</sup>	AH	Quíchua: <i>huayaca...</i> saco (HOUAISS, 2001).	LQ	Ergo	Simple
	Ladeira 1	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Ladeira 2	AH		LP + LP	Geomorfo	Composto
	Mato Queimado	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Meia Lua	AH		LP + LP	Cardino	Composto
	Palmital	AH		LP	Fito	Simple
	Papuã	AH		LT	Fito	Simple
	Pinhalzinho	AH		LP	Fito	Simple
	Poços	AH		LP	Hidro	Simple
	Porto Feliz	AH		LP + LP	Hodo	Composto
	Rio Baio I	AH		LP + LP + LP	Hidro	Composto
	Rio Baio II	AH		LP + LP + LP	Hidro	Composto
	Rio Baio III	AH		LP + LP + LP	Hidro	Composto
	Rio do Poço	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	São Lourenço	AH		LP + LP	Hagio	Composto
	Serrinha	AH		LP	Geomorfo	Simple
	Taió	AH	Tupi: de taioba (tayoba) planta arécea de folhas comestíveis (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Fito	Simple
	Vila Nova	AH		LP + LP	Polio	Composto
	Vila Palmira	AH		LP + LP	Polio	Composto
	Vitorinópolis	AH		LP + LGR	Antropo	Simple híbrido
Arroio	Ameixeiras	AF		LP	Fito	Simple
	das Campinas	AF		LP	Fito	Simple
	do Coxilhão	AF		LE	Geomorfo	Simple
	Guaiaca	AF		LQ	Ergo	Simple
	dos Ferreira	AF		LP	Antropo	Simple
	Lajeadinho	AF		LP	Lito	Simple
	Lajinha	AF		LP	Lito	Simple
	do Massani	AF		LNI	Antropo	Simple
	dos Mourão	AF		LP	Antropo	Simple
	dos Padilhas	AF		LP	Antropo	Simple
	Passo do Carlos	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo do Rubens	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo do Silva	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	dos Poços	AF		LP	Hidro	Simple
	Quebra- Queixo	AF		LP + LP	Dirremato Ergo	Composto

<sup>259</sup> - “Guaiaca” nomeia um tipo de “cinto largo de couro ou de camurça, com bolsos onde se guardam dinheiro, objetos miúdos e que também é usado para o porte de armas” (HOUAISS, 2001).

	dos Rodrigues	AF		LP	Antropo	Simple
	da Serrinha	AF		LP	Geomorfo	Simple
	Taió	AF	Tupi: de taioba (tayoba) planta aráceca de folhas comestíveis (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Fito	Simple
	Umbu <sup>260</sup>	AF	Tupi: <i>i`mbu</i> “nome comum a diversas plantas das famílias das fitolacáceas (HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simple
	Xaxim	AF	Tupi: (xanchin) c. <i>chan-chin</i> , ou <i>çam-ci</i> , a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
Banhado	do Cerne	AF		LP	Fito	Simple
	do Mato Queimado	AF		LP + LP	Fito	Composto
Lagoa	Ferradura	AF		LP	Ergo	Simple
	Ingaieira	AF	Tupi: corr. <i>Y-igá</i> , o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	da Meia Lua	AF		LP + LP	Morfo	Composto
Morro	Grande	AF		LP	Dimensio	Simple
Ribeirão	Papuã	AF		LT	Fito	Simple
Rio	da Água Branca	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	da Água Comprida	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	das Antas	AF		LA	Zoo	Simple
	da Areia	AF		LP	Lito	Simple
	Bainha <sup>261</sup>	AF		LP	Ergo	Simple
	do Baio	AF		LP	Zoo	Simple
	Barra Bonita	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	Belchior	AF		LNI	Antropo	Simple
	Boa Vista	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	do Bromado	AF		LP	Fito	Simple
	da Cachoeira	AF		LP	Hidro	Simple
	Canudos	AF		LP	Historio	Simple
	do Cerne <sup>262</sup>	AF		LP	Fito	Simple
	dos Fabrícios	AF		LP	Antropo	Simple
	Iguaçu	AF	Tupi <i>y-guassu</i> , rio grande (TIBIRIÇA, 1985).	LT	Dimensio	Simple
	Jordão	AF		LP	Coro	Simple
	Ladeira	AF		LP	Geomorfo	Simple
	do Louro	AF		LP	Zoo	Simple
	dos Machados	AF		LP	Antropo	Simple

<sup>260</sup> - Houaiss (2001) define “umbu” como “fruto do umbuzeiro – árvore nativa da América do Sul, com copa frondosa, folhas grandes, ovadas”. Já Sampaio (1928, p. 223) apresenta a variante Imbu – c. *y-mb-ú*, a árvore que dá de beber; alusão aos tubérculos grandes desta planta, que, nas raízes, segregam água e matam a sede dos viajantes do sertão em tempo de seca”.

<sup>261</sup> - Houaiss (2001) define “bainha” como “estojo de couro, madeira ou metal em que guarda a lâmina de uma arma branca, para evitar que perca o fio ou enferruje, ou para carregá-la presa à cintura”.

<sup>262</sup> - Houaiss (2001) define a lexia “cerne” como “parte interna do tronco das árvores, entre o albúrnio e a medula, formada por células mortas em que não ocorre o transporte de água; parte emersa de um tronco que esteja submerso”.

	Mato Queimado	AF		LP + LP	Fito	Composto
	do Monjolo	AF		LQB	Ergo	Simple
	dos Patos	AF		LP	Zoo	Simple
	do Poço	AF		LP	Hidro	Simple
	da Ponte Torta	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Taquaruçu	AF	Tupi: corr. <i>taquar-uçu</i> , a cana grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	Turvo	AF		LP	Cromo	Simple
	da Vargem	AF		LP	Geomorfo	Simple
	dos Vitorianos	AF		LP	Antropo	Simple
Serra	do Baio	AF		LP	Zoo	Simple
	do Bugio	AF		LP	Zoo	Simple
<b>Total de topônimos de São João do Triunfo = 99 (AH = 42 AF = 57 )</b>						

**Quadro 21** – Topônimos do Município de São João do Triunfo

### Topônimos do Município de PALMEIRA

**Histórico do nome do município:** Devido o surgimento da cidade ter ocorrido em um capão denominado de Capão Palmeira, pela existência de palmeiras na região (FERREIRA, J. 1999).

**Data de instalação:** 09.11.1897 (PARANÁ/MUNICÍPIOS, 2006).

**Nome(s) anterior(es):** Freguesia Nova → Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Palmeira (1820) (ALBINO, 2002).

**Área:** 1.457,261 km<sup>2</sup> (IBGE, 2006).

**Fonte primária:** Mapa Municipal Estatístico/ 2004 - Escala: 1: 100.000 (IBGE, 2006).

**Localização:** Mesorregião Centro Oriental Paranaense (IBGE, 2006).

Microrregião de Ponta Grossa (IBGE, 2006).

**Municípios limítrofes:** Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, São João do Triunfo, Lapa, Porto Amazonas, Balsa Nova, Campo Largo e Ponta Grossa. (IBGE, 2006).

Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Cidade	Palmeira	AH		LP	Fito	Simple
Distrito	Papagaios Novos	AH		LP + LP	Zoo	Composto
Povoado	Arroio Grande	AH		LP + LP	Hidro	Composto

	Campestre dos Borges	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Cantagalo	AH		LP	Coro	Simple
	Quero-Quero <sup>263</sup>	AH		LP + LP	Zôo / Dirremato	Composto
	Correias	AH		LP	Antropo	Simple
	Encruzilhada	AH		LP	Cardino	Simple
	Faxinal dos Silvas	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Guarauninha	AH	Tupi: corr. <i>guará-una</i> , a garça escura (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Lago	AH		LP	Hidro	Simple
	Mandaçaia	AH	Tupi: corr. <i>mandáçãia</i> , o ninho estendido; alusão à forma do ninho da abelha deste nome, feito de barro (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
	Minguinho	AH		LP	Dimensio	Simple
	Paiol do Fundo	AH		LE + LP	Eco	Composto híbrido
	Pinheiral de Cima	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Poço Grande	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Pugas <sup>264</sup>	AH		LNI	Antropo	Simple
	Pugas de Cima	AH		LNI + LP	Antropo	Composto
	Saios <sup>265</sup>	AH		LP	Ergo	Simple
	São Pedro	AH		LP	Hagio	Composto
	Vieiras	AH		LP	Antropo	Simple
Água	Clara	AF		LP	Cromo	Simple
Arroio	Aterradinho	AF		LP	Geomorfo	Simple
	do Banho	AF		LP	Higie	Simple
	Bantica	AF		LNI	S/C	Simple
	Campestre	AF		LP	Fito	Simple
	Correias	AF		LP	Antropo	Simple
	Divisão dos Coros	AF		LP + LP	Cardino	Composto
	Faxinal	AF		LP	Fito	Simple
	dos Freitas	AF		LP	Antropo	Simple
	Monjolo	AF		LQB	Ergo	Simple
	do Sítio	AF		LP	Socio	Simple
Lajeado	dos Camponeses	AF		LP	Socio	Simple
	da Madeira	AF		LP	Fito	Simple
	dos Patos	AF		LP	Zoo	Simple
	da Pedra Preta	AF		LP + LP	Lito	Composto
	do Pito <sup>266</sup>	AF		LP	Ergo	Simple

<sup>263</sup> - Para Houaiss (2001), “quero-quero” nomeia a “ave caradriiforme, da família dos caradriídeos encontradas em áreas alagadas e campestres de todo o Brasil, de até 37cm de comprimento, plumagem cinzenta com uma faixa negra da testa ao peito, etc”.

<sup>264</sup> - Conforme Ermelino Leão (1926, p.1805), “pugas” é nome de família de antigo proprietário dos campos de Pugas, no município de Palmeira.

<sup>265</sup> - Ferreira, A., (1999) registra a lexia “saio” com a acepção de “antiga veste larga com abas e fraldão; saia; antigo casacão de militares”.

	do Sobrado	AF		LP	Eco	Simples
	do Sono	AF		LP	Animo eufórico	Simples
Ribeirão	do Mendão	AF		LP	Antropo	Simples
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo/Coro	Composto
	Tapera	AF	Tupi; corr. <i>tab-éra</i> , a aldeia extinta, a ruína, lugar onde existiu uma povoação (SAMPAIO, 1928).	LT	Eco	Simples
Rio	Água Clara	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	das Almas	AF		LP	Mito	Simples
	Bento Romualdo	AF		LP + LP	Antropo	Composto
	Botucuará	AF	Tupi: var. botuquara – botu ( <i>ybytu</i> )...vento + <i>quara</i> ...buraco,cova; buraco do vento; canalização do vento (BORDONI, s/d).	LT	Geomorfo	Simples
	Campestre	AF		LP	Fito	Simples
	Capão do Alegrete	AF	Tupi: corr. <i>caá-pãu</i> , a ilha de mato, o mato crescido isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
	Capibara <sup>267</sup>	AF	Tupi: corr. <i>caapi-uára</i> , o comedor de campi; o herbívoro (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Capivara	AF	Tupi: corr. <i>caapi-uára</i> , o comedor de campi; o herbívoro (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	dos Correias	AF		LP	Antropo	Simples
	Dois Córregos	AF		LP + LP	Numero	Composto
	dos Freitas	AF		LP	Antropo	Simples
	da Guabiroba	AF	Tupi: corr. <i>guabi-iroba</i> , o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
	Guaraúna	AF	Tupi: corr. <i>guará-una</i> , a garça escura (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Guarauninha	AF	Tupi: corr. <i>guará-una</i> , a garça escura (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
	Jacaré	AF	Tupi: corr. <i>ya-caré</i> , aquele que é orto ou sinuoso. Ou, ainda, <i>yechá-caré</i> , aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples

<sup>266</sup> - “Pito” é o “mesmo que cachimbo (utensílio para fumar); B.S. mesmo que cigarro (tabaco)” (HOUAISS, 2001).

<sup>267</sup> - Sampaio (1928, p. 180) registra a lexia “capivara”, como de origem tupi corr. *Caapi-uára*, o comedor de capim e apresenta como alterações – Capiguara, Capibara.

	Minguinho <sup>268</sup>	AF		LP	Dimensio	Simple
	dos Papagaios	AF		LP	Zoo	Simple
	Parnaquara <sup>269</sup>	AF	Tupi: <i>parna...</i> rio + <i>quara...</i> buraco (SAMPAIO, 1928).	LT	Hidro	Simple
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo / Coro	Composto
	das Pedras	AF		LP	Lito	Simple
	Pessegueiro	AF		LP	Fito	Simple
	da Prata	AF		LP	Lito	Simple
	Pugas	AF		LNI	Antropo	Simple
	Quero-Quero	AF		LP + LP	Zôo / Dirremato	Composto
	Samambaia	AF	Tupi: corr. <i>çama-mbai</i> , o trançado de cordas; cordas emaranhadas (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
	da Sumaca <sup>270</sup>	AF	Etimologia: holandês <i>smak</i> , este de origem incerta, segundo Corominas (HOUAISS, 2001).	LH	Ergo	Simple
	Tabuleiro	AF		LP	Geomorfo	Simple
	Tibagi	AF	Tupi: corr. <i>tyba-g-y</i> , o rio do pouso (HOUAISS, 2001).	LT	Socio	Simple
	Tibaginho	AF	Tupi: corr. <i>tyba-g-y</i> , o rio do pouso (HOUAISS, 2001).	LT	Socio	Simple
	Toca <sup>271</sup>	AF	Sampaio (1928) registra como “forma absoluta de oca, casa, o refúgio, o enconderijo, o abrigo”.	LT	Eco	Simple
	Turvo	AF		LP	Cromo	Simple
<b>Total de topônimos de Palmeira = 73 (AH = 21 AF = 52)</b>						

## Quadro 22 – Topônimos do Município de Palmeira

## TOTAL GERAL DE TOPÔNIMOS DE ACIDENTES HUMANOS = 615

<sup>268</sup> - Conforme Houaiss (2001), a lexia “minguinho” é o mesmo que “informal – mesmo que mindinho = diz-se do que é pequenino ou menor do que outros”.

<sup>269</sup> - “Parnaquara” não foi localizada nos dicionários de etimologia pesquisados. No entanto, entendemos se tratar da seguinte formação: de origem do tupi *parná* (variante (forma contrata) de *paraná*, conforme Dick (1990b, p.76;126) ...rio + *quara*...buraco por analogia a *yquá* ou *yquara*, que quer dizer “buraco d’água como referência ao poço natural no leito dos rios” (SAMPAIO, 1928, p. 80).

<sup>270</sup> - “Sumaca” nomeia “pequena embarcação de dois mastros usada outrora principalmente no Brasil e na América do Sul” (HOUAISS, 2001).

<sup>271</sup> - Para Houaiss (2001), “toca” nomeia “buraco onde se abrigam certos animais (tatus, coelhos, etc) covil, furna, lura”.

**TOTAL GERAL DE TOPÔNIMOS DE ACIDENTES FÍSICOS = 1.173**

**TOTAL GERAL DE TOPÔNIMOS DO CORPUS = 1.788**

Na seqüência são apresentados, em dois quadros, os topônimos relativos ao ciclo do Tropeirismo: no Quadro 23 – os topônimos do Caminho das Missões e no Quadro 24 – os da Estrada de Palmas.

**Toponimos Relativos ao Tropeirismo – CAMINHO DAS MISSÕES**

<b>PALMAS</b>						
<b>Acidente</b>	<b>Topônimo</b>	<b>TA</b>	<b>Etimologia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Classificação Taxionômica</b>	<b>Estrutura Morfológica</b>
Córrego	da Boiada	AF		LP	Zoo	Simple
	Campo Alto	AF		LP + LP	Fito	Composto
	da Entrada	AF		LP	Hodo	Simple
	Lajeado ou da Invernadinha	AF		LP LE	-Lito -Sócio	Simple Simple
	Manchorra ou Veredinha	AF		LP	- Zoo - Hodo	Simple
	Mundéu	AF	Do tupi <i>nõ-ndé</i> – o que envolve, o laço (SAMPAIO, 1928).	LT	Ergo	Simple
	do Passo Feio	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo Liso	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	do Retiro	AF		LP	Socio	Simple
	Rodeiozinho	AF		LP	Socio	Simple
Ribeirão	Divisa	AF		LP	Cardino	Simple
Rio	Mangueirinha	AF		LP	Socio	Simple
	Passa Três	AF		LP	Dirremato / Hodo	Composto
<b>BITURUNA</b>						
Povoado	Campo Novo	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Passo da Imbuia	AH		LP + LT	Hodo	Composto híbrido
	Responde	AH		LP	Socio	Simple
	Três Ranchos	AH		LP + LE	Numero	Composto híbrido
Córrego	da Passagem	AF		LP	Hodo	Simple
	Responde	AF		LE	Socio	Simple
	Rodeio	AF		LP	Socio	Simple
Ribeirão	Cantagalo	AF		LP	Coro	Simple

<b>CORONEL DOMINGOS SOARES</b>						
Povoado	Bom Retiro	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Passo da Barraca	AH		LP + LP	Hodo	Composto
Córrego	Burro Bravo	AF		LP + LP	Zoo	Composto
	da Divisa	AF		LP	Cardino	Simple
	Espera Bóia	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	Manchorra ou Veredinha	AF		LP LP	- Zoo - Hodo	Simple
	Núncio	AF		LP	Socio	Simple
	do Passo Feio	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo / Coro	Composto
	Passo da Galinha	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo da Laje	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo Liso	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo da Raia	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	do Pouso Feio	AF		LP + LP	Socio	Composto
	Rincão	AF		LE	Socio	Simple
Lajeado	do Rancho	AF		LE	Eco	Simple
Ribeirão	Passo Fundo	AF		LP	Hodo / Coro	Composto
<b>PINHÃO</b>						
Distrito	Bom Retiro	AH		LP + LP	Animo eufórico	Composto
Rio	Boi Carreiro	AF		LP + LP	Zoo	Composto
	Descadeirado	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	Passo do Tombo	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	das Porteiras	AF		LP	Ergo	Simple
Serra	da Mula	AF		LP	Zoo	Simple
<b>GUARAPUAVA</b>						
Distrito	Atalaia	AH		LA	Socio	Simple
Povoado	Campo Bonito	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Campos do Cupim	AH		LP + LT	Fito	Composto híbrido
	Invernadinha	AH		LE	Socio	Simple
	Porungos	AH		LQ	Ergo	Simple
	Rondinha	AH		LE	Socio	Simple
Arroio	Bom Retiro	AF		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	Campina	AF		LP	Fito	Simple
	Passo do Jacu	AF		LP + LT	Hodo	Composto híbrido
	Passo Ruim	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Porungos	AF		LQ	Ergo	Simple
	da Viola	AF		LP	Ergo	Simple
Rio	Campo Novo	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	da Divisa	AF		LP	Cardino	Simple
	Passo Ruim	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Rincão	AF		LE	Socio	Simple
	Rincão da Canoa	AF		LE + LE	Socio	Composto
	da Rondinha	AF		LE	Socio	Simple
<b>PRUDENTÓPOLIS</b>						
Bairro	Alvorada	AH		LP	Animo eufórico	Simple
Arroio	Fraqueza	AF		LP	Animo disfórico	Simple

	Passo do Gramado	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	da Ponte Nova	AF		LP + LP	Hodo	Composto
<b>IVAI</b>						
Arroio	dos Lemos	AF		LP	Antropo	Simple
<b>IPIRANGA</b>						
Povoado	Campo Alto	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Campo Novo	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Cangueira	AH		LP	Animo disfórico	Simple
	Divisa	AH		LP	Cardino	Simple
	Piquete Velho	AH		LF + LP	Ergo	Composto híbrido
	Três Pontes	AH		LP + LP	Numero	Composto
Arroio	Cangueira	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	da Divisa	AF		LP	Cardino	Simple
	Moquém	AF	Nascentes (apud HOUAISS, 2001) registra o tupi <i>mboka`i</i> e ainda <i>mokaèm</i> ou <i>moka`-e`</i> "carne preparada segundo técnica indígena primitiva, grelha de varas usada para secar ou assar ligeiramente a carne".	LT	Ergo	Simple
	Passinho	AF		LP	Hodo	Simple
	Passo do Romão	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	da Porteira	AF		LP	Ergo	Simple
Ribeirão	Campo Novo	AF		LP + LP	Fito	Composto
<b>TIBAGI</b>						
Distrito	Amparo	AH		LP	Animo eufórico	Simple
Povoado	Campina Alta	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Campo Novo	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Estiva	AH		LP	Hodo	Simple
	Juvenal Ribas	AH		LP + LP	Antropo	Composto
	Porteira Grande	AH		LP + LP	Ergo	Composto
	Ribas	AH		LP	Antropo	Simple
Água	do Burro	AF		LP	Zoo	Simple
Arroio	do Atalho	AF		LP	Hodo	Simple
	da Campina	AF		LP	Fito	Simple
	Campo Novo	AF		LP + LP	Fito	Composto
	da Invernada	AF		LE	Socio	Simple
	Ponte Alta	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Ponte de Pedra	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	da Porteira	AF		LP	Ergo	Simple
	Quebra Perna	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
Ribeirão	Campo Novo	AF		LP + LP	Fito	Composto
Rio	Tibagi	AF		LT	Socio	Simple
<b>CASTRO</b>						
Povoado	Aparição	AH		LP	Socio	Simple

	Lagoa dos Ribas	AH		LP + LP	Hidro	Composto
Arroio	Aparição	AF		LP	Socio	Simple
	da Invernada	AF		LE	Socio	Simple
	Moquém	AF		LT	Ergo	Simple
Ribeirão	Campo do Meio	AF		LP + LP	Fito	Composto
	do Descanso	AF		LP	Animo eufórico	Simple
	Passo do Brígido	AF		LP + LP	Hodo	Composto
<b>GUAMIRANGA</b>						
Povoado	Bocó	AH		LT	Ergo	Simple
Arroio	Porteira da Chave	AF		LP + LP	Ergo	Composto
<b>IMBITUVA</b>						
Povoado	Campina	AH		LP	Fito	Simple
	Faxinal dos Ávilas	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Lambedor	AH		LP	Hidro	Simple
	Moquém	AH		LT	Ergo	Simple
	Rondinha	AH		LE	Socio	Simple
Arroio	Moquém	AF		LT	Ergo	Simple
	do Passo	AF		LP	Hodo	Simple
Rio	Lambedor	AF		LP	Hidro	Simple
<b>TEIXEIRA SOARES</b>						
Povoado	Campina do Tigre	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Mangueira Velha	AH		LP + LP	Socio	Composto
Arroio	Água do Rodeio	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	da Invernadinha	AF		LE	Socio	Simple
	Mangueirinha	AF		LP	Socio	Simple
	Manhoso	AF		LP	Animo disfórico	Simple
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo / Coro	Composto
	do Pasto	AF		LP	Fito	Composto
	Poço do Boi	AF		LP + LP	Hidro	Composto
	das Violas	AF		LP	Ergo	Simple
Rio	Tibagi	AF		LT	Socio	Simple
<b>PONTA GROSSA</b>						
Povoado	Biscaia	AH		LE	Antropo	Simple
	Campina da Barra	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Menezes	AH		LP	Antropo	Simple
	Passo do Pupo	AH		LP + LP	Hodo	Composto
	Ribas	AH		LP	Antropo	Simple
	Rincão	AH		LE	Socio	Simple
Arroio	da Invernada	AF		LE	Socio	Simple
	Passo dos Piriquitos	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Quebra-Dentes	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
	da Ronda	AF		LE	Socio	Simple
Rio	Moquém	AF		LT	Ergo	Simple

	Tibagi	AF		LT	Socio	Simple
--	--------	----	--	----	-------	--------

### QUADRO 23 – Topônimos Relativos ao Tropeirismo

#### Topônimos Relativos ao Tropeirismo – ESTRADA DE PALMAS

<b>GENERAL CARNEIRO</b>						
Acidente	Topônimo	TA	Etimologia	Língua de Origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Colônia	Faxinal dos Lemos	AH		LP + LP	Fito	Composto
Distrito	Arroio do Gado	AH		LP + LP	Hidro	Composto
Povoado	Campina do Tigre	AH		LP + LP	Fito	Composto
	Passo da Ilha	AH		LP + LP	Hodo	Composto
Córrego	Campo Novo	AF		LP + LP	Fito	Composto
	do Gado	AF		LP	Zoo	Simple
Ribeirão	do Passo da Ilha	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	do Pouso Bonito	AF		LP + LP	Socio	Composto
<b>UNIÃO DA VITÓRIA</b>						
Colônia	da Encruzilhada	AH		LP	Cardino	Simple
	Passo do Iguaçú	AH		LP+ LT	Hodo	Composto híbrido
Povoado	Encruzilhada	AH		LP	Cardino	Simple
<b>PAULA FREITAS</b>						
Povoado	Rondinha	AH		LE	Socio	Simple
Arroio	do Campo Frio	AF		LP + LP	Fito	Composto
	do Cincerro	AF		LE	Ergo	Simple
	da Rondinha	AF		LE	Socio	Simple
Córrego	Burro Morto	AF		LP + LP	Zoo	Composto
	Rodeio	AF		LP	Socio	Simple
Ribeirão	Rondinha	AF		LE	Socio	Simple
<b>PAULO FRONTIN</b>						
Arroio	Campinas	AF		LP	Fito	Simple
	do Campo Frio	AF		LP + LP	Fito	Composto
	Lambe Pedra	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
<b>SÃO MATEUS DO SUL</b>						
Povoado	Divisa	AH		LP	Cardino	Simple
	Estiva	AH		LP	Hodo	Simple
	Passo do Meio	AH		LP + LP	Hodo	Composto
	Pontilhão	AH		LP	Hodo	Simple
Arroio	das Mulas	AF		LP	Zoo	Simple
	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo	Composto
Rio	dos Cochós	AF		LP	Ergo	Simple
	da Estiva	AF		LP	Hodo	Simple

	Passinho	AF		LP	Hodo	Simple
	Passo do Meio	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	do Pontilhão	AF		LP	Hodo	Simple
	do Vau	AF		LP	Hodo	Simple
<b>SÃO JOÃO DO TRIUNFO</b>						
Povoado	Guaiaca		Quíchua: <i>huayaca...</i> saco (HOUAISS, 2001).	LQ	Ergo	Simple
		AH				
	Rio Baio I	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Rio Baio II	AH		LP + LP	Hidro	Composto
	Rio Baio III	AH		LP + LP	Hidro	Composto
Arroio	das Campinas	AF		LP	Fito	Simple
	Guaiaca	AF		LQ	Ergo	Simple
	dos Padilhas	AF		LP	Antropo	Simple
	Passo do Carlos	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo do Rubens	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Passo do Silva	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Quebra-Queixo	AF		LP + LP	Dirremato	Composto
Lagoa	Ferradura	AF		LP	Ergo	Simple
Rio	Bainha	AF		LP	Ergo	Simple
	do Baio	AF		LP	Zoo	Simple
	da Ponte Torta	AF		LP + LP	Hodo	Composto
Serra	do Baio	AF		LP	Zoo	Simple
<b>PALMEIRA</b>						
Povoado	Cantagalo	AH		LP	Coro	Simple
	Encruzilhada	AH		LP	Cardino	Simple
Ribeirão	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo / Coro	Composto
	Tapera	AF		LT	Eco	Simple
Rio	Passo Fundo	AF		LP + LP	Hodo	Composto
	Tibagi	AF		LT	Socio	Simple
	Tibaginho	AF		LT	Socio	Simple

**QUADRO 24** – Topônimos Reativos ao Tropeirismo – Estrada de Palmas

Concluída a apresentação do *corpus* geral da pesquisa, o próximo capítulo será dedicado à análise e discussão dos dados, conforme os parâmetros estabelecidos na metodologia de estudo.

## **CAPÍTULO 4**

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada sob três perspectivas. Primeiramente destacamos do conjunto geral dos topônimos inventariados, aspectos pontuais dos resultados em termos quantitativos. Para tanto, valemo-nos de gráficos. Ainda em âmbito geral, analisamos as cinco taxionomias mais produtivas do *corpus*: fitotopônimos, zootopônimos, hidrotopônimos, antropotopônimos e animotopônimos, apresentados em ordem decrescente, em termos de produtividade. Já a análise qualitativa foi centrada nos dados referentes aos topônimos relacionados ao Ciclo do Tropeirismo, distribuídos em campos léxicos<sup>272</sup>, conforme os traços semânticos comuns entre eles.

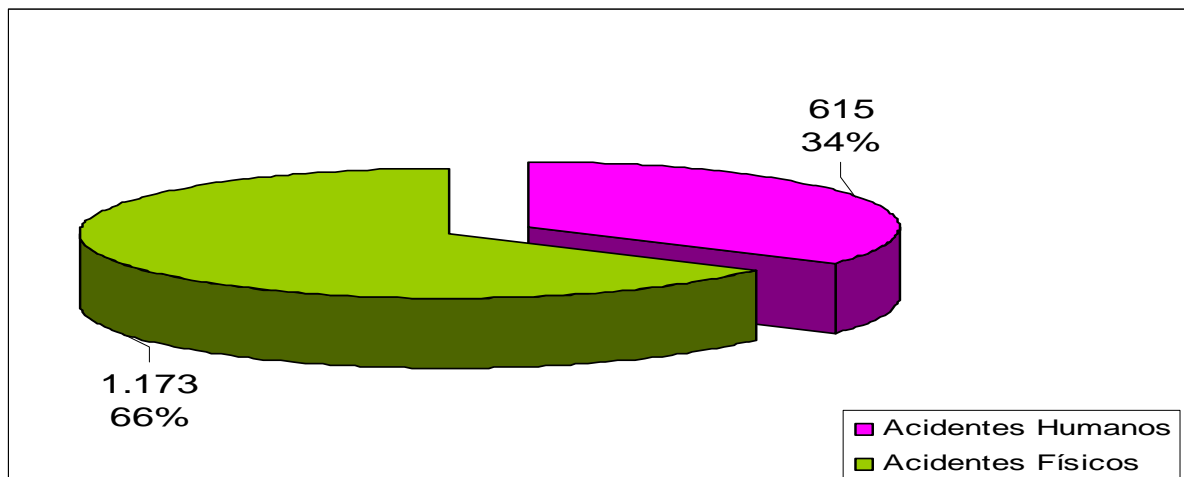
Inicialmente focalizamos as questões gerais das informações retratadas em gráficos.

### 5.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS GRÁFICOS

A apresentação dos dados em termos quantitativos foi feita por meio de gráficos e a análise considerou a produtividade dos acidentes, a natureza das categorias

---

<sup>272</sup> - Coseriu (apud GECKELER, 1976, p.232) fornece a seguinte definição de *campo léxico*: "Un *campo léxico* es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que se origina por la distribución de un continuo de contenido léxico en diferentes unidades, dadas en la lengua como palabras, que están recíprocamente en oposición inmediata mediante rasgos distintivos de contenido simples". ["Um campo léxico é, do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que se origina pela distribuição de um contínuo de conteúdo léxico em diferentes unidades, dadas na língua como palavras, que estão recíprocamente em oposição imediata mediante traços distintivos de conteúdo simples"] (TN).



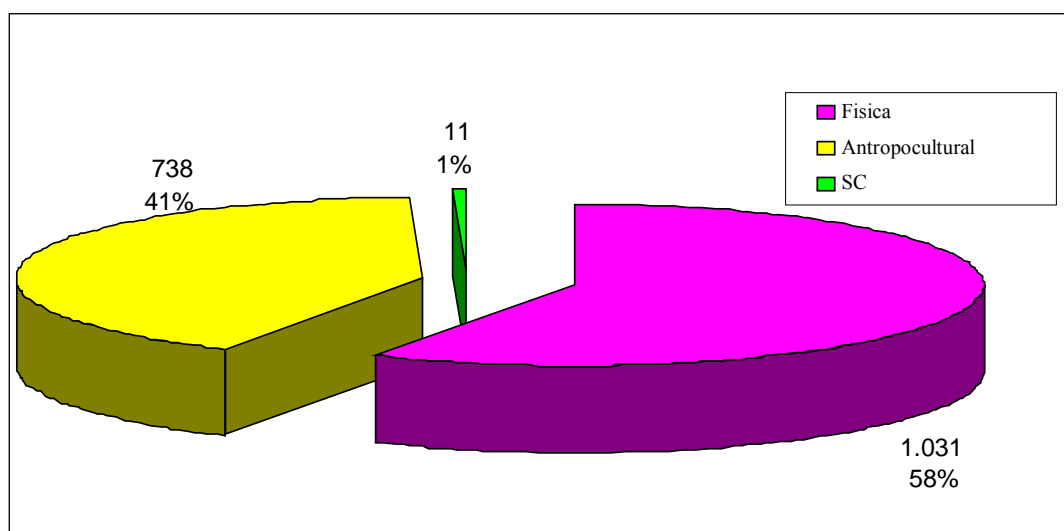
**Gráfico 1** – Distribuição numérica e percentual dos topônimos, segundo o tipo de acidente taxionômicas e a classificação taxionômica dos topônimos.

Conforme Gráfico 1, do total de 1.788 topônimos que integram o *corpus* desta pesquisa, 615, ou seja, 34,40% são nomes de acidentes humanos que incluem os nomes de povoados, de distritos, de cidades, de colônias, de lugarejos. Já os nomes de acidentes físicos – rios, riachos, arroios, ribeirões, morros, montes, serras, sangas - totalizaram 1.173 topônimos que correspondem a 65,60%. Os números relativos aos acidentes humanos e aos tipos de acidentes remetem à composição do meio ambiente físico e cultural da zona rural do Paraná, um espaço físico dividido em pequenas propriedades rurais, que têm a finalidade de obter produções agrícolas e pecuárias com o trabalho dos proprietários, dos agregados e demais trabalhadores que residem próximo ao local de trabalho, em sistema de colônias ou em pequenos aglomerados de famílias que, ao longo do tempo, ganharam *status* de lugarejos, depois povoados e distritos, em decorrência da implantação de escolas, igreja, comércio de produtos de subsistência, de remédios.

Já os acidentes físicos, que representam a maior parte dos topônimos estudados, justificam-se pelas próprias características da geografia do espaço investigado. A quantidade significativa de recursos hídricos que cobrem todos os recantos do território paranaense e a geomorfologia do solo do estado do Paraná, expressa pela diversificada formação que compreende, desde pequenas elevações e extensas serras, até vastas planícies e planaltos que se manifestam na toponímia estudada.

Entre os municípios, destacaram-se quanto à quantidade de topônimos de acidentes humanos: Bituruna, com 57 (47,90% dos 119 registrados), ocupando a primeira posição em termos de quantidade de topônimos, e Paulo Frontin, com 10 (28,57% dos 35

registrados), que ficou na última posição quanto ao número de topônimos de acidentes humanos. Já entre os municípios que se destacaram quanto ao número de acidentes físicos, aparecem Guarapuava, com 117 (83,57% dos 140 registrados) topônimos, que ocupou a primeira posição, e Porto Vitória, com 17 (58,62% dos 29 registrados) topônimos, que ficou na última posição nessa categoria de acidentes.



**Gráfico 2** – Distribuição numérica e percentual dos topônimos, segundo a natureza da categoria taxionômica

Conforme os dados do Gráfico 2, no que se refere à natureza das taxionomias (física e antropocultural), segundo o modelo de Dick (1990b, p.31-34), o *corpus* geral revelou os seguintes números: 1.031 topônimos foram classificados pelas taxes de natureza física, correspondendo a 57,92% do total, e 738 receberam classificação das taxes de natureza antropocultural, ou seja, 41,46%. Esses números somam 1.769 topônimos registrados e classificados, ou seja, 99,38% do inventário geral.

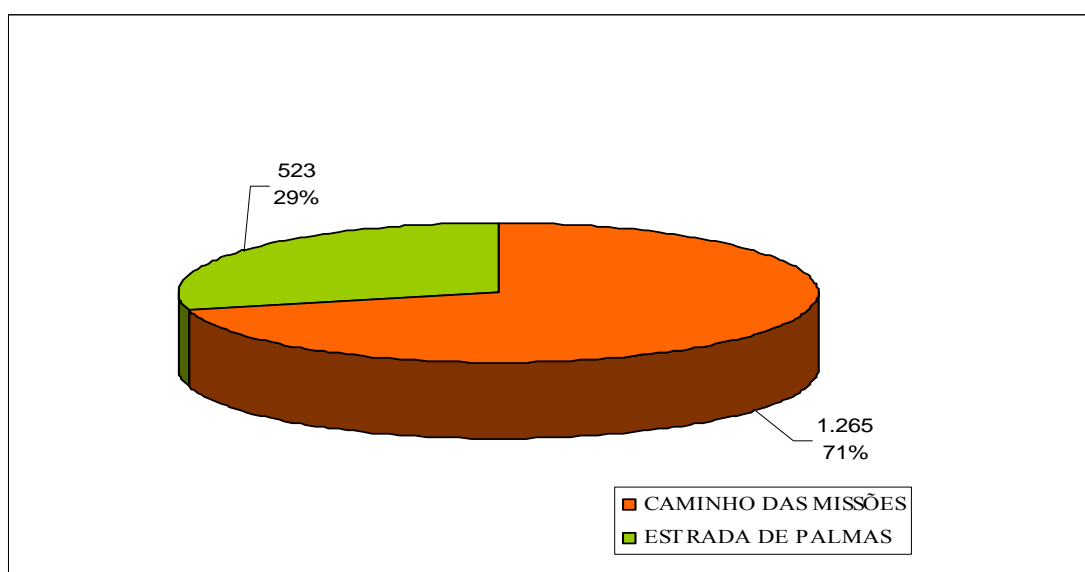
A grande incidência de taxionomias de natureza física demonstra a tendência dos povos de nomear os lugares com nomes dos elementos físicos da natureza circundante, numa constatação de que o meio ambiente exerce grande influência no homem, no processo de nomeação de lugares.

Quanto ao total de topônimos classificados pelas taxes de natureza antropocultural (738), destacam-se o município de Guarapuava, com 67 topônimos, que atingiu o primeiro lugar na classificação geral, e Guamiranga, com 11 ocorrências, ocupa o último lugar em termos de ocorrências de taxes vinculadas à categoria antropocultural.

Os 11 topônimos (0,62%) restantes não puderam se enquadrar em nenhuma categoria do modelo utilizado, em virtude da inexistência de informações sobre a natureza lingüística desses nomes nas fontes a que se teve acesso: arroio *Corucaca*, ribeirão *Laicado* e rio *Guarituva* (CAS); povoado *Saruva* (TSO); córrego do *Chopotó* e córrego *Quiguai* (PAL); arroio *Macorama* (GUA); córrego *Turumã* (PFS); povoado *Caitá* e arroio do *Cadene* (SMS) e arroio *Bantica* (PAM).

Os 08 topônimos classificados pelas taxas sugeridas pelo Projeto ATEPAR, (córrego da *Caveira* (PAL); povoado *Melado* e arroio *Melado* (IVA); arroio *Fedido* (TBG); ribeirão *Frio* (CAS); arroio *Liso* (TSO); morro *Felpudo* (PGS) e arroio do *Banho* (PAM)), foram agrupados, para efeito de quantificação e de classificação pelo tipo de natureza taxionômica, entre as taxionomias de natureza física.

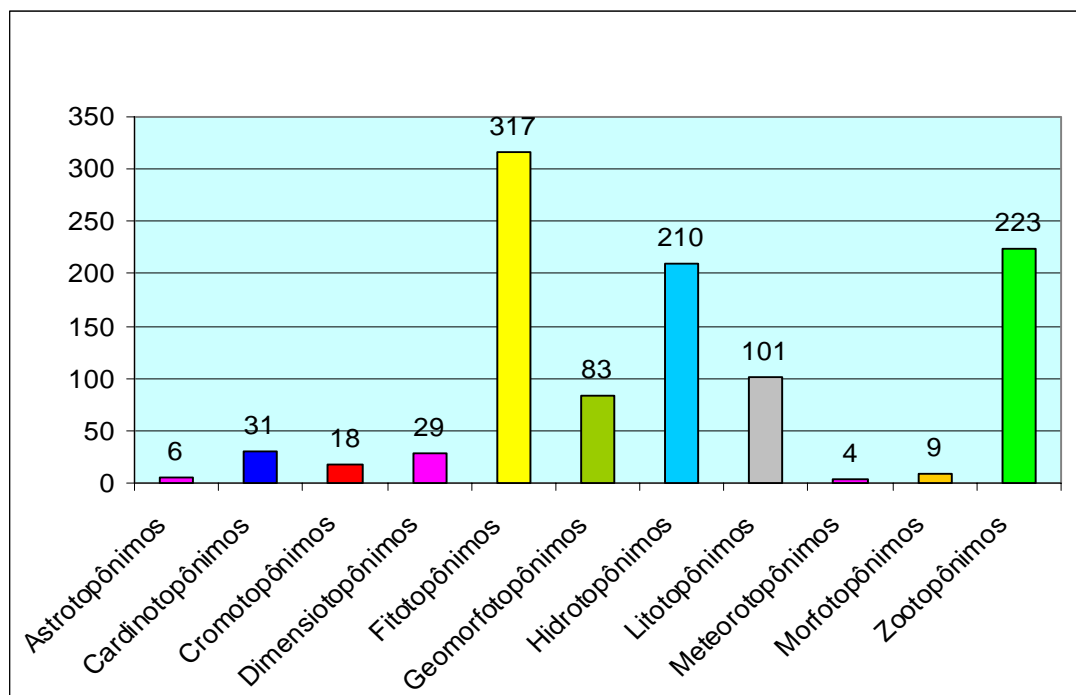
O gráfico seguinte apresenta a distribuição numérica e percentual de todos os topônimos do *corpus*, segundo cada um dos caminhos selecionados para esta pesquisa.



**Gráfico 3** – Distribuição numérica e percentual dos topônimos do Caminho das Missões e da Estrada de Palmas

Do total de 1.788 topônimos estudados, 1.265 nomeiam acidentes pertencentes aos municípios localizados no Caminho das Missões, correspondendo a 70,75% do *corpus*, e 523 aos municípios da Estrada de Palmas, equivalendo a 29,25%. Essa diferença constatada é justificável porque, além de ser maior o número de municípios localizados naquele caminho, esses apresentam territórios maiores.

Na seqüência, o Gráfico 4 apresenta a produtividade das taxes de natureza física, em termos quantitativos, considerando o total do *corpus* estudado.

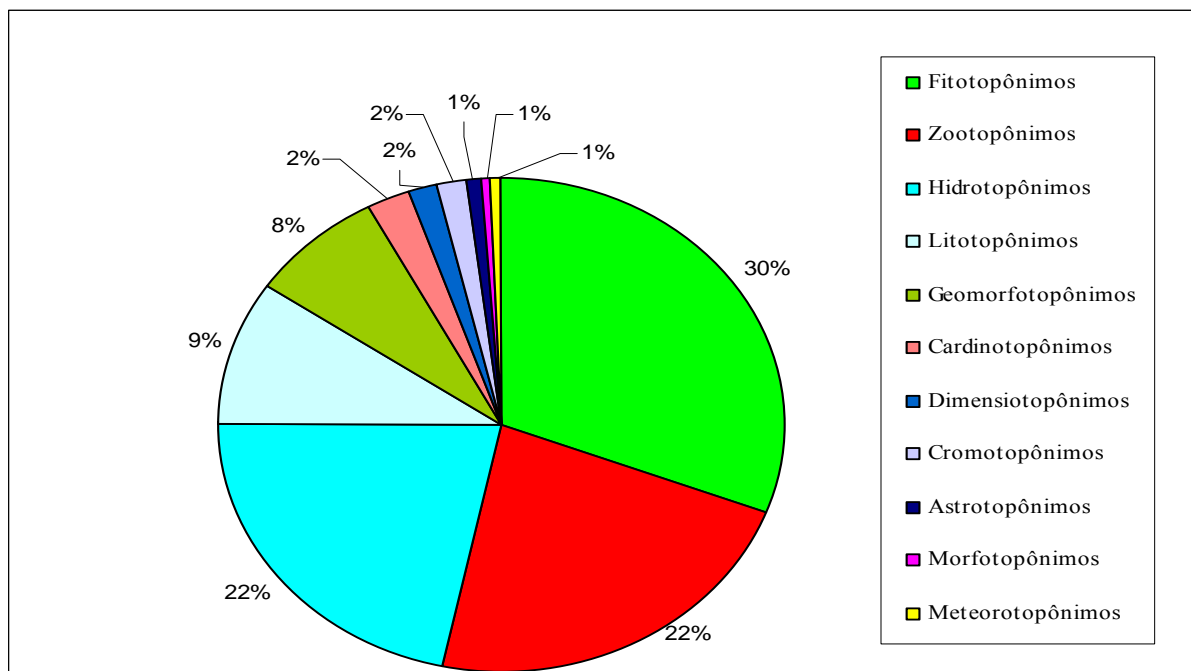


**Gráfico 4** – Distribuição numérica das taxionomias de natureza física

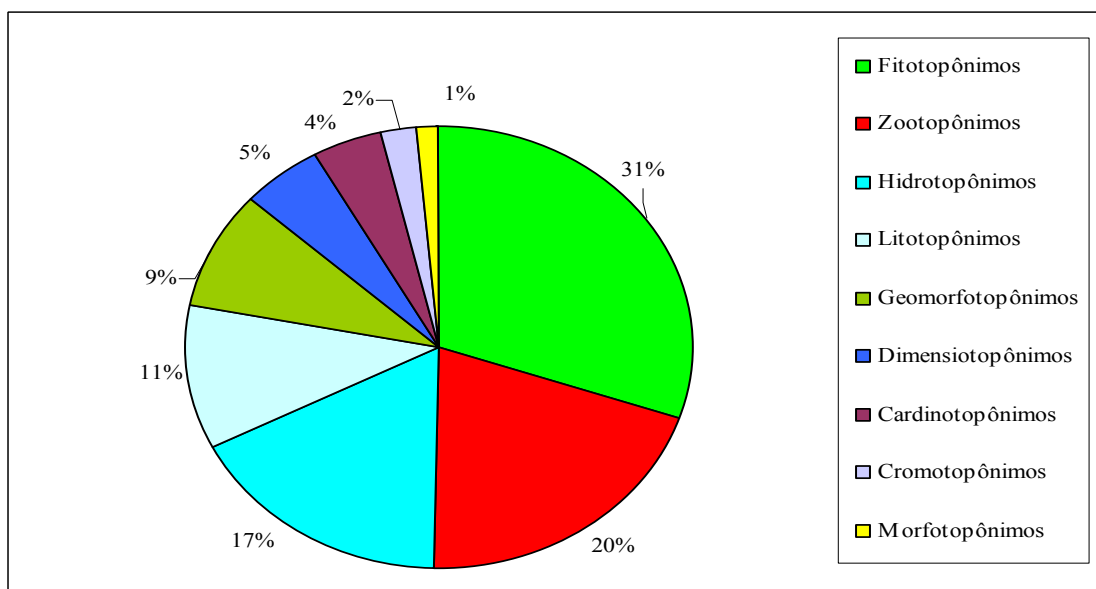
Observando o Gráfico 4, notamos que, dentre as onze taxes de natureza física que classificaram os 1.031 topônimos dessa categoria, cinco delas reúnem 934 (90,59%) de designativos: fitotopônimos (317=30,75%), zootopônimos (223= 21,63%), hidrotopônimos (210=20,37%), litotopônimos (101=9,80%) e geomorfotopônimos (83=8,05%). Esses números comprovam a força motivadora dos elementos “flora e vegetação”, “cursos d’ água”, “fauna”, “geologia” e “geomorfologia” na constituição da toponímia paranaense. Entre os 1.031 topônimos de natureza física, 730 pertencem aos municípios localizados no Caminho das Missões, numa porcentagem de 70,81% e o município de Castro, com 80 ocorrências, foi o mais produtivo. Os 301 restantes (29,19%) pertencem aos municípios da Estrada de Palmas, estando 66 deles em São João do Triunfo, o município com maior número de topônimos classificados por taxes de natureza física desse caminho.

Já os Gráficos 5 e 6, a seguir, retratam com dados percentuais os topônimos do Caminho das Missões e da Estrada de Palmas, que receberam classificação taxionômica de

natureza física. Como se pode perceber, pela comparação dos percentuais informados em ambos os gráficos, as cinco taxionomias mais produtivas (fitotopônimos, zootopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos e geomorfotopônimos) se mantêm, inclusive, proporcionalmente, nos dois caminhos.

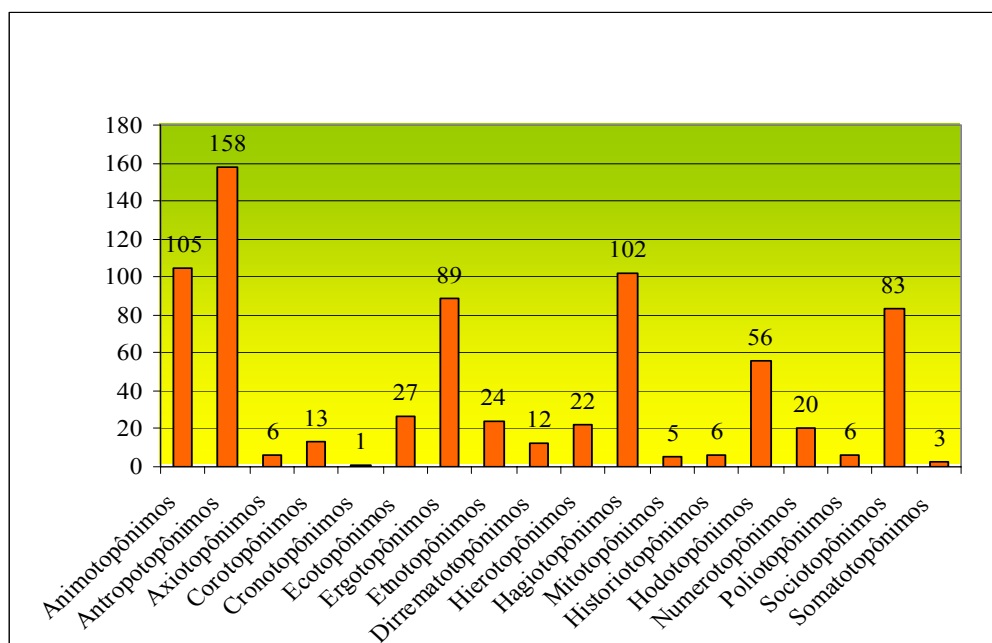


**Gráfico 5** – Distribuição percentual das taxionomias de natureza física do Caminho das Missões



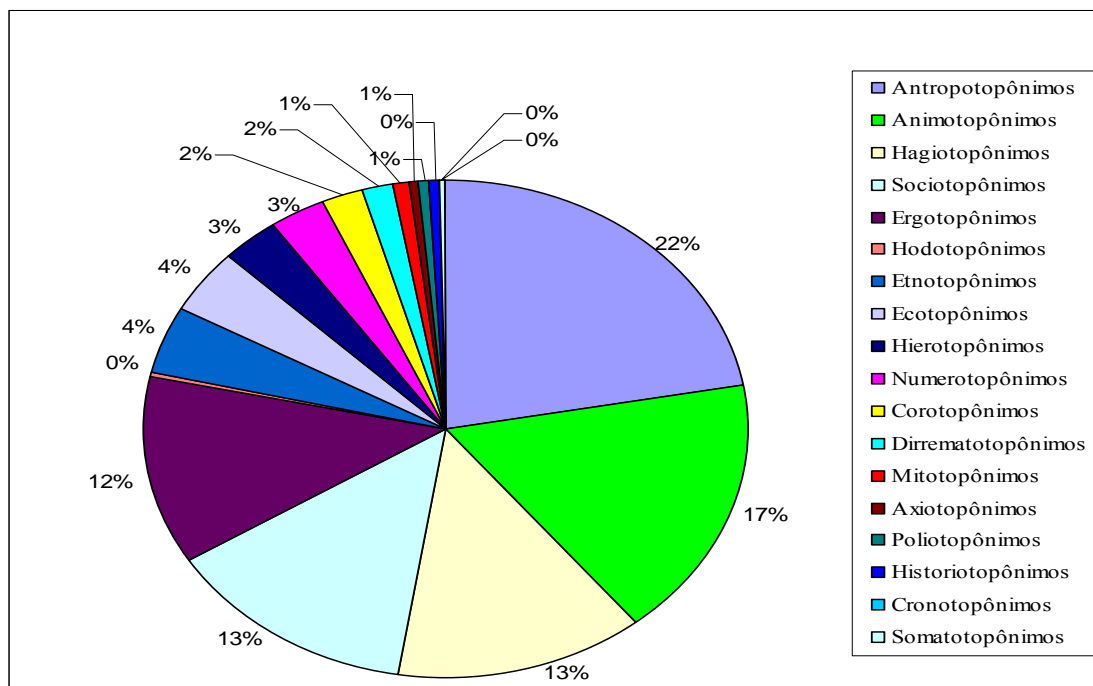
**Gráfico 6** – Distribuição percentual das taxionomias de natureza física da Estrada de Palmas

Na seqüência, o Gráfico 7 visualiza a produtividade das taxionomias de natureza antropocultural em todo o inventário toponímico estudado e os Gráficos 8 e 9 expressam, em termos percentuais, a ocorrência das mesmas taxionomias, segundo o caminho pesquisado.

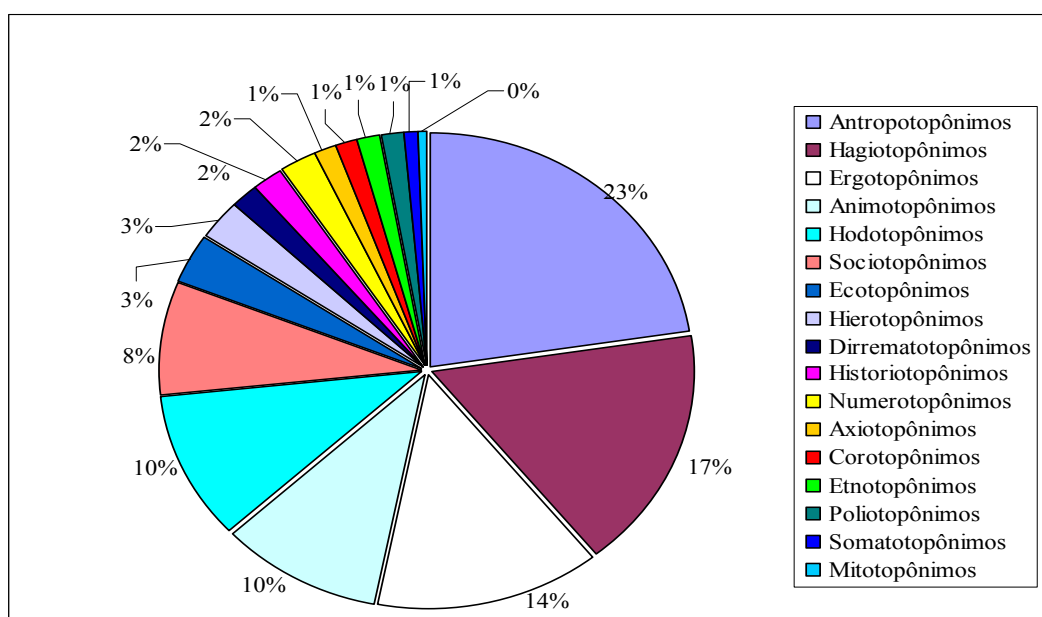


**Gráfico 7** – Distribuição numérica das taxionomias de natureza antropocultural

Como demonstra o Gráfico 7, as cinco taxionomias mais produtivas dentre as de natureza antropocultural foram, por ordem decrescente, os antropotopônimos (158), os animotopônimos (105), os hagiotopônimos (102), os ergotopônimos (89) e os sociotopônimos (83). Dentre as doze taxionomias restantes, apenas 03 apresentaram quantidade superior a 20 ocorrências (*ecotopônimos*, *etnotopônimos* e *hierotopônimos*). Esses números mostram a preferência do denominador por nomes de pessoas, nomes relativos ao estado anímico das pessoas, nomes de santos de devoção do próprio denominador ou da comunidade, nomes de elementos da cultura material do homem e, ainda, nomes relativos às atividades profissionais e aos locais de trabalhos, para designativos de nomes de lugares.



**Gráfico 8** – Distribuição percentual das taxionomias de natureza antropocultural do Caminho das Missões

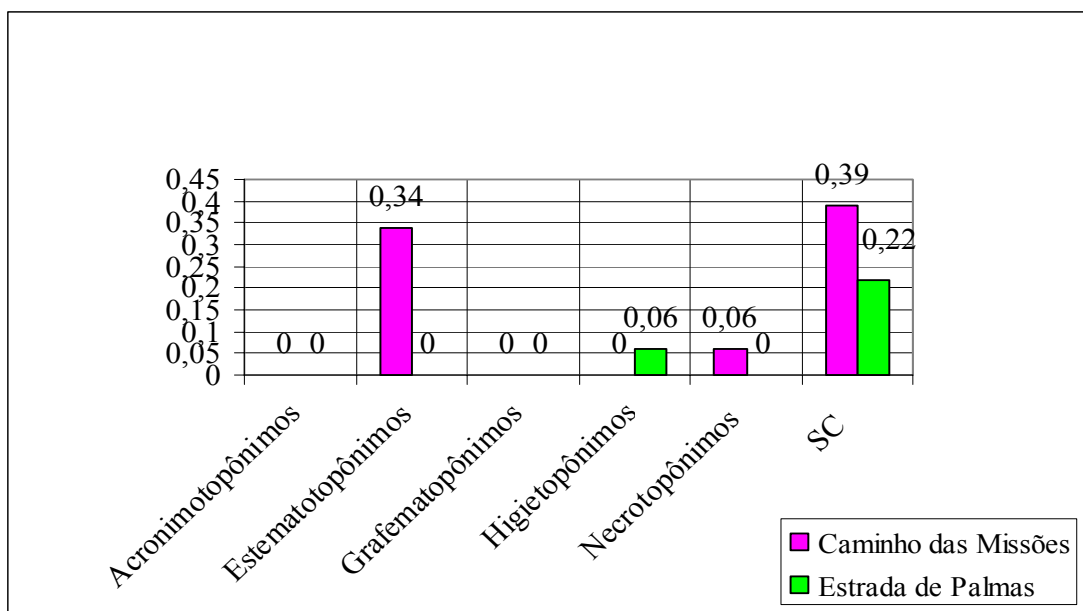


**Gráfico 9** – Distribuição percentual das taxionomias de natureza antropocultural da Estrada de Palmas

Os Gráficos 8 e 9 apresentam, em termos percentuais, a produtividade de cada taxionomia de natureza antropocultural no total de topônimos pesquisados em cada Caminho das Tropas. Nessa categoria, observamos, pelos percentuais de cada taxa, que a

ordem decrescente de produtividade das taxes nos dois caminhos não se mantém. Conforme o Gráfico VIII (Caminho das Missões), predominam os antropotopônimos com 22% (109) de ocorrência, em seguida vêm os animotopônimos com 17% (83), os hagiotopônimos (65) e os sociotopônimos (66) com 13% cada e os ergotopônimos com 12% (60). Já o Gráfico IX (Estrada de Palmas) evidencia os antropotopônimos com 24% (49), seguido dos hagiotopônimos com 17% (36), dos ergotopônimos com 15% (30), dos animotopônimos e dos hodotopônimos com 11% (22) cada e, por último, dos sociotopônimos com 8% (17). Esses números confirmam a preferência do denominador por nomes de pessoas, a exemplo do que ocorre em toda a toponímia brasileira, seguidos pelos nomes que expressam o estado anímico do povo da região, pelos nomes de santos de devoção do hagiológico católico romano, pelos nomes de locais de reunião e de trabalho e pelos nomes que retratam a cultura do povo estabelecido na localidade.

O Gráfico 10, a seguir, contém a distribuição percentual de 19 topônimos, segundo as taxes sugeridas pelo Projeto ATEPAR, e o percentual do *corpus* marcado como “SC” (sem classificação), ou seja, topônimos que não puderam ser classificados em nenhuma das taxionomias dos modelos selecionados.



**Gráfico 10** – Distribuição percentual das taxionomias sugeridas pelo Projeto ATEPAR e total de topônimos sem classificação

Foram poucas as ocorrências de topônimos classificados pelas taxionomias sugeridas pelo Projeto ATEPAR, um total de apenas 8 num universo de 1.788, ou seja, 0,45%. A mais produtiva foi a dos estematotopônimos com 6 ocorrências - 0,34% do total. Já os topônimos que não se enquadraram em nenhuma taxionomia dos modelos empregados, um total de 11 nomes correspondem a 0,62% do *corpus*.

Entendemos que a baixa incidência de topônimos que se enquadraram nas taxionomias sugeridas pelo Projeto ATEPAR deve-se fundamentalmente a dois fatores. Primeiramente, a inexistência de topônimos classificados pelas taxes dos acronimotopônimos e dos grafematopônimos justifica-se pelo fato de não ser comum, em nomes geográficos do espaço rural, o uso de designativos formados por acrônimo e tampouco pelas letras do alfabeto para a nomeação. Já a baixa incidência de topônimos classificados pelas outras taxes sugeridas (higietopônimos e necrotopônimos) representam campos léxico-semânticos não usuais no processo de nomeação de lugares.

A próxima seção foi destinada à análise dos topônimos classificados pelas 5 (cinco) taxes mais produtivas de todo o *corpus*.

## 5.2 ANÁLISE DAS CATEGORIAS TOPONÍMICAS MAIS PRODUTIVAS

Das 32 taxes consideradas na classificação dos dados gerais do *corpus*, 5 delas se destacaram em termos de número de ocorrências, totalizando 1.012 topônimos, ou 56,60%: I) *de natureza física* – fitotopônimos, zootopônimos e hidrotopônimos e II) *de natureza antropocultural* – antropotopônimos e animotopônimos:

<b>Taxionomias</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>
Fitotopônimos	317	17,73 %
Zootopônimos	223	12,47 %
Hidrotopônimos	210	11,74 %
Antropotopônimos	158	8,84 %
Animotopônimos	104	5,82 %
TOTAL	1.012	56,60 %

**Quadro 25** – Taxionomias mais produtivas no *corpus* pesquisado

Os 776 topônimos restantes foram vinculados às 27 taxionomias restantes e ao grupo dos topônimos sem classificação definida.

Foram selecionados, para fins de análise, os topônimos mais recorrentes em cada categoria toponímica relacionada no Quadro 25, adotando-se, para tanto, a ordem decrescente em termos de índices de ocorrência.

### 5.2.1 Fitotopônimos

A categoria dos fitotopônimos foi a mais recorrente no *corpus*, com 317 (trezentos e quinze) ocorrências, o que corresponde a 17,73% do total de topônimos investigados. Foram classificados, nessa categoria, todos os topônimos que recuperam elementos da flora e da vegetação de um espaço geográfico. O grande número de topônimos vinculados a essa categoria justifica-se pelas próprias características do Paraná que, até 1950, apresentava uma vegetação que cobria grandes espaços em diferentes regiões do território paranaense<sup>273</sup> e, ainda hoje, apesar da devastação ocorrida, continua sendo um espaço que exibe uma rica fitogeografia.

Vários topônimos enquadrados nessa taxionomia foram recorrentes como designativos de lugares. **Faxinal** foi o topônimo mais produtivo. Conforme Houaiss (2001), o uso dessa unidade lexical é comum do sul do Brasil, na acepção de “campo que avança pelo interior de uma floresta ou cercado por altas árvores; faxinal”. *Faxinal* aparece como nomeação de cidade no Paraná e no Rio Grande do Sul, neste, em formação composta – *Faxinal do Soturno*.

Dick (1990a, p. 176) registra uma referência à localização da zona dos Pinhais ou da Araucária, feita por Sampaio (1938), que incorpora também a referência aos **faxinais**:

29° 30', no Rio Grande do Sul (desde 600 m.), até 20°, no Sul de Minas Gerais, mas então só de 800 m. de altitude para cima, em São Paulo, e de 1.100 m., em Minas; o centro de maior densidade é nos Estados do Paraná e Santa Catarina, onde mais típicos também os pinheirais, que, tanto para o sul como para o norte, apresentam mistura ou intercorrência de elementos de zonas contíguas, mistura que caracteriza os chamados **faxinais**.

Dick (1990a, p. 176) define faxinais como “associações mistas” de espécies vegetais, das Matas Costeiras e da Zona da Araucária”. Conforme análise da pesquisadora, “o emprego do designativo na nomenclatura geográfica vem confirmar a correlação íntima entre as áreas toponímica e geográfica propriamente ditas”. Pelos exemplos seguintes, podemos confirmar a informação de Sampaio (1938), citado pela pesquisadora, quanto à presença da vegetação *faxinal* no Paraná: Faxinal da Pinguela, Faxinal de São João, Faxinal de Santo Antônio, Faxinal do Silva, Faxinal dos Elóis, Faxinal dos Indios, Faxinal de Catanduva, Faxinal de São Pedro, Faxinal dos Castilhos e Faxinal dos Rodrigues – designativos de acidentes humanos.

Já a forma simples *faxinal* nomeia arroio, córrego e rio *Faxinal* (CDS), ribeirão *Faxinal* (GCN), arroio *Faxinal* (UVI), povoado *Faxinal* (PFS) e arroio *Faxinal* (PAM). Aparece, ainda, acompanhado de conectivo na formação do sintagma toponímico, na posição de possuidor - arroio do *Faxinal* (TSO) e rio do *Faxinal* (GUA). Já *faxinalzinho*, formado com o acréscimo do morfema sufixal que indica grau diminutivo *-zinho* à base *faxinal*, nomeia os arroios *Faxinalzinho* (PAL e CDS), povoados *Faxinalzinho* (IPI e TSO). Com o elemento de ligação “do”, no formato possuído e possuidor, nomeia o córrego do *Faxinalzinho* (GCN).

A unidade lexical *faxinal* foi registrada no inventário de topônimos em estudo também como formante de sintagma composto, principalmente na nomeação de aglomerados humanos, tendência já registrada por Dick (1990a, p. 176). Topônimos como *Faxinal dos Santos* (povoado, BIT), *Faxinal dos Coutos* (povoado, PIN) e *Faxinal dos Machado* (povoado, PRU) exemplificam tipos de formação composta que indicam referência de proximidade com a propriedade das terras sobre a qual se localiza o Faxinal, cujo nome é transmigrado para o povoado. Em outros topônimos como *Faxinal de Baixo* (arroio, PRU), *Faxinal da Forquilha* e *Faxinal do Tanque* (povoados, IVA) ocorre novamente a relação de proximidade, desta vez, com referências geográficas pontuais (de baixo, da forquilha e do tanque). Todos esses aglomerados humanos receberam nomes de formações vegetais ainda existentes ou que existiram na época da nomeação do povoado.

**Capão** é outra lexia que aparece como designativo de acidentes geográficos no *corpus* analisado. Houaiss (2001) a define como “formação arbórea de pequena extensão, volume e composição variados, e de aspecto diverso da vegetação que a circunda”. Já Sampaio (1928, p. 179) esclarece que *capão* é “corruptela *caá-pãu*, significando a ilha de

---

<sup>273</sup> Cf. Mapa 3, p. 29

mato; o mato crescido e isolado no campo”. Por sua vez, Cunha (1999, p.94) registra as variantes *capam*, *capoão*, *caapão*, *caapuão*, do tupi *Kaa`pau* significando “pequeno bosque insulado num descampado”. Conforme informações de Sampaio (apud DICK, 1990a, p.157), “são freqüentes na geografia física regional, os ‘capões’ de matos, também chamados de ‘ilhas de matos’, seja nos lugares mais frescos nos campos secos, seja nos tesos, nos campos úmidos”. Na toponomástica nacional a lexia aparece em forma simples e em forma composta, com predomínio para o último tipo de formação. Vejamos alguns exemplos citados por Dick (1990a, p. 157-158): Capão (AH BA GO MA PR), Capão Bonito (AH SP), Capão do Meio (AH BA), Capão da Canoa (AH RS), Capão Preto (AH SP), etc. Especificamente no *corpus* aqui analisado, a unidade lexical em questão nomeia o córrego *Capão Alto* (PAL); o arroio do *Capão* (GUA); o morro *Capão Doce* (GCN); o rio *Capão do Alegrete* (PAM).

Os genéricos **floresta**, **mata** e **mato**, a exemplo do que acontece na nomenclatura oficial brasileira, estão presentes, também, no conjunto dos topônimos da área aqui pesquisada. Dick (1990a, p. 174-175) lista vários topônimos brasileiros que aparecem sob a forma de sintagma simples, composto ou em formações sufixais: *Floresta* (AH AC AM BA MG PA PE PI PR RJ), *Floresta Azul* (AH BA), *Floresta do Sul* (AH SP), *Florestópolis* (AH PR), *Mata* (AH BA MA MG), *Matas* (rio das, MT PI), *Mata do Boi* (AH MA), *Matinhos* (AH PR), *Matões* (AH MA PI), *Mato Grosso* (AH BA MA MG MT), dentre outras. No *corpus* deste trabalho, identificamos o genérico **mato**, unidade lexical definida por Houaiss (2001) como “vegetação constituída de plantas não cultivadas, de porte médio, e geralmente sem qualquer serventia”, sempre em sintagma composto – arroio *Mato Grande* (CAS), povoados *Mato Branco de Baixo* e *Mato Branco de Cima* (IMB); córrego do *Mato Frio* (BIT), povoado *Mato Queimado* (PGS), rio *Mato Queimado* (SMS), povoado e rio *Mato Queimado* (SJT). Já **mata**, lexia que, conforme Houaiss (2001), designa uma “área coberta de plantas silvestres de portes diversos” aparece na nomeação do córrego da *Mata* (BIT); **floresta**, por sua vez, é definida por Houaiss (2001) como “denso conjunto de árvores que cobrem vasta extensão de terra; mata” e nomeia o rio *Floresta* (PIN) e o arroio da *Floresta* (IPI), no recorte toponímico aqui estudado. **Matão** é um outro item lexical desse grupo que, em certas regiões, é considerado um sinônimo de mato, mas que não aparece registrado nos dicionários pesquisados. É recuperado pela toponímia paranaense para nomear acidentes como serra do *Matão* (PIN); rio *Matão* (PRU).

Como a região aqui pesquisada está localizada na Zona das Araucárias, onde são abundantes os pinheirais, aparecem compondo o designativo de vários lugares as unidades lexicais **pinhal**, **pinhalzinho**, **pinheiro**, **pinheirinho**, **pinheiral**, **pinhão**. *Pinhal* nomeia um

“extenso aglomerado de pinheiros em determinada área” (HOUAISS, 2001) e aparece nos seguintes designativos: povoado *Pinhal* (PAL), ribeirão *Pinhal* (BIT), ribeirão do *Pinhal* (CDS), córrego do *Pinhal* (CDS), ribeirão do *Pinhal* (CAS). A formação *pinhalzinho*, por sua vez, ocorre nos seguintes designativos: povoado *Pinhalzinho* (SJT), distrito e rio *Pinhalzinho* (PIN), serra do *Pinhalzinho* (PIN) e arroio do *Pinhalzinho* (PRU). Já *pinheiro*, “designação comum às árvores do gênero *Pinus*, da família das pináceas” (HOUAISS, 2001) aparece na forma simples derivada *pinheirinho*, nomeando um arroio em Pinhão, além de *pinheiral* o “mesmo que pinhal” (HOUAISS, 2001), oriunda da combinação da base pinheiro + al (sufixo que indica abundância), que nomeia um acidente humano – povoado *Pinheiral* de Cima (PAM), no *corpus* desta pesquisa. *Pinhão*, por sua vez, é uma unidade lexical definida por Houaiss (2001) como “cada uma das sementes comestíveis de diversos pinheiros, especialmente a do pinheiro-do-paraná” e integra o designativo dos seguintes lugares: cidade e município de *Pinhão*; rio *Pinhão* (PIN), rio *Pinhão* e rio *Pinhãozinho* (GUA), povoado *Pinhão* (IPI).

Quanto ao emprego dessas unidades lexicais no universo onomástico brasileiro, Dick (1990a, p. 176-177) nos lembra que

a Zona dos Pinhais recobre uma área cuja densidade onomástica está manifesta não só quantitativa mas qualitativamente, através das formações decorrentes do termo genérico; coincidindo com o foco principal de dispersão da planta, o Estado do Paraná é o mais representativo no setor toponímico.

Eis alguns topônimos de acidentes humanos da região Sul, citados por Dick (1990a, p.177): Pinhal Preto (AH PR), Pinhalão (AH PR), Pinhalzinho (AH PR), Pinhãozinho (AH PR), Pinheiro Seco (AH PR), Pinheiro Mercado (AH RS), Pinheirinho Baixo (AH SC), dentre outros.

Além dos já citados, outros fitotopônimos destacaram-se nos dados aqui analisados, dentre outros, os formados a partir de erval e de cedro. Conforme Dick (1990a, p.179), “muito embora seja reconhecida a significação do **mate** ou **herva-mate**, na zona meridional, não é encontrada, na toponímia, nenhuma denominação desse tipo”. No entanto, segundo a pesquisadora, a **caúna** e a **congonha**, espécies com as quais ela se mistura, emprestam seus nomes para designativos de lugares: Caúna (arroio, RS); Congonha (córrego MT); Congonhal (AH MG e rio, MT); Congonhinhas (AH PR), etc. O cultivo da erva-mate constituiu-se num importante ciclo econômico do Paraná que começou em 1772, quando o

governo português autorizou as populações do sul do Brasil a comercializá-la com a Colônia do Sacramento e com a praça de Buenos Aires (WACHOWICZ, 2001, p. 130). Também não registramos designativo na região aqui pesquisada nomeados com as lexias mencionadas. Apenas a forma derivada **erval** que, conforme Houaiss (2001), nomeia o “conjunto de plantas, ou área por ele coberta, em que há predomínio da erva-mate”, aparece na nomeação do lajeado do *Erval*, em Bituruna; povoados *Erval Fraqueza e Erval Grande* e o rio *Erval* (PRU). Considerando-se que a erva-mate, até a década de 1920, segundo Wachowicz (2001, p. 132), foi o esteio da economia do Paraná e que o seu transporte dos locais de colheita aos pontos de beneficiamento e comercialização era feito por tropas de muares, a ocorrência de nomes ligados a essa cultura foi insignificante no *corpus* estudado.

Algumas madeiras de lei também tiveram seus nomes cristalizados na nomeação de lugares, numa valorização dessas espécies pelo denominador. São espécies de árvores que fornecem a madeira para a indústria de marcenaria ou de serraria para variada utilização. É o caso de *Cedro*, item lexical definido por Houaiss (2001) como “designação comum às árvores do gênero *Cedrus* da família das pináceas, que reúne quatro subespécies nativas de regiões montanhosas do Norte da África e Ásia, cultivadas como ornamentais e pelas madeiras de qualidade” que se perpetuam nos designativos córrego *Cedro* (PAL) e arroio do *Cedro* (IMB).

Os fitotopônimos revelam, pela sua expressividade nos designativos de lugares, no espaço aqui pesquisado, a grande preferência do homem pelas espécies de vegetação e da flora, elementos do seu ambiente circundante, no processo de nomeação dos acidentes geográficos. Confirmam tendências já demonstradas em estudos sobre a toponímia brasileira.

Outra categoria expressiva no *corpus* foi a dos zootopônimos que será focalizada a seguir.

### 5.2.2 Zootopônimos

Os zootopônimos são os topônimos relativos a nomes de animais em geral. Com 223 ocorrências, essa categoria ocupa a segunda posição na classificação geral de taxes mais produtivas, correspondendo a 12,47% do total do *corpus*.

A variedade de nomes de espécies animais presentes na onomatologia brasileira é uma marca presente em todas as pesquisas toponímicas. Constatamos essa tendência em pesquisas anteriores, dentre outras, as de Francisquini (1998), Dargel (2003), Tavares (2005), que também registraram incidência significativa de zootopônimos. Dick (1990a, p.283), ao tratar da grande incidência de nomes de animais, na toponímia brasileira, retoma a explicação de C. de Mello Leitão (1937), quanto à dificuldade de constatação de uma área toponímica típica de certos animais:

quando estudamos qualquer espécie ou qualquer comunidade animal, um dos primeiros problemas que vem ao espírito é o da dispersão dos movimentos dos animais em busca de alimento, de abrigo ou respondendo aos apelos do amor (apud, DICK, 1990, p. 283).

A pesquisadora, reforçando a opinião de Leitão, acrescenta: “não há região do Globo com possibilidades de vida, que não seja desde logo ocupada por plantas e animais” (DICK, 1990<sup>a</sup>, p.283).

Dividimos os topônimos dessa categoria em cinco grupos, considerando o tipo de animal nomeado pela unidade lexical elevada à categoria de topônimos: os mamíferos, os répteis, as aves, os peixes e os insetos. Os mamíferos, por sua vez, foram subdivididos em animais domésticos e animais selvagens. Entre os topônimos registrados no *corpus* formados com nomes de animais domésticos aparecem: rio *Boi Carreiro* (PIN); córrego *Burro Bravo* (CDS); córrego *Cadela* (BIT); rio do *Cachorro* (GUA); bairro *Carneiro* (TSO) e arroio dos *Carneiros* (SMS); serra da *Mula* (PIN); povoado *Porco Bravo* (IPI) e rio dos *Touros* (PRU). Por sua vez, os nomes de animais selvagens aparecem em maior quantidade. Dentre os mais recorrentes estão: **tigre** que aparece sempre em formação simples numa posição de referência, com presença do elemento de ligação “do”: arroio do *Tigre* (SMS/TBG/PFN/IVA/IMB), bairro do *Tigre* (TSO), cerro do *Tigre* (PAL), córrego do *Tigre* (PAL/GCN/UVI), lajeado do *Tigre* (TBG), morro do *Tigre* (PIN), povoado do *Tigre* (IPI), ribeirão do *Tigre* (CAS), rio do *Tigre de Baixo* (UVI), rio do *Tigre* (CAS/TBG), serra do *Tigre* (IVA). Também o zoônimo **anta** ocorre diversas vezes como designativos de acidentes geográficos, ora na forma primitiva simples – arroio da *Anta* (PFS), córrego da *Anta* (GCN) -, ora pluralizada - rio das *Antas* (BIT/SJT/PFS/IMB), córrego das *Antas* (GCN), ribeirão das *Antas* (GCN). Ocorre também em formação composta com um qualificador em topônimos como rio da *Anta Gorda* (GUA), povoado *Anta Gorda* (PRU), rio da *Anta Gorda* (PRU), rio *Anta Magra* (TSO),

povoado *Anta Mouro* (PGS), arroio *Anta Ruiva* (SMS). Registramos, também, a presença da unidade lexical *anta* em algumas estruturas toponímicas como segundo elemento – um qualificador, por exemplo, em povoado *Rio das Antas* (BIT) e rio *Barra da Anta* (PIN) ou após um quantificador como em rio *Três Antas* (UVI).

Outras ocorrências com nomes de animais mamíferos selvagens são menos produtivas, como: **onça**, que nomeia apenas o ribeirão da *Onça* (CAS); **leão** que designa o banhado do *Leão* (PRU) e o rio do *Leão* (TBG); **macaco** aparece na nomeação do povoado *Macaco* (PRU), arroio e rio *Macaco* (CAS), rio *Macaco* (PGS/PRU) e na forma pluralizada *Macacos* nos topônimos serra dos *Macacos* (IVA), arroio *Macacos* (IMB/IPI), povoado *Macacos* (TBG) e rio dos *Macacos* (PFS); **veado** nomeia o córrego do *Veado* (BIT) e rio do *Veado* (GUA) e, na forma pluralizada, aparece nos topônimos arroio dos *Veados* (TSO) e córrego dos *Veados* (PVI); **tamanduá**, por seu turno, entra na constituição do sintagma toponímico que nomeia o córrego *Tamanduá* e o povoado *Tamanduá* (BIT), povoado *Tamanduá* (IPI), arroio *Tamanduá* (CAS) e córrego *Tamanduá* (GCN).

Dentre os répteis, houve apenas uma ocorrência com o genérico **cobra** em arroio da *Cobra* (SMS); **cascavel** aparece na nomeação do ribeirão *Cascavel* (PAM) e rio *Cascavel* (GUA); **jararaca** surge na formação dos topônimos rio e povoado *Jararaca* (BIT/IMB/PFS), córrego *Jararaca* (GCN) e rio da *Jararaca* (PFN). Já a unidade lexical **jacaré** aparece na nomeação do rio *Jacaré* (PAM).

A classe das aves contribuiu com um grande número de nomes de espécies variadas. As mais produtivas foram: **jacutinga**, que designa o córrego *Jacutinga* e o rio *Jacutinga* (BIT); **jacu**, que nomeia o arroio *Jacu* (TSO/PFN); **maracanã** que empresta o nome ao povoado *Maracanã* e ao rio *Maracanã* (CAS); **periquito** que nomeia o distrito *Periquito* (PGS), córrego do *Periquito* (BIT); **sabiá** nomeia o córrego *Sabiá* (BIT) e rio *Sabiá* (GUA), enquanto **arara** designa o morro da *Arara* e o lajeado da *Arara* (PIN); **patos** designa o rio dos *Patos* (CDS/PRU/GMG/SJT), o povoado *Patos Velhos* (PRU) e lajeado *dos Patos* (PAM); **quero-quero** empresta o nome para a nomeação do povoado *Quero-Quero* e do rio *Quero-Quero* (PAM); **pombas** ocorre em locução adjetiva nos topônimos rio das *Pombas* (GUA/CAS) e arroio das *Pombas* (GUA/PRU); já as formações derivadas **pombinhas** e **pombal** ocorrem na nomeação do povoado *Pombinhas* (PGS) e povoado *Pombal* (IPI).

Por sua vez, a classe dos **peixes** contribuiu com os seguintes tipos: **pintado** na nomeação de córrego do *Pintado* (CDS); **bituva** que nomeou os povoados *Bituva das Campinas*, *Bituva dos Lúcios* e *Bituva dos Machados* (TSO) e **tubarão** na nomeação do rio *Tubarão* (CAS).

Os nomes de insetos também são produtivos na base de topônimos deste *corpus*, principalmente as *abelhas*, como é o caso de *iratim*, sua variante **irati** e derivado **iratinzinho**. A lexia **iratim**, segundo Sampaio (1928), é de origem Tupi “*e’ira*” abelha + “*ting(a)*” branca e significa abelha branca. A forma *Iratim* aparece em nomes como rio/povoado *Iratim* (PAL); rio/povoado *Iratim* (CDS); córrego/rio *Iratim* (GCN); rio *Iratim* (GUA). Já *Iratinzinho* nomeia o rio *Iratinzinho* e o povoado *Iratinzinho* (BIT) e *Irati* compõe o sintagma toponímico da serra do *Irati* (BIT) e rio *Irati* (PIN). Outra lexia da classe dos insetos que apareceu na toponímia pesquisada foi **manduri** é “designação comum a diversas subespécies de abelhas sociais brasileiras do gênero *Melípona*, da subfamília dos meliponídeos; jandaíra; abelha social indígena”; cuja lexia é de origem tupi “*mandu`ri*” espécie de abelha silvestre (HOUAISS, 2001) e nomeia o salto *Manduri* (PRU) e o cerro do *Manduri* (GMG).

Já **vespeira**, lexia não dicionarizada, provavelmente uma variante do item lexical **vespeiro**, é definida por Houaiss (2001) como “ninho de vespas sociais, geralmente construído de material semelhante ao papel, que se origina de madeira ou folhagem mascada pelo inseto; caixa de marimbondo, casa de marimbondo, enxu”, nomeia o povoado *Vespeira* (IVA).

Os animais constituem o equilíbrio ecológico da natureza. A beleza e a importância dos animais na vida do homem são fatores que sempre despertaram seu interesse e admiração manifestadas na forma de designativos de lugares. Essa categoria foi muito representativa no *corpus* investigado

Outra categoria expressiva no *corpus* foi a dos hidrotopônimos que será analisada a seguir.

### 5.2.3 Hidrotopônimos

Os hidrotopônimos aparecem com 210 ocorrências no *corpus* aqui analisado, ocupando a terceira colocação em termos de quantidade e com uma porcentagem de 11,74% do *corpus*. Esses dados confirmam que a água sempre teve um papel primordial na vida dos seres vivos e o homem, reconhecendo essa importância, procura perpetuar nomes de correntes hídricas no processo de nomeação de lugares. O elemento água tem, durante toda a história da humanidade, suprido uma necessidade básica para a sobrevivência do homem. No

espaço paranaense é fato assente a presença de correntes de água doce em toda a sua extensão, conforme demonstrado no Mapa 2<sup>274</sup>.

A grande incidência de nomes de lugares oriundos de designativos de cursos d'água no *corpus* desta pesquisa, como também nas de Francisquini (1998), de Albino (2002) e de Zamariano (2006), dentre outras, confirma a preferência do denominador, por nomes de correntes hídricas na nomenclatura da geografia paranaense, onde o elemento “água” é muito comum, já que o território é banhado por 16 bacias hidrográficas, duas das quais cobrem a região aqui pesquisada.

Analisando o Mapa 2, notamos um verdadeiro emaranhado de pequenos cursos de água, em toda a superfície do Estado. Poucos são os espaços não banhados por uma corrente hídrica, o que contribui para a qualidade do solo e faz do Paraná um dos estados mais produtivos da Federação. O homem, reconhecendo os benefícios disponibilizados pela natureza, a retribui perpetuando os nomes de elementos de sua constituição na forma de nomes de acidentes físico-geográficos. Essa relação entre o homem e a natureza, principalmente, com a água é bem antiga, conforme atesta Dick (1990a, p. 196): “desde épocas remotas da história da humanidade, a água sempre foi o fator de equilíbrio em um determinado meio. Grandes civilizações nasceram e se desenvolveram junto a oceanos, rios e zonas ribeirinhas”.

No *corpus* pesquisado, entre os 1.173 acidentes físicos analisados, foram elencados 1.114 cursos d'água que, conforme sua extensão, volume, largura e profundidade recebem variadas designações como *água, rios, arroios, córregos, banhado, cachoeira, riachos, ribeirões, sangas* que representaram 94,97% do recorte toponímico aqui estudado. Apenas 51 acidentes físicos elencados enquadram-se em outros tipos como morros, serras, portos, etc.

Os hidrotopônimos mais recorrentes nesta pesquisa foram *passo, barra, água, salto, cachoeira e rio*. São exemplos do processo de toponimização de acidentes geográficos, ou seja, a designação do acidente físico (arroio, passo, ribeirão, rio, etc) funcionando como topônimo (elemento específico) no sintagma toponímico. Ex: rio *Passo* do Tombo (PIN), arroio *Água Branca* (GUA), povoado *Arroio Grande* (PRU).

Já a unidade lexical **barra**, definida por Houaiss (2001) como “entrada de um porto, entre duas porções avançadas de terra firme; entrada de baía [...] local em que um rio deságua no mar ou em lago; desembocadura, foz”, aparece várias vezes como designativo

---

<sup>274</sup> Cf. Mapa 2, p. 24

de acidentes geográficos, nesta pesquisa. Em formação simples *barra* ocorre no topônimo *arroio da Barra (IMB)* e na formação derivada com sufixo de grau diminutivo *-inho* aparece nos topônimos povoado *Barrinha (CAS)* e rio/ribeirão da *Barrinha (IPI)*, ribeirão da *Barrinha (TBG/CAS)*. Na formação composta (DET + DTM), manifesta-se nos topônimos: povoado *Barra Limpa e povoado Barra das Canoas (PRU)*, povoado *Barra Mansa (GMG)* e rio *Barra Bonita (PRU)*.

**Água** é outra lexia recorrente no *corpus* e ocorreu só em formação composta com a presença de um determinante que expressa o seu aspecto, como coloração, temperatura, extensão e volume, denotando a visão do denominador sobre o referente nomeado. Os qualificativos (determinantes) que ocorreram com frequência foram *branca (9)*, *clara (4)*, *comprida (3)*, *suja (3)*, *quente (2)*, *fria (2)*, *podre (2)*, *morna (1)*, *belas (1)*, *parada (1)*, *azul (1)*, *do rodeio (1)*. O nome *água* designa pequena corrente de água ou “rio ou ribeiro” (HOUAISS, 2001). Aparece em topônimos como povoado *Água Comprida e Água Branca de Cima (SJT)*; córrego da *Água Comprida (CDS)*, rios *Água Fria, Água Morna e Água Parada (IVA)*. Alguns modificadores são comuns na composição do sintagma toponímico formado com o item lexical **água**: arroio *Água Branca (PIN/SJT)*, povoado *Água Branca (GMG/SMS)*, rio *Água Branca (SMS)*; Rio *Água Clara (PAM)*, arroio/povoado *Água Clara (TBG)*, arroio *Água Clara (IMB)*, dentre outros.

**Salto**, por sua vez, definido por Houaiss (2001) como “mesmo que queda d’água”, aparece como designativo de acidentes geográficos em muitas regiões do Brasil. Dick (1990a, p. 248) aponta as seguintes ocorrências em formação simples: *Salto* “(AH BA MA MG MT PR SC SP); Salto da Divisa (AH MG); Salto da Pedra (AH PI); Salto de Pirapora (AH SP); Salto do Itararé (AH SP), Salto Grande (AH PA) [...]”. Nesta pesquisa, aparece na nomeação do povoado *Salto (PAL)* e do arroio do *Salto (CAS)*. Já na formação derivada por sufixação com o morfema de grau diminutivo *-inho* nomeia o lajeado do *Saltinho (BIT/CDS)*, povoado *Saltinho (IVA/IMB/GUA/PRU)* e o ribeirão *Saltinho (CAS)*. Em formação composta aparece em duas ocorrências: povoado *Salto Lindália (IVA)* e povoado *Salto do Jardim (GCN)*.

Já o item lexical **cachoeira**, também recorrente no *corpus*, é definido como “torrente de água que corre ou cai formando cachão (borbotão, turbilhão); o local, ou trecho de um curso de água onde isso ocorre; mesmo que queda d’água” (HOUAISS, 2001). Dick (1990a, p. 245-246), referindo-se ao pensamento de Ivan Lind (1963), define “*carreira, corrida, corridinha, corredeira, correnteza e pararaca ou bariri* como correntes dos rios sem

queda d'água". A pesquisadora cita uma passagem de Lind (1957), onde o estudioso faz uma comparação entre essas designações:

[...] Aqui encontramos como termo mais utilizado, a cachoeira ou cachoeirinha. Esta pode ser um aumento na força da corrente causado por um travessão, quer dizer, um banco de pedra ou de areia atravessado no rio, ou mesmo uma queda estendida sobre um trecho onde os grandes blocos e as pedras soltas concorrem para tornar a agitação da água ainda mais furiosa. Naturalmente, as cachoeiras são grande empecilhos para a navegabilidade, mas, de acordo com alguns autores, sobretudo os mais antigos, 'cachoeira' todavia significa um local onde podemos ancorar o barco, principalmente antes de uma queda. De passagem, podemos mencionar que os nativos brasileiros utilizam as expressões: 'cabeça', 'corpo', e 'rabo' da cachoeira, comparando-as com dragões (LIND, apud DICK, 1990a, p. 246).

Em formação simples, a lexia *cachoeira* surge nomeando córrego da *Cachoeira* (BIT/CDS); rio da *Cachoeira* (SJT); povoado *Cachoeira* (TBG); arroio e ribeirão *Cachoeira* (CAS); arroio da *Cachoeira* (TSO). Já na formação derivada por sufixação *cachoeirinha* nomeia o rio *Cachoeirinha* (GUA), povoado *Cachoeirinha* (IMB/PRU) e arroio *Cachoeirinha* (IMB). Na formação composta (DET + DTM) aparece com o modificador *branca*, nomeando o rio *Cachoeira Branca* (GUA/PRU).

A unidade lexical **rio**, definida como uma espécie de corrente de água doce, é uma das mais produtivas em toda a toponomástica brasileira. Dick (1990a, p. 245) registra alguns topônimos brasileiros, nos quais a lexia *rio* participa da estrutura: “*Rio Acima* (AH SC), *Rio Alegre* (AH MT), *Rio Azul* (AH PR), *Rio Bom* (AH PR), *Rio Claro* (AH SP), *Rio Negrinho* (AH SC), *Rio Vermelho* (AH MG)”.

No *corpus* aqui analisado, a presença dessa lexia ocorre nos seguintes topônimos: povoado *Rio das Antas* (BIT/GCN), povoado *Rio dos Índios* e *Rio do Meio* (IVA), povoado *Rio Abaixo* (CAS), salto *Rio Branco* (GMG), povoado *Rio das Pedras de Cima* (SMS) e povoados *Rio Baio*, *Rio Baio I*, *Rio Baio II* e *Rio Baio III* (SJT).

A preferência do denominador por nomes de correntes hídricas ao nomear acidentes geográficos demonstra seu reconhecimento a essa maravilha da natureza de fundamental importância na vida de todos os seres vivos.

Outra categoria toponímica marcante, no *corpus* pesquisado, foram os antropotopônimos, nomes de lugares decorrentes de homenagens prestadas a pessoas ilustres de uma região, estado ou país.

#### 5.2.4 Antropotopônimos

Os topônimos formados por nomes de pessoas (prenomes, alcunha, hipocorísticos e apelidos de família) são classificados, conforme Dick (1990b, p. 32), como antropotopônimos. Os designativos enquadrados nessa categoria foram registrados 158 vezes nesta pesquisa e representaram 8,84% do total do *corpus*, ocupando a 4ª posição na ordem de ocorrências. A exemplo do que ocorre em todas as regiões do Brasil, no recorte toponímico tomado como objeto de estudo nesta pesquisa, também há predominância dos antropotopônimos entre as taxionomias de natureza antropocultural.

Backheuser (1950, p. 180-181) menciona, a respeito dos antropotopônimos, a “Regra de Dauzat-Backheuser”, que defende que esses topônimos “trazem interessante contribuição ao esclarecimento senão do grau de cultura, ao menos da mentalidade do povo que os adota”. Nesse sentido,

os topônimos antropotopônimos revelam no povo que os escolhe: ou acanhado horizonte mental, ou oportunismo e autolatria, ou modéstia e espiritualidade, ou acentuada intelectualidade e sentimento cívico consoante os nomes escolhidos sejam respectivamente de pessoas anônimas ou de potentados, ou de santos e efemérides religiosas, ou de homens ilustres nas letras, artes e ciências ou de relevo histórico (BACKHEUSER, 1950, p. 180).

Concordamos com a análise de Dick (1990a, p.294), a respeito do pensamento de Backheuser (1950), quando discorda da primeira parte do excerto apresentado, por entender que se trata do caso de *denominação espontânea* e que o uso de antropotopônimos apenas “revela uma técnica denominativa característica de pequeno horizonte geográfico, distinta daquela imposta por autoridades ou eventuais detentores do poder de mando e que, tantas vezes, se distinguem pelo distanciamento da realidade ambiental ou do gosto popular”.

Conforme a pesquisadora, “o aparecimento de nomeação anônima, concretizada, às vezes, pelo prenome, seguido, ou não, de alcunha, ou pelo hipocorístico, ou pelo apelido de família, ou ainda, pelo conjunto onomástico completo, é constante na toponímia brasileira” (1990a, p. 295). Mas, como afirma Dick, são nomes que não vão além das cercanias de sua localidade que lhe deu origem, diferentemente dos nomes históricos ou

de projeção nacional por serem facilmente identificáveis e conhecidos pela maioria da população.

São exemplos citados pela autora: i) de *prenome* – Abel (AH MG), Clarindo (AH MG), Gabriel (Rb. MG); ii) de *hipocorístico* – Bentinho (AH MG), Chiquito (AH GO), Chiquinho (AH MA); iii) de *prenome + alcunha* – Fernão Velho (AH AL), Lourenço Preto (AH MG), Josefa Mocó (Rcho. BA); iv) *apelido de família* – Abreu (AH RS), Medeiros (AH PR), Pádua (AH AM). Destaca, ainda, a grande incidência de toponomásticos com a formação *prenome + apelido de família*, formados principalmente com **Antônio, Francisco, João, José, Pedro e Manuel**: Antônio Amaral (AH MG), Antônio Olinto (AH PR), Francisco Sá (AH MG), Francisco Dantas (AH RN), João Ramos (AH MG) João Ferreira (AH MT), José Dias (AH GO), José Brandão (AH MG), Manuel Botelho (AH GO), Manuel Ribas (AH PR), Pedro Gomes (AH MT), Pedro Palácios (AH ES), são alguns dos exemplos citados pela estudiosa.

A regra de Dauzat-Backheuser, anteriormente mencionada, formula as seguintes hipóteses para a preferência de antropotopônimos na nomeação de espaços geográficos:

a) populações de pequeno horizonte geográfico são levadas a caracterizar acidentes e lugares *pelos nomes de um morador ou pela profissão do mesmo*. Exemplifica o pesquisador com os nomes estrada do Mendonça, largo do Chafariz, rua de Dona Carola, justificando serem esses nomes impostos à geografia por eventuais circunstâncias;

b) nomes escolhidos em caráter voluntário por influência da mentalidade da época ou do povo: por *autolatria e oportunismo* – quando a humanidade atravessa período de decadência e descrença.

Nas palavras de Backheuser (1950, p. 181), a prática desse tipo de nomeação teve seu apogeu no império romano, mas o hábito foi comum também nas eras modernas, a partir da Renascença, haja vista que, com as substituições seguidas de governantes, eram constantes o batismo de lugares com nomes que lembravam esses administradores.

No Brasil, a relação de topônimos antroponímicos é extensa, conforme análise feita pelo autor, do prontuário toponímico de vilas e cidades publicadas em 1940 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apenas das letras A e P. No entanto, hoje já há leis proibindo esse tipo de homenagem a pessoas vivas, restando consideravelmente o avanço dessa prática de nomeação apenas com intuito de lisonja ou como oportunismo do poder de mando.

Dick (1990a, p. 302) aponta, ainda, outras formas em que aparecem os topônimos antropônimos. Alguns indicam reverência a personalidades políticas e históricas do País, como por exemplo, Deodoro da Fonseca (AH RN), Eptácio Pessoa (AH SP), Venâncio Aires (AH RS) e aqueles que relembram personalidades do mundo das letras e das ciências em geral, como Afonso Arinos (AH MG), Euclides da Cunha (AH BA), Fagundes Varela (AH RS), Teodoro Sampaio (AH SP). Conforme a pesquisadora, “os antropotopônimos também costumam aparecer modificados por algumas desinências **-lândia** (Marilândia (AH ES), Herculândia (AH SP), Getulândia (AH RJ); **-burgo** (Felisburgo (AH MG), Cordisburgo (AH MG); **-polis** (Anápolis (AH GO), Iracemópolis (AH SP), Penápolis (AH SP) e mesmo os originados de **formas sufixais** como Andradina (AH SP), Sandovalina (AH SP), Rondônia (AH RO), Sobralia (AH MG), Luiziana (AH SP), dentre outras.

São alguns exemplos de antropotopônimos por *prenome* ocorridos no *corpus* analisado: córrego do *Isidoro* (PAL), arroio da *Balbina* (GUA), rio *Romão* (GUA), povoado *Caetano* (PGS), colônia *Amazonas* (PVI), rio *Belchior* (SJT), ribeirão *Maria Joana* (SMS). Quanto ao uso de hipocorísticos, foram registrados apenas dois casos, com três ocorrências: ribeirão *Chico André* (BIT), povoado *Chico André* (CDS) e ribeirão do *Mendão* (PAM)

Já a formação *prenome + alcunha* não foi registrada no inventário toponímico aqui focalizado. Os casos de *apelido de família* ocorreram em sintagmas como córrego dos *Portelas* (PAL), arroio dos *Alves* (CAS), bairro dos *Prestes* (PIN), ribeirão do *Xavier* (GCN), arroio dos *Carvalhos* (PIN), dentre outros.

Por sua vez, os conjuntos individuais *prenome + apelido de família* apareceram, dentre outros, nos seguintes topônimos: córrego do *João Batista* (PAL), povoado *Augusto Loureiro* (BIT), povoado *Ubaldo Taques* (CDS), arroio *João Ferreira* (CAS), cidade *Paula Freitas* (PFS), água *Maria Clara* (SMS).

Quanto aos casos de antropotopônimos terminados pelas desinências *-lândia* e *-polis*, registramos apenas os seguintes: distrito *Zatarlândia* (PIN), distrito *Fluviópolis* (SMS), povoado *Vitorinópolis* (SJT) e porto *Irineópolis* (PFS).

A imigração européia ocorrida no estado do Paraná a partir da primeira metade do século XIX, também deixou suas marcas na antropotoponímia da área pesquisada, como: córrego *Dorneles* (CDS); arroio *João Sapietro* (PIN); arroio do *Butka*, arroio do *Tanília*, rio dos *Fueros* e rio do *Gelinski* (GUA); arroio e bairro dos *Pelechate* e arroio dos *Bobatos* (PRU); colônia *Scheifer*, colônia *Clock* e povoado *Lustosa Leiria* (IPI); povoado *Dalegrave* (IMB); arroio dos *Padilhas* (SJT); povoados *Pugas e Pugas de Cima* (PAM).

Merece registro, também, nesta pesquisa, a insignificante incidência de nomes femininos como topônimos. A desvalorização da mulher, como elemento de uma sociedade marcada por princípios extremamente machistas predominantes até o início do século XX, também se fez sentir pelo baixo índice de nomes femininos na nomeação de lugares. Com exceção dos nomes de santas do hagiológico católico romano, os poucos nomes femininos que apareceram como designativos de lugares foram: arroio *Zaira* (PAL); colônia *Maria Goretti* (GUA); povoado Salto *Lindália* (IVA); colônia *Adelaide* (IPI); povoado *Vitória da Linha D. Emília* e colônia da Vila *Zulmira* (UVI); córrego da *Luzia* (PFS); distrito *Vera Guarani* (PFN); água *Maria Clara*, arroio *Eufrosina* e ribeirão *Maria Joana* (SMS) e povoado Vila *Palmira* (SJT).

Constatamos, no inventário toponímico analisado, algumas formas que homenageiam pessoas da comunidade, umas como manifestação do reconhecimento da comunidade por benefícios alcançados e outras como simples referência a proprietários de terra localizada próxima ao acidente nomeado. Exemplos: córrego *Amazonas* (PAL), uma homenagem ao Coronel Amazonas, fundador de cidades da região; distrito *Ubaldo Taques* (CDS), antigo proprietário de terras do município; distrito *Zatarlândia* (PIN), homenagem ao proprietário da indústria de extração de madeiras Sr. João José Zatar, dentre outros.

Alguns topônimos ainda registram o estado anímico do próprio denominador ou do povo da comunidade que podem se manifestar por nomes que lembram tanto estado anímico favorável como estado desfavorável. É o que será analisado no item seguinte.

### 5.2.5 Animotopônimos

Dick (1990b, p. 32) define os animotopônimos como os “topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física”. Com 104 ocorrências, essa taxa ocupou a 5ª posição em termos de quantidade, o que representou 5,82% do total de topônimos pesquisados. Conforme a subclassificação de Isquierdo (1996, p.118), dos 104 registros dessa categoria, 77 (74,04%), são animotopônimos eufóricos e 27 (25,96%) animotopônimos disfóricos.

Dentre os animotopônimos eufóricos, algumas unidades lexicais se destacam como **bom**, **boa**, **belo** e **bela** e ocorrem em formação composta na função de qualificador em posição de primeiro elemento da estrutura toponímica. São exemplos no *corpus* analisado: povoado *Bom Retiro* (CDS), distrito *Bom Retiro* (PIN), arroio *Bom Retiro* (GUA) rio *Bom Jardim* (IVA), rio *Bonsucesso* (PRU), povoado *Bom Sucesso* (TBG); povoado *Boa Vista* (BIT/GUA/TBG/CAS/TSO/SJT), arroio *Boa Vista* (CAS), arroio da *Boa Vista* (PIN), serra da *Boa Vista* (BIT/GUA); córrego *Boa Esperança* (BIT), rio *Boa Sorte* (GUA), povoado *Boa Vistinha* (CAS); rio Belo (PRU), povoado *Bela Vista* (UVI/PFS), arroio *Bela Vista* (GUA) e córrego da *Bela Vista* (GCN) .

O item lexical **bonito**, por sua vez, apareceu, na sua forma primitiva, nomeando o córrego *Bonito* (BIT/CDS), arroio *Bonito* (PIN/IPI/TBG), ribeirão *Bonito* (BIT/TSO/PVI/SMS), rio *Bonito* (GUA/PRU/CAS/GMG/SMS) e na forma derivada **bonitinho** na nomeação córrego *Bonitinho* (GCN). **Esperança** foi outra lexia que apareceu como topônimo no *corpus*: colônia *Esperança*, colônia *Esperança do Meio* e colônia *Esperança de Cima* (BIT), rio da *Esperança* (PRU), serra da *Esperança* (GUA/UVI). A lexia aparece, ainda, com o modificador **nova** no sintagma toponímico povoado *Nova Esperança* (IMB). Já o conjunto **vista alegre** nomeia os acidentes povoado *Vista Alegre* (PAL/CDS) e córrego *Vista Alegre* (CDS).

Outras unidades lexicais que, na função de topônimos, receberam classificação de animotopônimos eufóricos foram: **alegria**, **feliz**, **encantado**, **vitória**, **união**, **amparo**, **fartura** e **socorro**. Elas desempenham função de elemento específico nos seguintes sintagmas toponímicos: povoado *Alegria* (PAL), córrego *Feliz* (BIT), colônias *Encantado Primeira* e *Encantado Terceira* (BIT), rio *Encantado do Meio* (TBG), distrito *Vitória* (GUA), povoado *Vitória* (PVI), povoado *Vitória da Linha D. Emília* (PVI), cidade *União da Vitória* (UVI), distrito *Amparo* (TBG), córrego e povoado *Fartura* (UVI), povoado *Fartura* (SMS) e rio *Socorro* (GUA).

Quanto aos animotopônimos disfóricos, que representam um quarto dos topônimos classificados segundo essa categoria, não houve registros que tenham se destacado de forma significativa. O maior número de ocorrências de uma unidade lexical na função de topônimos dessa categoria ocorreu com **engano**, na nomeação da colônia *Engano* e ribeirão *Engano* (BIT); **fraqueza**, que nomeou o arroio da *Fraqueza* (GUA) e arroio *Fraqueza* (PRU); **perdido**, na nomeação do povoado, arroio e cerro do *Perdido* (GMG); **cangueira**, que nomeou o arroio e povoado *Cangueira* (IPI). Outros topônimos tiveram ocorrência única: córrego *Avarento* (PAL), córrego do *Inferninho* (BIT), povoado *Pimpãozinho* (PIN), lajeado

*Feio* (PIN), rio *Descadeirado* (PIN), rio *das Mortes* (GUA), arroio da *Ingrata* (TBG), arroio *Servidão* (UVI) e arroio *Pileque* (PFN).

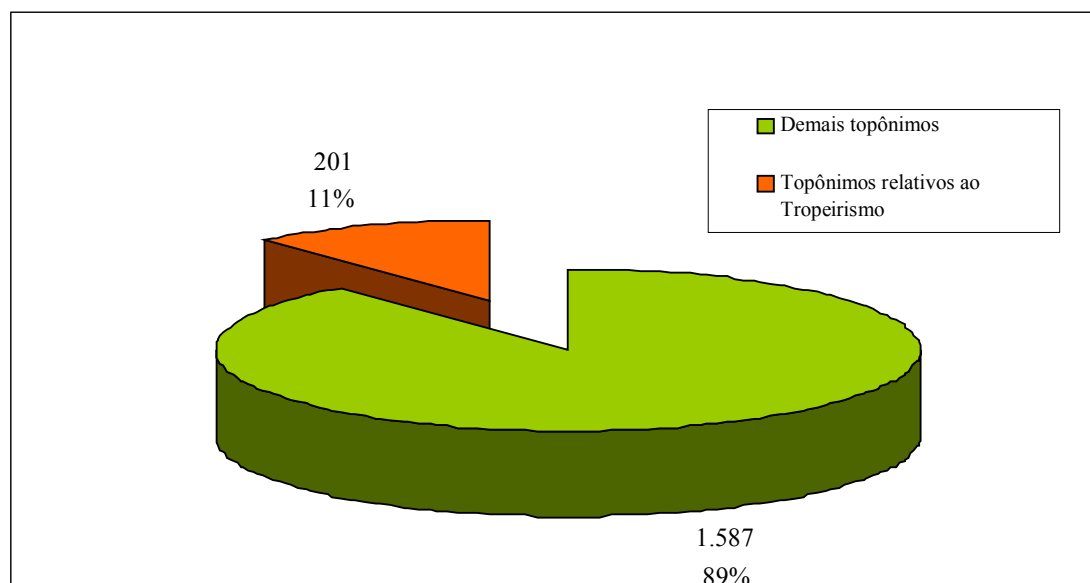
Nessa categoria, incluímos os topônimos que denotam sensação desagradável, expectativas não muito otimistas, ou perspectivas temerosas. A maioria dos animotopônimos foi classificada como “eufóricos”, numa confirmação de que os habitantes dos municípios localizados nesses caminhos apresentavam um estado de ânimo sempre positivo e com esperança de vencer as dificuldades que o futuro lhes reservava.

Com a análise desta última categoria toponímica, encerramos a segunda parte deste capítulo. Na seqüência, serão analisados os topônimos que remetem ao Ciclo do Tropeirismo.

#### 4.3 TOPÔNIMOS RELATIVOS AO CICLO DO TROPEIRISMO

Nos Quadros 23 e 24, apresentados no Capítulo 3, reunimos os topônimos que remetem ao ciclo econômico do Tropeirismo, ou seja, aqueles oriundos de unidades lexicais que se reportam à lida do gado, ao vestuário e às funções exercidas pelos tropeiros, aos animais que integravam as tropas, aos apetrechos utilizados pelos tropeiros e, indiretamente, aos locais de pouso e de pastagens das tropas, aos locais de passagem, aos caminhos percorridos. Primeiramente, destacamos topônimos como *Boiada*, *Retiro*, *Rodeio*, *Burro Bravo*, *Espera Bóia*, *Ronda*, *Boi Carreiro*, *Mula*. Já, ao segundo, foram reunidas unidades léxicas que definem as sensações físicas dos tropeiros quanto aos espaços percorridos e explorados, como nomes descritivos do ambiente: *Campo Bonito*, *Passo Ruim*, *Ponte Nova*, *Pinguela*, *Campina Alta*, *Porteira Grande*, etc.

Nos Gráficos 11 e 12 estão visualizados em termos percentuais o total de topônimos do *corpus* com destaque para os relativos ao Ciclo do Tropeirismo.

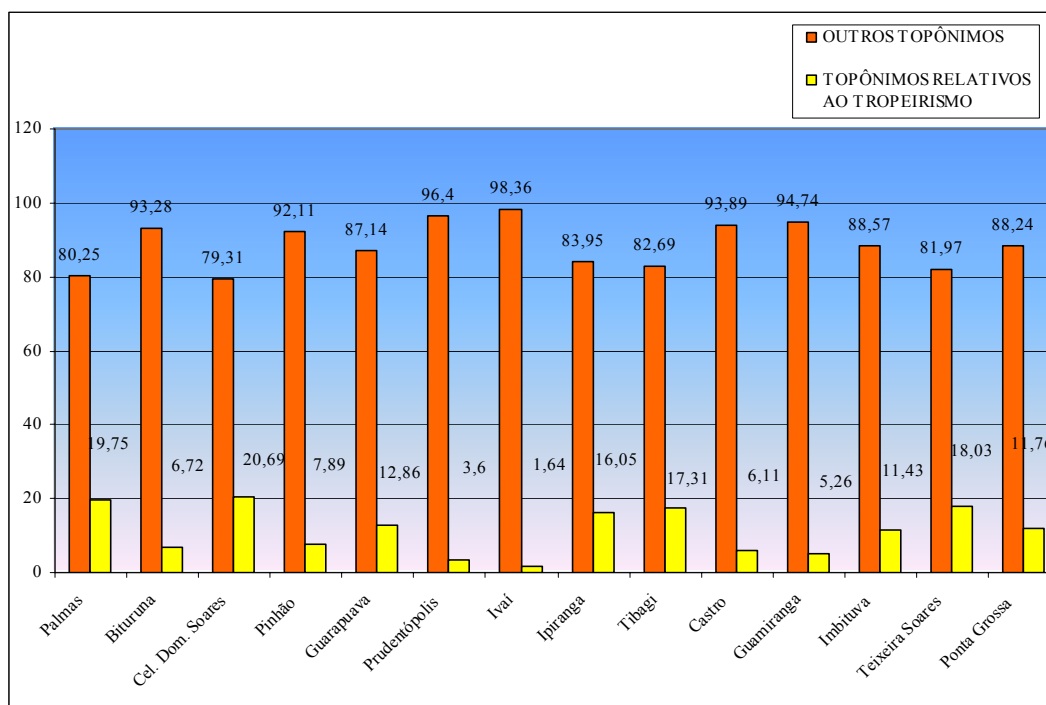


**Gráfico 11** – Topônimos relativos ao Tropeirismo

Pelo Gráfico 11 podemos perceber o grau da força do elemento histórico manifestado no percentual de nomes ligados ao ciclo do Tropeirismo, nomeando acidentes físicos e humanos pertencentes aos municípios localizados ao longo dos antigos Caminhos das Tropas pesquisados. Foram 201 ocorrências, o que representa 11,24% do conjunto do *corpus*, percentual que entendemos ser significativo para sustentar a hipótese de que a toponímia dos municípios pesquisados reflete o Ciclo do Tropeirismo na história social do estado do Paraná. Esses dados gerais mostram que, embora os espaços físicos dos municípios pesquisados tenham sido caminhos de inúmeras viagens de tropeiros, os nomes de lugares batizados por eles, que deveriam ser em número maior do que o volume encontrado, nem sempre permaneceram, quando do registro oficial dos designativos, o que certamente ocorreu muito tempo depois do fim da atividade econômica, mas que, apesar disso, é suficiente para comprovar que a toponímia dos caminhos pesquisados evidencia marcas deixadas pelo Ciclo Econômico do Tropeirismo. Considere-se ainda a distância cronológica existente entre essa fase da história do Brasil e os dias atuais, fator que, certamente, contribuiu para o desaparecimento, substituição ou alteração de topônimos que registrariam, em maior número, o referido ciclo econômico.

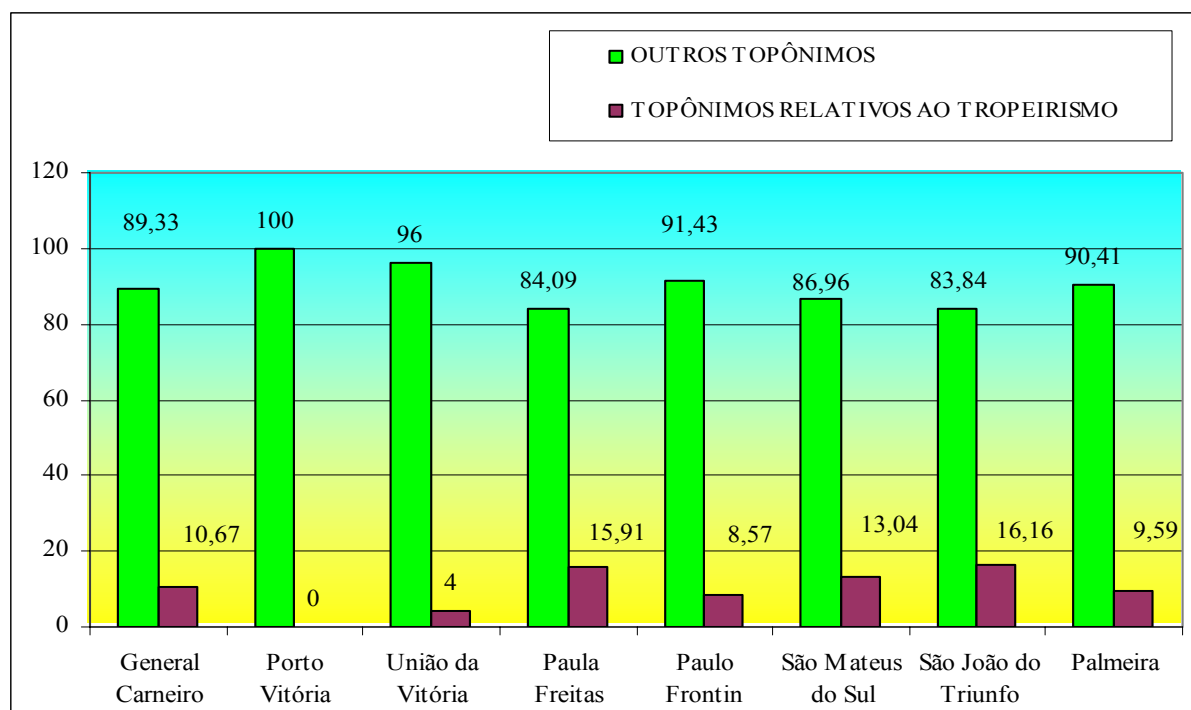
O grande problema na seleção dos topônimos relativos ao Ciclo do Tropeirismo foi exatamente o estabelecimento da relação entre os sintagmas toponímicos inventariados e os acontecimentos peculiares da atividade que envolvia os tropeiros, as tropas de animais, os caminhos percorridos e os pousos para descanso. Não podemos afirmar

categoricamente se os topônimos selecionados representam nomeações originadas do antigo ciclo econômico ou criações surgidas em épocas mais recentes.



**Gráfico 12** – Distribuição percentual dos topônimos com destaque para os relativos ao Tropeirismo do Caminho das Missões

Notamos pelos dados visualizados no Gráfico 12 que os municípios de Coronel Domingos Soares (20,69%), Palmas (19,75%), Teixeira Soares (18,03%) e Tibagi (17,31%) apresentaram os maiores percentuais de topônimos que remetem ao tropeirismo. Já os municípios de Ivaí (1,64%), Prudentópolis (3,6%), Guamiranga (5,26%) e Castro (5,34%) registraram os menores percentuais. Esses topônimos, num total de 142, representam 11,23% dos 1.265 identificados nos municípios localizados no Caminho das Missões e que foram apresentados no Quadro 23 do Capítulo 3.



**Gráfico 13** – Distribuição percentual dos topônimos com destaque para os relativos ao Tropeirismo na Estrada de Palmas

O Gráfico 13 visualiza em percentuais a produtividade dos topônimos que remetem ao ciclo do Tropeirismo, por município, na Estrada de Palmas. O município de São João do Triunfo, com 16 topônimos (16,16%), evidenciou o maior índice de ocorrências, seguido de São Mateus do Sul com 12 topônimos (13,04%) e de Paula Freitas 7 topônimos (15,91%). O município de Porto Vitória não contém topônimo relacionado ao Tropeirismo. Os 56 topônimos selecionados, entre os 523 registrados nesse caminho, representam 10,71% do total e estão relacionados no Quadro 24 do Capítulo 3.

Esses números revelam uma diferença muito pequena quanto ao percentual dos nomes que remetem ao tropeirismo, entre os topônimos dos Caminhos das Tropas aqui pesquisados.

Para melhor sistematizar os topônimos que remetem ao ciclo econômico do Tropeirismo, dividimos o inventário de designativos em campos léxicos: *a) espécies de animais conduzidos pelas tropas; b) locais de pernoite e de descanso; c) locais de passagem das tropas; d) utensílios e apetrechos.*

A seguir, passamos a analisar os topônimos que foram agrupados a cada um desses campos.

a) *Espécies de animais conduzidos pelas tropas* – Alguns topônimos lembram as espécies animais que compunham as tropas. **Baio**, por exemplo, uma lexia definida por Houaiss (2001) como “que tem a cor castanha ou amarelo-torrado”, faz referência à cor do cavalo, animal que integrava as tropas com destino às feiras de Sorocaba e de São Paulo, para comercialização. O nome ocorre em 4 topônimos – o rio *do Baio* e os povoados *Rio Baio I*, *Rio Baio II* e *Rio Baio III* (SJT), estes últimos uma referência geográfica ao rio do *Baio*, pela proximidade geográfica. Observamos, nesses casos, a toponimização do acidente geográfico “rio” já que compõe a estrutura toponímica como elemento específico nos designativos dos três povoados; **boi**, por sua vez, ocorre em forma composta nomeando o arroio *Poço do Boi* (TSO) com função adjetiva e o rio *Boi Carreiro* (PIN) como elemento específico, um substantivo, acompanhado pelo qualificador *carreiro*: “designação genérica de cada um dos bois que puxam carros de carga” (HOUAISS, 2001). Conforme Dick (1990a, p. 273-274),

o boi e o cavalo participando do desbravamento de áreas leva consigo as correntes de civilização, através dos campos e cerrados e das zonas ribeirinhas, foram os promotores de `fecundos panoramas da geografia lingüística brasileira`, no dizer de Eugênio de Castro, representados pela Geografia do Gado [...]

Já a lexia **boiada**, no sentido de “rebanho bovino” (HOUAISS, 2001), nomeia o córrego *da Boiada* (PAL).

**Burro** é outra lexia vinculada a esse grupo, definida por Houaiss (2001) como “mesmo que jumento; animal híbrido, estéril, produto do cruzamento do cavalo com a jumenta, ou da égua com o jumento; besta, macho, mu, muar, mulo”. Ocorreu em forma primitiva simples na nomeação de uma água<sup>275</sup>, no município de Tibagi (água *do Burro*) e, em formação composta, acompanhado por um determinante, em córrego *Burro Bravo* (CDS) e córrego *Burro Morto* (PFS). Já o topônimo *Burro Morto*, provavelmente, tenha sido motivado por acontecimentos como os narrados por Burmeister (apud GOULART, 1961, p. 84) em suas viagens ao interior do Brasil, acerca das atitudes dos tropeiros com animais que morriam vítimas da péssima condição das estradas:

---

<sup>275</sup> - O nome “água”, nesse contexto, refere-se a acidente geográfico, a um curso de água, como arroio, córrego, riacho. A distinção está nos aspectos da corrente hídrica, como volume de água, largura e profundidade.

Tive ocasião de ver um animal desses, vivo ainda, coberto com uns ramos, tentando, em vão esforço, levantar a cabeça de quando em vez. Os brasileiros costumam deixar as pobres bestas no próprio lugar em que tombavam, sem se importarem com a morte delas, sem tirá-las do caminho. Uma vez caído o animal, aliviam-no da carga a fim de lhe facilitar os movimentos; se, mesmo assim, não consegue pôr-se de pé, sinal evidente de sua fraqueza e inutilidade e, mais ainda, de sua morte próxima, abandonam-no” (BURMEISTER, apud GOULART, 1961, p. 84).

Já a lexia **gado**, registrada por Houaiss (2001) como “conjunto de animais (carneiros, cavalos, bois, cabritos, etc)”, ocorre em formação simples, nomeando o córrego *do Gado* (GCN) e em formação composta na posição de adjetivo, nomeando o distrito *Arroio do Gado* (GCN).

Uma unidade lexical que não é de uso comum e que foi incluída neste grupo é **manchorra**, topônimo que aparece numa binomeação com a lexia *Veredinha*, nas nomeações do córrego *Manchorra* ou *Veredinha* (PAL/CDS). Houaiss (2001) define *machorra* como “fêmea estéril, incapaz de procriar”. Trata-se de um caso de nasalização por assimilação da nasal inicial. Outra hipótese, para esclarecimento do significado da lexia, é a sua formação com “mancho” com sentido de “B. com falha, imperfeição (diz-se especialmente do andar de cavalgadura); defeituoso, falho, manco” + a terminação “rra” como sufixo aumentativo (HOUAISS, 2001).

**Manhoso**, por sua vez, ocorre apenas uma vez em todo o *corpus* pesquisado. Houaiss (2001) registra essa lexia como aquele “que tem manha, habilidade para realizar algo; desenvolto, destro, talentoso”. Trata-se de um zoônimo atribuído a algum animal integrante das tropas, cujas características devem ter motivado o denominador no momento do ato denominativo. Segundo Goulart (1961, p. 138), “nas tropas, todos os animais são batizados, têm seus nomes. [...] o camarada chama o animal pelo nome, acalmando-o, estimulando-o quando necessário. Conhece-lhes as baldas<sup>276</sup>, as nicas<sup>277</sup>, as manhas e as qualidades”.

Outro item lexical que aparece nesse grupo é **mula**, definido por Houaiss (2001) como “fêmea do burro (animal híbrido)”, e que ocorre, no *corpus*, em sua forma primitiva, nomeando a serra *da Mula* (PIN) e na forma simples pluralizada, nomeando o arroio *das Mulas* (SMS).

<sup>276</sup> - Houaiss (2001) define “balda” como “ação habitual; defeito ou hábito arraigado, mania”.

<sup>277</sup> - “Nica” designa “melindre exagerado; impertinência; rabugice” (HOUAISS, 2001).

É pouco expressivo o índice de nomes dos animais conduzidos numa tropa como designativos de nomes geográficos.

b) *Locais de pernoite, descanso e engorda dos animais*. Incluem-se, nesse campo, os topônimos que se referem aos locais escolhidos pelo tropeiro chefe para o descanso dos animais ao final do dia, pouco antes do escurecer, depois de uma caminhada<sup>278</sup>. Chamavam a essa parada de “bater-estaca”, como sinônimo de acampar, já que era costume, quando chegavam ao local determinado, fincar estacas onde eram amarrados os animais (GOULART, 1961, p. 149). Esses locais ofereciam bom pasto e boas aguadas aos animais, por isso, na maioria das vezes, localizavam-se à beira de um córrego ou de um rio.

Fazem parte desse grupo os topônimos formados com as seguintes unidades lexicais:

i) **alvorada**, que é definida por Houaiss (2001) como “primeira claridade ou crepúsculo da manhã”; “canto das aves ao nascer do dia; manifestação ruidosa (foguete, toque de musica, salva de tiros, etc)”. No caso das tropas, ocorriam muito, durante a alvorada, os mugidos dos bois, relinchos dos cavalos, zurros dos burros e mulas e o falatório dos tropeiros, depois de um grande silêncio durante a noite. Esse topônimo nomeia apenas o bairro rural *Alvorada* (PRU);

ii) **aparição** ocorre duas vezes no *corpus*, nos designativos do povoado *Aparição* e do córrego *Aparição* (CAS). Originalmente, o termo *aparição* significa “manifestação, aparecimento súbito e sobrenatural de um ser; espectro, fantasma” (HOUAISS, 2001). Mas, no caso desse topônimo, curiosamente, segundo informações da Associação Amigos do Museu do Tropeiro, de Castro, refere-se ao local onde os tropeiros deixavam as éguas e vacas para parirem, daí o nome de “parição” que, mais tarde, recebeu o antepositivo *a-* substituindo o artigo definido que acompanhava o substantivo “parição”, durante as conversas entre os moradores locais. Este caso, em particular, confirma a grande dificuldade encontrada pelos toponimistas para desvendar a motivação de certos designativos;

iii) **Cocho** também entra no rol dos topônimos que só aparecem uma vez como designativo e nomeia o rio *dos Cochos* (SMS). Houaiss (2001) define *cocho* como “recipiente de madeira ou outro material de vários formatos e tamanhos usado para diversos fins”. Neste caso específico, um recipiente de madeira usado para depositar ração para o consumo dos animais;

---

<sup>278</sup> - Percurso de 3 a 4 léguas vencido a cada dia de viagem.

iv) **amparo** também ocorre somente uma vez, nomeando um distrito de Tibagi que recebeu esse nome, segundo informações do Museu do Garimpo de Tibagi, pela acolhida do povo local aos tropeiros que chegavam cansados das longas caminhadas e se sentiam amparados, pois encontravam boa comida, amizade, bons pastos para o gado, rancho para pernoite, por isso, muitos deles se instalaram de forma definitiva na localidade;

v) **Cantagalo** é um topônimo que também nomeia um bairro na cidade do Rio de Janeiro e uma cidade no estado do Paraná. No *corpus* desta pesquisa, aparece como designativo do ribeirão *Cantagalo* (BIT) e do povoado *Cantagalo* (PAM). É uma lexia não dicionarizada, porquanto, entendemos se tratar de uma expressão frasal, como Quebra Perna, Quebra Queixo, embora formando um só vocábulo. Wachowicz (2001, p. 155) cita, quando se refere à colonização do vale médio do rio Iguaçu, entre outras, a Colônia Canta Galo, em 1892. Essas expressões toponomásticas receberam a classificação de Dirrematotopônimos;

vi) **Descanso** é outro topônimo que integra esse campo e nomeia o ribeirão *do Descanso* (CAS). Segundo Houaiss (2001), designa “cessação de uma dada atividade”. O descanso para os tropeiros e para os animais significava o revigoramento de suas forças para o prosseguimento da viagem. Embora a ação de descansar tenha ocorrido inúmeras vezes ao longo dos caminhos pesquisados, o topônimo *Descanso* aparece em um só registro;

vii) **espera bóia**, também classificado como *Dirrematotopônimo*, denota uma prática comum entre os tropeiros, depois de uma estafante caminhada. Enquanto organizavam as cargas na dura tarefa de descarregar os animais e os levavam para o pasto, os tropeiros aguardavam o sinal do cozinheiro para o momento tão esperado da alimentação. Segundo Goulart (1961, p. 125), “[...] os camaradas, mal deixavam os animais no pasto, depois de uma série de afazeres que lhes competiam nessas ocasiões, corriam céleres para o prato de feijão com carne seca e a caneca de café fumegante”;

viii) **invernada** no sentido de “pasto de longa extensão, cercado de obstáculos naturais ou artificiais, que se destina ao descanso, à engorda de animais de criação ou a outros fins” (HOUAISS, 2001) também aparece no *corpus* como forma primitiva singular nomeando o arroio da *Invernada* (PGS) e como forma derivada com o morfema de grau diminutivo *-inha*, designando o povoado *Invernadinha* (GUA) e o arroio *da Invernadinha* (TSO);

ix) **piquete** que, segundo Houaiss (2001), designa “pequeno potreiro que, perto de uma habitação, é usado para recolher os animais utilizados em serviços diários”, aparece em formação composta no topônimo povoado *Piquete Velho* (IPI);

x) **Papuã**, por sua vez, ocorre em formação composta acompanhada da locução adverbial *de cima*, nomeando o povoado *Papuã de Cima* (UVI). *Papuã*, segundo Houaiss (2001), é “o mesmo que capim-marmelada”, existente em grande escala nos campos do Paraná. Quanto à locução adverbial formada com a lexia *cima* (de, em, para), Souza (1961, p.42) registra que “é muito em uso na Bahia e no Nordeste e trata-se de um modo de se referir dos moradores da costa ou zona beira-mar, de tudo o que diz respeito às terras do interior; dos sertões e expressões como “Lá em cima”, significando “lá no interior” são bastante comuns”. Essa expressão é registrada várias vezes no *corpus*, na formação de topônimos, o que se imagina, considerando o registro de Souza, que, possivelmente, à época, a região já era povoada, dentre outros, por migrantes nordestinos;

xi) **Pouso**, outra unidade léxica que remete diretamente ao ciclo do Tropeirismo, designando “lugar onde se pernoita” (HOUAISS, 2001). Ocorre em formação composta, na nomeação do córrego *do Pouso Feio*, em Coronel Domingos Soares e do ribeirão *do Pouso Bonito*, em General Carneiro. O pouso das tropas, uma prática normal durante o ciclo do tropeirismo, foi muito importante para o desenvolvimento do Brasil no período colonial. Goulart (1961, p. 143) assim, registra a sua impressão a esse respeito:

Fincado o pouso, logo surgia nas suas imediações um ou outro morador, erguendo palhoça, acomodando criações, plantando milho, e passando a negociar com os homens das tropas que ali pernoitassem. Prosperando, montava venda, abastecia-se melhor e começava a nascer um povoado.

xii) **Rancho** também é uma lexia que remete diretamente ao ciclo do tropeirismo e corresponde, segundo Burton (1983, p.178), “à segunda fase de evolução que se operava desde o pouso até o reconhecimento de uma nova cidade”. Postula o autor que “corresponde ao bangalô de viajantes, faltando, porém, leito, cadeira, mesa, e ainda os bandidos e salteadores”. Como toponomástico ocorre uma vez, acompanhada por um quantificador, nomeando o povoado *Três Ranchos* (BIT) e em formação simples na nomeação do lajeado do *Rancho* (CDS);

xiii) **retiro**, que ocorre no *corpus* com o significado de “rancho para guarda do gado durante o inverno” (HOUAISS, 2001), aparece como forma simples, no topônimo córrego *do Retiro* (PAL) e em formação composta com um qualificador em povoado *Bom Retiro* (CDS), distrito *Bom Retiro* (PIN) e arroio *Bom Retiro* (GUA);

xiv) **responte**, registrada no inventário toponímico do *corpus* aqui analisado, é uma lexia não dicionarizada. No entanto, conforme entendimentos mantidos com o professor João Francisco Lopes, da Escola do Assentamento 12 de Abril, do município de Bituruna, o nome correto seria *reponte*, unidade registrada por Houaiss (2001), como “B. S. ato de repontar (enxotar)”. Já *repontar* é definida no mesmo dicionário como o ato de “enxotar (animais) em certa direção” (etimologia: do espanhol *repunte*). Para reunir os animais, os tropeiros os enxotavam em direção a um local sem saída, principalmente os animais que se desgarravam das tropas. A lexia aparece apenas na nomeação do povoado *Responte* e do córrego *Responte* (BIT);

xv) **Rincão**, unidade lexical que é definida por Houaiss (2001) como “trecho de campanha, cercado por acidentes naturais como rios, matos para onde se levam os animais, a fim de que lá pastem em segurança”, outro topônimo incluído no campo em análise. A lexia aparece em duas nomeações como forma simples – córrego *Rincão* (CDS) e povoado *Rincão* (PGS) – e como forma composta na posição de elemento possuído – no topônimo rio *Rincão da Canoa* (GUA);

xvi) **Rodeio**, por sua vez, é outra lexia que se refere aos locais de reunião do gado. Conforme definição de Houaiss (2001), significa “ato de reunir o gado em local determinado para marcar, curar, ferrar”. Ocorre em forma simples, nomeando o córrego *Rodeio* (BIT/PFS); em forma simples derivada com o morfema de grau diminutivo, designando o córrego *Rodeiozinho* (PAL) e em forma composta como parte de uma locução adjetiva no sintagma toponímico arroio *Água do Rodeio* (TSO). Dick (1990a, p. 276) menciona alguns designativos com a lexia *rodeio*, na toponímia brasileira: *Rodeio* (AH MG SC), *Rodeio Doze* (AH SC), *Rodeio Bonito* (AH RS), *Rodeio Chato* (AH SC) e *Rodeio Colorado* (AH RS);

xvii) **tapera**, que nomeia um referente que relaciona mais diretamente ao mundo do tropeiro, se atualiza tanto na acepção de forma de abrigo nas tempestades, como na de lugar para “fincar um pouso”. Trata-se de uma lexia de origem tupi (de “*tab`éra*”, na acepção de aldeia extinta, a ruína, lugar onde existiu uma povoação (SAMPAIO, 1928). No âmbito da toponímia estudada nesta pesquisa, tem a conotação de “residência ou fazenda, em ruínas, tomada pelo mato; qualquer local destruído, de mau aspecto” (HOUAISS, 2001) e aparece no designativo ribeirão *Tapera* (PAM);

xviii) **Tibagi**, por seu turno, é uma unidade lexical de origem tupi, originada de “*tyba-g-y* e significa o rio do pouso” (SAMPAIO, 1928). As margens do rio Tibagi eram locais de paradas obrigatórias para descanso das tropas ao final das longas caminhadas. Esse

rio passa pelos municípios de Tibagi, Ponta Grossa e Palmeira. Na forma derivada *tibaginho* (com morfema de grau diminutivo) nomeia o rio *Tibaginho* (PAM).

Com a análise desses topônimos completamos o campo léxico relativo aos locais de pouso, de descanso e de engorda dos animais.

c) *Locais de passagem das tropas*. A esse campo foram agrupados os topônimos que fazem referência aos locais de passagem das tropas durante as viagens, em quaisquer espaços físicos, como rios, campos, campinas, florestas. **Atalaia**, por exemplo, é uma lexia que, na definição de Houaiss (2001), designa “lugar elevado de onde se observa ou se vigia”, e nomeia o distrito *Atalaia* (GUA); já **atalho** é um item lexical definido por Houaiss (2001), como “caminho secundário, derivado de um principal, pelo qual se encurtam distâncias e/ou se chega mais rapidamente ao local de destino” e aparece no *corpus* deste estudo, nomeando um acidente físico – arroio *do Atalho*, no município de Tibagi. Trata-se de uma lexia formada por derivação regressiva, já que a forma primitiva é o verbo *atalhar*.

Outra unidade lexical muito recorrente no *corpus*, nomeando vários acidentes, é **campo**. Abreu (1963, p. 272) esclarece o uso dessa unidade lexical quando apresenta o contraste do campo do Sul com a caatinga do Norte e Nordeste: como “espaço físico com rios perenes em grande número, clima menos ardente, matas de pinheiro, cujos frutos eram excelentes e abundante provisão, constituindo no meio das solidões um verdadeiro oásis”. Combina essa definição com a de Maack (1948)<sup>279</sup>, com referência aos “Campos Gerais do Paraná”, quando a define como “uma zona fitogeográfica natural, com campos limpos e matas galerias ou capões isolados de floresta ombrófila mista, onde aparece o pinheiro araucária”. Essa unidade lexical apareceu na toponímia em estudo só em formas compostas (substantivo + adjetivo com ou sem conectivo): povoado *Campo Novo* (BIT/IPI/TBG) e córrego *Campo Novo* (GCN), povoado *Campo Bonito* (GUA), povoado *Campo Alto* (IPI), arroio *Campo Frio* (PFS/ PFN) e ribeirão *Campo do Meio* (CAS).

A lexia **campina**, por sua vez, em termos semânticos, aproxima-se do significado de *campo*. Houaiss (2001) a define como “formação herbácea contínua e desprovida de árvores; campo, prado; o mesmo que campo limpo”. Segundo Souza (1961, p. 92), trata-se de um “vocábulo português que designa, no centro do Brasil, entre Bahia e Goiás, especialmente, curiosas e extensas planícies cobertas de relva muito dura, capim, quase desprovida de flora arbórea”. “Nas campinas, léguas e léguas se apresentam sem árvores [...]”

<sup>279</sup> - Fonte consultada: site da Universidade Estadual de Ponta Grossa / Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais: [http://www.uepg.br/dicion/campos\\_gerais/htm](http://www.uepg.br/dicion/campos_gerais/htm) Acesso em: 10.jan.2006.

Em formação simples ocorre na nomeação do povoado *Campina* (IMB), do arroio *Campina* (GUA) e do arroio da *Campina* (TBG). Já na formação composta ocorre em povoado *Campina Alta*, povoado *Campina dos Costas* (TBG) e povoado *Campina do Tigre* (TSO/GCN). **Divisa**, por sua vez, definida por Houaiss (2001) como “linha demarcada no terreno por um conjunto de acidentes naturais ou artificiais, que estabelece a separação de duas propriedades vizinhas”, nomeia o povoado *Divisa* e arroio *Divisa* (IPI), ribeirão *Divisa* (PAL) e córrego *Divisa* (CDS).

Já **encruzilhada**, o cruzamento ou lugar onde se cruzam estradas, caminhos, nomeia o povoado *Encruzilhada* e a colônia *Encruzilhada* (UVI); povoado *Encruzilhada* (PAM). **Entrada**, no sentido aqui tomado, se refere, conforme Houaiss (2001), à “abertura, com ou sem porta, que permite acesso a algum local”, e nomeia apenas um acidente físico – córrego da *Entrada* (PAL). **Estiva**, por sua vez, é classificada por Houaiss (2001) como regionalismo do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, com o sentido de “ponte rústica construída com paus atravessados por sobre um córrego ou vala”. Nas viagens dos tropeiros, a construção de estivas era bastante comum, dada a necessidade de transpor pequenos obstáculos, atoleiros, pequenos cursos d’água etc. Essa unidade lexical nomeou o povoado *Estiva* (TBG), o povoado e rio *Estiva* (SMS). **Passagem**, na acepção de “lugar por onde se passa” (HOUAISS, 2001), foi registrada uma única vez no conjunto toponímico aqui examinado - córrego da *Passagem* (BIT). Dick (1990a, p. 276-277), quando se refere ao Nordeste, cita a concorrência de dois fatores distintos que repartiram a região em duas áreas típicas – a cana de açúcar e o gado. E, especificamente, quanto à área do gado, lembra um importante registro de Diegues Junior, ao mencionar o rio São Francisco como

ponto de irradiação da criação do gado, que converteu-se em eixo de comunicação entre as povoações litorâneas e as do sertão piauiense; daí o fato original na nossa história, de ter sido o Piauí povoado do centro para o litoral (apud DICK, 1990a, p. 276).

Continuamos a citação de Dick lembrando que, ao contrário do que ocorreu com alguns registros da lexia *passagem* como designativo de lugares na área mencionada, na região pesquisada para este trabalho, a produtividade foi insignificante. Dick (1990a, p. 277) prossegue a citação, ponderando que

Na “Passagem do Juazeiro”, nome primitivo do atual Juazeiro, na Bahia, passavam os que se destinavam ao centro do Piauí e de Pernambuco, ou daí para a Bahia [...] Outro ponto de **passagem**, onde as tropas faziam pouso, foi a fazenda Nossa Senhora do Rosário, origem do atual município de Remanso [...] Mais acima, outro ponto de trânsito era a “Passagem da Boa Vista” [...] Outras passagens ainda havia [...] no porto da Malhada [...] **Passagem** tornou-se, assim, nome comum nas margens do rio São Francisco, perdurando ainda hoje em algumas localidades.

Dick (1990a, p. 277) lembra alguns topônimos com esse denominativo que ocorrem em regiões pastoris: *Passagem* (AH BA CE MA MG PA PB PE RN SC; C. da, MT; R. da, MT; Rb. da, GO; Rcho MA); *Passagem Boa* (C. MG); *Passagem da Limeira* (AH MG); *Passagem de Cima* (Rcho. BA); *Passagem do Sono* (AH BA); *Passagem Nova* (AH PI).

Já a lexia **passo**, com o sentido de “local de passagem habitual num rio ou arroio” (HOUAISS, 2001); “lugar no rio ou arroio de passagem habitual, onde costumam passar os viandantes quer a cavalo, embarcados ou a bolapé” (CALLAGE, 1964, p.343); “local nos cursos d’água onde se passa a vau ou embarcado” (MORAES, 1964, p.343), nomeia 32 dos acidentes inventariados para esta pesquisa, em formação composta (determinado + determinante): arroio *Passo Fundo* (TSO,SMS), córrego *Passo Fundo* (PAL, CDS), ribeirão *Passo Fundo* (CDS,PAM), rio *Passo Fundo* (PAM), córrego do *Passo Feio* (PAL, CDS), rio *Passo Ruim* (GUA), córrego do *Passo Liso* (PAL, CDS), ribeirão *Passo Velho* (PAL) ou com indicação de particularidade ou localização com a presença do conectivo preposicional (**de**, ou **de + o, a**), como em povoado *Passo da Imbuia* (BIT), povoado *Passo da Barraca* (CDS), córrego *Passo da Galinha* (CDS), córrego *Passo da Laje* (CDS), rio *Passo do Tombo* (PIN), arroio *Passo do Jacu* (GUA), arroio *Passo do Gramado* (PRU), arroio *Passo do Romão* (IPI), povoado *Passo do Pupo* (PGS), arroio *Passo dos PiriQUITOS* (PGS), povoado/ribeirão *Passo da Ilha* (GCN), colônia *Passo do Iguaçú* (UVI), povoado/rio *Passo do Meio* (SMS), arroios *Passo do Carlos*, *Passo do Rubens* e *Passo do Silva* (SJT) e ribeirão *Passo do Brígido* (CAS). Foi registrada apenas uma ocorrência na formação simples em arroio do *Passo* (IMB). Já em forma derivada aparece **passinho(s)** em 03 ocorrências: arroio *Passinho* (IPI), rio *Passinho* (SMS) e arroio *Passinhos* (IVA).

Enquadramos o topônimo *Passo*, para efeito de classificação taxionômica, entre os *hodotopônimos*, por entendermos que as definições registradas para esse termo pelos estudiosos citados combinam com a definição de Dick (1990b, p. 33) para a taxa –

“topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana”<sup>280</sup>. Houaiss (2001) registra para *hodo-* “elemento de composição, um antepositivo, que significa “caminho, via”. Considerando, pois, que o passo representava o “caminho” que permitia a comunicação entre um espaço e outro, entendemos que nessa situação específica pode ser classificado como *hodotopônimo*. No caso específico de *Passo Fundo*, com sete ocorrências no *corpus*, além de o determinante *fundo* registrar a descrição do aspecto “profundidade” do *Passo* (da passagem no rio, arroio), fato comum no antigo traçado das tropas, pode-se também, considerar a hipótese, como os caminhos estudados foram percorridos por muitos tropeiros gaúchos que certamente conheciam a cidade de Passo Fundo. Essa designação pode, pois, ser interpretada como uma homenagem prestada pelo denominador àquela cidade, por meio desses topônimos, o que possibilitaria classificá-los como *corotopônimos*. Consideramos essa hipótese como segunda possibilidade de classificação, já que optamos por classificá-los como *hodotopônimos* pelas razões já expostas.

Já **pinguela**, com sentido de “espécie de ponte tosca feita de paus” (HOUAISS, 2001), ocorre isoladamente no *corpus*, na nomeação do rio *Pinguela* (IPI); **ponte**, por sua vez, na acepção de “obra construída em aço, madeira, cimento armado, etc. para estabelecer comunicação ao mesmo nível entre dois pontos separados por um curso de água ou qualquer depressão do terreno” (HOUAISS, 2001), ocorreu cinco vezes, sempre em formação composta: arroio *Ponte Alta* (TBG), arroio *Ponte de Pedra* (TBG), arroio da *Ponte Nova* (PRU), rio da *Ponte Torta* (SJT) e, com um quantificador, povoado *Três Pontes* (IPI). Trindade (1992, p. 31), quando se refere à grande viagem de Cristóvão Pereira de Abreu, em 1731, a primeira tropeada que saiu da Colônia do Sacramento, no Rio Grande do Sul, com destino a Sorocaba (SP), destaca que

[...] Durante 13 meses, entre 1731 e 1732, ele permaneceu no planalto, fazendo um reconhecimento da picada já aberta e de toda a região. Acompanhado de 60 homens e de um piloto, e conduzindo cerca de 500 vacas apanhadas nos campos de cima da Serra Geral, retificou os rumos traçados por Faria<sup>281</sup>, marcando o trajeto mais para oeste, além de **construir centenas de pontezinhas para facilidade da marcha** (grifo nosso).

<sup>280</sup> A Figura 7 - *Jaguary Catu* – mostra uma tropa de muares atravessando um passo (vau) no rio Jaguaricatu, no município de Sengés (PR), divisa com Itararé (SP). (Cf. p. 50, Capítulo 1).

<sup>281</sup> - Francisco de Souza e Faria foi um expedicionário que, em 1728, sob ordens oficiais, comandou vários homens na abertura do longo Caminho de São Paulo ao Viamão – simplificadamente, Caminho do Viamão – incorporado ao antigo trecho Sorocaba – Curitiba. Faria partiu da vila de Laguna, em expedição exploradora, subindo a Serra Geral até alcançar a Vacaria dos Pinhais, onde descobriu campos e pastos admiráveis e neles, grande quantidade de gado. Em 1730, depois de muito trabalho abrindo uma picada, atingiu o rio Iguaçu, nas proximidades da vila de Curitiba (TRINDADE, 1992, p. 30).

A forma derivada **pontilhão**, que é definida por Houaiss (2001) como “pequena ponte”, também remete às mesmas pontezinhas a que se refere Trindade (1992). As construções de pequenas pontes nos trajetos das tropas era tarefa corriqueira na vida dos tropeiros que, devido ao surgimento de atoleiros, pequenos arroios e abismos no Caminho das Tropas eram obrigados a construir “pontes” para garantirem a passagem da tropa. Apesar de a literatura sobre o tropeirismo consultada para esta pesquisa fazer referência a centenas de pontilhões construídos pelos tropeiros, esta pesquisa registrou a ocorrência de apenas dois topônimos com essa lexia, o povoado *Pontilhão* e o rio do *Pontilhão* (SMS). A Figura 6, no Capítulo 1, representa um desses pontilhões que ficava na divisa das províncias de São Paulo e de Curitiba<sup>282</sup>.

Já a unidade lexical **porteira**, registrada por Houaiss (2001) como “largo portão, não muito alto, que fecha a entrada de fazenda, sítio etc; cancela”, também foi utilizada para nomear acidentes geográficos nos Caminhos das Tropas. Durante as tropeadas era comum, no intuito de tomar um atalho para encurtar a viagem, ou mesmo para evitar um trecho mais difícil do percurso, as tropas serem conduzidas através de terras de propriedades particulares, com a devida autorização do dono, passando assim pelas porteiras que davam acesso ao seu interior. Essa lexia aparece em forma simples na nomeação do arroio da *Porteira* (IPI/TBG), com a marca de pluralidade em rio das *Porteiras* (PIN) e em formação composta em povoado *Porteira Grande* (TBG) e em arroio *Porteira da Chave* (GMG).

**Vau**, por seu turno, é uma unidade lexical definida por Netto (2000, p. 19) como “trecho raso do rio, onde se pode transitar a pé ou a cavalo. Baixio, passagem do rio em que as águas só chegam à cauda do animal, ou até à barriga”. Essas passagens eram escolhidas pelos tropeiros para transposição de um rio. E a passagem mais conhecida dos tropeiros foi o *Vau do rio Iapó* que antes já se transformara, conforme o autor, em

parada demorada dos primeiros espanhóis que se deslocavam para o oeste (Guairá – Paraguai – Peru) acompanhados por alguns índios Tupi-Guarani que ali construíram choças para abrigo provisório. Havia abundância de alimentação e material de construção. [...] O alagamento ocorria com qualquer pequena chuva e, quando as águas desciam para o leito natural, formavam-se nas margens, lagoas ou grandes poças rasas, onde os peixes ficavam presos e eram facilmente capturados (NETTO, 2000, p. 19).

---

<sup>282</sup> - Vide p.49 deste trabalho

Mais tarde o local ficou conhecido como *Pouso do Iapó* e em 1770 foi elevado à categoria de Freguesia, com o nome de Freguesia de *Sant`Anna do Iapó*. Em 1789 foi elevado à categoria de Vila – a *Vila Nova de Castro* passando à cidade de *Castro*, em 1857. Neste estudo, *vau* aparece uma única vez como designativo em rio *do Vau* (SMS) e foi classificado como *hodotopônimo*.

**Veredinha**, por sua vez, é uma lexia formada pelo processo de derivação por sufixação (*vereda* + *inha*). Houaiss (2001) registra **vereda** como de uso na região Centro-Oeste do Brasil, significando “caminho estreito, senda, sendeiro; caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho”. Já Aguilera (1998, p. 99) reproduziu, no *caput* de um artigo, um diálogo ocorrido entre moradores do interior do centro-sul paranaense em que a lexia **vereda** aparece formando uma locução adverbial, que entendemos ser oportuno repeti-lo aqui:

- *Bom dia, comadre! Tá devarde hoje? Vamo entrá?*

- *Não, brigado, tô de vereda*”<sup>283</sup>

Entendemos que, quando relacionamos o topônimo *vereda* ao tropeirismo, tanto no sentido de “caminho estreito” como no da locução adverbial “de passagem”, ele representa bem algumas características próprias das tropas e tropeiros durante as caminhadas. Como designativo de lugares, neste *corpus*, aparece no fenômeno de binomeação, como outros casos registrados: córrego *Manchorra ou Veredinha* que corta os municípios de Palmas e de Coronel Domingos Soares, topônimo também classificado como *hodotopônimo*.

d) *Utensílios e apetrechos* – A esse campo foram reunidos os topônimos que se referem a objetos culturais produzidos artesanalmente e utilizados pelos tropeiros para a caça, o preparo dos alimentos, a montagem da carga dos animais, além de utensílios de uso pessoal dos tropeiros. Iniciando o exame dos designativos agrupados neste campo, temos **bainha**, item lexical registrado por Houaiss (2001) na acepção de “estojo de couro, madeira ou metal em que guarda a lâmina de uma arma branca, para evitar que perca o fio ou enferruje, ou para carregá-la presa à cintura” que teve ocorrência única neste estudo, aparecendo como designativo de um rio, em São João do Triunfo – rio *Bainha*. Caso similar

<sup>283</sup> - “O primeiro pergunta ao segundo se ele está de folga (debalde) e se quer entrar, e o segundo responde que está apenas de passagem (de vereda)” (AGUILERA, 1998, p. 99).

ocorre com **cincerro**, unidade lexical definida por Houaiss (2001) como de uso em Minas Gerais e no Sul do Brasil, para nomear um tipo de “sineta que pende do pescoço de certos animais (égua madrinha, vaca, besta) e cujas batidas, de sonoridade indefinida, servem para guiar e reunir uma tropa, um rebanho”, que ocorreu no sintagma toponímico rio *Cincerro* (PFS). De acordo com o mesmo lexicógrafo, *cincerro* tem origem no espanhol *cencerro*, termo que, segundo Corominas (apud HOUAISS, 2001) é de origem onomatopaica, talvez tomado do vasco<sup>284</sup> *zinzerrri*.

**Ferradura** é outro topônimo que aparece isolado como designativo da lagoa *Ferradura* (SJT). A unidade lexical *ferradura* designa a “peça de ferro em semicírculo, lembrando a letra grega ômega, com que se calçam os cascos de certos equídeos”(HOUAISS, 2001). Logo, um utensílio muito utilizado pelos tropeiros.

Já a unidade lexical **guaiaca** designa “cinto largo de couro ou de camurça, com bolsos onde se guardam dinheiro, objetos miúdos, e que também é usado para o porte de arma”(HOUAISS, 2001) que se transformou em elemento indispensável na indumentária do tropeiro. Segundo o lexicógrafo, *guaiaca* vem da língua quíchua *huayaca*... saco. Apesar de a guaiaca ter sido um utensílio básico para o tropeiro, motivou apenas dois designativos, no âmbito deste estudo: o povoado *Guaiaca* e o arroio *Guaiaca* (SJT).

Outro item lexical que aparece como designativo em quatro dos municípios pesquisados é **moquém**, definido por Houaiss (2001) como “grelha de paus sobre o lume, usado para colocar peixe ou carne para assar ou secar”. Sampaio (1928, p. 269), por sua vez, o registra como de origem tupi, uma “corruptela de *mocaê* ou *mô-caê*, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a carne ou o peixe”. *Moquém* é empregado como designativo de três acidentes geográficos constantes em cinco municípios dentre os aqui estudados: arroio *Moquém* (IPI/IMB/CAS), rio *Moquém* (PGS) e povoado *Moquém* (IMB).

**Mundéu**, por sua vez, é um termo definido por Houaiss (2001) como “armadilha de caça”; e com sentido figurado no Brasil como “qualquer coisa prestes a desmoronar (uma casa velha, por exemplo), constituindo perigo”, ou, ainda, “grande quantidade”. Já Sampaio (1928, p. 268) registra “**mondéo** corr. *mô-ndé*, fazer sobrepor, ou cobrir; o que se alça, o alçapão”. Essa unidade lexical nomeou apenas um acidente físico na esfera desta pesquisa: córrego *Mundéu* (PAL).

---

<sup>284</sup> - Segundo Houaiss (2001), “vasco” significa “o mesmo que basco”. No verbete “basco”, o lexicógrafo registra “língua não indo-européia do tipo aglutinante, considerada língua isolada por não pertencer a nenhuma família linguística e falada pelos bascos”.

A unidade lexical **porungo** é uma variante de *porongo*, lexia definida por Houaiss (2001) como o “mesmo que cabaceiro-amargoso; cabaça; RS cuia de chimarrão”. Ocorreu, nesse caso, o processo de fechamento da vogal “o” > “u” na sílaba intermediária. Segundo Nascentes (apud HOUAISS, 2001), *porongo* tem origem no quíchua *poronco*: “vaso de barro com gargalo estreito”. Cardoso (1961, p. 267), por seu turno, registra a seguinte definição de Sousa Carneiro, na obra *Furundungo* (p. 315): “Porongo (canequinho), copo cheio de cachaça. Porongo, do tupi *purucare*, encher. Do guarani *poraca*”.

Acrescenta ainda o pesquisador que

na Bahia, *porongo* significa vasilha, de um modo geral. Aquele significado de *copo cheio de cachaça* eu não o surpreendi uma única vez na Bahia. [...] O que, entretanto, positivamente, não está certo, é a etimologia tupi-guarani apontada para aquele quechuismo. É mais uma insensata tupimania (CARDOSO, 1961, p. 267).

Esse topônimo aparece, na forma pluralizada, no mapa do município de Guarapuava, nomeando o povoado *Porungos* e o arroio *Porungos*.

Por sua vez, o item lexical **viola** aparece apenas na nomeação do arroio da *Viola* (GUA) e do arroio das *Violas* (TSO), apesar da importância do instrumento musical por ele nomeado no cotidiano da vida dos tropeiros. Durante as longas viagens, nas noites de lua cheia ou à luz de uma fogueira, nas noites frias do inverno implacável da região Sul, era comum o toque de uma viola, acompanhado por canções que falavam de motivos amorosos, da crítica sagaz aos acontecimentos da época, dos homens e das coisas da terra, entoadas por alguns dos tropeiros. Conforme Aluisio de Almeida (1945, p. 131), “a viola era uma companheira amável dos tropeiros”. Entre eles, os violeiros de Sorocaba, Itapetininga, Guareí, Itapeva, Castro, brilhavam nos famosos “desafios” que aconteciam ao longo dos caminhos.

Apresentados os topônimos que foram agrupados nos campos léxicos propostos, destacaremos outros que não puderam ser inseridos nesses campos léxicos, mas que também recuperam aspectos relacionados ao Ciclo do Tropeirismo.

Um topônimo que remete às funções desempenhadas pelos tropeiros durante as viagens é **Núncio**, com ocorrência única em arroio *Núncio* (CDS). Houaiss (2001) define essa unidade léxica como “mensageiro incumbido de anunciar, transmitir a vontade de outrem, repetindo-a”. Essas funções que os tropeiros exerciam aparecem bem descritas nas palavras de Goulart (1961, p. 107):

Além de sua função característica de transportador, o tropeiro tornou-se indispensável em outras atividades. Era o emissário oficial. Era o correio e o transmissor de notícias. Era o intermediário de negócios. Era o portador de bilhetes, de recados, o aviador de encomendas e de receitas.

Trata-se, pois, de uma unidade léxica que remete a um outro momento da história da língua e do povo que a usa e que foi cristalizada pela toponímia.

Dois outros topônimos – **Descadeirado e Fraqueza** – se referem a mudanças no estado de saúde dos animais tangidos pelos tropeiros, em consequência do grande peso das cargas que carregavam, as feridas e as pisaduras<sup>285</sup>, dos males causados pelas ervas venenosas, pelas mordeduras de répteis e pela péssima situação das trilhas percorridas. O item lexical **descadeirado** foi definido por Houaiss (2001) como “que puxa das patas traseiras devido a maus tratos, doenças, etc”. Em *Tropas e Tropeiros na formação do Brasil*, Goulart (1961, p. 82) cita um trecho de Eschwege sobre uma epizootia que acometia as mulas brasileiras a que se dava o nome de *mal das cadeiras*,

As mulas de pernas altas, fogosas, (mais as fêmeas que os machos) estão sujeitas a essa doença que se atribui à inflamação provocadora do grande derreio da anca. O tolhimento abrange até a junta inferior do pé. Caem os animais e não mais se podem pôr de pé. Quando é muito forte a manqueira, suspende-se a parte traseira, abrasa-se com aguardente forte a anca, que também se fricciona com toucinho superaquecido, aí se aplica um emplastro para puxar e quanto ao mais o tempo encarrega-se de completar a cura. [...] *Descadeirada*, diz-se da mula que contrai essa doença *muito comum nos animais cargueiros* (apud GOULART, 1961, p. 82).

A lexia ocorre como designativo de um acidente físico, o rio *Descadeirado* (PIN).

Já **fraqueza** é definida por Houaiss (2001) como “qualidade de fraco; falta de vigor físico, de robustez; debilidade, fragilidade”. Os animais que se apresentavam fracos sem condições de transportar suas cargas no ritmo dos demais, em muitas ocasiões presos em atoleiros pelos caminhos, ou por alguma doença, eram abandonados pelos tropeiros que seguiam viagem com a tropa, apenas contabilizando o prejuízo. Essa unidade lexical aparece em formação composta, na posição de qualificador no sintagma toponímico povoado *Erval Fraqueza* (PRU) e como único elemento específico no topônimo arroio *Fraqueza* (PRU).

<sup>285</sup> - Para Houaiss (2001), a unidade léxica “pisadura” designa “vestígio ou sinal de pisadas; lesão produzida por golpe ou impacto, sem dilaceração ou rotura da pele; B N.E. qualquer ferida em lombo de animais”.

O item lexical **cangueira**, por seu turno, é definido por Houaiss (2001) como “formação calosa no pescoço de animal causada pelo uso de canga”, e compõe os sintagmas toponímicos que nomeiam dois acidentes, um físico e um humano, no âmbito desta pesquisa: povoado *Cangueira* e arroio *Cangueira* (IPI).

Já **lambedor** de uso na Bahia com o sentido de “terreno salgado e alagadiço, muito procurado por animais que vão lambê-lo” (HOUAISS, 2001). Lind (1963, p. 31), por sua vez, registra *lambedor* como um elemento da geologia, significando “terreno salobre com lameiro para animais”. No *corpus* pesquisado surge como topônimo nos designativos povoado *Lambedor* e rio *Lambedor* (IMB). O sintagma **lambe pedra**, nessa mesma linha de sentido, expressa a atitude dos animais quando se deparavam com certas qualidades na constituição de rochas pelos caminhos percorridos. A expressão aparece, nesta pesquisa, nomeando o arroio *Lambe Pedra* (PFN).

Podemos considerar, ainda, outras designações que remetem ao Ciclo do Tropeirismo, como por exemplo, o uso das lexias *Quebra Perna*, *Quebra Dentes* e *Quebra-Queixo*, com função onomástica, nomeando um arroio no município de Tibagi, um rio em Ponta Grossa e um arroio em São João do Triunfo, respectivamente. Não podemos desconsiderar o fato de que os caminhos percorridos pelas tropas apresentavam péssimas condições de tráfego, conforme atestam relatos de viajantes pelo interior do Brasil. Com a existência de buracos e de depressões no terreno e com a formação de lodo incrustado nas rochas, em virtude das constantes chuvas, tornavam-se inevitáveis os solavancos e os escorregões dos animais, provocando, tanto no próprio animal como em seu ocupante, lesões graves nas pernas, nos dentes ou no queixo, daí o uso de expressões dessa natureza para nomear o espaço percorrido pelas tropas.

Conforme Michael (1969, p. 102-105), em estudos sobre onomásticos, genealogias e biografias de tropeiros, boiadeiros e sertanistas paranaenses, ligados às regiões de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, podem ser consideradas de ascendência hispano-ameríndia ou simplesmente hispânica, os nomes de famílias: Ayres, Bueno, Camargo, Garcez, Lemos, Lara, Aguirre, Ribas, Vargas, Xavier, Munhoz, Biscaia, Menezes, Miro, Solano, Vaz, Albernaz, Saldanha, Rosas, Godoy, Flores, Quadros, Mena, Lucena, Moreno, Molina, Montes, Osório, Solis, Romaguera, Araújo, Bonilha, Padilha, Garcia, etc. Ligados à fase das entradas e bandeiras e depois à do tropeirismo, sobressaem onomásticos como os de Bueno, Aguilar, Ávila, Ortiz, Fajardo, Guillén, Lemos, Maldonado, Melgarejo, Navarro, Pamplona, Romero, Salamanca, Trejo, Vasconcelos, Toledo, Tora, Lara, Figueiroa e outros. Segundo o pesquisador, “nos Campos

Gerais, os Ribas, Vargas, Bueno, Miro, Lara, Camargo e outros exerceram, durante muito tempo, a profissão de tropeiro” (MICHAELE, 1969, p. 105).

Localizamos, entre os topônimos analisados, alguns nomes que, pelos registros acima, homenageiam os tropeiros que eram proprietários de terras e de animais e que viviam na região dos Campos Gerais: **Ribas** aparece nos sintagmas toponímicos povoado *Juvenal Ribas* e povoado *Ribas* (TBG), povoado *Lagoa dos Ribas* (CAS) e povoado *Ribas* (PGS); **Lemos** adquire função toponímica em colônia *Faxinal dos Lemos* (GCN) e arroio *dos Lemos* (IVA); **Ávila** nomeia o povoado *Faxinal dos Ávilas* (IMB); **Biscaia** aparece na nomeação do povoado *Biscaia* (PGS); **Meneses**, por sua vez, nomeia o povoado *Meneses* (PGS); já **Padilha** designa um acidente físico – arroio dos *Padilhas* (SJT).

Almeida (1945, p. 170-171) fornece importantes nomes do tropeirismo nacional, notadamente dos paranaenses, quando descreve um convênio (abaixo assinado) que foi publicado nos jornais de Sorocaba, da Corte e das capitais das Províncias de São Paulo e Minas Gerais, em 22 de maio de 1877. Lembra o historiador que, à primeira vista, os vendedores constantes da listagem são paranaenses enquanto os compradores são mineiros. Seguem alguns nomes de vendedores: Francisco Assis Ribas, Dúlcio Mariano Ribas, José Amaral Gurgel Ribas, Benedito Mariano Ribas, José Antônio Santos Ribas, Antônio Duarte Camargo, José Borges Almeida Taques, Júlio Macedo Taques, Balduino Almeida Taques, dentre outros.

Concluída a análise dos topônimos do *corpus* que remetem ao Ciclo do Tropeirismo, a próxima seção está focada nas reflexões sobre a questão da língua de origem de cada topônimo, uma vez que, além dos três estratos lingüísticos (o português, o tupi e o africano) predominantes na formação do português brasileiro, e por consequência, da toponímia brasileira, incluem-se as influências de línguas européias na composição do inventário toponímico pesquisado e algumas considerações sobre a estruturação morfológica dos topônimos.

#### 5.4 ANÁLISE DOS TOPÔNIMOS QUANTO À LÍNGUA DE ORIGEM E À ESTRUTURA MORFOLÓGICA

A composição do léxico de uma língua guarda origens as mais diversas. A língua portuguesa do Brasil, por ser falada e escrita num território inicialmente habitado por

espanhóis que passaram por algumas regiões brasileiras no séc. XIV, dentre outras o Sul do País, e colonizado, a partir do séc. XVI, pelos portugueses, recebeu influências, predominantemente, do português europeu, e em menor escala, do espanhol, mais especificamente, do hispano-ameríndio ou do hispânico. Recebeu influências, também, das línguas indígenas, africanas e de algumas línguas européias trazidas pelos imigrantes que para cá vieram incentivados por programas criados pelo governo brasileiro.

Apresentamos, a seguir, dois quadros onde estão relacionadas as línguas de origens dos topônimos, separados segundo os Caminhos das Tropas que orientam a seleção da área aqui investigada.

ESTRUTURA SIMPLES		
LÍNGUA <sup>286</sup>	QUANTIDADE	EXEMPLOS DE TOPÔNIMOS
LA	7	arroio da <b>Tafona</b> (TSO), rio das <b>Antas</b> (IMB), povoado <b>Tambor</b> (CAS), arroio <b>Alecrinzinho</b> (PIN), distrito <b>Atalaia</b> (GUA), rio das <b>Antas</b> (BIT)
LC/LAB	1	arroio <b>Inhoaiva</b> (CAS)
LE	23	arroio da <b>Invernadinha</b> (TSO), povoado <b>Biscaia</b> (PGS), povoado <b>Rincão</b> (PGS), arroio da <b>Ronda</b> (PGS), córrego do <b>Banhadão</b> (PAL), córrego <b>Responte</b> (BIT), lajeado do <b>Rancho</b> (CDS)
LI	1	colônia <b>Clock</b> (IPI)
LM	1	rio <b>Jangada</b> (BIT)
LNI	20	povoado <b>Saruva</b> (TSO), arroio dos <b>Policenos</b> (TSO), córrego do <b>Chopotó</b> (PAL), córrego <b>Quiguaí</b> (PA), distrito <b>Zatarlândia</b> (PIN), arroio do <b>Butka</b> (GUA), arroio do <b>Tanília</b> (GUA), povoado <b>Menon</b> (IMB)
LP	618	distrito <b>Horizonte</b> (PAL), arroio <b>Engenho</b> (PAL), arroio <b>Faxinal</b> (CDS), córrego <b>Serrinha</b> (PIN), arroio da <b>Fraqueza</b> (GUA), arroio <b>Chupador</b> (PRU), serra dos <b>Macacos</b> (IVA), rio <b>Santana</b> (IPI), arroio da <b>Campina</b> (TBG), ribeirão <b>Cachoeira</b> (CAS), cerro do <b>Perdido</b> (GMG).
LQ	3	rio <b>Pampulha</b> (CAS), povoado <b>Porungos</b> e arroio <b>Porungos</b> (GUA)
LQB	7	córrego <b>Monjolo</b> (CDS/GUA), arroio do <b>Monjolo</b> (TSO), córrego <b>Monjolo</b> (PAL), arroio <b>Monjolinho</b> (CAS)
LT	176	rio <b>Iguaçu</b> (PGS), rio <b>Bracatinga</b> (CDS), rio <b>Chopim</b> (PAL), colônia <b>Iratim</b> (BIT), rio <b>Butiá</b> (CDS), arroio do <b>Capão</b> (GUA), arroio <b>Moquém</b> (IPI)
<b>Sub-total</b>	857	
ESTRUTURA COMPOSTA		
LA + LP	5	povoado <b>Anta Gorda</b> (PRU), rio da <b>Anta Gorda</b> (PRU), rio da <b>Anta Gorda</b> (GUA), rio da <b>Anta Magra</b> (TSO), povoado <b>Anta Mouro</b> (PGS)
LE + LE	1	rio <b>Rincão da Canoa</b> (GUA)
LE + LP	14	povoado <b>Cerro do Tigre</b> (PAL), arroio <b>Banhado Grande</b> (GUA), povoado <b>Cerro Azul</b> (IPI)
LE + LT	1	povoado <b>Paiol do Cambiju</b> (PGS)
LF + LP	1	povoado <b>Piquete Velho</b> (IPI)

<sup>286</sup> - Os códigos lançados para indicação da língua de origem correspondem a: LA (Língua Árabe), LC (Língua Camé), LAB (Língua Abanhaén), LE (Língua Espanhola), LF (Língua Francesa), LG (Língua Guaraní), LH (Língua Holandesa), LHI (Língua Hindustâni), LI (Língua Inglesa), LM (Língua Malaiala), LP (Língua Portuguesa), LQ (Língua Quíchua), LQB (Língua Quimbundo), LT (Língua Tupi), LNI (Língua não identificada).

<b>LP + LA</b>	2	povoado <b>Rio das Antas</b> (PAL), rio <b>Barra da Anta</b> (PIN)
<b>LP + LE</b>	4	povoado <b>Barra das Canoas</b> (PRU)
<b>LP + LI</b>	1	arroio do <b>Sítio David</b> (PRU)
<b>LP + LNI</b>	5	povoados <b>Barra Zampier</b> e <b>Faxinal dos Stadler</b> (IMB), distrito <b>Padre Ponciano</b> (CDS), arroio <b>João Sapietro</b> (PIN)
<b>LP + LOB</b>	2	arroio e povoado <b>Três Monjolos</b> (IVA)
<b>LP + LP</b>	331	córrego do <b>Campo Alto</b> (PAL), córrego do <b>Mato Frio</b> (BIT), arroio <b>Água Clara</b> (TBG)
<b>LP + LP + LP</b>	9	povoados <b>Mato Branco de Baixo</b> e <b>Mato Branco de Cima</b> (IMB), povoado <b>Sete Saltos de Cima</b> (PGS), arroio <b>Faxinal Boa Vista</b> (PRU)
<b>LP + LP + LE + LP</b>	1	povoado <b>São João do Cerro Agudo</b> (CDS)
<b>LP + LP + LT</b>	2	distrito <b>Santo Antônio do Iratim</b> (BIT) e povoado <b>Santo Antônio do Iratinzinho</b> (BIT)
<b>LP + LT</b>	7	povoado <b>Barra do Jacutinga</b> (BIT)
<b>LT + LP</b>	13	povoado <b>Bituva das Campinas</b> (TSO), povoado <b>Taquari dos Russos</b> (PGS), córrego do <b>Capão Alto</b> (PAL), povoados <b>Capivari de Baixo</b> e <b>Capoeira Grande</b> (TBG).
<b>LT + LT</b>	2	rio <b>Cará-Cará</b> (PGS), córrego do <b>Capão do Butiá</b> (PAL)
<b>Sub-total</b>	<b>401</b>	
<b>TOTAL</b>	<b>1.258</b>	

**Quadro 26** – Linguas de Origem dos Topônimos do Caminho das Missões

<b>ESTRUTURA SIMPLES</b>		
<b>LINGUA</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>EXEMPLOS DOS TOPÔNIMOS</b>
<b>LA</b>	6	Córrego da <b>Anta</b> (GCN), rio das <b>Antas</b> (GCN), colônia das <b>Antas</b> (UVI), arroio e rio das <b>Antas</b> (PFS), rio das <b>Antas</b> (SJT)
<b>LE</b>	9	Córrego do <b>Cerro</b> (GCN), povoado <b>Trabuco</b> (PVI), córrego <b>Banhado</b> (UVI), arroio do <b>Cincerro</b> (PFS)
<b>LH</b>	1	Rio da <b>Sumaca</b> (PAM)
<b>LHI</b>	1	Arroio <b>Bengala</b> (UVI)
<b>LM</b>	2	Rio <b>Jangada</b> (GCN/PVI)
<b>LNI</b>	8	Arroio <b>Bantica</b> (PAM), arroio do <b>Massani</b> e rio <b>Belchior</b> (SJT), córrego <b>Tarumã</b> (PFS), povoado <b>Caitá</b> e arroio do <b>Cadene</b> (SMS)
<b>LQ</b>	2	Arroio/povoado <b>Guaiaça</b> (SJT)
<b>LQB</b>	5	Córrego do <b>Monjolo</b> (UVI), rio do <b>Monjolo</b> (PFN), arroio <b>Monjolo</b> (SMS), rio do <b>Monjolo</b> (SJT), arroio <b>Monjolo</b> (PAM)
<b>LP</b>	240	Córrego <b>Fortuna</b> (GCN), arroio <b>Buracão</b> (PVI), rio do <b>Louro</b> (UVI), arroio <b>Campinas</b> (PFN), arroio da <b>Fazenda</b> (SMS), povoado <b>Cachoeira</b> (SJT), arroio <b>Lajinha</b> (SMS), lajeado da <b>Madeira</b> (PAM).
<b>LT</b>	62	Córrego do <b>Piquiri</b> (GCN), rio <b>Iguaçu</b> (PVI), arroio <b>Taió</b> (UVI), córrego do <b>Jacu</b> (PFS), rio da <b>Jararaca</b> (PFN), arroio <b>Xaxim</b> (SMS), ribeirão <b>Papua</b> (SJT)
<b>Sub-total</b>	336	
<b>ESTRUTURA COMPOSTA</b>		
<b>LA + LP</b>	1	Arroio <b>Anta Ruiva</b> (SMS)
<b>LE + LP</b>	6	Colônia <b>Paiol Velho</b> (GCN), povoado <b>Paiol Grande</b> (SMS), povoado <b>Coxilhão do Meio</b> (SJT)

<b>LHI + LQB</b>	1	Córrego <b>Bengala do Monjolo</b> (PVI)
<b>LNI + LP</b>	1	Povoado <b>Pugas de Cima</b> (PAM)
<b>LP + LA</b>	2	Povoado <b>Rio das Antas</b> (GCN), rio <b>Três Antas</b> (UVI)
<b>LP + LM</b>	1	Povoado <b>Barra Jangada</b> (PVI)
<b>LP + LP</b>	156	Ribeirão <b>Barra Bonita</b> (GCN), povoado <b>Santa Maria</b> (PVI), colônia da <b>Fazenda Velha</b> (UVI), rio do <b>Tigre de Baixo</b> (UVI), arroio <b>Passo Fundo</b> (SMS)
<b>LP + LP + LP</b>	8	Colônia <b>Rio Vermelho de Cima</b> (UVI), cidade <b>São Mateus do Sul</b> (SMS), cidade <b>São João do Triunfo</b> (SJT)
<b>LP + LP + LP + LP</b>	1	Povoado <b>Vitória da Linha D. Emília</b> (PVI)
<b>LP + LP + LP + LT</b>	1	Povoado <b>Sete de Setembro Cambuí</b> (PVI)
<b>LP + LT</b>	1	Colônia <b>Passo do Iguaçu</b> (UVI)
<b>LT + LP</b>	7	Morro do <b>Capão Doce</b> (GCN), colônia <b>Papuã de Cima</b> (UVI), povoados <b>Cambará do Sul</b> e <b>Tijuco Preto</b> (SMS)
<b>Sub-total</b>	186	
<b>TOTAL</b>	522	

**Quadro 27** – Línguas de Origem dos Topônimos da Estrada de Palmas

Pelos dados visualizados nos Quadros 26 e 27, verificamos que a língua portuguesa é a base de 1.371 topônimos do *corpus*, correspondendo a 76,68% do total, não se considerando, nesses números, as formações híbridas em cujo conjunto sintagmático aparecem palavras portuguesas.

A contribuição das línguas indígenas na toponímia pesquisada, notadamente a língua tupi, manifesta-se num conjunto de 279 ocorrências, em designativos geográficos simples ou compostos, ou seja, em 15,60% do total de topônimos estudados. Esse índice de ocorrências é significativo, considerando-se que, no estado do Paraná, segundo Romário Martins (1953), viviam muitas etnias indígenas de três grupos lingüísticos – os gês, os tupis e os crêns. Dentre todas as línguas indígenas que habitavam o território brasileiro, “predominaram grupos indígenas que falavam línguas do tronco lingüístico tupi, sobretudo da família tupi-guarani e, em vários pontos litorâneos, os tupinambás e os tupiniquins, grupos inimigos, mas de línguas tão semelhantes – ou variantes dialetais de uma mesma língua” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 76).

Sobre a quantidade de línguas indígenas no Brasil, no momento da chegada dos europeus, Mattos e Silva (2004a, p. 76) aponta a impossibilidade de definição de um número exato de línguas. Segundo a autora, Aryon Rodrigues (1986) admite 360 línguas em 1500. Já Houaiss (1985, p.100) registra a existência, na época, de 1.500 línguas indígenas na área brasílica.

A característica marcante dos topônimos de origem indígena é a referência aos campos da flora e da fauna, num processo de descrição dos aspectos percebidos pelo índio. Conforme Dick (2000, p. 304), “a importância do campo fitonímico para o índio, assim como o zoonímico, é indiscutível e foi mostrada desde os tempos dos primeiros viajantes e religiosos”.

Referindo-se à maneira especial utilizada pelos indígenas para nomear um objeto, Dick (1990b, p.40) lembra as palavras de Theodoro Sampaio sobre a análise etimológica desses nomes e explicita-lhes

o caráter ‘descritivo admirável’, desde que, exprimem, sempre, as feições características do objeto denominado, como produtos que são de impressões nítidas, reais, vivas [...], no máximo convívio com a natureza. Exprimem também meros acidentes em uma circunstância qualquer, mas que deixaram viva recordação no ânimo dos selvagens (SAMPAIO, 1928, apud DICK, 1990b, p. 40).

Sampaio (1928, p. 123), a respeito da natureza da língua tupi, postula que “sendo uma língua aglutinante, com os elementos componentes quase integrais, ou muito raramente contratos, a palavra, nesse idioma, com facilidade se analisa”. Para exemplificar a declaração de Sampaio, lembramos alguns topônimos encontrados na nomenclatura brasileira, de origem indígena, formados por étimos comuns, principalmente em posição final: **tinga** (branco) em topônimos como *Jacutinga*, *Bracatinga*, *Potinga*; **poranga/porã** (belo, formoso, bonito) que aparece no topônimo *Cunhaporanga*; **piranga/pitanga** presentes em *Ipiranga*, *Itapiranga*, *Itapitanga*; **duva/tuva/tuba/tiba** que indica abundância, presentes nos topônimos *Catanduva*, *Papanduva*, *Imbituva*, *Curitiba*, *Guaratuba*; **mirim/miri/i** que indica grau diminutivo (pequeno) como em *Mirim*, *Bitumirim*, *Mogi Mirim*; **açu/guaçu/usu** indicando grau aumentativo (grande) como em *Iguaçu*, *Taquaruçu*, dentre muitos outros.

Segundo Michaele (1969, p. 43), os indígenas eram grandes conhecedores do meio natural em que viviam e, dessa forma, sabiam muito a respeito dos animais e vegetais e se familiarizavam com os segredos curativos de muitas plantas e frutos. Esse conhecimento era registrado em designações botânicas e/ou zoológicas onde expressavam todas as características do espécime.

Dentre os topônimos do *corpus* que apresentam essas características, podemos destacar alguns: a) *nomes de animais*: rio/povoado *Iraticim* (PAL), do tupi “*e’ira*” abelha + “*ting(a)*” branca (SAMPAIO, 1928); colônia *Jacutinga* (BIT) do tupi: corr. *yacú-*

*tinga*, o jacú branco (SAMPAIO, 1928); povoado *Jararaca* (BIT), do tupi: corr. *ya-ra-raca* – aquele que colhe ou agarra envenenando (SAMPAIO, 1928); distrito *Guará* (GUA), do tupi: *guará* ou cão do mato (SAMPAIO, 1928); povoado *Quatis* (IPI), do tupi: corr. *qua-ti*, o que é riscado; o que traz riscas pelo corpo (SAMPAIO, 1928); rio *Pirai* (CAS), do tupi: corr. *pira-y*, o rio do peixe (SAMPAIO, 1928); arroio *Boitaca* (TSO), do tupi: corr. *mbae-taca*, o ruidoso, o barulhento, uma variedade de papagaio (SAMPAIO, 1928); b) *nomes de vegetais*: colônia *Papuã* (BIT), rio *Guabiroba* (GUA) do tupi: corr. *guabi-iroba*, o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928); arroio *Mambeca* (PRU), povoado *Taió* (IPI) do tupi: *taioba* (*tayaoba*) planta áracea de folhas comestíveis (TIBIRIÇÁ, 1985); rio *Taquara* (CAS); rio *Samambaia* (PAM), do tupi: corr. *çama-mbai*, o trançado de cordas; cordas emaranhadas (SAMPAIO, 1928); povoado *Xaxim* (TBG), do tupi: (xanchin) corr. *chan-chin*, ou *çam-ci*, a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).

As designações hidrográficas constituem outra tendência da toponímia brasileira, como forma de registrar a estreita relação do homem com a água, desde os tempos mais remotos. Os povos indígenas brasileiros costumavam designar os seus cursos de água pelo próprio termo comum, pois não viam a necessidade de buscar qualquer outra marca de relevância. Quando se referiam a tais acidentes, indicavam, simplesmente, o denominador básico (rio, córrego, água ou lago) ou acrescentavam a estes uma indicação de cor, volume, natureza da corrente, etc., mantendo o designativo com o acidente nomeado, uma relação associativa ou descritiva (DICK, 1990b). Alguns exemplos desses topônimos encontrados no *corpus* são: córrego *Taquari* (PAL) do tupi: corr. *taquar-y*, o rio das taquaras (SAMPAIO, 1928), rio *Piquiri* (GUA) do tupi: corr. *piquir-y*, o rio dos peixinhos (SAMPAIO, 1928), rio *Tibagi* (TBG) do tupi: corr. *tyba-g-y*, o rio do pouso (HOUAISS, 2001), rio *Capivari* (IPI), rio *Iapó* (TBG) do tupi: (yapó) corr. *y-apó*, a água transbordada, a inundação; a cheia do rio (SAMPAIO, 1928).

Outros designativos oriundos de línguas indígenas que aparecem formando sintagma toponímico no *corpus* são os que se referem a elementos da cultura material do homem como: arroio *Moquém* (IPI) do tupi: *mokaèm* ou *moka`-e`* ”carne preparada segundo técnica indígena primitiva, grelha de varas usada para secar ou assar ligeiramente a carne” (HOUAISS, 2001); arroio *Sururuca* (IVA) do tupi: *suru`ruka* espécie de peneira grossa (FERREIRA, A., 1999); córrego do *Tapuã* (GCN), do tupi: *ita`pwã*, espécie de arpão (HOUAISS, 2001), no caso, classificados como *ergotopônimos*.

É oportuno lembrar que nem todos os topônimos de origem indígena são denominações efetuadas pelos povos indígenas, já que muitos dos locais foram batizados por

colonizadores portugueses e outros, ainda, em “cumprimento ao decreto-lei nº 5.901, de 21 de outubro de 1943 que estabelecia normas para a divisão administrativa e judiciária do País e continha no artigo 7, parágrafo III, a recomendação de que se evitasse, para os novos topônimos, a *escolha de datas, palavras estrangeiras, de personagens vivas e expressões compostas de mais de duas palavras*” (NASCENTES, 1958, apud RAMOS; VENÂNCIO, 2002, p. 122). Esse mesmo decreto “regulamentava a eliminação dos topônimos homônimos (em nomes de cidades) numa tentativa do governo de organizar a toponímia brasileira e incentivar, na substituição dos nomes, o retorno de nomes indígenas, especialmente tupis” (ALBINO, 2002, p.446).

Alguns topônimos oriundos de língua indígena não brasileira, como o *quíchua*, também deixaram algumas marcas na toponímia nacional. Segundo Houaiss (2001), o *quíchua* é uma “língua indígena, ainda hoje falada nos países da cordilheira dos Andes, do Chile à Colômbia, especialmente no Equador e Peru”. Registramos os topônimos **Pampulha**, **Guaiaca** e **Porungos**, oriundos dessa língua indígena americana.

Embora houvesse entre os tropeiros paulistas, paranaenses, catarinenses e gaúchos, indígenas guaranis procedentes das Missões Jesuíticas Guaranis que, sob a orientação e controle dos jesuítas, trabalhavam na criação, engorda e condução de animais até aos postos de comercialização, não localizamos nenhum topônimo de origem da língua guarani.

As línguas de origem africana, que com as línguas indígenas e a língua portuguesa dos europeus, formavam os três estratos lingüísticos que coexistiram no território brasileiro durante o período colonial, deixaram poucas marcas na toponímia pesquisada. Identificamos apenas a lexia **monjolo** e derivados, de origem da língua quimbundo, que aparecem na nomeação de 15 topônimos e **caxambu**, sem étimo definido, em única ocorrência, nomeando o povoado *Caxambu* (CAS). A insignificante presença de palavras das línguas africanas na toponímia é o reflexo do baixo número dessas unidades lexicais na constituição do léxico da língua portuguesa.

O elemento negro passou a integrar a população brasileira, na condição de escravo, principalmente nas tarefas das fazendas, na criação de gado, nas áreas de mineração e na condução das tropas de muares, a partir do início do século XVI. O número exato do contingente de negros que entrou no Brasil durante o sistema escravista é bastante contraditório. Mattoso (1990, apud MATTOS E SILVA, 2004a, p. 100) admite que a população negra chegou a cerca de 3,5 milhões escravos, número bem menor do que os 6,35

milhões proposto por Darcy Ribeiro (2004, p. 162). Outros ainda, citados pelo próprio próprio Darcy Ribeiro (2004, p. 161), arriscam números exageradamente altos, como os 13,5 milhões de Calógeras (1927), ou os 15 milhões de Rocha Pombo (1905).

A baixa incidência de palavras de origem africana no léxico português deve-se, em parte, à situação criada logo no desembarque dos africanos no Brasil, já que “aqui chegados, eram separados, de modo que não ficassem juntos nem por línguas, nem por etnias, nem mesmo por famílias, a fim de serem quebrados nos seus eventuais ímpetos de rebeldia” (HOUAISS, 1985, p.71-72). Os negros já eram escolhidos, desde os portos negreiros de origem até sua localização, como mão-de-obra no Brasil, de tal forma que não pudessem se adensar num ponto qualquer, étnica, cultural ou lingüisticamente falando. Era uma maneira de impedir o vínculo em termos de língua e, desta forma, minar a comunicação entre os escravos, obrigando-os a se subordinarem a uma língua geral (HOUAISS, 1985, p. 77-78).

Já a presença de lexias de origem espanhola na toponímia brasileira, principalmente nas regiões próximas ao Uruguai, ao Paraguai e a Argentina, é bastante evidente. Palavras como **invernada, rincão, rancho, banhado, coxilha(ão), canoa, cincerro, cerro, trabuco, paiol, ronda, biscaia** aparecem na nomeação de acidentes físicos e antrópicos da toponímia paranaense. A difusão desses nomes decorre da influência do elemento hispano-americano estabelecido na República Cisplatina que, por vezes, deslocava-se, adentrando o espaço brasileiro, na atividade de criação de gado, conduzindo os animais para a comercialização nas grandes feiras que aconteciam em Sorocaba e em São Paulo.

Outras línguas, embora em menor proporção, deram origem a outros topônimos catalogados por esta pesquisa. Assim, nomeando um rio que banha os municípios de Bituruna, de Porto Vitória e de General Carneiro aparece o topônimo **Jangada** – do malaiala *changãdam* do sânscrito. Houaiss (2001) define “malaiala” como “língua dravidiana próxima do tâmil, falada na região de Malabar ( estado do Kerala), Sudoeste da Índia”. Já de origem árabe aparecem no *corpus* os topônimos **Alecrinzinho** – forma derivada de **alecrim** de *al-iklil*, **Anta** – *al-lamt* < *ar* – hispânico e magrebino *lamt*, **Atalaia** de *at-talla`a(t)*, **Tafona** – de *at-tahhuna(t)*, **Tambor** de *(at-)tanbur* (FERREIRA, A., 1999). O topônimo *Anta* é o mais recorrente e aparece como forma simples (rio das *Antas* – IMB) ou na forma composta híbrida (povoado *Anta Gorda* - PRU e rio da *Anta Magra* - TSO). Conforme Michaele (1969, p. 122), o elemento árabe (sírios, libaneses, egípcios e outros), chamado indistintamente pelo povo brasileiro de *turco*, começou a entrar no Brasil, nos fins da monarquia, primeiro timidamente, depois tomou impulso de tal forma, que, em muitos lugares, constituiu grandes contingentes, com evidentes tendências de preservar a língua, os hábitos e as tradições da

terra natal. Foi uma imigração espontânea e pessoal, destinando-se ao comércio em geral, tanto do tipo ambulante como do estabelecido.

Apuramos, ainda, um topônimo oriundo da língua holandesa – **Sumaca** –, unidade léxica que designa uma espécie de embarcação, muito utilizada no período da escravidão, para o transporte de negros de várias regiões da África aos países de destino (RODRIGUES, 2005, p.148), no sintagma toponímico rio da *Sumaca* (PAM), e um da língua hindustâni – **Bengala** –, de *Bang-alaya* – reino do banga ou vanga (HOUAISS, 2001) no topônimo arroio *Bengala* (UVI). Para Houaiss (2001), hindustâni é designação de um “povo primitivo que habitou a região; a literatura sânscrita antiga faz referência a esse reino, embora ele não tenha tomado parte ativa na lendária guerra descrita no *Mahābhārata*; Bangla desh é “Bengala livre”, usualmente Bangladesh” (HOUAISS, 2001).

Os casos de hibridismos aparecem em 74 topônimos compostos (4,16% dos topônimos compostos da pesquisa), geralmente com um elemento da língua portuguesa, conforme pudemos constatar nos Quadros 26 e 27. Apenas os topônimos compostos povoado **Paiol do Cambiju** (PGS) e córrego **Bengala do Monjolo** (PVI) são formados não portuguesas e, decorrem, respectivamente, do espanhol + tupi e do hindustâni + quimbundo.

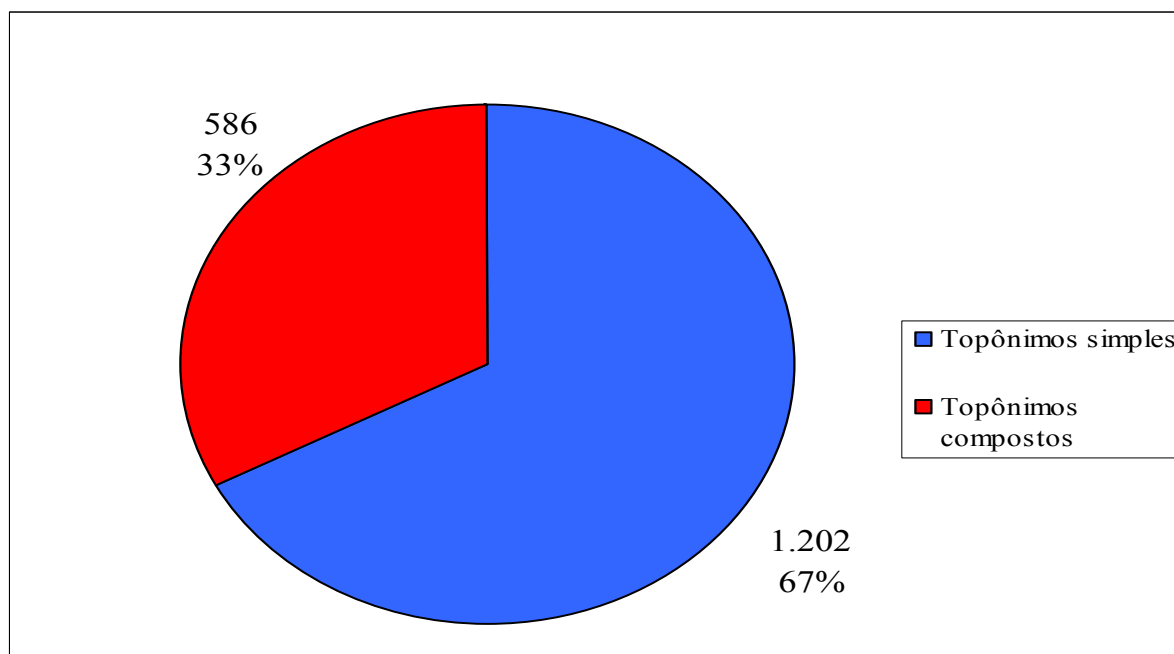
Quando não foi possível identificar a língua de origem do topônimo, utilizamos o código LNI (língua não identificada) como em arroio *Bantica* (PAM), povoado *Caitá* e arroio do *Cadene* (SMS), dentre outros.

Sintetizando, a toponímia estudada nesta pesquisa referenda tendências já comprovadas por Dick (1996, p.35), nas suas pesquisas para o Atlas Toponímico do Brasil – ATB e para o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo:

numa perspectiva *etno-linguística*, o topônimo recebe influências dos estratos lingüísticos da linguagem falada – as camadas portuguesas, a indígena (especialmente a de origem tupi) e a africana, além de uma combinatória das duas primeiras (nomes portugueses + nomes tupis e nomes tupis + nomes portugueses), caracterizando as formações mistas ou híbridas que alteram a posição sintagmática dos elementos constituintes na sequência dos conjuntos.

Quanto à estrutura morfológica, dos 1.788 topônimos inventariados, 1.202 (67,23%) são formados por apenas uma lexia, enquanto 586 (32,77%) apresentam mais de um formante em sua composição, no formato DM + DT: povoado *Coxilhão do Meio* (SJT),

ribeirão *Barra Bonita* (GCN), rio do *Tigre de Baixo* (UVI) são alguns casos. O Gráfico 14, abaixo, apresenta essa distribuição.



**Gráfico 14** – Distribuição numérica e percentual dos topônimos segundo a estrutura morfológica

Os modelos de sintagmas toponímicos presentes no *corpus* pesquisado apresentaram em 496 dos casos (27,74%) os conectivos **de, do(s), da(s)** entre o elemento genérico (acidente físico ou humano) e o elemento específico (o topônimo). Ex: córrego *do Pinhal* (CDS), lajeado *da Catanduva* (CDS), arroio *da Floresta* (IPI). A relação entre o elemento genérico e o elemento específico ocorreu sem a presença de conectivos em 1.292 topônimos (72,26%). Ex: rio *Pinhão* (PIN), rio *Papuã* (SMS), rio *Xaxim* (GUA).

Com esses comentários acerca das línguas de origens dos topônimos estudados, encerramos a análise proposta e passamos às considerações finais do trabalho.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente é importante destacar que, concluída a pesquisa, dentre os fatos examinados, alguns aspectos despontaram na nomenclatura geográfica estudada, e admite-se que um campo para novas investigações fica aberto para estudos posteriores.

Quando se pretende selecionar um recorte para um estudo, algum aspecto, em especial, desperta o interesse do pesquisador. Neste trabalho, o Ciclo do Tropeirismo, período que marcou uma época na história econômica e social do Brasil e que foi representativo no desenvolvimento no período colonial, foi o fio condutor para a seleção do objeto da pesquisa. Referimo-nos a uma época em que o transporte de mercadorias e de pessoas era feito por índios e os negros escravizados e pelos mamelucos assalariados, tanto nos curtos trajetos, como em longas viagens. Todavia, as tropas de animais chegaram e os problemas de abastecimento e de comunicação entre vilas e povoados foram atenuados. Foi justamente o movimento dos tropeiros o critério adotado para a seleção da área a ser investigada nesta pesquisa que teve como objetivos identificar e catalogar os topônimos dos acidentes geográficos, físicos e humanos, coletados em mapas oficiais de 22 municípios localizados nos antigos Caminhos das Tropas – *Caminho das Missões* e *Estrada de Palmas*.

Depois de elaborado o inventário toponímico, efetuamos uma descrição de cada topônimo quanto à língua de origem, à etimologia, à classificação taxionômica, à estrutura morfológica e a análise lingüística dos dados sob duas perspectivas: a quantitativa, considerando o total do *corpus*, e a qualitativa, focalizando o recorte de topônimos que recuperam o Ciclo do Tropeirismo e a questão da língua de origem dos topônimos estudados.

A análise buscou demonstrar as causas que motivaram os denominadores no ato de batismo dos lugares e que os topônimos pesquisados retratam a realidade física, social e cultural da área administrativa estudada. Para tanto, a investigação dos aspectos geohistóricos, sócio-econômicos e antroponímicos foi fundamental.

As hipóteses estabelecidas para a pesquisa foram as seguintes: o topônimo reflete na língua os aspectos físicos e as influências étnicas, históricas, políticas, econômicas e socioculturais da região, como também as expectativas de vida e o conhecimento de mundo dos grupos humanos que ali se fixaram no decorrer da sua história; a toponímia dos municípios pesquisados revela marcas do ciclo econômico do Tropeirismo na história social do estado do Paraná. Ao final do trabalho, podemos asseverar que ambas as hipóteses se confirmaram, visto que designativos, como colônias *Esperança do Meio* e *Encantado* (BIT)

expressam as expectativas de vida do morador da região; rios *Bracatinga*, *Iratim*, *Tapera* (PIN), rio *Capivari* (IPI), rio *Iapó* (TBG), arroio *Moquém* (CAS) – nomes de origem da língua tupi – e arroio do *Monjolo* (TSO) – nome de origem da língua quimbundo – revelam influências étnicas e históricas dos diversos povos que viveram na região pesquisada. Além disso, o estudo confirmou que a toponímia dos municípios pesquisados reflete o Ciclo econômico do Tropeirismo na história social do estado do Paraná, já que 195 topônimos remetem direta ou indiretamente à lida com as tropas de animais, o que corresponde a 10,96% do total do *corpus*. É o caso de córrego *Rodeio* (BIT), córrego *Espera Bóia* (CDS) e arroio *Rondinha* (GUA), arroio *Cangueira* (IPI), arroio do *Atalho* (TBG), arroio do *Cincerro* (PFS), dentre outros.

Esses topônimos registram aspectos do cotidiano de tropeiros e de animais durante as viagens empreendidas, desde os campos do sul até as feiras de Sorocaba e São Paulo, representados por lexias que, na análise, foram agrupados segundo traços semânticos comuns: *espécies de animais conduzidos nas tropas; locais de pernoite e de descanso; locais de passagens das tropas; utensílios e apetrechos*.

Depreendemos que esses nomes remetem direta ou indiretamente ao ciclo econômico que existiu no Brasil no período de 1731 à primeira metade do século XX, por associação a fatos relatados por viajantes que percorreram o interior do Brasil nessa época e que mencionam nomes de tropeiros, de lugares, de animais, de plantas, de fatos do folclore popular. Entretanto, considerando a distância cronológica existente entre o acontecimento sócio-econômico e o registro desses topônimos, em mapas oficiais, fica difícil afirmar categoricamente se um determinado nome surgiu de fato por pura influência do tropeirismo, já que foram mais de dois séculos da atividade econômica em questão, desaparecendo na década 50, do século passado, o que representa quase meio século entre essa época e os dias atuais.

Essa é uma das grandes dificuldades encontradas pelo pesquisador ao estudar a toponímia de uma região, já que, na maioria das vezes, muitas marcas relativas à motivação do nome já se apagaram restando, em alguns casos, apenas suposições ou informações inverídicas sobre os motivos que geraram o nome.

As investigações sobre a toponímia estudada revelaram também importantes descobertas sobre um tipo de homem sertanejo – o tropeiro do séc. XVIII e XIX – que, mesmo enfrentando toda espécie de obstáculos que o sertão inóspito apresentava, como falta de estradas, chuvas intensas, travessia de rios, encontro com índios bravios, irregularidades do terreno, saudades da família, fuga de animais foi o responsável pela criação de várias cidades

no trajeto do Rio Grande do Sul a Sorocaba, o que contribuiu significativamente para a interação entre as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Um aspecto comum entre os resultados desta pesquisa e os de outras sobre a toponímia do estado do Paraná (Francisquini, 1998; Albino, 2002; Zamariano, 2006) e do estado de Mato Grosso do Sul (Tavares, 2005; Dargel, 2003) que merece destaque é a questão das *taxes* mais produtivas: *fitotopônimos* (315), *zootopônimos* (223) e *hidrotopônimos* (210), taxionomias de natureza física; *antropotopônimos* (158) e *animotopônimos* (104), entre as de natureza antropocultural. Essas cinco taxionomias respondem, nesta pesquisa, por 1.012 topônimos, representando 56,60% do *corpus*.

A preferência por nomes dessas categorias é recorrente na toponímia de uma forma geral, já que o homem, pela ação de nomear, procura cristalizar o que tem de mais valioso no local em que acaba de conquistar, como a vegetação, os rios e os animais.

A análise do ponto de vista etnolinguístico demonstrou ainda que, entre 279 topônimos de origem indígena, a maior incidência, como é praxis em toda a toponímia brasileira, recaiu sobre topônimos relacionados à flora e à fauna. Esses dados confirmam as conclusões de Dick (2000, p. 304) de que “a importância dos campos fitonímicos e zoonímicos, para o índio, é indiscutível e foi mostrado desde os tempos dos primeiros viajantes e religiosos”. A língua tupi foi a mais representada entre as línguas indígenas, registrando-se pouca ocorrência de nomes de base guarani e quíchua. O espanhol deixou também suas marcas na toponímia pesquisada, embora em menor proporção, mesmo com a proximidade dos povos hispano-ameríndios ou hispânicos que habitavam os campos do Uruguai, do Paraguai e da Argentina e que constantemente entravam no Rio Grande do Sul e conviviam com tropeiros brasileiros na condução e negócio de animais. Alguns topônimos, ainda, têm origem no árabe, no holandês e no hindustâni.

Embora o contingente de elemento negro distribuído pelo território brasileiro, em especial pelo Paraná, reunisse escravos originários de várias regiões do continente africano, falantes de línguas diversas – estratégia essa utilizada pelos traficantes e fazendeiros com o objetivo de impedir a comunicação e a organização entre os escravos – apenas as dois topônimos foram registrados nesta pesquisa: i) *monjolo*, de origem quimbundo, foi registrada no *corpus*, em forma simples ou composta, com ou sem acréscimo de morfemas sufixais dando origem a 15 topônimos; e ii) *caxambu*, de étimo não identificado que aparece em única ocorrência nomeando o povoado *Caxambu* (CAS).

Alguns topônimos não tiveram a língua de origem identificada. As comunidades ágrafas, devido a processos de variação nas pronúncias das palavras ocorridas

ao longo do tempo, vão transmitindo, de geração a geração, formações “deturpadas” do nome original, dificultando assim a identificação da origem exata de alguns nomes.

Outro fator marcante na toponímia brasileira, que também se sobressaiu no *corpus* desta pesquisa, é a prática de se usar nomes de pessoas em designativos de lugares, como forma de prestar homenagem a pessoas ilustres da região. Ilustra essa situação o caso de *Zatarlândia*, topônimo que nomeia um distrito em Pinhão, e de *Teixeira Soares*, designativo de um município que simboliza uma homenagem ao engenheiro civil Dr. João Teixeira Soares, um dos construtores da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul. O registro de 158 ocorrências (8,88%) de *antropotopônimos* confirma essa tendência do povo brasileiro no ato de nomear os espaços que ocupa.

Já os *animotopônimos* revelaram o estado de ânimo dos desbravadores que chegaram ao estado do Paraná em diversos períodos de sua história, sempre motivados pela possibilidade de encontrar lugares onde pudessem viver bem com sua família e fazer riqueza, apesar dos obstáculos que poderiam enfrentar. Palavras de ânimo nunca faltaram ao habitante da região que, num processo de sacralização de todo o seu entusiasmo, foram elevadas a designativos de lugares. Dentre outros, ilustram isso topônimos como rio *Boa Sorte* e serra da *Esperança* (GUA), rio *Bonito* (CAS), arroio *Bela Vista* (IMB).

Pela análise dos topônimos pesquisados foi-nos possível resgatar importantes acontecimentos da sócio-história do Paraná. Além das marcas do Ciclo do Tropeirismo, outras ainda, deixadas pelos contingentes migratórios e pelos movimentos de construções das primeiras ferrovias no território paranaense, ficaram registradas na toponímia estudada, acontecimentos esses que se consolidaram como forças marcantes na impulsão do desenvolvimento sócio-econômico e cultural do estado do Paraná.

Ao final da pesquisa, os resultados alcançados nos fazem refletir sobre a metodologia de estudos aplicada. Agora, consciente dos caminhos percorridos, podemos afirmar que, em certos aspectos, hoje tomaríamos decisões diferentes quanto ao rumo da mesma pesquisa. A investigação *in loco* - viagem a cada município envolvido, com visitas às prefeituras, secretarias de educação e cultura, museus, associações, bibliotecas públicas e privadas, entrevistas com antigos moradores e ex-tropeiros – certamente renderia informações mais próximas da realidade, além de possibilitar o registro de depoimentos de últimos tropeiros. Não desconsiderando que esses procedimentos nem sempre são possíveis de serem realizados por razões várias, temos consciência de que contribuiriam em muito para melhorar a qualidade da pesquisa. Entendemos que dados colhidos à distância do espaço a ser pesquisado, em livros ou em mapas, às vezes, desatualizados, não seria o único método a ser

adotado em pesquisas sobre a toponímia. Todavia, considerando os objetivos estabelecidos, a metodologia adotada respondeu positivamente aos propósitos da pesquisa e os resultados do estudo confirmam que as decisões tomadas favorecem a conclusão do estudo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500 – 1800) e Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil**. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas Lingüístico do Paraná – veredas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **A geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora UEL, 1998

ALBINO, Lídia. **A substituição do nome de lugar**: um ato essencialmente motivado. 2002. 105 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

\_\_\_\_\_. O resgate do nacional na denominação dos municípios paranaenses. In: **Anais do II Selisigno** – Seminário de Estudos sobre Linguagem e Significação, Imagem e Memória. Londrina: UEL, 2002 p. 445-456

\_\_\_\_\_. **A relação da hidronímia com a história social no Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva**. 2004. 235 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ALMEIDA, Aluísio de. Os caminhos do sul e a feira de Sorocaba. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 186 jan./mar. 1945 p.96-173

\_\_\_\_\_. **História de Sorocaba**. Sorocaba: Editora Capolo Ltda, 1969.

\_\_\_\_\_. **Vida e morte do tropeiro**. São Paulo: Editora Martins, 1971.

\_\_\_\_\_. **O tropeirismo e a feira de Sorocaba**. Sorocaba: s/d

ALMEIDA, Maria Antonieta Carbonari. Os nomes de lugar e sua motivação cultural. In: **Revista Signum**: Estudos da linguagem, Londrina, nº 1, p. 5-14, 1998.

\_\_\_\_\_. Uma nova denominação dos municípios paranaenses. In: **Revista do GELNE** – Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste – Fortaleza:UFC/GELNE, Ano 1, nº 2, p. 48 – 50, 1999.

ARANTES, Aimoré Índio do Brasil et al. Projeto Caminho das Tropas: Importância dos Caminhos Primevos do Paraná na integração do Brasil Meridional/ Levantamento Físico-Geográfico e Histórico. In: LAMB, Roberto Edgar; LEANDRO, José Augusto (Org.) **História e Cultura – V Encontro Regional de História**. Ponta Grossa: Imprensa Universitária – UEPG, 1997. p.135-163

AS MINAS GERAIS. Disponível em: <<http://www.asminasgerais.com.br/.../Hist0002.html>>. Acesso em: 25.mar.2006.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU DO TROPEIRO. Castro (PR) Correspondência de 01.02.06.

ATEPAR – Esboço de um Atlas Toponímico do Estado do Paraná. **Glossário**. Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas – Universidade Estadual de Londrina, Londrina – 1999 (xerocopiado).

AUER, Marta. **Russos-alemães do Volga**. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais. Disponível em: <http://www.uepg.br/dicion/verbetes/n-z/volga.htm> Acesso em: 16 abr.2006.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1970.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858**. Rio de Janeiro: Estabelecimentos Gráficos Iguassu Ltda, 1953.

\_\_\_\_\_. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. (tradução Teodoro Cabral). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

\_\_\_\_\_. **1858, Viagem pelo Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

BACKHEUSER, Everardo. Toponímia. Suas regras, sua evolução. In: **Revista Geográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História. V. IX, X nº 25, 1940 a 1950, p. 163-195.

BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. A erva mate e a madeira. In: **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969 – v. 1, p. 25 – 264.

BATTISTELLI, Edívio; SARAIVA, Maurício P. **Os povos indígenas do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado do Meio Ambiente –SEMA, 1997.

BENCINI, Roberta; ALENCAR, Marcelo. A saga dos velhos brasileiros. In: **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, 1999 – p. 10 – ano XIV – nº 121 – abril/1999

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estrutura mental do léxico. In: BIDERMAN, Maria Teresa Camargo et al. **Estudos de filologia e lingüística**. São Paulo: T.A. Queiroz (USP), 1981. p. 131-145.

\_\_\_\_\_. O léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande (MS): UFMS, 1998a. p. 11 – 20

\_\_\_\_\_. Dimensões da Palavra. In: **Revista Filologia e Lingüística Portuguesa**. São Paulo: USP, 1998 – nº 2, p. 81-118.

BIGG-WITHER, Thomas Plantagenet. **Novo Caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná, três anos em suas florestas e campos – 1872/1875** (tradução, introdução e notas de Temístocles Linhares) Rio de Janeiro, J. Olympio; Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1974

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

BORDONI, Orlando. **Dicionário - A língua tupi na Geografia do Brasil**. Campinas: Gráfica Muto Ltda, s/d.

BRUM, Nilo Barros de. **Caminhos do Sul**. Porto Alegre: Metrópole, 1999, p. 23-121.

BURMEISTER, Hermann. **Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais visando especialmente a história natural dos distritos auri-diamantíferos** (Tradução de Manoel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt). São Paulo: livraria Martins Editora S.A., 1952.

BURTON, Richard. **Viagens aos planaltos do Brasil** (tradução de Américo Jacobina Lacombe) 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: INL, Fundação Pró-Memória, 1983.

CALLAGE, Roque; CORREA, Romaguera; CORUJA, Antônio Álvares Pereira; MORAES, Luiz Carlos de. **Vocabulário Sul-Rio-Grandense**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1964.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARDOSO, Jayme Antônio; WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas Histórico do Paraná**. 2. ed. rev. ampl. Curitiba: Livraria do Chain, Editora, 1986.

CARDOSO, Elisângela Costa Rebello. **Especificidades da motivação toponímica na microrregião de Campo Mourão**. 1996. 93 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CARVALHO, José G. Herculano de. **Teoria da Linguagem – natureza do fenômeno lingüístico e a análise das línguas**. Coimbra: Atlântida Editora, 1973.

CASIMIRO, Lúcia Helena Alves. **Toponímia: uma contribuição aos estudos dos topônimos no Estado do Paraná**. 1996. 120 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CÉGEP DU VIEUX MONTRÉAL – Montréal (Canadá)- Disponível em: <<http://www.cvm.qc.ca/encephi/contenu/philoso/peirce.htm>> Acesso em: 22.jul.2006

CIGOLINI, Adilar; MELLO, Laércio de; LOPES, Nelci. **Paraná – Quadro natural, transformações territoriais e economia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

COSTA, Nivaldete Aparecida Santos. **Topônimos dos municípios paranaenses da região sudoeste**. 1996. 97 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**. 5. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Universidade de Brasília, 1999.

DARGEL, Ana Paula Tribesse. **Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão Sul-Mato-Grossense**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas (MS)

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A estrutura do signo toponímico. In: **Língua e Literatura**. São Paulo: USP, 1980 – v. 9, p. 287-293.

\_\_\_\_\_. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo. Edições Arquivo de São Paulo, 1990 – Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Toponímia e Antroponímia no Brasil.- Coletânea de estudos**. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP, 1990b

\_\_\_\_\_. Atlas toponímico: um estudo de caso. In: **Acta Semiótica et Lingvistica**. Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística: Editora Plêiade, 1996, v.6, p.27- 44.

\_\_\_\_\_. Métodos e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: o atlas toponímico do Estado de São Paulo. In: **Investigações – Lingüística e Teoria Literária**. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística/UFPE, 1999 – v. 9, p. 119-148.

\_\_\_\_\_. Interrelação léxico e cultura na América Indígena. Estudo de Caso. In: **Acta Semiótica et Lingvistica**. São Paulo: Ed. Plêiade, 2000, v.8, p.295-308.

\_\_\_\_\_. Rede de conhecimento e Campo Lexical: Hidrônimos e Hidrotopônimos na Onomástica Brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. vol. 2. Campo Grande: Ed.UFMS, 2004, p. 121-130

DORFMUND, Luiz P. **Geografia e História do Paraná**. 2.ed. São Paulo: Editora do Brasil S.A., 1963.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Lingüística**. 8.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

ELIA, Silvio. **Sociolingüística (uma introdução)**. Rio de Janeiro: Padrão, Niterói: Universidade Federal Fluminense/EDUFF/PROED, 1987.

ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro, São Paulo: Encyclopaedia Britannica Editores Ltda, 1977, v. 4, p. 1- 476.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS.(Planejada e orientada por Jurandy Pires Ferreira). Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 31.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

FERNANDES, Velocino Bruck. A herança tropeira na região Sul. In: **Anais do Encontro dos Institutos Históricos da Região Sul do Brasil**: 5 a 7 de setembro de 2001. Florianópolis: IHGSC, 2001.

FERRARINI, Sebastião. **A escravidão negra na província do Paraná**. Curitiba: Lítero Técnica, 1971.

FERRAZ, Otacílio José Azevedo. **São Paulo Caminhos da Colonização – Viagens de Tropeiros entre Serras**. São Paulo: Antônio Bellini Editora e Cultura, 2002.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cidades brasileiras – origem e significado de seus nomes – Paraná**. Curitiba: Memória do Brasil, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FILIPAK, Francisco. Os Caminhos das Tropas. In: **Revista da Academia Paranaense de Letras** nº 42 Curitiba, 2000, v. 64, p.73-77.

\_\_\_\_\_. Tropeirismo Paranaense. In: **Revista da Academia Paranaense de Letras** nº 42, Curitiba, 2000, v. 64, p. 79-82.

\_\_\_\_\_. **Dicionário sociolinguístico paranaense**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

FLORES, Moacyr. Os Tipos de Tropeiros. In: **I Seminário de Tropeirismo – Museu do Tropeiro em homenagem aos 300 anos - Concessão da Sesmaria da Paragem do Iapó**. 19 e 20 de março de 2004. Castro -Pr p.11-38.

FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. **Tropeiros de Mula**. Curitiba: Gráfica Diário da Manhã, 1985.

FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. **O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos em treze municípios da microrregião de Paranavaí**. 1996. 161 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

\_\_\_\_\_. **O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaíba.** Londrina, 1998 – Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

GECKELER, Horst. **Semântica Estructural y Teoría Del Campo Léxico.** Madrid: Biblioteca Românica Hispânica Editorial Gredos, 1976.

GOMES, Josélia Maria Loyola de Oliveira et al. Tropeiros somos e no caminho andamos. In: LAMB, Roberto Edgar; LEANDRO, José Augusto (org.) **História e Cultura – V Encontro Regional de História.** Ponta Grossa: Imprensa Universitária –UEPG, 1997. p. 165-173

GOULART, José Alípio. **Tropas e tropeiros na formação do Brasil.** Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário Geológico – Geomorfológico.** 7.ed. rev. atual. Rio de Janeiro: IBGE, 1987

GUSE, Sueli R.; LOURDES, Maria de; ZUBACZ, Nelita Galvão. **Resgate Histórico do Município de Ivaí.** Ponta Grossa: Editora Planeta, 2001.

HERTEL, Ralph João George. Aspectos Interessantes da Vegetação do Paraná. In: **História do Paraná.** Curitiba: Grafipar, 1969, v.2, p.129-241.

HOUAISS, Antônio. **O Português no Brasil.** Rio de Janeiro: UNIBRADE – Centro de Cultura, 1985

\_\_\_\_\_: VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E FLORESTAS – ITCF (1987). **A Serra do Mar Paranaense – Flora.** Disponível em: <<http://www.cosmo.org.br/marumbi/serradomar.htm>>. Acesso em: 28.mar.2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O Fato Lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural.** 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara.

\_\_\_\_\_. A toponímia como signo de representação de uma realidade. In: **Fronteiras – Revista História UFMS,** Campo Grande MS v.1 n° 2 p.27-46 jul-dez. 1997.

JORNAL ELETRÔNICO NOVO MILÊNIO (Santos –SP). Disponível em:  
<<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h102x.htm>> Acesso em: 22.jul. 2006

LANGE, Francisco Lothar Paulo. **Os Campos Gerais e sua princesa**. Curitiba: COPEL, 1998.

LEÃO, Ermelino Agostinho de. **Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná**. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1926 v.3

LILLO, Mario Bernal. **Toponímia de Valdivia**. Temuco (Chile): Facultad de Educación y Humanidades, Universidade de la Frontera, EDITCOM, 1990.

LIND, Ivan. **De Portugal ao Brasil – um pequeno estudo de toponímia brasileira**. Lisboa: Casa Portuguesa, 1963

LIMA, Ivone Alves de. A motivação religiosa nos topônimos paranaenses. In: XLV **Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo**, 1997. Anais do... São José do Rio Preto: GEL, 1998, p. 422 - 427.

LYONS, John. **Língua(gem) e Lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MACHADO, Brasil Pinheiro. Contribuição ao estudo da história agrária do Paraná. Formação da Estrutura Agrária tradicional dos Campos Gerais. In: **Boletim da Universidade Federal do Paraná**. Curitiba: UFPR, 1963 v.3

MACHADO, Paulo Ribeiro. **Lideranças do Contestado – A formação e a atuação das chefias caboclas (1912 – 1916)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

MAGALHÃES, Erasmo D'Almeida et al. **Dicionário de Geografia do Brasil com terminologia geográfica**. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

**Manual de Reambulação**. Diretoria de Geociências / Departamento de Cartografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

MAPA MUNICIPAL ESTATÍSTICO. Municípios Seleccionados – Paraná. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. CD-ROM

MAPA POLÍTICO DO ESTADO DO PARANÁ. São Paulo: Editora Trieste, 2005

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. 3.ed. Curitiba: Editora Limitada, 1953

MARTONI, Rodrigo Meira. **Caminhos redescobertos: o potencial turístico das rotas do Sul**. 2005. 183 p. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MATOS, Olga Kyrylko. **Estudos toponímicos das regiões Oeste e Noroeste do Paraná**. 1996. 154 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de português – a língua que se fala x a língua que se ensina**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004a.

\_\_\_\_\_. **”O português são dois” – novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004b.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil** (tradução de Selena Benevides Viana). Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1978.

MELO-LEITÃO, Cândido de. **História das expedições científicas no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973

MENEGUZZO, Isonel Sandino; MELO, Mário Sérgio de. **Escarpa Devoniana**. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais. Disponível em < <http://www.uepg.br/dicion/verbetes/a-m/escarpa.htm> > Acesso em: 10 out. 2006.

MICHAELE, Faris Antônio S. Formação étnica do Paraná. In: **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969, v. 3, p. 71-142.

MORAIS SILVA, Antônio de. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. 10. ed. Revista, corrigida, muito aumentada e atualizada. Lisboa: Editorial Confluência, 1958.

MOREIRA, Hélio Costa. **Toponímia dos mais novos municípios paranaenses**. 2002. 138 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MULLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. 5. ed. atual. Londrina: Ed. da UEL, 2003.

MULTIRIO. Disponível em: <[www.multirio.rj.gov.br/historia/index.html](http://www.multirio.rj.gov.br/historia/index.html)>. Acesso em: 28.mar.2006.

MUSEU DO GARIMPO. Tibagi (PR) Correspondência de 10.01.2006.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico Resumido**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1966.

NETO, Serafim da Silva. **Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

NETTO, Luiz Romaguera. **O vau do Iapó**. Castro: Kugler Artes Gráficas Ltda, 2000.

OKUBARU, Fábio. **A evolução do território paranaense**. Série Mapas do Paraná. Londrina. Jornal de Londrina, 06.08.2002. Rede Paranaense de Comunicação e Secretaria do Meio Ambiente – SEMA (encarte)

OLIVEIRA, Manoel Joaquim de. Notas históricas dos princípios da povoação desta cidade de Sorocaba em 1661. In: **Revista de estudos universitários**. Fundação Dom Aguirre – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, 1981, v.7, nº 2, p. 4-72.

OLIVEIRA, Leodmar Romam de. **Esboço de um Atlas Toponímico**. 2000. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

PÁGINAS ESCOLHIDAS: HISTÓRIA Curitiba: Assembléia Legislativa do Paraná, 2003.

PAPANDUVA (Cidade). Prefeitura Municipal. Disponível em: <<http://www.papanduva.sc.gov.br>>. Acesso em 10.jan.2006.

PAUWELS, P. Geraldo José. **Atlas Geográfico Melhoramentos**. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1949.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Planejamento. Departamento Estadual de Estatística. **Síntese Histórica dos Municípios Paranaenses**. Curitiba: DEE, 1987

PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. **Tropeirismo: um modo de vida**. Curitiba: 1989  
PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMA).  
Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental –  
SUDERHSA. **Atlas de Recursos Hídricos do Estado do Paraná. Bacias Hidrográficas do Estado do Paraná**. Curitiba, 1998.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Projeto Sesquicentenário do Paraná**.  
Disponível em:  
<[http://www.diaadiaeducacao.com.br/portals/portal/institucional/def/def\\_areas\\_historia\\_sesqui\\_paineis.php#tropeirismo](http://www.diaadiaeducacao.com.br/portals/portal/institucional/def/def_areas_historia_sesqui_paineis.php#tropeirismo)>. Acesso em: 18.nov.2005.

PARANÁ. Programa Estadual Paranaidade. **Municípios**. Disponível em:  
<http://www.paranaidade.pr.gov.br> Acesso em: 22. jul. 2006.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

PEREIRA, Mara Dutra. **A toponímia norte-paranaense: uma tentativa taxionômica**. 1996.  
85 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

PINHÃO. Secretaria de Educação e Cultura. Correspondência de 08.05.2006.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil** (tradução de Milton Amado e Eugênio Amado). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.

POMBO, José Francisco da Rocha. **História do Brasil**. São Paulo: Edições Melhoramentos, [s/d]

PONTA GROSSA. Secretaria de Educação e Cultura. Correspondência de 09.05.2006.

PORTO VITÓRIA. Secretaria de Educação e Cultura. Correspondência de 28.04.2006.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. **Estruturas Lingüísticas do Português**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

PRETI, Dino. **Sociolingüística: os níveis da fala, um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

QUEVEDO, Júlio. **As missões – crise e redefinição**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAMOS, Jânia Martins; VENÂNCIO, Renato Pinto. Topônimos mineiros: uma fonte para a história social da língua portuguesa. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALOU, Dinah (orgs.). **Para a história do Português Brasileiro – Notícias de Corpora e outros estudos**. Rio de Janeiro: FAPERJ/UFRJ, 2002, v.4, p. 113-123.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RODRIGUES, Jaime. **De Costa a Costa – Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negro de Angola ao Rio de Janeiro (1780 – 1860)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs). **Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

ROSTAING, Charles. **Les noms de lieux**. 7. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

RUGENDAS, João Maurício. **Viagem pitoresca através do Brasil** (tradução de Sérgio Millet). São Paulo: Livraria Martins Editora/USS, 1972

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil** (Tradução de Leonam de Azeredo Pena) São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941

\_\_\_\_\_. **Viagem a Província de São Paulo e Resumo das Viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai** (Tradução, prefácio e notas de Rubens Borba de Moraes) São Paulo: Martins, Editora da USP, 1972.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à comarca de Curitiba (1820)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. **La Toponímia em Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Publicaciones de la Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na Geographia Nacional**. 3. ed. cor. e aum. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

SANTOS, Paulo Silveira. O tropeirismo na economia nacional. In: **Revista de estudos universitários**. Fundação Dom Aguirre – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, 1981, v. 7, nº 2, p. 79-106.

SANTOS, Célia Dias dos. **Topônimos Londrinenses: uma proposta taxionômica com base no motivo da denominação**. 1996. 51 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SÃO MATEUS DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. Correspondência de 09.03.2006.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SATHLER, Evandro. **Tropeiros & outros viajantes**. 2. ed. Niterói:PPGSD-UFF/Edição do Autor, 2003

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo**. 2004. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVA, Claudécir da. **Estudo toponímico em doze municípios do norte do Paraná**. 1996. 155 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA, Jayme de Loyola. Zoologia do Paraná. In: **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969, v. 2, p. 243-438.

SILVA, José Júlio Cleto da. **O pequeno vocabulário indígena**. Curitiba: Museu da Imagem e do Som, 2000 (xerocopiado).

SIMONSEN, Roberto C. **História Econômica do Brasil (1500/1820)**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

SOUZA, Bernardino José de. **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

SPALDING, Walter. **Gênese do Brasil-Sul**. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1953.

SPERANDIO, Eliane Maria. **Investigação toponímica dos municípios de Campina da Lagoa, Cascavel e Curitiba**. 1996. 75 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná – Do século XVI à década de 1950**. Londrina: Editora UEL, 2002.

TAPAJÓS, Vicente. **História do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946

TAVARES, Marineide Cassuci. **Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história**. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

TEIXEIRA SOARES. Secretaria de Educação e Cultura. Correspondência de 17.04.2006.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi – significado dos nomes geográficos de origem tupi**. São Paulo: Traço Editora, 1985.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Projeto Lorena – Os Caminhos do Mar: revitalização, revalorização e uso dos bens culturais**, 1975. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h102z.htm>> Acesso em: 08 mar.2006.

TOMAZI, Nelson Dacio. **O paraná para o vestibular (história – geografia – economia-política)**. Londrina: Edição do Autor, 1998.

TRINDADE, Jaelson Bitran; **Tropeiros**. São Paulo: Editoração, Publicações e Comunicações Ltda, 1992.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

UNIÃO DA VITÓRIA. Secretaria de Educação e Cultura. Correspondência de 23.03.2006.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Centro de Divulgação Científica e Cultural. Disponível em: <[http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencias/artigos/art\\_23/sampaimagem/bandeirantestiete.jpg](http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencias/artigos/art_23/sampaimagem/bandeirantestiete.jpg)>. Acesso em: 08.mar.2006.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais. Disponível em: <[http://www.uepg.br/dicion/campos\\_gerais/htm](http://www.uepg.br/dicion/campos_gerais/htm)>. Acesso em: 10.jan.2006

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

ZAMARIANO, Márcia. **Estudo da toponímia de Londrina e municípios limítrofes**. 2004. 124 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

\_\_\_\_\_. **Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853**. 2006. 265 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 4.ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1977.

\_\_\_\_\_. **História do Paraná**. 6. ed. ampl. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988

\_\_\_\_\_. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

\_\_\_\_\_. Perfis de personalidades paranaenses. In: **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969 – v.3, p. 259 – 329.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Burro**. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Burro>>. Acesso em: 14. jul.2006